

CARTA

para
mim

JOVEM

EU

PESSOAS
INSPIRADORAS
escrevem sobre
os momentos
que moldaram
suas vidas

Jane
Graham
ORGANIZAÇÃO

Bela Letra

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CARTA

para
mim

JOVEM

EU

PESSOAS
INSPIRADORAS
escrevem sobre
os momentos
que moldaram
suas vidas

Jane
Graham
ORGANIZAÇÃO

Bela Letra

Publicado originalmente em inglês no Reino Unido pela Blink Publishing, uma divisão da Bonnier Books UK Ltd

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida para fins comerciais sem a permissão do editor. Você não precisa pedir nenhuma autorização, no entanto, para compartilhar pequenos trechos ou reproduções das páginas nas suas redes sociais, para divulgar a capa, nem para contar para seus amigos como este livro é incrível (e como somos modestos).

Este livro é o resultado de um trabalho feito com muito amor, diversão e gente finice pelas seguintes pessoas:

Gustavo Guertler (edição), Fernanda Fedrizzi (coordenação editorial), Germano Weirich (revisão), Celso Orlandin Jr. (capa e projeto gráfico) e Candice Soldatelli (tradução)
Obrigado, amigos.

Produção do e-book: **Schäffer Editorial**

ISBN: 978-65-5537-037-9

2020

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Belas Letras Ltda.
Rua Coronel Camisão, 167
CEP 95020-420 – Caxias do Sul – RS
www.belasletras.com.br

Dedicado a todos aqueles que venderam ou compraram a revista The Big Issue

THE BIG ISSUE APRESENTA

CARTA para meu JOVEM EU

PESSOAS INSPIRADORAS

*escrevem sobre os momentos
que moldaram suas vidas*

Desenvolvido e editado por Jane Graham

Tradução: Candice Soldatelli

Bela Letra

SUMÁRIO

Prefácio

Uma nota sobre a edição brasileira

Lord John Bird

Capítulo 1

Ambição

Billie Jean King

Alice Cooper

James Blunt

Melanie C

Sir Mo Farah

Sir Tom Jones

Claudia Raia

Capítulo 2

Criatividade

Mary J. Blige

Ozward Boateng

Philip Glass

Shania Twain

Werner Herzog

Tiago Mattos

Capítulo 3

Autoconfiança

Andrea Bocelli

Diane Abbott

Imelda Staunton

Lord Jeffrey Archer

John Lithgow

Ana Botafogo

Capítulo 4

Inspiração

Arcebispo Desmond Tutu
Sir Michael Palin
Tim Peake
Viggo Mortensen
Marcelo Gleiser

Capítulo 5

Família

Chelsea Clinton
Bear Grylls
David Cameron
David Tennant
Marcos Piangers

Capítulo 6

Amizade

Dionne Warwick
Roger Daltrey
will.i.am

Capítulo 7

Tenacidade

Olivia Newton-John
Jamie Oliver
Dame Stella Rimington
Mary Robinson
Maria da Penha

Capítulo 8

Coragem

Jane Lynch
Harriet Harman

Sir Max Hastings
Sir Ranulph Fiennes
Sir Salman Rushdie
Elza Soares

Capítulo 9

Destino

Malcolm McDowell
James Earl Jones
Buzz Aldrin
Danny DeVito
Ewan McGregor
Ozzy Osbourne
Sir Paul McCartney
João Barone

Capítulo 10

Envelhecimento

Geoffrey Rush
Chrissie Hynde
Marianne Faithfull
Margaret Atwood
Sir Roger Moore

Capítulo 11

Retrospecto

Ian McEwan
Slash
Benny Andersson
Boy George
Meat Loaf
Mick Fleetwood
Miriam Margolyes
Lúcia Helena Galvão

Capítulo 12

Realização

Sir Roger Bannister
Colm Tóibín
Dominic West
Harry Shearer
John Lydon
Paul Giamatti
Sir Rod Stewart
Geraldo Rufino

Capítulo 13

Amor

Arianna Huffington
E.L. James
50 Cent
John Cleese
Neil Gaiman
Olivia Colman
Simon Callow
Wilko Johnson

The Big Issue

PREFÁCIO

Em 2007, tive um estalo. Como jornalista, já havia feito várias entrevistas e há tempos pensava sobre como poderia levantar tópicos para que os entrevistados falassem de suas vidas de modo honesto e revelador. Percebi que a única pessoa para quem sequer tentamos mentir, a única pessoa que conhece nossa melhor e nossa pior versão é a gente mesmo. Fiquei pensando de que forma as pessoas muito bem-sucedidas se sentiam lembrando como eram antes que seu grande sonho se tornasse realidade. Será que achavam que aquele adolescente estaria morrendo de orgulho de suas realizações subsequentes ou haveria coisas que gostariam de não revelar para alguém tão inocente e esperançoso?

Sugeri a criação da coluna *Carta Para Meu Jovem Eu* há 12 anos, originalmente publicada como uma coluna simples na seção de artes da edição escocesa da revista *The Big Issue*. O editor e eu logo nos demos conta de que havíamos encontrado a chave para fazer até o mais reticente dos grandes nomes abrir seu coração para nós. A coluna dobrou em tamanho, depois dobrou novamente, até ocupar as duas páginas principais da edição britânica de *The Big Issue*, onde ainda é publicada semanalmente.

Desde então, já entrevistei mais de quinhentas pessoas e aprendi muito sobre a natureza humana e as diferentes formas como os indivíduos reagem diante da fama, da riqueza e do poder. Muitos me contaram que nossa conversa fez emergir lembranças soterradas havia muito tempo, enquanto outros disseram que o foco íntimo nas verdades do lar e nos valores pessoais parecia terapia. Muitas lágrimas foram derramadas.

O que tem sido mais revelador é o quanto esses anos formativos da adolescência moldaram de modo fundamental o jeito como se encara o futuro e se analisa o passado. Alguns entrevistados, como Sir Paul McCartney e o Arcebispo Desmond Tutu, sentiram um carinho especial por suas versões mais jovens, animadas e livres, sem consciência alguma das reviravoltas prestes a acontecer em suas vidas. Alguns personagens altamente bem-sucedidos, como Sir Ranulph Fiennes, sentiram que o adolescente que foram aos dezesseis anos ainda habita dentro de si, às vezes inundando-os com sentimentos de melancolia e de inadequação.

John Cleese, Imelda Staunton e Dominic West me impressionaram com sua falta de interesse pela glória pública, importando-se mais com a forma como serão lembrados por suas famílias. Algumas pessoas se revelaram extraordinariamente impressionantes – quem não se

apaixonaria pela romântica, engraçada e destemida Olivia Colman, o ímpar, vigoroso e travesso Werner Herzog, ou o irrepreensível com um coração de ouro will.i.am (cujas palavras inspiraram Mark Carney, governador do Bank of England, que citou o artista num discurso em 2018 – certamente a primeira vez que will.i.am, *The Big Issue* e um grande líder da economia apareceram juntos num importante pronunciamento!).

Algumas histórias que ouvi me deixaram impressionada, como a experiência chocante de Miriam Margolyes quando assumiu ser homossexual para sua mãe e o reencontro emocionante de Sir Mo Farah com seu irmão gêmeo Hassan, doze anos depois que foram separados em circunstâncias cruéis em Djibuti. Quase todos que perderam o pai ou a mãe sentiram uma saudade muito maior do que podiam imaginar. E a descrição de Wilko Johnson de seu casamento continua sendo uma das mais profundas evocações de paixão e de devoção que já ouvi na vida.

Com frequência converso com meu amigo e colega jornalista Adrian Lobb, que conduziu algumas dessas entrevistas, sobre o privilégio que é conversar com pessoas marcantes como as que estão presentes nesta coletânea. Entre elas estão líderes que governaram nações, que ganharam medalhas olímpicas, que chegaram ao topo das montanhas mais altas do mundo e que literalmente foram até a Lua e voltaram para contar. No final, quase todos eles concordam que, nas palavras de F. Scott Fitzgerald, o amor é “o começo e o fim de tudo”. É por isso que este livro termina com algumas palavras sábias e comoventes sobre o mais crucial elemento básico humano. Espero que tais palavras causem um impacto tão profundo em você quanto causaram em mim.

Jane Graham,
editora da seção de
livros de *The Big Issue*

Maio de 2019

UMA NOTA SOBRE A EDIÇÃO BRASILEIRA

Gustavo Guentler

Setembro de 2020

Abri este livro em um voo que levaria doze horas e, quando terminei a última carta, na mesma noite, percebi que ele tinha me proporcionado uma experiência que eu jamais sonharia ter na vida real. Quem não gostaria de ouvir os conselhos de algumas das pessoas mais admiradas no mundo? A notícia de que poderíamos traduzir e publicar este tesouro no Brasil chegou para nós com um outro convite: por que a Belas Letras não inclui as cartas de alguns brasileiros exclusivamente para a edição em português?

Para nós, foi uma missão difícil e ao mesmo tempo muito especial. Ao contrário do que ocorreu com a edição original, em que o editor teve tempo de escolher a dedo entre anos de entrevistas, nós tínhamos um prazo bem menor. Recebemos a autorização e decidimos incluir mais dez nomes apenas, que podiam deixar a nossa edição ainda mais enriquecedora.

Escrever uma carta para si mesmo quando adolescente é algo tão profundo, mexe com tantas lembranças, que pode tomar dois caminhos. Pode ser aquele texto de catarse, quando as palavras jorram de uma única vez. Ou também pode tomar o caminho da construção, quando o texto é lapidado, trabalhado um pouquinho por dia até tomar forma. Os dois caminhos podem ser maravilhosos, como você vai ver neste livro. Dá para perceber na carta de Ana Botafogo a disciplina e o cuidado com os detalhes da bailarina (que, por mais curioso que possa parecer, nos conduz a refletir como às vezes é importante se divertir e não se cobrar tanto). O empreendedor Geraldo Rufino é uma explosão de felicidade em que as palavras transbordam. Sentimos a forte emoção do comunicador Marcos Piangers lembrando da adolescência enquanto revela, na própria carta, que o câncer da mãe voltou – ele é filho de mãe solo. E vibramos com a filósofa Lúcia Helena Galvão clamando para que o leitor tenha coragem de sair da sua bolha, coragem para se interessar pelo outro, pelo ser humano, sem se deixar afugentar pela fuga da realidade e pelo medo.

Para compor a edição brasileira, assim como na versão original, tivemos o cuidado de abranger as mais diferentes áreas possíveis: arte, ciência, esportes, saúde, política, pesquisa, empreendedorismo, tecnologia, jornalismo, antropologia... Escolhemos nomes baseados não no número de *likes* ou na audiência, tentando fugir do óbvio também. Queríamos pessoas com quem seria um verdadeiro presente sentar para tomar um café (uma cerveja?) e ouvi-las contar o que aprenderam com a vida nas suas áreas, porque de alguma forma é exatamente o que elas fazem aqui. É provável – na verdade, é certo –

que você, que está lendo este livro, tenha muitos outros nomes para citar que também mereceriam estar aqui, e ainda bem, porque a mágica deste livro está na diversidade de pontos de vista, não na unanimidade. Tenho certeza de que você vai aprender coisas maravilhosas com todas as pessoas que estão aqui e, se ainda não as admira, certamente vai descobrir algo que vai passar a admirar, como aconteceu conosco.

Nosso profundo agradecimento a Ana Botafogo, Claudia Raia, Elza Soares, Geraldo Rufino, João Barone, Lúcia Helena Galvão, Maria da Penha, Marcelo Gleiser, Marcos Piangers e Tiago Mattos, por compartilharem seu tempo, suas reflexões e seus ensinamentos.

Agora convido você a pegar uma bebida, sentar-se em um lugar confortável (ao ar livre seria melhor ainda) e começar a ler estas cartas que chegaram do mundo todo, endereçadas a você.

Boa leitura!

O editor

Lord John Bird

Cofundador da revista The Big Issue

O conselho que daria ao meu jovem eu é: “Não deixe que o peguem”. Lá estava eu, com dezesseis anos, numa instituição para jovens infratores – eu odiava todas as instituições e a companhia forçada de outros garotos. Odiava meninos; odiava a vida deles, o cheiro deles, suas preocupações. Eu amava tanto as garotas a ponto de sofrer, não porque tinha feito alguma coisa errada, mas porque eu tinha me afastado delas.

Outro motivo de eu não gostar dos garotos é porque eram valentões e covardes, e sempre conspiravam uns contra os outros. Ou surravam os meninos menores. Nunca havia qualquer tipo de igualdade entre eles. Apanhei algumas vezes porque eu me posicionava contra a prática de bullying. Mas, no final das contas, consegui me defender porque fiquei mais forte e fiz amizade com os caras maiores. Alguns ataques de vingança espetaculares foram orquestrados por mim e por outro garoto que também era contra o bullying.

Com dezesseis anos, eu já estava no reformatório com uma pena de três a cinco anos por receber dinheiro sob falso pretexto. Eu também tinha fugido de casa pouco antes do meu aniversário de dezesseis anos e, com outro garoto, tinha roubado um Austin-Healey Sprite e destruído o carro ao dirigir a 140 km por hora. A polícia disse que estávamos a 160 km por hora, e eu acreditei neles, até que conheci um entusiasta de carros e ele afirmou que, a 160 km por hora, o volante sacudiria incontrolavelmente, e que eu deveria processar a polícia por terem exagerado.

Fui mandado para Ashford, uma prisão para menores infratores, e foi lá, ao longo de poucos meses, que minha vida mudou. O inspetor da prisão percebeu que minhas habilidades com leitura eram deficientes e me deu um livro. Ele pediu que eu sublinhasse a lápis todas as palavras que eu não entendia; ele ficou impressionado com quais palavras eu conhecia e igualmente embasbacado com as palavrinhas bobas, aquelas que dão sentido à frase, que eu não conhecia.

Voltei do reformatório com uma habilidade de leitura que deu um salto exponencial em questão de semanas, e tudo porque eu tive a coragem de admitir que não compreendia o que estava lendo. Foi muita sorte ter sido sentenciado pela Baronesa Wootton desde meus

dez anos de idade por crimes como furto em lojas, arrombamento, abandono escolar e roubo de bicicletas. Voltei como um leitor voraz e leio desde então, em vez de apenas fingir. Mas aos dezesseis faltavam ainda mais alguns anos de encarceramento na companhia de garotos e de seus modos nojentos e incultos. O que eu poderia fazer?

Decidi me tornar pintor. Não pintor de paredes – eu desenhava e pintava para me manter longe dos idiotas que só queriam falar sobre as garotas como se elas fossem pedaços de carne, sobre carros velozes, futebol e toda aquela conversa de macho. E eu lutava pelos direitos dos mais fracos contra essa sociedadezinha de valentões assassinos. Nem preciso dizer que levei mais chutes do que dei, mas ser um cavaleiro numa armadura brilhante parecia o tipo de coisa que valia a pena. Eu também me inspirava como católico devoto – Jesus estava em todas as áreas da minha vida. Eu queria ser um sacerdote pintor como Piero della Francesca, um dos grandes artistas que já tiveram um pincel em mãos.

Meu conselho ao John mais jovem seria não apenas evitar ser pego, mas acima de tudo não fazer coisas erradas, de modo que ele não tivesse motivos para temer a lei. Ou aqueles reformatórios fedorentos, com cheiro de peido, onde garotos só sabiam competir sobre quem era mais prepotente ou quem se masturbava mais.

Eu também diria ao meu jovem eu para tentar não ser devorado pelo ódio ao próximo. Não faça errado para viver arrependido. Tente parar de lutar contra os outros sem haver motivo para isso. E continue a dar suas pinceladas – só nos tornamos o gênio que achamos que somos com dedicação.

Outra coisa que eu adoraria falar ao pé do ouvido do meu jovem eu seria que minha mãe não teria uma vida longa. Ela morreu quando eu tinha vinte e poucos anos, e aquilo foi o maior revés da minha vida inteira. Mesmo hoje, quando as pessoas reclamam do quanto suas mães e seus pais se tornaram um fardo, eu fico horrorizado. Sempre falo que eu gostaria de ainda ter meus pais para me dizerem o quanto baguncei minha vida, ou para me darem um conselho que eu achasse totalmente equivocado.

Meu desdém por garotos desapareceu quando eu tive meus próprios filhos. Adoraria dizer para o meu jovem eu que há profundidade em todos nós, mas às vezes você tem que ir ao fundo das coisas, mesmo no meio de um bando de garotos. Também diria ao meu jovem eu que seriam as mulheres que tornariam John Bird alguém maior do que a soma de todos os erros que ele cometeu: minhas três esposas, que me civilizaram, e minhas sogras, que me trataram de forma justa. E possivelmente Anita Roddick, que criou um revolucionário creme para os pés à base de pimenta e que ajudou a mim e ao marido dela, Gordon, a tornar *The Big Issue* uma realidade.

Resumindo, eu diria ao meu jovem eu: “Você só chega a algum lugar na companhia de muitos. Porque nenhum homem ou mulher é realmente uma ilha”. Ao mesmo tempo, adoraria dizer para mim mesmo: “Pare de tentar ser um guia e um atlas para os outros”. Só agora me dei conta de que as pessoas têm que se amparar em seus próprios talentos e habilidades e não ficar esperando a próxima “Madre Teresa de Fulham Broadway” guiá-los para longe do pântano.

Capítulo 1

AMBIÇÃO

Billie Jean King

Tenista

5 de fevereiro de 2018

Eu sempre quis mudar o mundo. Tive uma epifania com doze anos de idade, quando percebi que todos que praticavam meu esporte usavam tênis brancos, roupas brancas e jogavam com bolinhas brancas – e todos os tenistas eram brancos. Eu me perguntei: “Onde estão todos os outros?”. Naquele dia, fiz uma promessa de que iria lutar por igualdade pelo resto da minha vida. E eu sabia que podia ter uma oportunidade para isso por causa do tênis. Não fazia ideia do que era ter uma plataforma, mas sabia que teria que ser a número um do mundo se eu realmente quisesse mudar as coisas.

Na verdade, no começo eu queria tocar piano, mas me dei conta rapidamente de que não era muito boa nisso. Mas Deus deu a mim e ao meu irmão caçula uma boa coordenação visual e motora, e nós éramos velozes. Com onze anos, na segunda vez que peguei uma raquete de tênis na mão, já queria ser a melhor do mundo. Então, com dezesseis anos, já fazia cinco que estava nessa missão e começava a jogar bem nos torneios de adultos. Wimbledon parecia realmente longe demais do sul da Califórnia, mas, depois que perdi em três sets para Anne Jones, Harold Guiver se ofereceu para me ajudar a chegar lá. Recusei a oferta. Eu não estava pronta. Um ano depois, com dezessete, senti que já merecia uma chance e voltei a falar com ele. Não havia tanto dinheiro no tênis naquela época. Quem jogava era porque adorava o esporte. Éramos amadoras que ganhavam quatorze dólares por dia. O tênis profissional começou em 1968, mas tivemos que lutar por premiações iguais e foi por isso que criamos a WTA.

Como meus pais tinham passado pela Grande Depressão e meu pai tinha lutado na Segunda Guerra Mundial, eles nos ensinaram a ter aversão ao risco. “Se você não tiver dinheiro, não gaste”. Quando eu tinha dez anos, minha mãe me fazia sentar ao lado dela e me mostrava o orçamento doméstico. Foi uma das melhores coisas que ela fez na vida, porque eu não tinha ideia de que cada vez que eu acendia a luz precisava de dinheiro, e que cada trajeto de carro significava dinheiro para o combustível. Meu pai era bombeiro, então não havia muito dinheiro, mas aprendi como administrar minhas finanças com meus pais e sou muito grata por isso.

Eu teria adorado marchar com Martin Luther King Jr, mas estava

batendo bola naquela época. Quando ele fez o discurso *Eu Tenho Um Sonho*, em 1963, eu tinha dezenove anos, e aquilo foi incrível. JFK foi assassinado no dia do meu aniversário de vinte anos, depois King foi assassinado e em seguida Robert Kennedy. Todos eles foram assassinados nos anos 1960, e eu os adorava. Eu teria feito mais se tivesse a chance – ou se tivesse coragem. Tornei-me politizada porque percebia as coisas. Quando estávamos tentando mudar o tênis, entrei de cabeça nisso. Tentei ajudar a passar a Emenda IX, que foi uma lei importantíssima relacionada à igualdade nos Estados Unidos. No final dos anos 1960, estava tentando compreender as coisas e tive a oportunidade de ajudar, mas ainda estava jogando tênis. Com sorte, cada golpe numa bola de tênis ajudava a amplificar minha voz um pouco mais, mas eu me sentia culpada. Queria ir além daquilo. Eu queria mudar as coisas.

Naquele dia, fiz uMa proMessa de que
iria lutar por igualdade pelo resto da
Minha vida. E eu sabia que podia ter
uMa oportunidade para isso por causa
do tênis.

Hoje em dia não penso muito sobre tênis, mas meu jovem eu teria se orgulhado de vencer Wimbledon e de ser a número um do mundo em mais de uma ocasião. Na verdade, eu gostava mais de jogar em duplas do que simples, porque cresci jogando esportes de equipe. Meu irmão caçula jogava beisebol profissional no time do San Francisco Giants. Adorávamos a pressão e nos fortalecíamos com isso. Sempre digo que a pressão é um privilégio, e que os campeões se adaptam a ela. E eu me refiro aos campeões na vida, não apenas aos atletas.

Ser líder pode ser bem solitário. Havia real solidariedade entre nós, as nove atletas que criaram a WTA Tour, mas fomos ofuscadas por nossos colegas tenistas. Foi uma época difícil. Nada divertida. Todos os dias eu imaginava o que teria acontecido se eu tivesse perdido de Bobby Riggs.¹ Ele me perseguiu por dois anos, e eu sempre recusava a proposta. Mas, assim que Margaret Court jogou contra ele e perdeu, eu sabia o que tinha que ser feito. Sabia que seria imenso. Sabia que seria enlouquecedor. Não importava onde se estivesse, esse jogo era o assunto do momento. E eu sabia o quanto era importante que eu ganhasse.

Nunca me senti confortável na minha própria pele até fazer cinquenta e um anos. Levei uma vida inteira. Então eu diria para a

minha versão mais jovem: “Você vai ter que passar por situações difíceis com relação à sua sexualidade (ela teria dito ‘Hã? O que é isso?’), mas tudo vai acabar bem”. Minha mãe costumava dizer: “Para ser alguém na vida, seja verdadeira”, mas ser verdadeira comigo mesma era difícil. Minha mãe era homofóbica, então foi uma época curiosa, descobrir como isso poderia funcionar. Meu pai assimilou a ideia mais rápido. Com a minha mãe foi mais problemático e levou mais tempo. Eu estava tentando descobrir quem eu era e saía com pessoas diferentes, mas não sou o tipo de mulher de uma noite só. As coisas melhoraram quando entrei num relacionamento sério. Ilana e eu já estamos juntas há trinta anos e, quando começamos a namorar, finalmente eu me senti comprometida.

Sou um pouco confusa – prefiro corpos masculinos. Quando estamos numa festa, meu olhar recai sobre corpos masculinos, mas para rostos femininos. Tem mais a ver com emoção e conexão. Nesse momento, sou lésbica. Sou *queer*. A garotada agora fala *queer*. Era a pior coisa que se podia dizer, mas estou sempre perguntando aos jovens e, se eles falam *queer*, isso é tudo o que eu preciso saber. É importante acompanhar os tempos. Os jovens estão marcando o ritmo. Quando eu ainda jogava tênis, eu não tinha tanto tempo quanto gostaria para ajudar a comunidade LGBTQ. Eu ainda não compreendia totalmente quem eu era, então cheguei muito atrasada à festa.

Minha mãe e meu pai já faleceram, mas eu converso com eles todos os dias. Não sei se eles estão me ouvindo, mas converso com eles. Eu digo “O que vocês acham disso?” e geralmente sei o que meus pais responderiam. Eles eram muito rígidos e sempre me diziam para ser honesta, ter integridade e fazer a coisa certa: “Você tem que viver consigo mesma em primeiro lugar e manter a cabeça em paz”. Meu Deus, meus pais eram de ouro.

Minha vida acabou sendo melhor do que eu jamais poderia ter imaginado. Se alguém se sentasse para conversar comigo e dissesse que eu seria a melhor do mundo durante anos, que fariam dois filmes sobre a minha vida – primeiro com Holly Hunter e agora com Emma Stone fazendo meu papel – e que escreveriam uma canção a meu respeito, na verdade mais de uma, você acha que eu teria acreditado nessa pessoa? Nem pensar.

Cada geração tem que lutar por igualdade. Nunca se consegue vencer. É chocante que Trump seja presidente e que estejamos retrocedendo. É assim que o pêndulo age e é nossa culpa. Mas os millennials e a garotada de hoje formam uma das gerações mais positivas da história com relação à inclusão, e eles podem fazer acontecer, então essa é a minha esperança. Eles vão acertar a mira. Eles vão fazer um progresso significativo. Queria ter essa idade de novo, porque eu estaria arrasando! Eles têm a chance de realmente

tornar este mundo um lugar melhor. Melhor do que jamais sonhamos...

Alice Cooper

Músico

24 de outubro de 2011

Com dezesseis anos, eu passava todo o tempo treinando ou ensaiando. Competia na equipe de corrida de meio-fundo na escola e também fazia parte de uma banda chamada The Spiders – a banda que deu origem a Alice Cooper. Então eu passava praticamente todo o tempo nos treinos ou nos ensaios. Eu não tinha muito tempo para fazer as tarefas. Os caras das bandas sempre tinham namoradas e elas faziam as tarefas para a gente. Você já assistiu ao filme *Curtindo a Vida Adoidado*? Eu era o Ferris Bueller, o palhaço da turma, o mau elemento da sala de aula.

Sei que eu ia gostar daquele garoto, o meu eu de dezesseis anos de idade, se o conhecesse hoje. Ele era o Senhor Personalidade. Eu diria a ele: “Sempre siga seu instinto, ele é muito bom”. Tive algumas ideias boas quando era garoto e as levei adiante. Olhava ao meu redor e pensava: “Ninguém quer ser o vilão do rock”. Então eu criei o Alice para ser o vilão. Não queria ser como os outros; eu queria ser totalmente diferente. Acho que isso é reconhecer o valor de um rock bom de verdade, e saber tocar, pode te levar longe, muito, muito longe. Nós éramos tão diferentes que as outras bandas diziam que não tínhamos chance alguma. A maioria delas já acabou, e eu ainda estou aqui, vinte e sete álbuns e quarenta turnês mundiais depois.

Meu pai era um pastor muito sério, mas ele também adorava música – Frank Sinatra e o rock’n’roll dos primórdios. Nunca considerou o rock como música do diabo – ele dizia que era apenas música, por que então as pessoas estavam tentando transformar o rock num problema religioso? Ele gostava do que estávamos fazendo e entendia nosso senso de humor, para ele eu estava imitando o Capitão Gancho. E nós nunca brigamos um com o outro, sempre fomos melhores amigos. Mas o que ele não conseguia tolerar era o estilo de vida – beber todos os dias, viver como um *rock star*, essa não era a vida que ele queria para mim.

Acho que meu eu adolescente ficaria surpreso com a longevidade da minha carreira. Eu lembro quando a formação original da banda estava toda reunida – eu tinha vinte e dois anos, e nós recém havíamos lançado *School’s Out* – e alguém entrou na sala e disse: “O disco de vocês é número um nas paradas”. Olhamos uns para os outros

e começamos a rir. Era tão absurdo – uma banda que jamais deveria sequer ter se reunido ser número um, nós não podíamos acreditar que esta bandinha de colégio que todo mundo odiava estivesse na posição número um.

Mesmo assim, eu estava totalmente convencido de que seria um *rock star*. Não tinha dúvida alguma quanto a isso. Não desistiríamos até conseguir. Estávamos determinados. Quando alguém corre numa maratona, nunca para. Você pensa da seguinte forma: essa corrida não vai terminar antes de eu vencer ou de cruzar a linha de chegada. Também acho que tinha alguma coisa a ver com o modo como víamos nossas carreiras no mundo da música. Mick Jagger certa vez disse que esperava não estar ainda cantando “Satisfaction” quando tivesse trinta anos de idade – bem, ele tem sessenta e sete e ainda canta essa música. Eu me dedico totalmente à minha jornada. Se alguém me pede para apresentar o Grammy, isso não me incomoda de modo algum. Eu nasci para fazer isso. O palco é onde me sinto mais confortável.

Alice é uM cara Malvado, arrogante e horrível. É divertido interpretá-lo – é quase coMo fazer terapia, ele é Muito diferente de MiM.

Se eu pudesse voltar lá atrás, aconselharia aquele garoto a evitar bebidas alcoólicas. Eu só comecei a beber com quase vinte e um anos e não me dei conta na época de que me tornaria alcoólatra. Durante a maior parte da minha carreira, fui um alcoólatra funcional, embora eu nunca tenha sido um monstro. Eu era um bêbado feliz, não do tipo destrutivo, perverso, cruel e estúpido. Era exatamente como sou hoje, exceto pelo fato de que o álcool estava me matando por dentro. Minha esposa e eu somos casados há trinta e cinco anos. Os primeiros cinco anos de casamento provavelmente foram marcados pelo meu período de maiores bebedeiras, mas isso nunca afetou nosso relacionamento. Quando o álcool começou a me matar, fui para o hospital. Portanto, foi uma coisa ruim, mas também é verdade que derrotar o alcoolismo foi uma parte muito importante da minha vida. Passar por isso e ter vencido ainda me traz lições. Agora que já não está presente, não há muitas outras coisas com as quais me preocupar.

Já fiz dezoito filmes até hoje. Para mim, foi uma transição simples começar a atuar. Sentia que já tinha bastante experiência fazendo shows que mais pareciam musicais da Broadway quando o Alice Cooper entrava no palco. Tudo o que eu tinha que aprender sobre cinema era a técnica – eu precisava fazer movimentos mais sutis. Mas

em termos de interpretar um personagem, eu já vinha fazendo o papel de outra pessoa em vez de eu mesmo havia muitos anos. Alice é um cara malvado, arrogante e horrível. É divertido interpretá-lo – é quase como fazer terapia, ele é muito diferente de mim. Meu verdadeiro eu é um marido bem casado e totalmente fiel há trinta e cinco anos.² Eu vou à igreja com meus filhos e curto meu tempo com eles. Vamos a shows juntos – por exemplo, Snoop Dogg ou Marilyn Manson – e depois conversamos sobre o espetáculo. Minha filha até fala: “Eles têm mesmo que dizer tantos palavrões?”, e eu respondo: “Bem, não, não acho que se tenha que fazer isso para entreter as pessoas”.

Fico feliz que meu pai ainda estava vivo para me ver voltar a ser um cristão praticante. Acho que foi um grande momento para ele. Ele me viu tornar-me o filho pródigo que foi embora e retornou. Depois do meu alcoolismo, minha esposa e eu conversamos. Estava na hora de pensar no que realmente era importante e precisávamos voltar para a igreja. Ser um *rock star* é apenas uma profissão – não é mais importante que sua alma, que as coisas nas quais se acredita. E precisamos prestar contas ao Senhor. Depois do meu alcoolismo, realmente me dei conta de que ser um *rock star* é apenas um trabalho. Não é mais importante que sua alma. Mas eu acho que esse entendimento sempre esteve no meu DNA. Nunca houve blasfêmia alguma no meu show – no máximo, eu fazia piada com o Satanás. E não creio que o Senhor Deus se importe de eu tirar sarro do Satã.

James Blunt

Músico

24 de março de 2014

Com dezesseis anos, eu estava no colégio interno. Nós tínhamos que usar um chapéu de palha e um blazer, parecíamos uns otários. Fora da escola, eu estava sempre de pés descalços, com a aparência mais desleixada possível. Aprendi a pilotar aviões com dezesseis anos, antes mesmo de poder dirigir carros. Eu também tinha uma motocicleta e amava a liberdade.

A escola pode deixar todo mundo igual, mas eu sempre fui independente. Meu pai era do exército, então a cada dois anos nós nos mudávamos para um país diferente. Eu tinha que encontrar um novo grupo de amigos a cada dois anos – esse tipo de coisa te torna mais assertivo. Eu falava para mim mesmo para não me estressar com garotas – as coisas do coração se ajustam com o tempo. Provavelmente se vê isso nas minhas canções, já que havia muita esperança quanto ao futuro, mas também um pouco de medo.

Tive que me alistar no exército porque foram eles que pagaram meu colégio e a universidade. Eu dizia para todas as pessoas que eu encontrava que seria um músico profissional. Eu me forçava para ficar quieto num canto – tem que fazer isso, do contrário você não passa de um falastrão. Só quando fui para Los Angeles e assinei o contrato para gravar um álbum é que me dei conta de que havia milhares de pessoas tentando fazer a mesma coisa que eu.

Sucesso naquela época e naquela idade significava ganhar algum dinheiro. Éramos pressionados para ganhar dinheiro o suficiente para ser uma alternativa aceitável para uma mulher querer casar e ter filhos com você. Eu diria a mim mesmo que era possível alcançar isso e muito mais do que eu poderia esperar.

Sair do exército tinha a ver com seguir uma ambição para que a vida se tornasse interessante em vez de seguir o caminho escolhido pelo meu pai. Tinha a ver com fazer alguma coisa com que eu sonhasse e que colocasse um sorriso no meu rosto. Transformar seu hobby e sua paixão num emprego é uma ótima maneira de se viver – eu tive muita sorte.

Estou numa turnê mundial, uma frase que nunca imaginei dizer algum dia. Tocar no palco principal de Glastonbury foi incrível, e eu nunca pensei que tocaria no casamento de Elton John.

Tenho um clube noturno nos fundos do meu jardim. Com dezesseis anos, eu tinha algumas ambições tolas de viver a vida de um modo esquisito e maravilhoso. Eu falava em comprar uma casa em Ibiza e um chalé num resort de esqui, então quando eu fiz sucesso pensei que era melhor fazer essas coisas porque, de novo, eu já tinha falado com meus amigos a respeito.

No exército, você é grosso com as pessoas de quem você gosta. Lido com as ofensas no Twitter tirando sarro das pessoas e de mim mesmo, e não fico nem um pouco magoado. É só um cara de bermuda dentro de um quarto achando que a opinião dele importa, enquanto eu estou aqui tocando para dez mil pessoas. O cara nem se dá o trabalho de vir até o local do show e me dizer que não gosta de mim, então fica digitando nas sombras, e, se você o colocar sob os holofotes, ele vai acabar se cagando nas calças.

Estou nuMa turnê Mundial, uMa frase que nunca iMaginei dizer alguM dia.

O dia mais incrível da minha vida foi quando assinamos o acordo de paz depois do bombardeio em Kosovo. Eu liderei uma tropa de 30 mil soldados da OTAN até o aeroporto de Pristina numa corrida contra os russos. Na música, meu momento incrível foi saber que “You’re Beautiful” tinha ultrapassado o Coldplay e se tornado número um nas paradas.

Chegar ao topo das paradas não foi uma coisa que eu esperava ou que eu quisesse. Depois disso, não se trata mais apenas de música. Uma das minhas canções tocava em excesso e, quando as pessoas começaram a dizer que ela era irritante, associaram o artista à mesma palavra. Sempre tive o apoio do resto do mundo, mas é claro que quero que meu país goste de mim.

Melanie C

Cantora

19 de setembro de 2011

Com dezesseis anos, eu estava prestes a sair da escola, partir do Norte e ir para o Sul começar a jornada em busca dos meus sonhos. Ia para a escola de artes performáticas em Londres. Quando penso na minha filha fazendo isso com dezesseis anos, fico apavorada: embora me sentisse bastante receosa por deixar meus amigos e minha família, estava muito animada para abrir o próximo capítulo da minha vida.

Creio que achava meus anos de adolescência complicados, mas é assim mesmo, não é? Fiz um exame de consciência. Ainda tenho o mesmo grupo de melhores amigas que eu tinha na época, e nos divertimos muito ao longo dos anos – descobrindo tudo juntas, tomando um porre pela primeira vez juntas, fofocando sobre garotos. Mas nós todas compartilhamos a mesma paixão – amávamos as artes. Participamos de peças e de apresentações de dança juntas. Tive alguns namorados durante a escola, um namoro mais sério e longo e vários rompimentos, tive meu coração partido e espero ter aprendido algumas lições bem cedo.

Olho para trás e penso: “Eu devia ser muito irritante”. Eu era muito ambiciosa. Queria ser uma *pop star* de verdade, e falava isso para todo mundo. Estava indo para Londres atrás do meu sonho. Não creio que houve muitas pessoas onde eu morava que fizeram tal coisa. A maioria das minhas amigas terminou o Ensino Médio e foi para a universidade, mas eu estava muito determinada. Adorava Annie Lennox – ela é uma ótima vocalista –, mas foi Madonna quem me fez querer ser uma *pop star*. Ela foi a minha primeira experiência assistindo a uma estrela do pop com um grande show, uma produção imensa com bailarinos. Eu a vi e pensei: “É isso que eu quero fazer”. O primeiro álbum dela saiu em 1984, quando eu tinha cerca de 10 anos, e ela esteve muito presente ao longo de toda a minha adolescência.

Acho que eu sofria parcialmente de dupla personalidade. Na escola eu ficava quieta – tenho um lado tímido que aflorava nas aulas e também com os garotos. Mas, quando se tratava de teatro e da escola de dança, me sentia feliz e meu lado extrovertido vinha à tona. Ainda fico nervosa quando encontro gente famosa, fico vermelha. Lembro quando as Spice Girls conheceram Stevie Wonder, a pessoa mais

incrível que poderíamos encontrar. Minha mãe sempre foi uma grande fã de Stevie. Fizemos uma apresentação com ele na Itália, e há uma foto em que eu e Emma estamos boquiabertas. Ficamos literalmente sem palavras.

Sinto muito carinho por minha versão adolescente. Quando somos jovens, há bastante ingenuidade e inocência – eu não tinha dúvida alguma de que faria coisas fantásticas e de que conheceria pessoas fantásticas. Estava disposta a trabalhar duro, mas não havia dúvidas na minha cabeça. Quando as Spice Girls se reuniram, embora tivéssemos personalidades muito diferentes, nós todas tínhamos certeza absoluta de que faríamos sucesso. Às vezes, pensar em como nós éramos me dá arrepios – mas ainda bem que essa crença em nós mesmas era um tanto encantadora.

Talvez esta seja uma das qualidades necessárias para realizar seu sonho: ter cem por cento de certeza de que vai acontecer. É uma coisa à qual se apegar, porque os golpes da vida vêm rápido demais. Eu tinha dezenove anos quando fiz o teste e tinha vinte e dois quando lançamos nosso primeiro single, e ainda me sinto daquele jeito. E tudo realmente aconteceu – o primeiro single, o primeiro álbum, a primeira vez no topo das paradas. Esse sucesso continuou por muito tempo. Foi apenas quando nos separamos que a fase seguinte das nossas vidas começou, e eu me dei conta de que, na verdade, nem sempre se consegue ser número um.

Sinto um pouco de arrependimento agora por não ter vivido sempre o momento quando as coisas eram boas. Quando segui a carreira solo, tive que ser um pouco mais realista com relação ao mundo – e, quando se fez parte de algo tão extraordinário, é difícil se conformar com isso. Todo o interesse da mídia significava que eu estava cercada das opiniões de outras pessoas a meu respeito, e isso começou a me afetar. Meu jeito de lidar com a situação foi controlar a alimentação e fazer exercício. Cheguei a um ponto em que meu corpo não conseguia mais seguir esse ritmo e perdi o controle, parecia que eu estava me despedaçando. Levei muito tempo para me recuperar.

Quando segui a carreira solo, tive que ser um pouco mais realista com relação ao Mundo – e, quando se fez parte de algo tão extraordinário, é difícil se conformar com isso.

A vida inteira eu quis ser mãe. Mas fiquei sozinha por muito tempo,

e isso nunca me incomodou de verdade – eu só tinha a esperança de que acontecesse no futuro. Então, cerca de quatro anos atrás, senti o velho relógio biológico soar mais forte. Conversei com meu namorado sobre o assunto, mas de repente as coisas saíram do “eu gostaria de ter filhos um dia” para “quero um bebê agora”. O dia em que a minha garotinha nasceu, por mais traumático que tenha sido, foi o meu dia decisivo. Foi o melhor dia da minha vida.

Sir Mo Farah

Atleta

5 de dezembro de 2016

Eu não tinha foco com dezesseis anos. Apenas curtia a vida, ia para a escola e saía com meus amigos. Não levava o esporte a sério. É difícil quando se é um adolescente – há muitas distrações. Não que eu esteja reclamando, mas acho que, se tivesse ouvido mais o meu treinador, talvez eu pudesse ter sido mais bem-sucedido. Podia ter conquistado mais medalhas.

Meu irmão gêmeo Hassan nasceu primeiro, e ele sempre me superava em tudo. Era bom de conversa, muito mais popular e muitíssimo mais inteligente do que eu. Todas as provas em que eu reprovei, ele passou de primeira. Nós tivemos que deixá-lo para trás quando nos mudamos para a Inglaterra por causa da doença que ele tinha. Eu tinha apenas oito anos de idade, e vivemos separados por doze anos. Lembro de estar em Londres pensando “Amanhã ele chega”, e a mesma coisa no dia seguinte, e depois no outro. Eu ficava tão animado com a ideia de que seríamos uma família de novo, mas lá no fundo havia uma voz na minha cabeça dizendo: “Talvez isso nunca aconteça”. Eu tentava bloquear esse pensamento, tirar essa dúvida da minha cabeça, mas os anos se passaram e ele nunca vinha. Quando finalmente nos encontramos de novo, na Somália, foi como se nada tivesse mudado. Era como olhar para mim mesmo quando eu olhava para ele... Ele estava até mais magro do que eu – impossível! Eu falei: “Eu corro, e você não, então como pode estar mais magro do que eu?”.

Eu estava animado para me mudar para Londres – achava linda. Lembro que cheguei ao aeroporto e as portas se abriram, havia escadas rolantes, aquilo me deixou fascinado. Era um mundo novo, igual a quando fui para a Disneylândia. Era a cidade onde minha família vivia, então era meu lar. A Somália era diferente – nós nunca tínhamos nosso pai por perto. Esta foi a principal razão pela qual viemos para Londres: para nossa família ser uma só.

Foi difícil me adaptar a Londres num primeiro momento, mas, quando se tem oito anos de idade, se dá um jeito. Você faz amizade. Eu sempre fui aceito, talvez porque eu nunca me visse diferente de qualquer outra pessoa. Eu tinha amigos brancos e amigos negros – eu era tranquilo. Apenas escolhi não ouvir certos comentários ocasionais.

Eu corria bem, então os garotos gostavam de mim por causa disso. Se eu não tivesse me tornado corredor, não teria feito tantos amigos, nem conhecido tantas pessoas ou aprendido o idioma tão rápido.

Meu professor de Educação Física me levava ao clube de corridas que passei a frequentar duas vezes por semana. Eu corria representando Middlesex, depois a Inglaterra. Nem sabia o que eram as Olimpíadas na época. Então, quando comecei a correr pela Inglaterra, perguntei: “Qual é o próximo passo?”. E eles disseram: “Grã-Bretanha”. Então eu disse: “Certo, eu quero correr pela Grã-Bretanha”. Depois falei: “Ok, me saí bem, ganhei pela Grã-Bretanha – qual é o próximo passo?”. “Europa”. Comecei a pesquisar para saber mais sobre Seb Coe, Steve Ovett, Crammy... Assisti aos jogos olímpicos de Sydney quando eu tinha dezoito anos, Haile Gebrselassie contra Paul Tergat. E foi quando eu disse a mim mesmo: “Quero ser campeão olímpico”.

Eu tinha apenas oito anos de idade, e viveMos separados por doze anos. LeMbro de estar eM Londres pensando “AManhã ele chega”

Fui um garoto feliz, sempre pronto para dar risada e fazer brincadeiras. E eu sempre tive esse sorriso largo. Se eu estivesse encrencado, me livrava dos problemas só por causa disso. Eu usava bastante essa estratégia com a minha mãe. Era muito mais apegado à minha mãe do que ao meu pai – era o filhinho da mamãe, de verdade. Quando eu me tornava mais próximo de alguém, eu era bem extrovertido, mas com estranhos ou em frente às câmeras era muito tímido. Não tinha visto muita coisa, sabe? Mas já viajei o mundo todo, conheci pessoas e aprendi como conversar com elas. Não sou tímido agora, não mais.

Quando voltei para a Somália depois de doze anos, cruzei o vilarejo correndo na rua. E as pessoas falavam “Meu Deus, tem um cara louco correndo!”, porque ninguém corre lá. Se você avistar alguém correndo, significa que roubou alguma coisa ou que está fugindo de algum problema. Quando volto para lá hoje em dia, uma multidão vem até mim e todas as velhinhas saem de casa para dizer: “Eu te conheço desde pequenininho”. E quase todo mundo que vejo parece ser meu primo. É assim: “Oi, primo, oi, primo”. E eu fico: “Sério? Quantos primos eu tenho?”.

Não faço ideia de onde vem a minha determinação – talvez a gente simplesmente nasça com isso. Olho para minhas filhas gêmeas, e elas

são tão diferentes uma da outra – uma é bem determinada, e a outra é mais despreocupada. Não se ensina isso aos filhos, eles nascem desse jeito. Todos que já se deram bem nos esportes têm uma coisa especial. No meu caso, apenas sei que odiava perder e que sempre vou me esforçar o máximo possível para evitar a derrota. Depois de cada corrida que perco, vou para casa e analiso. O que eu fiz de errado? Penso em tudo. Eu impus o ritmo? Me esforcei o suficiente?

Ter fé me manteve no caminho certo. Se eu não tivesse fé, tudo teria sido diferente. Sentir que o que tem que ser será – esse tipo de coisa. Algumas coisas estão além do nosso controle. Eu fui criado dessa forma e quero passar isso aos meus filhos, deixá-los fazer o que eles precisam fazer. E ser a boa pessoa que cada um deles pode ser.

Fui treinar com os quenianos para aprender com eles. Ali me dei conta de que podia ser o melhor do mundo. Pensei: “Eu posso vencer esses caras”. Eles não sabiam com quem estavam lidando, não é? Não teriam me acolhido se soubessem.

Perder em Pequim em 2008 foi uma das melhores coisas que já me aconteceram. Na nossa religião, acreditamos que tudo de ruim que acontece provavelmente seja algo bom. Foi como levar um balde de água fria na cara. Era uma voz dizendo: “Faça alguma coisa”. Houve muitos questionamentos, e eu chorei por duas semanas. Poderiam ter acontecido duas coisas. Eu poderia dizer: “Pra mim acabou. Não posso mais fazer isso”. A outra coisa era pensar: “Não vou deixar que isso aconteça novamente. Como posso me corrigir?”. E foi isso que fiz.

Eu queria poder voltar no tempo e correr novamente os 5 mil metros nos jogos olímpicos de Londres em 2012. Voltaria toda a corrida até o início e curtiria cada passada. E eu pararia quando estivesse correndo na lateral do estádio só para ouvir o rugido da multidão. Foi simplesmente incrível. Se não fosse pela torcida, não acho que teria acontecido. Sem dúvida. A torcida te ergue, te dá aquele restinho de energia extra, aquele impulso final. Você já assistiu futebol? Aqueles últimos dez minutos de uma partida em casa? Dá para ver o que acontece quando a torcida apoia o time. Foi o que aconteceu comigo em Londres.

Sir Tom Jones

Músico

12 de outubro de 2015

Aos dezesseis anos, virei homem muito rápido. Quando minha namorada Melinda, de quinze, ficou grávida, todas as minhas tias e meus tios vieram até minha casa e tiveram uma grande discussão sobre o que deveria ser feito, enquanto Linda e eu ficamos sentados num canto, abraçados um no outro. Então minha mãe nos viu e disse: “Vejam bem, estamos aqui nós todos planejando a vida dos dois, mas eles não têm noção do que estamos falando. Dá para ver que esses dois adolescentes estão apaixonados e que vão casar de qualquer maneira quando tiverem idade para isso, então qual é o sentido de nos intrometermos?”. Então, assim que Linda completou dezesseis anos, nós nos casamos. Nos mudamos para o quarto dos fundos da casa da minha sogra, e todo mundo deu um pouco de dinheiro para nos ajudar. Eu tinha um emprego, então não queríamos realmente muita coisa. Foi uma época feliz – não havia nada de ruim naquilo.

Anos mais tarde, lembrando aquela época, me dei conta de que ser marido e pai muito jovem não me impediu de fazer nada – apenas me deixou mais determinado a ser bem-sucedido pela minha esposa e pelo meu filho. O único problema era que eu estava fazendo turnos alternados numa fábrica de papel, e às vezes isso me impedia de sair para cantar em pubs e clubes sempre que quisesse. Mas eu sabia que estava apenas aguardando minha hora – eu sentia uma motivação tremenda.

Se eu conhecesse o Tom Woodward de dezesseis anos, ia gostar muito dele, porque meus valores não mudaram. Nem mesmo meu gosto musical mudou. “Great Balls of Fire” me deixa eletrizado hoje assim como deixava naquela época. “Rock Around the Clock” foi uma influência tão grande que meu sangue ainda ferve. Depois eu ouvi Elvis Presley e pensei: “Meu Deus, eu consigo cantar assim!”. Temos exatamente o mesmo alcance de notas.

Ser criado no País de Gales, numa enorme família de trabalhadores, foi maravilhoso. Essa atitude de manter os pés no chão te faz querer ter sucesso na vida, e aprendemos os valores da classe trabalhadora, o que eu penso ser algo positivo. Conheço pessoas que nasceram em berço de ouro, até conseguem entender a classe trabalhadora, podem frequentar pubs e se enturmar com os operários, mas nunca serão um

deles. Eu era um deles, e ainda sou.

Sempre estive pronto para o sucesso. Às vezes, saio de carro pelas ruas de Pontypridd e penso: “Meu Deus, eu devia ter colhões naquela época para achar que ia chegar lá”. Lembro quando cantava num pub local, e os caras me falavam: “Você é um ótimo cantor, Tom”. E eu dizia: “Sim, um dia vou conhecer o Elvis”. E os caras falavam: “Ah, tá, com certeza”.

A única coisa que realmente impressionaria o meu eu adolescente, a coisa que eu sequer sonhava que pudesse acontecer, seria me tornar um cavaleiro da rainha. Discos de sucesso, eu até achava que sim. Séries de TV de sucesso, até achava que sim. Fazer sucesso nos Estados Unidos, também achava que sim. Tudo, menos ser condecorado pela rainha. Sempre fui um defensor da realeza e me tornei cavaleiro pelas mãos de uma das maiores monarcas que já existiram, então foi uma grande realização para mim.

Nunca disse que vim do nada. Para ser honesto com você, vi um especial de Rod Stewart em Los Angeles e ele falou: “Eu vim do nada”. E eu pensei: “Você não veio do nada. Eu vi a sua mãe e o seu pai no documentário, e eles eram pessoas trabalhadoras”. Falar que veio do nada... Não concordo com isso. Nós todos viemos de alguma coisa.

Jamais fui contra o sistema. Eu só me rebelei contra o que estava acontecendo na época. Eu sabia que “Rock Around the Clock” ia abrir todos os caminhos em meio àquela merda toda, e foi o que aconteceu. Isso matou todos os outros estilos de música. Mais tarde, passei a gostar de cantores como Frank Sinatra e Al Jolson. Conheço muitos americanos que fazem cara feia porque ele se rendeu ao som dos negros, mas para nós ele era apenas um cara branco que adorava tanto o jeito como os negros cantavam que até mesmo virou negro. Não era uma coisa depreciativa, ele estava celebrando os negros.

Eu estava pronto para a maioria dos aspectos da indústria da música, mas, quando conheci o produtor Joe Meek, aquilo me pegou meio de surpresa, porque ele era homossexual. Pensei: “Espera um minuto, esta é a cena musical de Londres, as pessoas que comandam o *showbiz* britânico – há muitos homossexuais envolvidos nisso? Porque, se houver, vou voltar para Cardiff”. Então, quando assinei o contrato com a Decca e Peter Sullivan se tornou meu empresário, ele disse: “Diga aos garotos para arrumarem as coisas deles, eu quero falar contigo pessoalmente”. Eu disse: “Você não é um desses caras gays, ou é?”. E ele perguntou: “O que você quer dizer com isso?”. Entenda, eu estava paranoico. Ficava me questionando se era necessário ser homossexual para gravar um álbum de sucesso. Mas então entrei no ramo e me dei conta de que só o primeiro cara que me gravou era homossexual. Depois de superado o choque, me dei conta de que não era verdade e de que a maioria das pessoas eram normais. Bem, eu

não devia falar assim. Os homossexuais são normais – não há nada neles que não seja normal. Eles simplesmente são o que eles são.

Quando passei pela iMigração na
últiMa vez, uM caMarada Me falou:
“Você teM o green card desde 1976!
Por que não se tornou uM cidadão
aMericano?”. Eu disse: “Leia o noMe no
Meu passaporte”. Ele leu: “Sir ToM
Jones. Ah, a rainha não ia gostar Muito
disso, não é?”. E eu respondi: “Exato”.

Mulheres, sexo – já se falou muito sobre isso, mas não é a essência de quem eu sou e não é o que me motiva. “It’s Not Unusual” se tornou hit antes mesmo que qualquer um me visse. Era o poder da minha voz. A mídia sempre toca no assunto mulheres, eles perguntam: “E como isso afetou sua esposa?”. Como acontece com todas as celebridades, não só comigo, eles trazem o assunto sexo para a conversa. Faz parte da vida, é claro, mas o importante é como você é diferente e único. Eu não me arrependo de nada. De qualquer maneira, não importa o que aconteceu, meu casamento ainda é sólido e meu filho me ama. Não fiz nada de ruim na minha vida.

Ainda moro em Los Angeles, mas preciso da minha dose de Grã-Bretanha e vou bastante para casa. Quando passei pela imigração na última vez, um camarada me falou: “Você tem o *green card* desde 1976! Por que não se tornou um cidadão americano?”. Eu disse: “Leia o nome no meu passaporte”. Ele leu: “Sir Tom Jones. Ah, a rainha não ia gostar muito disso, não é?”. E eu respondi: “Exato”.

Adoraria voltar lá atrás e passar um dia com minha mãe e meu pai e dizer a eles o quanto os amo. Talvez eu retornasse para o número 44 da Laura Street, em Treforest, e voltasse a ser criança de novo. Há uma canção que Jerry Lee Lewis gravou e eu cantei no palco chamada “The Things That Matter Most to Me”, “As Coisas Que Mais Importam Para Mim”. Ela diz: “Eu gostaria de voltar no tempo e reviver o ontem, e por um instante ser o garotinho da mamãe de novo”. E isso é verdade. Apenas reviver aquilo por um único dia seria lindo.

Claudia Raia

Atriz

29 de maio de 2020

Quando você é criança, as pessoas tendem a não acreditar em seus sonhos ou em suas vontades. “Ah, mas você é muito nova ainda”, “Você não sabe o que quer”, são algumas das coisas que a gente ouve. Comigo não foi diferente. Mas a minha atitude ao ouvir coisas assim foi, por assim dizer, atípica.

Aos treze anos, ganhei uma bolsa para estudar balé na American Ballet, em Nova York. Falei para minha mãe que iria e ela, claro, respondeu que eu era muito nova e, portanto, permaneceria em casa. Mas eu não aceitei aquilo: era meu sonho – e eu devo ter perdido a aula em que explicavam que tinha idade mínima para correr atrás do que queremos, porque o argumento dela não fez sentido nenhum na minha cabeça. Acho que, na verdade, eu já estava me vendo em Nova York, dançando, enquanto minha mãe ainda me via em casa.

Ela tinha o direito de não querer que eu fosse, mas eu iria de qualquer maneira, nem que tivesse que fugir para isso. Costumo dizer que, nesse momento, dona Odete Motta Raia percebeu que tinha uma filha irredutível, uma verdadeira capricorniana que não arreda as quatro patas de seus objetivos. Ela entendeu que não havia nada a fazer a não ser me deixar ir e, assim, abriu a porta da gaiola para que eu voasse.

Eu não desperdicei a oportunidade. Dos treze aos dezesseis anos, morei em Nova York, voltei para Campinas e de lá para Buenos Aires. Foi na capital Argentina, no Teatro Colón, que eu realizei meu primeiro grande sonho: me tornei primeira bailarina. Fui como acompanhante da minha avó, soube das audições, fiz e passei. O que era uma viagem de passeio virou moradia por um ano. A vida tem dessas coisas: a gente precisa estar muito atenta e aberta às oportunidades que aparecem. Às vezes, aquela que parece que não vai dar em nada é a que muda sua vida.

Eu sempre tive uma sensibilidade para o que pudesse me ajudar a realizar meus sonhos. Nunca tive medo de sonhar nem de correr atrás para realizar. Nunca quis outra coisa que não fosse ser bailarina. Até que, já de volta ao Brasil, com dezesseis anos, soube dos testes para o elenco de *A Chorus Line*, uma adaptação brasileira do musical da Broadway. Fiquei enlouquecida, tinha que fazer o teste. Minha mãe foi

comigo. Entramos no ônibus e partimos de Campinas rumo a São Paulo, onde seriam as audições.

Eram 1.500 inscritos; a minha ficha era a 0001. Mas eu não queria apenas estar no musical. Eu sabia que eu era a Sheila Bryant, e afirmei isso inclusive para Walter Clark, diretor do espetáculo. Passei no teste e disse que queria o papel, mesmo sendo muito mais nova do que a personagem. “Eu sou alta, tenho porte, as pessoas vão acreditar que sou mais velha”, eu argumentava quando a questão da idade aparecia. Outra atriz ficou com o papel e eu seria substituta. Só que, numa daquelas reviravoltas da vida, ela precisou sair da montagem. Fui Sheila Bryant, e ela me abriu um mundo de possibilidades com as quais eu nem poderia sonhar.

Para aquela Menina de dezesseis anos,
pronta para seu primeiro teste para um
Musical com a ficha 0001, gostaria de
dizer que ela nunca deve se acomodar,
se conformar com menos, que ela
continue acreditando em si e
defendendo seus objetivos, que o
caminho é esse mesmo, com os erros e
os acertos.

Mas lembra que eu disse que estava sempre atenta às oportunidades? Aqui não foi diferente. A *Chorus Line* mudou a minha vida. Foi ali que entendi que queria estar no palco fazendo musicais, cantando, dançando, sapateando e interpretando. A paixão por essa linguagem me levou à função de produtora. Quando percebi que ninguém investiria no meu sonho, eu arregacei as mangas e corri atrás.

O primeiro espetáculo que produzi foi *A Pequena Loja de Horrores*. De cara já quis o quê? Produzir uma adaptação da Broadway. Não deu certo, gente. Foi péssimo na época, claro. Mas eu tirei boas lições disso. A principal delas foi que eu precisava estudar, me empenhar e entender aquele mercado para dar certo. Fiz isso e, de lá para cá, foram muitos espetáculos produzidos, tanto adaptações de textos da Broadway, como *Cabaret* e *Cantando na Chuva*, quanto textos originais, como *Concerto para Dois* – em que eu e Jarbas Homem de Mello nos revezamos para dar vida aos doze personagens que contam a história

dessa comédia musical hilária.

O papel de Sheila Bryant foi ainda meu passaporte para a televisão. Jô Soares foi ver uma das apresentações e dali saiu o convite para eu fazer o programa dele, Viva o Gordo, participando do quadro *Vamos Malhar?*. Televisão, em 1984, era uma coisa que nem passava pela minha cabeça. E, em 2020, lá se vão trinta e seis anos de carreira só na TV. Se a Maria Claudia Raia, que era como eu assinava naquela época, pudesse dar uma espiada no futuro, ficaria orgulhosa, tenho certeza! Para aquela menina de dezesseis anos, pronta para seu primeiro teste para um musical com a ficha 0001, gostaria de dizer que ela nunca deve se acomodar, se conformar com menos, que ela continue acreditando em si e defendendo seus objetivos, que o caminho é esse mesmo, com os erros e os acertos. Tudo é aprendizado.

Justamente por não me acomodar é que fiz a presidiária Tonhão, personagem tão marcante da minha carreira e da TV Pirata, uma personagem que subverteu completamente a imagem de símbolo sexual que tinha. Não queriam me escalar para o papel, mas eu insisti. Outra personagem na TV que interpretei também pela minha insistência? Engraçadinha, a protagonista da série *Engraçadinha, Seus Amores e Seus Pecados*. Não queriam me escalar porque eu era comediante e, aparentemente, não me encaixaria em um papel dramático. Mas quem disse que a gente precisa ser uma coisa só? Fiz o teste escondida – imaginem eu, uma mulher enorme, entrando escondida na TV Globo? Foi hilário. E deu certo, porque ganhei o papel. Justamente essa personagem anos depois me rendeu o convite para uma novela importantíssima na teledramaturgia brasileira: *A Favorita*, de João Emanuel Carneiro. Graças ao meu trabalho como Engraçadinha, fui chamada para dar vida a Donatela, a protagonista da trama exibida no horário nobre da Globo.

Quanta coisa teria sido diferente se eu não tivesse acreditado e agarrado as oportunidades quando elas apareceram? Ainda bem que eu continuei, que as respostas negativas não me paralisaram e que eu insisti. Ainda bem que encontrei pelo caminho pessoas que me encorajavam também. Ter essa rede de apoio foi, e continua sendo, fundamental. É como lá, aos treze anos, quando minha mãe entendeu que não conseguiria me manter na gaiola: ela não só me deu asas como abriu a porta para que eu voasse.

Amor gera autoconfiança, e isso faz toda a diferença.

Capítulo 2

CRIATI- VIDADE

Mary J. Blige

Cantora

10 de julho de 2017

Minha vida inteira esteve cercada de música. Quando eu era garotinha, meu pai era músico e minha mãe era cantora. Quando eu tinha quatro ou cinco anos, escutava minha mãe cantando velhas canções de soul ou hinos gospel, e ela cantava igualzinho aos discos. Meu pai era baixista e também tocava piano. Eles tinham todos os discos que você pode imaginar. Então eu vivia rodeada por eles.

A primeira coisa que eu diria ao meu eu de dezesseis anos seria: “Pare de se colocar para baixo, porque você será alguém que as pessoas amam e admiram. Eu sei que você não acredita nisso agora, mas confie em mim. Não se diminua para agradar os outros, porque você jamais poderá agradar todo mundo. Apenas acredite. Acredite em si mesma”.

Eu era uma típica adolescente, não ouvia minha mãe e não fazia as coisas direito. Quando eu tinha dezesseis, na verdade não pensava em mais nada além de cantar. Meu sonho era ser cantora, mas não passava de um sonho naquela época. Eu realmente estava apenas tentando sobreviver.

A música seria uma rota de fuga para mim e para minha família. É claro que você quer que as coisas aconteçam imediatamente, principalmente quando se vive num ambiente como aquele em que nós vivíamos.³ Você quer que aconteça para poder tirar sua mãe e seu pai do bairro. Você quer ganhar dinheiro, de modo que todos possam escapar daquele ambiente ruim. Quer que aconteça rápido sem desperdiçar tempo.

Estando num bairro como o nosso, a música era a única coisa que nos fazia felizes – cantar em casa ou nas festas do quarteirão. Tudo se resumia à música. Foi muito difícil captar as canções que você amava e ouvia os DJs tocando nas festas do quarteirão. Era assim: “Como se acha essa música? Essa música é demais! Como descubro quem era?”. Agora se consegue tudo a qualquer hora. Não havia Spotify, que se pode acessar e ouvir uma única canção do álbum. Você tinha que sair e comprar o álbum para ouvi-la – a menos que fosse um compacto. Nós realmente gostávamos de tudo isso naquela época.

É a música que nos salva, não creio que sejamos nós que vamos à sua procura – é ela que nos encontra. Eu tinha cinco anos quando ouvi

o trabalho de Stevie Wonder em *Songs in the Key of Life*. Quando ouvi aquele álbum pela primeira vez, ele simplesmente me encontrou. As pessoas se sentem bem ouvindo qualquer coisa que Stevie estiver cantando.

Eu sentia como se aquela fosse a minha música. Não parecia que era a música da minha mãe ou do meu pai; eu sentia como se fosse a minha música. O que mais chama minha atenção são as letras e os vocais. É por isso que *Songs in the Key of Life* foi tão importante para mim. Havia um encarte com as letras, e eu e minha irmã nos dedicamos a aprender a letra de “Knocks Me Off My Feet”, “Pastime Paradise” e “Summer Soft”. E depois, quando ouvi Anita Baker cantando “Caught Up in the Rapture”, foi uma das mais lindas canções de amor que já ouvi na vida. O mesmo aconteceu com “Everlasting Love”, de Chaka Khan. Quando era criança, foi a música que me encontrou.

Eu estava sempre cantando em casa. Pegava minha escova de cabelo e a usava de microfone cantando as músicas de Teena Marie na frente do espelho que tínhamos no banheiro. A escova era meu microfone quando eu era pequena e eu cantava na frente do espelho – como muitas garotinhas fazem hoje imitando a Beyoncé. Eu imitava Anita, Chaka e Melissa Morgan. Acho que eu era uma artista – ou uma artista em formação na época. Amava fazer aquilo.

Eu tinha sete anos quando me inscrevi num show de talentos na escola. Cantei “Reunited”, de Peaches & Herb. Minha professora de música, Miss Sweeney, foi quem me incentivou a entrar no show de talentos, já que eu nunca queria aparecer, sempre tentava ficar no fundo. Foram as pessoas que me deram um empurrão que fizeram tudo acontecer. Amigos que sempre me pediam para cantar, cantar, cantar. Foi algo que eu tive de criar confiança para fazer.

Cantar te transforma numa pessoa melhor. Quando se consegue abrir a boca e alguma coisa sai de dentro e faz você se sentir confiante e boa naquilo, isso te transforma em outra pessoa – uma pessoa melhor. Dá confiança. Quando eu era jovem, conseguia cantar muito melhor do que eu canto hoje e conseguia imitar qualquer um. Qualquer um mesmo. Qualquer cantor ou cantora. Isso me deu segurança. Me deu força. Me deu liberdade.

**É a Música que nos salva, não creio que
sejaMos nós que vaMos à sua procura –
é ela que nos encontra.**

Minha rebeldia realmente esculhambou com os estudos. Quando eu estava no segundo ano do Ensino Médio, abandonei a escola. Eu me

arrependo disso totalmente. Queria mesmo ter concluído meus estudos. Então, de novo, olho para isso e me pergunto se eu seria esta pessoa se tivesse terminado o colégio. Eu seria esta Mary J. Blige hoje?

Não tenho vergonha de ter abandonado a escola – foi apenas um erro que cometi. Eu diria a qualquer um que estivesse tentando fazer sucesso com música, principalmente os jovens ou aqueles que querem entrar na indústria, para concluir os estudos primeiro. Você não pode chegar ao topo da sua carreira se não conseguir ler contratos, conversar com seu empresário ou lidar com as pessoas adequadamente. Eu reconheço meu erro e não me envergonho disso. Foi só um erro. Simples assim.

Eu diria à minha versão mais jovem que nem todo mundo está indo para onde você vai. Você não pode compartilhar tudo com todo mundo, nem todo mundo fica feliz por você sempre. Aprendi isso muito cedo.

Aprendi a ter cuidado com a música – ela tanto pode te construir como te destruir. Gravei treze álbuns na minha carreira, e o que tudo isso me ensinou foi o seguinte: a música é uma das maiores formas de comunicação. Você pode construir algo com ela ou pode destruir alguma coisa com ela. Nossas palavras são superpoderosas. Tenho que ser cuidadosa com o que estou transmitindo porque há pessoas ali fora ouvindo música em suas casas e isso está ajudando para que permaneçam vivas ou para que saiam de um relacionamento ruim. Mesmo se eu estiver passando por alguma coisa negativa, com vontade de extravasar, tenho que ter certeza de que isso não vai machucar outra pessoa. Eu tenho que orar e garantir que minha mensagem seja forte.

Ozwald Boateng

Designer de Moda

19 de março de 2012

Eu era um adolescente muito feliz e confiante. Fazia todo mundo rir – eu sabia ser bem engraçado. E era bom nos esportes: corrida, futebol, críquete. Mas não era arrogante. Eu era descolado e não vivia só em função dos esportes – isso era apenas parte de mim, na verdade eu era uma figura na escola. Nunca fui o “Ozwald que é ótimo atleta”: eu era simplesmente Ozwald. Por um tempo, realmente pensei que poderia ganhar a vida jogando futebol, era um bom lateral e depois passei a jogar como atacante. Mas então cheguei aos dezesseis anos, fui para a faculdade e descobri as mulheres, e tudo foi por água abaixo.

Com dezesseis anos eu estudava computação na faculdade, acreditava firmemente que os computadores eram o futuro. Mas já fazia tempo que eu estava interessado em moda – minha mãe comprou meu primeiro terno no meu aniversário de cinco anos. Era um terno violeta feito de *mohair* com abotoamento duplo. E, com a mesma idade, meu pai me disse que eu faria coisas maravilhosas na minha vida e ganharia o mundo. Então havia essa expectativa desde muito cedo. Há muitas coisas que eu faria diferente se pudesse fazer tudo de novo – de pessoas com as quais trabalhei a escolhas de design que fiz. Mas a experiência de cometer erros me ensinou muitas coisas. Se eu gostaria de ter mais sucesso do que tenho hoje? Sim, mas a riqueza da experiência que tenho se deve em parte ao fato de eu não ter acertado o tempo todo.

Eu era o único homem negro no meu curso, mas eu também já tinha sido praticamente o único menino negro do colégio. Para os meninos negros em geral, não havia muitos exemplos em quem se espelhar. Me lembro de ver Muhammad Ali na TV, e havia um ator negro numa série de televisão chamada *Rising Damp* e também em *Love Thy Neighbour*. Eram os únicos homens de cor de quem eu me lembro. Mas durante a minha infância isso não era a regra. Eu não me preocupava porque não sabia quase nada – eu só sabia que tinha talento. As portas se abriram para mim e eu entrei.

Não havia um ponto de referência no mundo da moda para um jovem negro, mas tive sucesso logo no início, portanto eu soube que estava no caminho certo. Eu tinha apenas dezessete anos quando saiu

a primeira matéria sobre mim numa revista. Abri meu primeiro estúdio com vinte e quatro anos e minha primeira loja em Savile Row quando fiz vinte e oito. Aquela loja gerou um impacto cultural, reconhecimento, mas minha cor nunca foi a coisa mais importante na minha mente, era algo subjacente. Em primeiro lugar, eu pensava: “Vou fazer ternos incríveis, vou revitalizar uma tradição muito antiquada e vou começar o que espero tornar-se um processo global”. Agora minhas roupas geralmente são escolhidas para grandes momentos: casamentos, premiações, ocasiões importantes. Isso é algo grandioso para mim e eu amo saber disso. Quando comecei, queria criar algo especial para os homens. Queria deixar todos os homens com uma bela aparência.

para MiM, o terno significava respeitabilidade e sucesso. Despertava certa confiança.

Meu pai foi uma enorme influência para mim. Meus pais se divorciaram quando eu era jovem, e na época não me revoltei contra meu pai – o tempo em que convivi com ele foi a época em que queria ouvir o que ele tinha a dizer. Ele sempre estava bem-vestido e sempre usava ternos. Então, para mim, o terno significava respeitabilidade e sucesso. Despertava certa confiança. Meu pai era diretor de uma escola e sempre tinha um jeito único de se expressar. Ele me falou quando eu era bem jovem que, se alguém acreditar em alguma coisa 100%, e não 99,7%, é possível fazer acontecer. E se alguma coisa vier fácil demais para você, provavelmente não é o que se deve fazer. Bem, quando eu tinha dezesseis anos, descobri a moda. E meu pai perguntou: “O que você está fazendo?”. Ele queria que eu entrasse para a universidade e me tornasse médico ou advogado. Então eu disse: “Espera um momento, só estou pedindo um conselho”. Ele não parecia nada contente. Levei muitos anos para convencê-lo de que eu tinha tomado a decisão certa. Foi muito difícil para o meu pai aceitar isso, mas no final ele concordou. Agora ele sempre diz que, quando bater as botas, vai morrer feliz. E eu digo a ele que é melhor esperar para bater as botas um pouco mais adiante.

Eu diria para o meu jovem eu que ele deveria ouvir mais os outros. Provavelmente eu poderia ter evitado muitos erros se tivesse ouvido mais as pessoas. Talvez não tivesse casado com vinte e três anos – eu diria ao meu jovem eu para esperar chegar aos trinta. Mas o outro lado disso é que eu era muito determinado e tinha uma consciência muito forte da minha própria voz – acho que, quando não se tem isso, podemos ser iludidos facilmente quando somos jovens. Sempre senti

que alguma coisa grande ia acontecer. Eu era destemido, muito mais do que sou hoje. À medida que ficamos mais velhos, nós nos tornamos conscientes das complicações, mas quando se tem dezesseis anos parece que nada vai dar errado. E eu era muito focado – regularmente cruzava Londres a pé por três ou quatro quilômetros para comprar tecido e depois voltava para casa caminhando, só para economizar o dinheiro do ônibus.

À medida que fiquei mais velho, me tornei mais consciente do impacto cultural do que eu havia feito como um jovem negro na indústria da moda. Passei a reconhecer que posso ser uma inspiração para outras pessoas. O sucesso pode ser conflitante, e se chega a um ponto em que sentimos a necessidade de retribuir. Tive sorte ao contar com uma ótima rede de apoio quando comecei, mas nem todo mundo tem isso. Posso retribuir oferecendo a outras pessoas algo parecido com as regras da vida que meu pai me ensinou.

Se eu pudesse voltar atrás e reviver um momento, seria o desfile em Savile Row em 2002. Havia um toldo que ocupava o comprimento inteiro da rua, completamente perfilado com modelos. Lembro a comoção com tudo aquilo. Até aquele instante, as únicas outras pessoas que puderam fechar a rua daquele jeito tinham sido os Beatles. Fizemos o desfile, depois convidei todos os modelos – cerca de 50 rapazes – para irmos até esse lindo salão, e eles todos comemoraram animados a experiência que recém haviam vivenciado. Lembro a energia daquele lugar – era eletrizante. E eu só fiquei lá parado, me perguntando o que o dia seguinte traria para mim.

Philip Glass

Compositor

29 de janeiro de 2018

Quando eu tinha dezesseis anos, estava na Universidade de Chicago começando a compor.⁴ Era uma ótima universidade, mas não havia um bom departamento de música naquela época – era muito mais voltada para estudos acadêmicos. Para aprofundar meus estudos, eu ia para a biblioteca de música, copiava as partituras e aprendia tudo o que eu podia. Chicago era uma ótima cidade na época em termos musicais – a cena do jazz era bem vibrante. Ouvia todos os tipos de artistas lá, como Billie Holiday, e havia uma orquestra sinfônica muito boa, então eu podia sair e ouvir um trabalho novo de Bartók. Era um bom lugar para se estar.

Meu amor pela música começou quando eu era muito jovem. Sempre havia música na minha casa. Meu pai tinha uma pequena loja de discos em Baltimore. Naqueles dias, não existia nada parecido com uma megastore. A loja do meu pai parecia uma lojinha de doces bem pequena. Ele trazia os vinis para casa, e nós ouvíamos, e depois ele devolvia os discos para a loja. Os antigos 78 rotações. Era a única maneira de se ouvir novidades naquele tempo – não se escutava isso no rádio. Então nós ouvíamos todo tipo de coisa – ele ouvia de tudo, de jazz, passando por sinfonias à música contemporânea. Quando eu voltava para casa durante as férias, trabalhava na loja como comprador. Não pensava em música em termos de gênero, apenas em termos de bom ou ruim. Até hoje tenho um gosto universal com relação à música.

Eu era três anos mais novo que todos os outros alunos na universidade; eu tinha quinze anos e todo mundo tinha pelo menos 18, mas os garotos mais velhos cuidavam de mim. Minha família estava muito longe, em Baltimore, e eles sabiam disso. Eu tinha muitos amigos; podia encontrá-los na biblioteca e na cantina, estavam por todo lugar. Eu me diverti muito lá e quando eu fiz dezenove anos concluí meus estudos acadêmicos,⁵ então fui para a Julliard em Nova York e só estudei música.

Quando fui a Paris, com vinte e poucos anos,⁶ estudávamos Bach e Mozart, pois a linguagem da música deu um grande salto enquanto eles estavam compondo, tornou-se um formato muito poderoso. Não há música popular que vá além das harmonias da música clássica –

elas simplesmente não estão lá. Quando voltei de Paris para Nova York – com cerca de trinta anos – não me tornei professor. Eu já estava compondo. Se eu tivesse que fazer música comercial, não tomava muito do meu tempo. Eu me dava um limite de tempo de duas horas, na verdade, então conseguia me manter compondo músicas comerciais⁷ enquanto eu também escrevia óperas ou trilhas para filmes ou peças de teatro. Eu tinha o comando da linguagem da música graças à minha formação.

Meu jovem eu não se surpreenderia com o fato de que eu não gosto de sair muito, embora ele socializasse mais do que eu socializo hoje. Mesmo quando era jovem, eu não ia muito a festas – me dei conta de que, se voltasse muito tarde para casa, não conseguiria trabalhar na manhã seguinte. Lembro quando cheguei a Londres nos anos 1990, havia muita house music. O problema com a cena da house music é que eles continuam agitando até a uma da manhã, e eu preferia estar dormindo àquela hora. Mas ficava acordado e ia ouvi-los, porque era a única forma de ouvir música. Eu me divertia muito fazendo aquilo e trabalhei com todos os tipos de pessoa, fiz arranjos para gente como S-Express. Mas agora meu tempo no trabalho é muito importante para mim, e eu tenho muitos filhos e gosto de ficar com eles. Preciso ir para a cama cedo – perto da meia-noite – e levanto às seis para trabalhar o dia todo. Não sou visto fora de casa com muita frequência.

O Philip adolescente ficaria surpreso que consegui ganhar a vida fazendo música e que eu posso sair e tocar de trinta a quarenta concertos por ano ao redor do mundo. Mantive um emprego regular até os quarenta e dois anos. Eu transportava móveis três dias por semana, depois ficava quatro dias em casa compondo. Naquele tempo se podia fazer isso. Fiquei muito surpreso quando chegou o dia em que eu já não precisava mais daquele emprego.

O Philip adolescente ficaria surpreso que consegui ganhar a vida fazendo Música e que eu posso sair e tocar de trinta a quarenta concertos por ano ao redor do Mundo.

O jovem Philip ficaria impressionado que conheci e trabalhei com Ravi Shankar. Fui assistente dele durante um tempo. Era alguém que eu admirava – ele era compositor e saía em turnê para tocar, todas as coisas que eu queria fazer. Mantive contato com ele por quarenta anos, até dois dias antes de sua morte. Se eu tivesse que ir a Los

Angeles, chegava mais cedo e almoçava na casa dele. Shankar estava sempre rodeado de jovens. Era um professor nato, não conseguia parar de ensinar. Depois do almoço, ele dizia: “Vamos para a sala de música”. E nós íamos lá, em grupos de quatro ou cinco pessoas, nos sentávamos e ele começava a dar aula, de verdade – ele não conseguia se conter! Eram visitas preciosas para mim. Ele era um cara incrível.

Conheci muitas pessoas maravilhosas. Tantas já se foram. Fui amigo de Doris Lessing durante trinta anos, e Allen Ginsberg foi um amigo próximo por muito tempo. Agora já estou mais velho do que eles quando morreram. Leonard Cohen – convivemos durante muitos anos. Na última vez que conversei com ele, perguntei quando seria sua próxima visita a Nova York. Já fazia um tempinho que não nos víamos. Ele me disse: “Este carro velho não vai mais sair da garagem”. Na época eu não entendi muito bem o que ele quis dizer. Acho que ele realmente estava se despedindo. Nunca mais o vi. Ele morreu cerca de uma semana depois.

Gostaria de ter tido mais tempo para conhecer melhor o meu pai. Ele morreu atropelado por um carro quando tinha sessenta e sete anos, então não era muito velho. Ele não saiu da frente do carro rápido o suficiente e alguém o atropelou. Mas, geralmente, não fico lembrando o passado. Penso no que vou fazer na próxima semana e não olho o espelho retrovisor. Posso ter perdido muitos dólares, muitas pessoas que partiram – não há nada para dizer sobre isso. Tenho muitas coisas que ainda quero fazer. Levanto bem cedo e trabalho o dia todo. O tempo está acabando para mim. Tenho oitenta anos. Se quero escrever mais doze sinfonias, é melhor começar logo.

Shania Twain

Cantora

21 de agosto de 2017

Meus primeiros anos de adolescência foram difíceis. Meus pais se separaram, e minha mãe e eu tivemos que morar num abrigo para mulheres fugindo de relacionamentos abusivos. Ficamos lá por um ano e foi o período mais difícil da minha vida. Crescer num lar turbulento criou várias características defensivas em mim. Estava sempre esperando a próxima discussão ou briga, e eu também me sentia muito protetora com relação à minha mãe – eu estava sempre envolvida diretamente naquelas brigas, o que podia me deixar muito agressiva na escola se me sentisse encurralada num canto.

Eu era muito tímida e bastante inadequada socialmente. Também era muito insegura – não tinha quase nada em comum com outros adolescentes, porque eu não passava de uma nerd louca por música. Também tinha vergonha do meu histórico familiar e de como estávamos sempre ralando e lutando para pagar as contas, então raramente eu levava algum amigo na minha casa. Desde o começo, a música se tornou minha terapia, um lugar para onde eu poderia ir e me sentir segura. Acho que foi como sobrevivi a tudo aquilo, porque hoje não sou viciada em drogas nem lunática.

Desde muito cedo sempre fui a pequena cantora da família. Com oito anos eu saía e cantava folk e country nos finais de semana. Às vezes ficava até as duas ou três da manhã, mesmo tendo escola na manhã seguinte. Eu não gostava de estar naqueles lugares nem um pouco, e desenvolvi medo de palco. Às vezes, strippers se apresentavam antes de mim, e quando chegava minha vez de cantar todo mundo já estava bêbado. Não era um ambiente para uma criança. Eu realmente amava música – era apaixonada por isso, mas sempre quis cantar dentro do meu quarto, sozinha, compondo músicas e cantando para mim mesma. Eu gostava de ficar quieta sozinha. Não queria me apresentar em público. Mas minha mãe estava tentando me ajudar a ficar conhecida, para depois um dia me tornar cantora profissional.

Definitivamente houve uma transição em termos de público quando eu já estava com o corpo desenvolvido – bem desenvolvido – com dezesseis anos, mas consegui segurar a onda porque àquela altura já estava bastante acostumada com os palcos. Eu nunca me misturava ou

socializava com o público, então estava segura contra o assédio. Mas as mudanças no meu corpo – achei tudo muito difícil. Eu era meio masculina e definitivamente não era a mais bonitinha da família. Eu era bastante atlética, mas de repente já não queria ficar saltitando por aí e jogando basquete com os meninos na escola. Sentia-me mais constrangida e desconfortável com os olhares dos garotos do que quando eu estava no palco. Só quando comecei a carreira na indústria da música é que realmente senti a intimidação machista quando me apresentava.

Acho que chega uM ponto eM que você se torna Madura o suficiente para aceitar que esta é uMa das coisas da vida que siMplesMente não podeMos controlar.

Um momento marcante da minha vida aconteceu aos vinte e dois anos, quando meus pais morreram.⁸ Parece estranho dizer, mas isso foi uma coisa da qual extraí o melhor possível. Tive muitas revelações naquele ano. Uma delas foi que percebi que me apresentava muito por causa da minha mãe, que eu mesma não precisava de nada daquilo. Mas, naquele momento, meus amigos estavam todos na faculdade e eu sentia que tinha perdido a oportunidade de ter feito algo produtivo, alguma coisa tangível, como estudar e me formar. De repente, eu não só havia perdido meus pais, como não tinha nada a não ser essa carreira na música em que as chances de ter sucesso eram mínimas. Então eu tive que me colocar à prova. Quando eu finalmente me comprometi de forma integral com a minha carreira musical, sem a pressão dos meus pais, senti que foi uma mudança bastante positiva, e isso me levou aos vinte anos mais produtivos da minha vida.

Depois que minha carreira decolou, o mundo se tornou mais acessível. Eu não me acomodei sendo apenas artista, eu me eduquei. Sou boa em me motivar e sou muito disciplinada. Corro muito, escrevo muito e leio sobre filosofia e psicologia. Sempre fui extremamente curiosa e procurava pessoas parecidas comigo. Outro momento marcante foi quando conheci meu primeiro marido,⁹ crucial para os quinze anos que se seguiram. Tínhamos uma boa conversa, falávamos muito. Ele era inspirador, e eu preciso ser inspirada. Aprendi muito com aquele relacionamento. E agora estou casada de novo com alguém que é um grande pensador. Eu preciso disso.

Acho que não me sentia confiante de que teria sucesso até gravar

meu primeiro álbum com Mutt Lang, *The Woman in Me*.¹⁰ Não tinha certeza no começo se ia dar certo, porque era uma colaboração bastante incomum. Depois que começamos, senti que estávamos criando algo bom, mas quando fizemos sucesso de verdade¹¹ tive muito mais confiança com relação ao futuro. Depois do lançamento de “Man, I Feel Like a Woman”, tudo começou a ficar imenso.

Eu só pensava: “Uau, isso é muito maior do que eu jamais imaginei que pudesse ser”. Tudo começou a girar. E eu estava trabalhando em excesso, então parecia um frenesi.

Se pudesse voltar no tempo, eu me daria uma folga quando meu casamento começou a ruir. Entrei num buraco negro por um tempo, estava em choque. Foi meio parecido com quando meus pais morreram. Mas eu estava com raiva de mim mesma por não superar aquilo imediatamente. Eu devia ter dito a mim mesma que não havia problema em me sentir mal por um tempo e não precisava me desculpar por isso. Eu só queria acelerar o processo e superar a separação, e hoje penso que foi um erro, mas no final das contas eu me reergui. Tenho um filho, e isso me ajudou a ser perseverante. Assim que pude recuperar o fôlego, consegui ser criativa novamente. Foi como eu escapei. Algumas mulheres vão para um spa para ter um tempo para si mesmas, em busca de solidão – para mim, é um grande prazer me trancar num quarto e escrever música. Não tenho qualquer inibição quando escrevo – posso praguejar, desopilar, posso ser totalmente honesta. Portanto, trata-se de algo útil para fazer durante os momentos mais sombrios.

Com quarenta e poucos anos, eu realmente não me importava muito em envelhecer ou em como minha aparência estava mudando. Quando cheguei aos cinquenta, a gravidade realmente começou a assumir o controle. Acho que chega um ponto em que você se torna madura o suficiente para aceitar que esta é uma das coisas da vida que simplesmente não podemos controlar. Eu não pude controlar a morte dos meus pais, eu não pude controlar o fim do meu casamento, eu não pude controlar a doença de Lyme nem a perda da minha voz. E não posso controlar o envelhecimento. Assim que se chega aos cinquenta, temos que aceitar que algumas coisas simplesmente estão fora do nosso controle. Sabe, é hora de jogar aqueles velhos sutiãs fora. Simplesmente não dá mais para usar aquilo.

Werner Herzog

Diretor de cinema

13 de fevereiro de 2017

Com dezesseis anos era óbvio que eu ia fazer filmes, mas é claro que fracassei em tocar adiante qualquer projeto que fosse. Percebi que tinha que me tornar meu próprio produtor ou jamais faria um filme, então comecei a trabalhar à noite como soldador numa pequena metalúrgica. Foi assim que juntei dinheiro para financiar meu primeiro filme. Claro que durante o dia eu estava na escola, então não dormi quase nada durante dois anos e meio.

Estava no Ensino Médio numa escola tradicional. Passamos nove anos estudando latim, seis anos estudando grego antigo e um pouco de inglês no final. Eu odiava tudo aquilo. Tudo. A ideia de adquirir conhecimento me agradava, mas nunca confiei nos livros didáticos e nunca confiei nos professores. Sou completamente autodidata, incluindo no cinema. Nunca li um livro sobre como fazer filmes.

Quando eu era criança, sequer sabia que cinema existia. Cresci num vale entre as montanhas remotas dos Alpes Bávaros. Vi meu primeiro filme quando tinha onze anos, mas não foi uma experiência muito satisfatória. Um projetista itinerante veio até nossa escola de uma única sala de aula e exibiu dois filmes. Ambos de má qualidade. Um era sobre esquimós construindo um iglu, todos eles figurantes pagos que não sabiam como lidar com a neve e o gelo. Dava para ver, porque eu cresci no meio da neve.

Eu me afastei da música quando era jovem porque fui atormentado por um professor de música. Fiquei desconectado durante quatro anos. Então havia um vazio, e eu senti o desejo de preenchê-lo. Mas nunca se consegue fazer isso. O mesmo acontece com livros. Você lê um livro maravilhoso e passa a acreditar que a pilha de livros ainda não lidos de algum jeito vai diminuir. Mas acontece o contrário: a pilha de livros não lidos se torna ainda maior depois de cada livro excelente que se lê.

Nunca vi um ótimo filme quando era jovem. Assisti a alguns filmes medíocres como *Tarzan* e *Zorro*, as versões baratas dos anos 1950. Mas ficou claro para mim que eu era um tipo de poeta e que usaria essa característica para fazer filmes que pudessem ser diferentes. Sempre tive a sensação de que eu era o inventor do cinema. Mas eu também escrevia poesia e também escrevo prosa – *Conquista do Inútil*,

Caminhando no Gelo – que eu acho que vão sobreviver a todos os meus filmes por causa da substância e do calibre da prosa. Não há ninguém que escreva prosa como eu nos dias de hoje. Escrevo melhor do que todos os outros. Mas sempre reconheci que fazer filmes era meu destino.

Eu não era um garoto neurótico. Não naquela época, nem agora. Era tão tolo quanto qualquer outro menino com aquela idade. Mas não quero lembrar meu eu adolescente. Não gostaria de encontrá-lo, pelo amor de Deus. Não gosto de ficar girando em torno do meu próprio umbigo – nunca fiz isso. Eu me sinto desconfortável olhando para mim mesmo. Não gosto de olhar meu próprio rosto no espelho. Não gosto de autoanálise.

Eu não era ambicioso quando era garoto, mas realmente havia histórias e ideias que vinham até mim com grande veemência, então eu precisava lidar com aquilo tudo. Nunca tive uma carreira. Ter uma carreira significa planejar os próximos passos e construir alguma coisa, e nunca fiz nada disso. Sempre fui muito curioso com relação ao mundo, porque o lugar onde cresci era muito limitado, e eu queria saber o que havia além das montanhas e do vale. Sou curioso sobre paisagens que geralmente não vemos, como a Coreia do Norte.¹² Já estive em muitos lugares por causa dos projetos que executei. Recentemente, fiz um filme sobre vulcões, *Deserto em Fogo*, e fui ver os desertos de sal da Bolívia, que simplesmente não parecem ser desse planeta. Parecem ficção científica – uma paisagem completamente diferente. Mas não sou viajante ou aventureiro. Apenas completei o percurso de *slalom* da vida e me dei bem.

Não gosto de qualquer tipo de ideia sobre aventura – o conceito expirou pelo menos um século atrás. É obsoleto falar sobre aventura quando se pode ir até uma agência de viagens e reservar uma excursão para ver os canibais na Nova Guiné. A coisa se tornou obscena a esse ponto. Quando estou fazendo um filme e há certos riscos óbvios, faço uma avaliação pelo bem das pessoas que trabalham comigo. Sou bom nisso. Dizem por aí que sou inconsequente e aventureiro, e não sou nada disso. Sempre fui muito, muito prudente. Há esses boatos de que eu coloco em risco as vidas das pessoas que trabalham comigo, que eu as empurro para a beira do abismo. Mas as estatísticas estão ao meu lado: nos setenta filmes que fiz até hoje, nenhum ator sequer se machucou. Nenhum.

Percebi que tinha que Me tornar Meu próprio produtor ou jaMais faria uM filMe, então coMecei a trabalhar à

noite coMo soldador nuMa pequena Metalúrgica. Foi assiM que juntei dinheiro para financiar Meu priMeiro filMe.

Tudo o que já fiz é maravilhoso. Não, não estou sendo sarcástico. Realmente amo todos os meus filmes. Não poderiam ter sido melhores. Às vezes, até amo mais aqueles que têm uma pequena falha ou algum problema. Você não pode perguntar a uma mãe “Qual dos seus sete filhos você ama mais?”.

Tenho que explicar coisas sobre cinema porque enfrento um ataque violento, uma avalanche avassaladora de jovens que querem me perguntar coisas. Tento dar uma resposta sistemática. Eu comando a Rogue Film School, que é a antítese do que você vê acontecendo com as escolas de cinema no mundo todo. Aqui temos um estilo de guerrilha, é um modo de vida, mais do que uma lista de conselhos práticos. Não se aprende nenhuma coisa prática na minha escola, com duas exceções: abrir cadeados sem usar chave e falsificação de documentos. Tem sido uma mudança de vida para quase todos os meus alunos. Digo a eles para formarem células secretas invasoras em todos os lugares. Eles se agrupam, produzem coisas muito boas e ganham prêmios em festivais. Um deles me superou recentemente e chegou a ser indicado ao Oscar. Veja só, eu nunca consegui ser indicado ao Oscar. Meus alunos me superam, o que eu acho absolutamente perfeito.

É claro, fiquei mais velho e mudei de posição, mas a essência dos meus filmes não mudou. Se eu pudesse voltar atrás, eu não faria *Aguirre 2*, *3*, *4*, *5* e *6*, mas todos os meus filmes vêm da mesma família. Se você acordar no meio da noite e ligar a TV, saberá em 120 segundos se é um dos meus filmes. A primeira coisa que você vai reconhecer é que eles são melhores do que os outros. Não, eu digo isso com frivolidade; é uma provocação.

Quando meu filho mais velho estava com cinco anos, eu tinha um telescópio muito bom. Era uma noite de Lua cheia. Olhamos para ela juntos e se podiam distinguir as montanhas e as crateras. Vê-lo descobrir as montanhas da Lua – aquilo foi um momento perfeito. Os filmes vêm dessas coisas. Sempre uma sensação de assombro. Este é o local de nascimento do cinema. Mostrar ao seu filho pequeno as montanhas da Lua – é o que faço em todos os meus filmes.

Tiago Mattos

Futurista

23 de fevereiro de 2020

Aos dezesseis anos, minha vida era dividida em, basicamente, quatro missões concomitantes. Ao mesmo tempo que queria descobrir o caminho mais curto para entrar na faculdade – sem necessariamente estudar –, tentava achar uma solução para dar fim à má fase que o Inter vivia nos anos 90. Ambos os desafios me perturbavam muito e diariamente.

Assim como me afligia a iminente possibilidade de ser expulso da minha banda. Todos eram ótimos músicos – eu, apenas um letrista razoável. A mais importante de todas as missões era, também, a mais dolorosa: encontrar uma forma para que o meu amor platônico à época (uma menina chamada Melissa) me visse com outros olhos.

Nessa época, ouvi do meu pai uma das coisas mais importantes – e que mais moldariam minha personalidade a partir de então. Eu, um jovem vestibulando, estava na dúvida se me inscrevia para Administração, Jornalismo ou Publicidade.

– Pai, qual carreira devo seguir?

– Tanto faz. A atividade que você terá no futuro ainda nem existe. > Essa declaração, além de extremamente reconfortante para um inseguro adolescente, foi uma profecia que se autorrealizou. Sim, ele estava certo. A profissão que exerço hoje, dependendo do ponto de vista, não existia à época. Trabalho com Futurismo (uma área que investiga cenários futuros e que ganhou outro caráter a partir das revoluções tecnológicas das últimas duas décadas).

Mas, sim: foi a sua própria fala que, em algum nível, provocou esse resultado.

Com a sua declaração, meu pai me fez entender que o futuro era um lugar de carreiras menos lineares e rígidas. Me fez perceber que a troca de profissão seria cada vez mais natural. E que a *gig economy* (termo que, obviamente, não existia na época) era só questão de tempo.

A colocação foi, ao mesmo tempo, causa e consequência. Médico e monstro. Foi o futuro – e foi o formão que lapidou a jornada que me levou a esse futuro.

Antes de trabalhar com Futurismo, tive outras três encarnações profissionais (prefiro este termo a “carreiras” – afinal, “encarnação”

vem da alma). Me formei em Comunicação e, por mais de dez anos, dediquei extremo suor a essa atividade. Um período que me ensinou os fundamentos do que exerço hoje.

Em 2007, me tornei educador. Ajudei a cofundar uma escola de atividades criativas que se espalhou para o Brasil e criou um canal direto com minha ancestralidade (minha mãe foi professora e sempre achei essa a mais munificente das profissões. Foi uma forma singela de homenageá-la).

Este universo me abriu para uma nova encarnação – a de empreendedor. Tive a sorte e o privilégio de estar no time de cofundação de diversas frentes de negócios (todas associadas ao que se costuma chamar de “nova economia”). Laboratórios de *big data*, plataformas *peer-to-peer*, aceleradoras de negócios, escolas on-line, coworkings, apps para aprendizagem interativa. E, só então, cheguei aonde estou hoje.

– Pai, qual carreira devo seguir?
– Tanto faz. A atividade que você terá
no futuro ainda neM existe.

O Futurismo foi, apenas, uma forma de organizar as descobertas que tive ao longo de todos esses ciclos. Um porto onde desembarquei pelo balanço do mar – não um destino pré-traçado. Em meio a essas jornadas, tive dois casamentos e um filho – que é a coisa mais importante da minha vida. Fiz muitos amigos – e, verdade seja dita: alguns desafetos. Emagreci e engordei tantas vezes que perdi a conta (hoje estou perto da minha forma ideal). Aprendi muito – porque errei muito. Mas também aprendi muito porque soube ter disciplina e tirar lições dos momentos de bonança.

Percebo que, se tivesse essa oportunidade, se pudesse voltar no tempo, daria cinco conselhos para diminuir as inseguranças, para acalmar as dores e para acelerar a evolução de consciência deste Tiago que descrevi no início da carta.

Não tenho, entretanto, pretensão alguma de que estas colocações sirvam a outrem. Imagino aqui um diálogo muito íntimo, cheio de verdade e emoção, e que cabe a nós dois apenas.

– Querido Tiago,

Você não me conhece. Ou melhor: ainda não me conhece. Daqui a uns vinte e cinco anos, vamos nos encontrar em frente ao espelho.

Somos muito diferentes, apesar de muito parecidos.

Pelo zelo que tenho para com você, divido aqui cinco mensagens que, acredito, lhe farão muito bem:

1. Saiba que é difícil ter uma postura incomum. Você será julgado o tempo todo pelo senso comum. Que, como o próprio nome diz, é comum.

Não há maior prisão do que viver a vida dos outros, do que perseguir o Olimpo dos outros. Não ceda à pressão social. Respeite suas idiossincrasias e sua essência. Aposte na sua intuição. Ela o levará a lugares e experiências que você nunca imaginaria. Sempre que estiver frente a um dilema, apenas ouça seu coração. Ele o levará ao caminho certo.

2. Quem não pensa sobre o futuro cria o presente com as ferramentas do passado.

Daqui a alguns anos, você terá contato com as ideias de Zimbardo e Frey. Você entenderá que as pessoas veem passado/presente/futuro de formas muito distintas. Entenderá, também, que elas não respeitam essas diferenças e costumam impor a sua filosofia particular de tempo aos demais (como se este fosse o único ideal de felicidade). Isso é uma grande cilada. Falando especificamente de Frey, você irá parafraseá-lo muitas vezes. “O jeito que você imagina o futuro muda as suas ações no tempo presente. Portanto, não é apenas o presente que constrói o futuro. O futuro também constrói o presente”. Você encontrará a sua verdade nesse lugar. Não cometa o erro de fugir desse espaço tão saudável para a sua personalidade. Mas nunca – nunca – seja autoritário de achar que todos os demais devam ser assim.

3. Quando você empreende, imediatamente perde o chão. Mas também perde o teto.

Uma das melhores decisões que você tomará ao longo da vida será empreender. Não pelos frutos financeiros, mas pela liberdade de se expressar ao mundo, pela capacidade de gerar impacto dentro das suas próprias métricas de sucesso – e por ser uma grande viagem de autoconhecimento.

4. As coisas que você fez não dizem quem você é. Dizem quem você foi. É apenas questão de conjugação verbal.

Você vai errar muitas vezes. E errar feio. Sei que vai se autopunir de maneira maciça pelos seus equívocos. Cuidado. Obviamente, mudar seu nível de consciência é algo muito bem-vindo.

Entretanto, o preço a ser pago pela evolução não pode ser uma cobrança destrutiva. É claro que, aos quarenta anos, você vai ter outro entendimento de mundo. Outro entendimento de preconceitos estruturais (como machismo, misoginia, racismo e tantos outros). A cada nova descoberta,

you will feel a lot of shame from who you were. Accept that you are responsible for your actions, but also remember the environments where you were. From toxic masculinity that kept you for so many years and that forged much of your personality. Or from the privileges that you always had, that were never seen as privileges, and that made you think that meritocracy was just a natural consequence of effort. Take care of others. Take care of yourself. Everything is your life, your vicissitudes.

5. Cuide bem do Valentin.

He will love you from the navel and will need you very much from his love too.

A kiss.

Tiago.

P.S.: Don't worry. You will go to a good university and study in some of the best schools in the world. Inter will still be champion of the world. And you won't be expelled from the band. About Melissa, I won't ruin the surprise. But I think you will like the story that the future reserves for you two.

Capítulo 3

AUTOCON- FIANÇA

Andrea Bocelli

Tenor e Compositor

10 de dezembro de 2018

Eu era um adolescente muito animado, até mesmo um tanto levado, sempre disposto a fazer uma brincadeira e dar risada. Como dizem no lugar de onde venho, eu sempre estava “disposto a aprontar alguma coisa”. Quando perdi a visão¹³ eu chorei, mas só por pouco tempo. Depois eu afastei qualquer forma de autocomiseração e decidi que precisava ser positivo e otimista com relação à vida, encontrando caminhos para explorá-la. Isso não afetou meu estudo de música de modo algum. As pessoas percebem isso como minha principal dificuldade, mas nunca foi e nunca é.

Não posso afirmar que tive aquela “angústia” de adolescente, mas eu era inquieto e estava sempre curioso sobre tudo, e também era teimoso. Talvez, às vezes, como parte da vida em família, tenha havido algum estranhamento, algumas discussões com meus pais ou com meu irmão, mas no geral éramos uma família unida e pacífica. O amor sempre prevaleceu, assim como o carinho mútuo suavizava qualquer tipo de atrito que pudesse existir.

Acho que eu era um adolescente ambicioso, sonhador. Sempre quis ganhar a vida com minha música. Era uma ambição permanente, desde a época em que estava no colégio e mais tarde durante a faculdade. Tive sucesso, apesar de acontecer muitos anos mais tarde, depois dos trinta e cinco anos, depois de muitas dificuldades e de ouvir “NÃO” muitas vezes – coisas que colocaram à prova minhas esperanças.

Devo muito aos meus pais. Meu pai Sandro e minha mãe Edi moldaram meu caráter, me deram uma educação que foi de extremo valor durante a vida inteira. Entre os muitos ensinamentos que recebi, devo mencionar a determinação de jamais desistir. Foi isso que meus pais demonstraram durante a gravidez da minha mãe, quando os médicos aconselharam abortar porque o bebê poderia nascer com doenças severas. Ela ignorou o conselho deles e seguiu em frente com o apoio do meu pai. Sem sua fé e coragem, eu não estaria aqui hoje para contar minha história.

Meu pai e eu temos personalidades semelhantes. Ambos temos temperamento forte e houve discussões ao longo do tempo. Mesmo que jamais tenha havido qualquer oposição por parte da minha família

quanto à minha paixão pela música, meu pai não achava que eu pudesse ter sucesso e me sustentar confiando apenas na minha voz. Ele dizia: “Se é o que você gosta, cante, mas primeiro você tem que estudar!”. Ele também tentava controlar meu ímpeto juvenil (por vezes inconsequente) com o amor e a típica preocupação de um pai. Só pude entender isso mais tarde, quando eu mesmo me tornei pai.

**Ao longo dos anos, passei a acreditar
que a fé não pode ser conquistada sem
esforço; assim como qualquer outra
disciplina, requer compromisso,
perseverança e sacrifício.**

A primeira vez que subi num palco foi com oito anos de idade, durante o show de talentos de final de ano na escola. Lembro que era um palco pequeno, de madeira, no hall do colégio onde passei os primeiros cinco anos de vida escolar. Estava nervoso e bastante emotivo e cantei “O Sole Mio”. Foi a primeira vez que recebi aplausos fora do círculo familiar. Ainda usava calças curtas com doze anos, quando meu tio insistiu que eu participasse de um concurso de verão organizado pelo Caffè Margherita em Viareggio. Ganhei e foi meu primeiro sucesso, e a primeira vez que senti o carinho do público. Muitos anos mais tarde, no palco do festival de música de Sanremo, senti o entusiasmo do público e entendi que, talvez, minha carreira finalmente estivesse decolando.

Se eu encontrasse o adolescente Andrea hoje, no geral acho que eu gostaria dele. Talvez a diferença entre nós fosse a impetuosidade, que aprendi a controlar ao longo dos anos. Também uma dose da inconsequência que, no passado, fez com que eu me arriscasse um pouco mais, principalmente nos esportes, mas que aprendi a conter quando desenvolvi o senso de responsabilidade. Eu teria inveja do adolescente Andrea em sua juventude, mas o jovem Andrea poderia invejar outras alegrias que vieram na meia-idade.

Quando jovem, eu era agnóstico. O jovem Andrea provavelmente não entenderia que hoje tenho uma fé e valores importantes, e que preciso demonstrar minha devoção todos os dias. Ao longo dos anos, passei a acreditar que a fé não pode ser conquistada sem esforço; assim como qualquer outra disciplina, requer compromisso, perseverança e sacrifício. Comprometer-se com a fé significa que precisamos concordar com ações que podem até mesmo parecer entediadas. Se quisermos aprimorar nossa fé, devemos nos submeter à

oração. O jovem Andrea não teria compreendido isso naquele tempo.

De todas as apresentações que já fiz, provavelmente mostraria ao jovem Andrea o concerto no Central Park, e uma das óperas que interpretei pelo mundo – este sempre foi o meu sonho, que nutri com muito entusiasmo e um pouco de esperança. Ou talvez meu dueto com Luciano Pavarotti, ou com José Carreras, ou Plácido Domingo.

Uma coisa difícil de compreender na adolescência, mas que se tornou muito clara à medida que fiquei mais velho, é que a notoriedade em si não tem valor, e que a fama pode ser um obstáculo na busca da verdadeira humildade. É legítimo e maravilhoso poder sonhar, mas enquanto adultos jamais devemos perder o contato com a realidade; a menos que mantenhamos ambos os pés firmes no chão, corremos o risco de nos perdermos pelo caminho.

Antes eu disse que o jovem Andrea dizia ser agnóstico, mas era uma tática para evitar o questionamento de fato. Na fase adulta, algumas questões existenciais prementes surgiram. A leitura de um livro pequeno e maravilhoso de Tolstói chamado *Uma Confissão*, seguido por todas as outras obras-primas do autor, me conduziu no caminho em direção à fé. Acreditar que a vida é determinada pelo acaso não é apenas incompatível, mas também ilógico e nada sensato. A argumentação básica que nos permite seguir pelo caminho certo quando chegamos à primeira encruzilhada fundamental é: acreditar ou não acreditar. Na minha cabeça, trata-se de uma escolha e não há alternativa.

Se eu pudesse ter uma última conversa com alguém, seria com meu pai – para agradecer. Seria suficiente tê-lo perto de mim e sentir seu sorriso. Qualquer palavra seria desnecessária.

Eu tento me concentrar no aqui e agora, em cada dia. Nunca olho para trás e não quero saber qual é a minha programação para o dia de amanhã. Com relação às críticas, respeito totalmente a opinião das outras pessoas – é impossível agradar todo mundo! Artistas estão sujeitos a críticas positivas e negativas durante suas carreiras – assim é a vida. Já disse a você o que eu penso sobre a fama – não a considero algo de valor. Com relação a prioridades, meus filhos sempre estão em primeiro lugar. Isso ficou claro para mim desde o momento em que me tornei pai. Se eu pudesse voltar no tempo e reviver um único momento da minha vida, seria o momento em que segurei meu primogênito nos braços pela primeira vez.

Diane Abbott

Parlamentar

24 de junho de 2013

Com dezesseis anos, eu estava preocupada com meus exames de conclusão do Ensino Médio, embora me considerassem uma garota bastante levada. Com certeza eu não era uma das favoritas dos professores. Hoje penso que poderia explicar para minha versão mais jovem que tinha muito a ver com o fato de eu ser a única garota negra da turma. Isso formatou o modo como os professores me viam, e levei anos para compreender.

Sem dúvida, eu diria à Diane adolescente para não se preocupar muito por não vestir tamanho trinta e seis, não se parecer com a Twiggy nem ter cabelos loiros e compridos até a cintura. Eu gostaria de ter me dado conta de que a beleza existe em todas as formas e variedades. Eu me iludia com muitos mitos de beleza da época. Quando vejo fotografias antigas, percebo que eu não era gorda de maneira alguma e era muito mais bonita do que eu consigo me lembrar.

Meus pais enfrentaram um divórcio bastante turbulento. Minha mãe teve que nos deixar e foi para bem longe, para Yorkshire, porque queria ficar afastada o máximo que podia do meu pai.

Permaneci leal a minha mãe e entendi por que ela achava que tinha que partir, embora meu irmão, que era mais novo, tenha sentido como se ela o tivesse abandonado. Eu tinha que cozinhar e limpar a casa sozinha enquanto estudava para os meus exames finais – meu pai nunca tinha ouvido falar em feminismo moderno. Eu realmente me incomodava com aquele papel. Não questionava se era eu quem deveria estar fazendo aquilo, mas era muito estressante e difícil.

Meu objetivo era ir para Oxford ou Cambridge, por nenhuma razão em particular – nem minha mãe nem meu pai tiveram ensino superior, ambos abandonaram a escola com quatorze anos. Ninguém em especial me encorajou, mas eu estava determinada. Nos livros que eu lia, os personagens iam para Oxford ou Cambridge. E lembro que o colégio organizou uma excursão para Cambridge e eu fiquei impressionadíssima. Os estudantes universitários com os cachecóis listrados – para mim, eles pareciam deuses e deusas. Eu pensava que, se fosse para Cambridge, também me tornaria uma pessoa especial e notável. Na verdade, quando entrei lá, me senti tão sozinha no meio

daquelas pessoas brancas e privilegiadas que pensei, num primeiro momento, que havia cometido um erro terrível.

Sempre fui uma pessoa determinada, desde muito novinha. Não tenho certeza de onde isso veio. Quando falei pela primeira vez sobre o parlamento, foi igual a quando mencionei Cambridge – ninguém achava que eu estivesse sendo realista.¹⁴ Foi só quando me tornei candidata pelo Partido Trabalhista em Hackney que as coisas começaram a mudar.

**Eu tinha que cozinhar e liMpar a casa
sozinha enquanto estudava para os
Meus exaMes finais – Meu pai nunca
tinha ouvido falar eM feMinisMo
Moderno. Eu realMente Me
incoModava coM aquele papel.**

Eu não lamento ficar mais velha. Odiava ser chamada de garota quando eu tinha quarenta, cinquenta anos – achava condescendente. Eu me preocupo com a saúde física, mas não me preocupo nada com minha aparência. Realmente penso, contudo, que há um momento em que se fica mais velha e os homens param de olhar para você. Mulheres de meia-idade se tornam invisíveis. Sendo uma figura pública, as pessoas prestam atenção em mim. Mas, quando os homens não sabem quem eu sou, fico invisível diante deles.

Uma das minhas lembranças mais felizes é de quando meu filho foi batizado. A cerimônia aconteceu na capela da Câmara dos Comuns, com toda a minha família. Lembro que estava sentada na capela e Trevor Phillips se aproximou para falar comigo, dizendo: “Normalmente, quando há tantos negros neste lugar, eles chamam a polícia!”. Foi um dia incrível. Jonathan Aitken, para quem eu trabalhei antes de me eleger, foi o padrinho. Ele foi escolhido não só por nos darmos bem, mas achei que ele seria uma boa pessoa para o meu filho ter como padrinho – achava que ele poderia ajudá-lo mais tarde. Contudo, ele acabou sendo preso. Então, de todas as pessoas que eu poderia ter escolhido, ele realmente foi a escolha errada.

Imelda Staunton

Atriz

22 de dezembro de 2008

Com dezesseis anos, eu tinha certeza absoluta de que queria ser atriz. Participei de todas as peças da escola e também fiz teatro fora do colégio com uma inspiradora professora de artes dramáticas. Não havia ansiedade alguma porque eu sabia qual era meu propósito. Sempre fui muito sociável, a palhaça da turma. Comecei a conviver com garotos aos onze anos – fazíamos peças do colégio com os meninos da escola que ficava do outro lado da rua, então não foi difícil colocarmos as mãos neles. Mas, por causa da minha paixão pela atuação, eu não era obcecada pelos meninos e nunca houve qualquer drama com relação a isso.

Se eu encontrasse minha versão mais jovem agora, acho que teríamos muita coisa em comum. Teríamos o mesmo senso de humor, o mesmo grupo de amigos e viveríamos na mesma área de Londres. Mas eu ficaria contente de não ter as espinhas dela.

Não me importava em ser filha única quando era criança, mas, à medida que fui ficando mais velha, tive consciência dos ajustes que eu teria que fazer em circunstâncias que, se eu tivesse irmãos, teriam sido mais fáceis. Eu não tinha o vocabulário emocional que a rivalidade entre irmãos ensina, então tive que aprender que não seria possível conseguir as coisas do meu jeito o tempo todo e saber que, quando os amigos dizem que te odeiam e que te amam num fôlego só, eu não deveria levar isso tão a sério.

Eu era católica não praticante quando tinha quatorze anos. Meus pais são irlandeses e me levavam para a igreja quando eu era pequena, depois me mandaram para um colégio de freiras, mas eles também começaram a deixar de frequentar a missa, então não se importaram muito.

Eu diria para a Imelda adolescente se tornar durona rapidamente, porque se é rejeitada o tempo todo na carreira de atriz. Havia um trabalho que eu realmente queria dois anos atrás, e escrevi para o diretor, coisa que nunca tinha feito na vida antes, mas não consegui o papel. Eu pensei: “Certo, ok, eles não estavam interessados de jeito nenhum”. Mas parte de você pensa: “Mas eu cheguei a este estágio da minha vida – certamente alguém demonstraria interesse, não é?”. Só que não, ninguém ligou. Lembro de querer desesperadamente

trabalhar na Royal Court e de não conseguir o papel. Eu sabia que simplesmente tinha que aceitar qualquer outro trabalho que surgisse. Aprendi a suportar melhor as pancadas da vida, mas na verdade sempre fui muito boa em encarar as críticas.

Eu diria para minha versão mais jovem ter confiança em falhar. Você tem que enfrentar suas próprias batalhas e sobreviver. Acho que a coisa mais importante é ter essa confiança em falhar. Tudo é sempre muito fácil quando se tem sucesso, mas, se você puder fracassar, seguir em frente e aprender com isso, vai ganhar muito mais com essa experiência. Se as coisas não estão bem, elas não serão ruins para sempre; e tudo está bem, não estará bom para sempre.

Adoraria contar para minha versão mais jovem que um dia ela iria conhecer um homem de Yorkshire muito alto, de cabelos escuros e lindo, e que um dia durante um ensaio ele olharia para ela e apenas saberia que queria se casar com ela. Eu iria garantir, ambiciosa do jeito que ela é, que no fim das contas valorizaria mais o casamento do que o trabalho. Quando casamos, decidimos que não fazia sentido sermos casados se ficássemos longe um do outro, então, em vinte e cinco anos, o maior período que passamos longe aconteceu há pouco, por cinco semanas. Alguns casais passam a vida inteira distantes – isso simplesmente não dá certo.

Tenho muito orgulho de não ter perdido nenhum momento enquanto nossa filha Bessie estava crescendo – o pai dela e eu estávamos sempre por perto. Se um de nós não estivesse lá, minha mãe estava, então nunca me senti culpada. Fico muito feliz com relação a isso e tenho muito orgulho dela hoje. Não fomos pais perfeitos, longe disso, mas estávamos sempre presentes.

Eu realizei todos os meus sonhos nos últimos anos. *O Segredo de Vera Drake* foi a experiência mais marcante de todas para mim. É incrível que tantas pessoas tenham adorado o filme e que ele tenha sido um enorme sucesso. Aquele foi o melhor ano da minha carreira.

**Eu diria para Minha versão Mais jovem
ter confiança em falhar. Você tem que
enfrentar suas próprias batalhas e
sobreviver.**

Lord Jeffrey Archer

Escritor

19 de agosto de 2013

Com dezesseis anos, eu vivia no oeste, em Weston-super-Mare, e frequentava um colégio interno numa cidadezinha da redondeza. Em geral, era muito contente. Estava, é claro, fazendo meus exames de admissão, mas tinha mais interesse em correr os cem metros rasos representando a Inglaterra. Trata-se de uma preocupação mais comum entre os garotos do que com as garotas – os meninos dessa idade são mais ligados nos esportes do que nos estudos. Eu não me esforçava o suficiente no colégio, e eu coloco 50% da culpa disso em mim mesmo. Só mais tarde descobri o que era se esforçar de verdade.

Eu tinha uma vida boa, embora eu e minha mãe fôssemos muito pobres – meu pai morreu quando eu tinha onze anos. Ainda lembro quando o capelão da escola veio até minha sala de aula me contar, e é claro que fiquei destruído. Mas minha mãe era uma fortaleza. Ela assumiu tudo e seguiu com a vida. Ela não era de desistir fácil. Eu a adorava e era muito feliz. Podíamos ser pobres, mas, quando se é criança, só conhecemos o que sabemos. Eu não fazia ideia das dificuldades que ela estava enfrentando. Eu me tornei muito próximo dela depois que meu pai morreu, e meu sucesso e o tipo de vida diferente que vieram mais tarde não fizeram diferença alguma para nossa relação. Sempre admirei sua ética de trabalho e a ambição e sempre pensei que, se ela tivesse nascido uma geração depois, teria ido à universidade e levado uma vida bem diferente, talvez como jornalista. Muito, muito mais tarde, consegui dizer obrigado por tudo, comprar uma casa para ela e garantir que ela vivesse confortavelmente.

Fui um adolescente cheio de energia – minha mãe me chamava de “feijão saltitante”. Fizeram bullying comigo quando era pequeno e então comecei a fazer ginástica e atletismo – levava os esportes muito a sério, talvez porque eu não quisesse mais ser ridicularizado. Eu não tinha muita noção para chegar a duvidar de mim mesmo. Acho que a mãe do adolescente Jeffrey ficaria muito surpresa, assim como minha esposa Mary, de que eu tenha me tornado escritor. Eu era muito extrovertido e queria entrar na política – adorava esse lado dinâmico da vida, fazer as coisas acontecerem. Escritores são o extremo oposto

disso tudo. Eles ficam sentados sozinhos numa sala, hora após hora, trabalhando em seus livros.

Estava em Oxford quando tive a ideia de entrar na política. Gostava de falar em público e tinha atitude, então parecia um caminho óbvio. Quanto ao partido, não acho que se possa ter uma um espírito livre e empreender como eu e ser socialista. Já fui descrito como conservador de esquerda, e acho que sou isso mesmo. Talvez eu tenha uma natureza mais independente. Lutei por causas que meu partido não apoiava durante minha vida inteira, e alguns dos políticos que eu mais admirei se colocavam no centro. Eu gostava mais de Harold Wilson do que de Ted Heath quando era membro do parlamento.

Meu eu adolescente era muito ingênuo quanto aos problemas que outras pessoas enfrentavam, e levei anos até me dar conta de que a maioria enfrenta enormes dificuldades. A prisão me ensinou o quanto eu era privilegiado e quantos bons amigos eu tinha. Também me dei conta de como tive sorte de ser um bom contador de histórias, e escrevi três livros na prisão. Quando eu era jovem, realmente pensava que viveria para sempre e que poderia mudar o mundo. Provavelmente cometi alguns erros relacionados à política, mas acertei em outras coisas. Lutei pelos direitos das mulheres minha vida inteira – rezei pedindo que o duque e a duquesa de Cambridge tivessem uma filha para que finalmente uma menina fosse automaticamente a primeira da linha sucessória para o trono. Teria sido um momento marcante para mim, porque lutei por isso durante muitos anos.

Talvez algumas pessoas fiquem chocadas, mas eu não gostaria de voltar atrás e mudar alguma coisa na minha vida. Mesmo quando se comete um erro, daqueles que te fazem chorar compulsivamente, não se passa o resto da vida olhando para trás. Levanta, sacode a poeira e segue em frente. Não há uma alma viva sequer que não queira voltar atrás e mudar algo na sua vida, mas isso é impossível, então devemos encarar os fatos e viver no mundo real!

Meu pior momento foi quando mergulhei em dívidas.¹⁵ Minha esposa era professora universitária em Oxford, éramos uma família de classe média alta de vida confortável e recém havíamos tido nosso segundo filho. Então perdi tudo, incluindo meu emprego. As duas piores coisas na vida são doença e dívidas. Fiquei calado, baixei a cabeça e trabalhei muito para pagar as dívidas – o que levou sete anos. Se eu pudesse voltar atrás, diria ao meu jovem eu para pedir conselhos aos mais velhos. Agora me cerco de pessoas inteligentes e bem-informadas. Se eu tenho um problema, ligo para um especialista e ele me diz o que devo fazer. Mas sempre acreditei em lutar. Mesmo se as coisas estivessem na pior, eu me sentia confiante de que sairia daquilo dentro de três anos. A maior reviravolta foi escrever *Caim* e

Abel em 1979 – isso mudou minha vida completamente.

TaMbém Me dei conta de coMo tive sorte de ser uM boM contador de histórias, e escrevi três livros na prisão.

Quando terminei *Caim e Abel*, os editores começaram a dar lances pelo livro e os americanos compraram os direitos de publicação por US\$ 3.200.000, quando eu ainda estava endividado, e minha vida literalmente mudou da noite para o dia. Uma mulher muito inteligente da editora HarperCollins me disse: “Daqui a um ano este livro será número um em todos os países”. Contei à minha esposa e nos sentamos para refletir: “O que isso realmente quer dizer?”. Então o livro foi lançado no Reino Unido e vendeu um milhão de exemplares na primeira semana. Olhamos um para o outro e eu disse: “Olha, já estivemos no topo e já estivemos no fundo do poço. Vamos simplesmente manter a cabeça baixa e seguir em frente”.

Sou bastante saudável para uma pessoa de setenta e três anos. Ainda vou à academia três vezes por semana e consigo correr 1,5 km em nove minutos. Eu aconselharia os jovens a não fumarem, e digo isso especialmente para as mulheres – vocês vão se arrepender em vinte anos, quando seu rosto estiver todo enrugado. No que me diz respeito, tenho que viver até os setenta e oito anos para cumprir meu contrato, porque ainda tenho três livros para entregar. Embora Dickens tenha morrido no meio de um livro!

John Lithgow

Ator

9 de fevereiro de 2015

Eu era um jovem admirador da estética. Na adolescência, queria ser pintor e era muito criativo. Fazia esculturas em madeira e criei meu próprio negócio de cartões de Natal. Eu era uma mistura curiosa de timidez e extroversão.

Quando eu tinha dezesseis anos, já havia morado em oito lugares diferentes. Já tinha sido várias vezes o garoto novo da escola. Minha família era itinerante, então eu elaborei todo tipo de estratégia para fazer novos amigos. Nós chegamos em Princeton, New Jersey, depois que meu pai conseguiu um emprego no McCarter Theatre. No final do ano fui eleito presidente do conselho estudantil e de alguma forma me tornei um garoto muito popular na escola. Fui escalado para o papel principal numa produção teatral grandiosa, então foi o teatro que deu um grande impulso na minha vida social.

Eu me virei bem, mas não foi um período feliz da minha vida. Estava em estado constante de ansiedade, sempre dando adeus a amigos e chegando a uma nova escola como o “colega novo”. Mas, em retrospecto, vejo que isso me tornou sociável e provavelmente me transformou em ator.

A maioria dos meus heróis eram pintores. Eu idolatrava Norman Rockwell e, quando passei dessa fase, segui para Picasso e os expressionistas abstratos. Eu me tornei um frequentador de museus compulsivo e ainda sou assim.

Eu era um híbrido curioso de americano com inglês. Meu pai era produtor de festivais de Shakespeare, então meus ídolos em atuação eram os cavaleiros – John Gielgud, Laurence Olivier, Alec Guinness e Michael Redgrave. Eu ouvia as gravações de Olivier interpretando Othello, com Robert Stephens como Benedick e Maggie Smith como Beatrice.¹⁶ Eu era um grande anglófono e fui a peças com muitos papéis ingleses.

Não queria ser ator. Atuava nas produções do meu pai quando era criança e interpretei um dos filhos de Nora em *Casa de Bonecas* quando tinha dois anos e meio. Não me lembro de nada, mas me disseram que fui muito bem no papel.

Minha timidez aflorou com o início da minha vida amorosa. Eu era completamente inapto e totalmente inseguro. Meu conselho ao meu eu

adolescente seria só ter mais leveza – e encontrar o cara mais sexualmente ativo do campus para pedir conselhos a ele.

Eu diria ao meu jovem eu para confiar no seu talento. Fui um garoto bem astucioso e me concentrava nos meus projetos, e isso ainda faz parte de mim integralmente. Estou na Broadway com a peça *A Delicate Balance*, com Glenn Close, mas passo o dia escrevendo um conto para incorporá-lo no meu monólogo. Faço apresentações curtas de uma única noite, e elas são totalmente minhas. Não fico esperando ser contratado. Na verdade, este é o conselho que o meu jovem eu me deu – continue criativo e encontre projetos que não dependam de outras pessoas.

Se pudesse pegar Meu jovem eu pela
Mão, diria a ele que fosse paciente –
Mas é Muito difícil dizer a uma pessoa
de vinte anos que ela ainda não é
adulta, principalmente depois da
Minha infância Maluca, que acabou Me
levando a achar que eu tinha
Maturidade. Tive que assumir o
controle da situação inúmeras vezes.

Venho de uma família bastante identificada com a esquerda. Meus pais são democratas, minha irmã mais velha é democrata ferrenha, e essa é minha linha política também, mas raramente sou ativista. Você não vai me ver dando grandes declarações. Minha natureza predominante me leva a evitar conflitos. Eu nunca entro em discussões políticas, porque sofro da maldição de sempre tentar ver todos os lados.

Puxei as ambições do meu pai, que foi meu grande herói. Cresci numa família do teatro clássico, regional, e entendi que esse era o meu futuro. Nunca sonhei que me apresentaria na Broadway, que estaria num filme ou que protagonizaria uma série de televisão, então minha vida tem sido uma série de surpresas maravilhosas. Meu jovem eu teria ficado impressionado e muito orgulhoso da carreira que tive.

Com vinte anos, antecipei a entrada na vida adulta e me casei. Foi um longo casamento, onze anos, e tenho um filho maravilhoso, então tenho que me disciplinar para não considerar isso um erro na minha vida. É uma coisa que me define. Se pudesse pegar meu jovem eu pela

mão, diria a ele que fosse paciente – mas é muito difícil dizer a uma pessoa de vinte anos que ela ainda não é adulta, principalmente depois da minha infância maluca, que acabou me levando a achar que eu tinha maturidade. Tive que assumir o controle da situação inúmeras vezes.

Não me considero uma pessoa corajosa, mas como ator eu vou encarar qualquer coisa. Já interpretei muitas pessoas das quais discordo e sempre sou escalado para interpretar políticos racistas. Quando interpreto um vilão, considero o vilão o herói da história. Sou ator de personagens, o que significa que estou pronto, disposto e sou capaz de interpretar papéis totalmente diferentes de mim mesmo e fazer isso com empatia. Foi por isso que interpretei Roberta Muldoon em *O Mundo Segundo Garp*. Provavelmente meu papel mais famoso, Dick Solomon, de *3rd Rock from the Sun*, era literalmente um alienígena. O que poderia ser mais diferente que isso?

Trabalhei com Robin Williams em *Garp*. Era uma pessoa deslumbrante e notável com quem trabalhar. Falando em aliens, Robin era de outro planeta. Não nos tornamos amigos próximos. Éramos conhecidos, mas raramente eu o via – ele seguiu adiante para o vasto mundo. Em termos de pessoas que me influenciaram na vida, considero aqueles que permaneceram. Um ator maravilhoso de quem vocês nunca ouviram falar, Donald Moffat, imigrante inglês da companhia do meu pai, era um homem humilde mas de grande talento. Desde então, eu me comprometi ao seguinte lema pessoal: “Sempre cultive a humildade, você nunca sabe quando irá precisar dela”.

Aprendi muito com minhas duas esposas. Minha atual esposa já há trinta e três anos tem sido a maior influência da minha vida. Se eu pudesse voltar atrás e reviver um único momento, seria o dia em que a conheci. Foi o auge. Nos apaixonamos um pelo outro instantaneamente. Nunca tinha acontecido comigo antes. Foi um momento único.

Ana Botafogo

Bailarina

19 de junho de 2020

Sou carioca da gema, nasci no Rio de Janeiro, de uma família tradicional, uma das famílias povoadoras da cidade. Meu nome inteiro é Ana Maria Botafogo Gonçalves Fonseca. E o “Botafogo” veio da família da minha mãe.

Meu pai, Ernani Ernesto Fonseca, médico-cirurgião, gostava de esportes e praticava esgrima, e minha mãe, Maria Dulce, sempre gostou de fazer atividade física, tanto ginástica quanto dança. Fomos criados, meu irmão e eu, praticando esportes e também apreciando música e dança. Desde pequenos iniciamos aulas num conservatório de música e foi lá também que aprendi as primeiras noções de balé.

Com meu pai aprendemos desde cedo a importância da disciplina e da resiliência, pois ele sendo médico tinha o respeito e a dedicação a seu ofício como um sacerdócio. Ele pôde exercer este dom de ser plenamente médico. Essa disciplina do médico, essa resiliência, é muito parecida com a do artista-bailarino, e acho que me vi influenciada por isso.

Não tínhamos artistas profissionais na família. Todos gostavam e usufruíam das Artes e foi assim que aprendi a gostar e cada vez mais me dedicar à dança.

Com onze anos, eu pisei pela primeira vez no palco do Teatro Municipal com minha escola de balé, sem imaginar que anos mais tarde eu seria a primeira bailarina daquele teatro.

Dediquei-me muito aos estudos de balé, com o apoio da família, que estava sempre disposta a abdicar de passeios e acompanhar-me nos ensaios e compromissos.

Eu era uma criança tímida, mas sempre muito focada, muito disciplinada no colégio. Eu tinha pouco tempo para estudar em casa, pois o tempo que eu tinha livre eu queria estar no balé.

Se eu encontrasse comigo hoje, e eu sendo adolescente, eu diria: não seja tão rígida com você mesma. Sempre cobre muito de mim desde muito cedo; poderia ter relaxado um pouquinho mais.

A mudança de colégio, as aulas e ensaios na academia de balé foram me soltando, me dando mais confiança e, dessa forma, me tornei menos introvertida, menos tímida, passando a interagir de forma mais intensa e espontânea com meus amigos. A disciplina sempre foi fator

muito importante na vida, e o balé me ensinou isso, mas às vezes acho que me cobre muito por resultados.

Um tempo depois de terminar os estudos do Ensino Médio e entrar na faculdade, eu tive a grande reviravolta na minha vida. Não era ainda bailarina profissional. Tive a oportunidade de viajar para a França para estudar na prestigiosa Sorbonne, no curso de Língua e Civilização Francesas. No Brasil, tranquei minha faculdade de Letras e sonhava, além de estudar na Sorbonne, aperfeiçoar-me no balé.

Ir para a França me abriu os olhos, me despertou para o mundo. Lembro-me da preparação da viagem, da alegria e da agonia por ser a primeira viagem que eu faria sozinha na vida. Eu nunca tinha viajado para a Europa. Foi desafiador e foi um desabrochar.

Em Paris, houve uma audição, um teste para uma companhia francesa, e, estimulada pela minha professora de balé na França, fiz minha inscrição. Receosa, por ser meu primeiro desafio na carreira, mas confiante de que poderia ser uma gratificante experiência. Fui aprovada e saí de lá com um contrato para assinar. Minha vida mudou.

Eu queria gritar de felicidade. Era meu primeiro contrato profissional. Telefonei para meus pais para comunicar o convite, dizendo que era uma chance muito grande na minha vida e como eu estava animada, imaginando ser exatamente o que eu precisava naquele momento. Eu estava muito decidida, mas no fundo eu tinha muito medo – mas, quando se é jovem, é preciso ousar.

Aqui eu diria para aquela jovem: vá em frente, tente, ouse. Não tenha medo de testar e até de errar, mas é preciso experimentar. Eu ouvi minha intuição e o encorajamento de meus pais. Eles perceberam que seria a chance da minha vida. Até podia não dar certo e voltar, mas eu tinha que testar. Hoje eu tenho orgulho de ter ousado, valeu pela minha vida. A partir do primeiro dia de trabalho, percebi que eu queria estar nessa profissão e me dedicar a ela. Foi o que eu fiz – entrei de corpo e alma e é o que eu faço há quarenta anos.

Não me arrependo de nada que fiz e imagino que este seria o conselho que hoje eu daria a mim mesma mais jovem.

**Se eu encontrasse coMigo hoje, e eu
sendo adolescente, eu diria: não seja
tão rígida coM você MesMa.**

Não desista. Vá. Mesmo com medo, enfrente! Você tem que ser independente, tem que buscar seu lugar ao sol. Enfrente, eu diria para mim mesma. Porque o medo pode paralisar você. No Rio eu era uma estudante de Letras, pensava em ser tradutora ou intérprete, ia ter

uma profissão burocrática, e assim seria minha vida. Só que eu encontrei minha felicidade, sem nem imaginar, numa outra esquina da vida.

Sabemos que a vida de qualquer um tem altos e baixos, portas abertas e fechadas. Minha vida foi feita de oportunidades e de procura. Altos e baixos e muitos desafios. Eu procurei as oportunidades até chegar ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro como primeira bailarina, onde estou até hoje. Busquei coerência em minhas atitudes e tinha a convicção de que respeito e caráter deveriam andar juntos sempre. Nunca deixei de ter desafios, de ser desafiada por coreógrafos e diretores novos; sempre me estimulei a conquistá-los com meu trabalho.

A gente tem que ter foco, tem que querer muito algo e, para conseguir, não basta só sonhar. Sempre busquei o meu lugar e o reconhecimento do que fazia.

Eu me casei aos trinta anos, o que poderia ser considerado tarde para minha época, mas antes de fazer isso eu lutei pelos meus sonhos e pude entrar num relacionamento muito mais realizada.

Persiga seus sonhos, mas viva a vida – seria mais um conselho que diria para mim.

Porque às vezes nós (os artistas) esquecemos um pouco da vida para só viver aquele aperfeiçoamento do dia a dia, muito centrado no treinamento.

Não deixe nunca de viver e conviver intensamente com sua família e amigos. Não deixe de ter seus amigos, sua convivência, as companhias alegres e felizes que sempre lhe proporcionam momentos de carinho e apoio. Os relacionamentos pessoais podem mudar, mas os amigos estarão lá, fiéis para sempre. Você é quem é pelas experiências que passou, profissional e pessoalmente. E eu tenho todas essas marcas e sou feliz!

Capítulo 4

INSPIRAÇÃO

Arcebispo Desmond Tutu

Clérigo

5 de dezembro de 2011

Na adolescência, eu era parecido com a minha mãe – atarracado com um nariz grande. Ela não tinha muito estudo, mas era uma pessoa maravilhosa, misericordiosa e gentil. Sempre quis me parecer com ela nesse sentido. Era o único menino da família, com duas irmãs, uma mais velha e outra mais nova. Eu tinha uma saúde delicada. Na verdade, com dezesseis anos eu caí de cama com tuberculose e fiquei no hospital por vinte meses. Então, talvez eu tenha sido mimado em casa depois disso.

Nos divertíamos muito em família. Eu fazia alguns serviços em casa, como buscar água e fazer chá para os adultos. Eu gostava de ler. Meu pai era o diretor da nossa escola e nos encorajava a ler. Ele me deixava ler gibis – *Superman, Batman & Robin* – o que não era muito comum, já que geralmente a maioria dos professores não gostava que lêssemos revistas em quadrinhos. Isso alimentou meu apetite por leitura, e eu continuei a gostar de ler depois de adulto. Mas eu não era um rato de biblioteca, já que também gostava de brincar. Tínhamos tretas com os garotos brancos, porque nós morávamos numa área segregada e havia certa hostilidade entre as raças – a tendência era estarmos sempre em desvantagem.

Acho que eu gostaria bastante do Desmond adolescente se o encontrasse hoje – ele era bem divertido. Provavelmente eu era bastante inteligente na aula, e tinha alguns amigos especiais. Um se tornou editor de uma importante revista sul-africana, a *Drum*. Nós gostávamos de jogar futebol com bolinhas de tênis. Eu tinha muitos amigos e uma ou duas namoradinhas!

Deus tem um senso de humor peculiar. Desde cedo eu queria ser médico, e com dezesseis anos estava ainda mais determinado porque peguei tuberculose e queria encontrar uma cura para tal flagelo. Eu teria ido ao céu para entrar na escola de medicina, mas os negros na época não tinham muita escolha. Por exemplo, não se podia ser engenheiro, piloto, nem mesmo maquinista de trem – essas profissões eram reservadas para os brancos. É por isso que eu digo que Deus deve ter um bom senso de humor. Com muita frequência, quando estou sentado em meio a chefes de Estado em seus escritórios e residências imponentes, tenho que me beliscar e dizer: “Ei, este é o

filho de uma área segregada – olha só onde ele está agora!”. Nunca, nem nos meus sonhos mais loucos eu imaginava que estaríamos onde estamos hoje.

Apesar da minha vontade de me tornar médico, não pude conseguir uma vaga na escola de medicina porque minha família não podia pagar o curso. Então fui estudar para ser professor. Eu gostava de ensinar até que o governo do *apartheid* introduziu a educação Bantu, um sistema deliberadamente inferior pensado para preparar as crianças negras para a servidão perpétua. Leah, minha esposa, e eu pedimos demissão. Ela foi estudar para se tornar enfermeira, mas eu não tinha muitas opções e posso até dizer que me tornei sacerdote por falta de opção. No entanto, por ter crescido numa família cristã, isso significou que talvez eu tenha absorvido certas coisas inconscientemente.

Fui influenciado por algumas pessoas incríveis e também pela minha mãe, a mais importante influência de todas. O primeiro sacerdote anglicano que conheci era um homem incrível, o padre Zachariah Sekgaphane. Posso até estar idealizando sua figura, mas realmente não lembro de tê-lo visto bravo alguma vez. Quando ele saía para fazer a missa nas fazendas, geralmente era tratado como um grande chefe. Ele também tinha sua própria cabana e serviam para ele um banquete suntuoso depois da celebração. Lembro que ele nunca se sentava para comer nessas ocasiões sem ter certeza de que nós, meros mortais, também tínhamos o que comer. Olhando para trás, acho que eu queria ser igual a ele por se importar com quem não era importante.

Outra influência significativa para mim foi Trevor Huddleston.¹⁷ Durante os vinte meses em que estive internado no hospital com tuberculose, ele realmente foi maravilhoso, me visitava toda semana ou mandava alguém me ver. O que isso fez pela minha autoestima foi incalculável – era impressionante que aquele padre branco tirasse um tempo regularmente para visitar um zé-ninguém negro. Eu tenho tentado, penso eu, imitá-lo no que diz respeito à sua preocupação com a justiça e em lutar pelos oprimidos – ele fez com que eu me sentisse importante e reconhecido.

Que surpresa foi para Leah e para MiM serMos tratados cordialMente coMo seres huManos.

Meu eu adolescente ficaria impressionado em ouvir falar sobre minha primeira visita à Grã-Bretanha em 1962. Que surpresa foi para Leah e para mim sermos tratados cordialmente como seres humanos.

Ficamos pasmos quando um policial em Londres se dirigiu educadamente a nós como “senhora” e “senhor”. Para nós, era algo completamente inédito poder abordar um policial – branco – para pedir direções. Fazíamos isso até mesmo quando sabíamos para onde estávamos indo, apenas para saborear o momento de sermos chamados de senhor e senhora!

Quando se está certo, como estávamos ao nos opormos ao *apartheid*, é fácil achar que se tem superioridade moral. Eu dependo do amor e das orações de muitas pessoas e, quando o tamanho do meu ego cresce em demasia, Leah e meus filhos não perdem tempo em me colocar de volta no meu lugar. Leah tem um mural de recados que ficava no nosso quarto onde se lia: “Você tem o direito de estar errado!”. Mas, falando sério, acho que eu era mais saliente do que eu precisava, esquecendo que pegamos mais moscas com mel do que com vinagre. Talvez eu pudesse ter conquistado mais brancos se tivesse adotado um tom mais conciliatório.

A Igreja Anglicana é como qualquer outra denominação. É a igreja de Deus e no fim de tudo nada vai se sobrepor ao verdadeiro ensinamento. Vamos recuperar nossa verdadeira vocação como servidores do Reino, lembrando que nós existimos em essência para avançar no reino de Deus de honradez, amor, compaixão e gentileza para estarmos ao lado dos pobres, dos famintos e dos desprezados, exatamente onde nosso Senhor e Mestre estava e está.

Meu jovem eu tinha sonhos, mas o que aconteceu em nossas vidas e nas vidas de todos que foram oprimidos e agora estão livres superou tudo que sonhávamos. E, num sentido real, todos nós – negros e brancos, desprivilegiados e privilegiados, oprimidos e opressores, por vontade própria ou contra a vontade –, todos nós hoje estamos livres. A África do Sul, a lagarta repulsiva, tornou-se uma bela borboleta que pode sediar uma das mais bem-sucedidas Copas do Mundo da história. Nossa linda terra, que foi pária internacional, se metamorfoseou.

Sir Michael Palin

Comediante e escritor

31 de agosto de 2015

Quando eu tinha dezesseis anos, passava a maior parte do tempo longe de casa numa escola pública em Shrewsbury. Fiquei lá dois anos, então superei a fase em que se é tratado como o pior dos piores. Praticava um pouco de esporte, remava bastante no rio Severn e ficava com bolhas horríveis no traseiro. Eu estava me adaptando. As pessoas gostavam de mim porque eu as fazia rir. Alguns professores talvez percebessem certo brilho nos olhos, um descaramento de que eles gostavam. Eu tinha uma natureza acomodada e a tendência, ainda presente, de ver o melhor das pessoas. Era deliberadamente acessível porque sou muito curioso com relação às pessoas.

Com dezesseis anos, todo mundo está de olho nas garotas, e eu tive muita sorte. Quando estava de férias com meus pais em Suffolk, coloquei os olhos num grupo de garotas indo nadar no frio Mar do Norte, conduzidas por uma figura masculina que caminhava a passos largos às quinze para as oito da manhã. Havia três garotas tentando fazer o melhor que podiam naquela situação, e uma quarta que não parecia nada feliz com aquilo tudo e caminhava contrariada, com um olhar rebelde e maravilhoso. E eu pensei: “Ela é demais – gostei dela”. Meu amigo Richard criou uma situação em que eu atirava a bola para ele em direção ao mar, mas errava deliberadamente o arremesso atingindo em cheio as garotas, e deu certo! Fiquei com ela naquele verão, e nós tivemos nosso pequeno romance de veraneio. Foi a primeira vez que vi Helen, e a nossa festa de Bodas de Ouro será no ano que vem.

O adolescente Michael ficaria impressionado com o fato de que o garoto que ficava assistindo programas de comédia na TV iria crescer e ele próprio escreveria algumas daquelas piadas. Nasci e me criei em Sheffield – nem de longe o centro cultural do mundo. Eu e meus amigos costumávamos olhar os nomes dos roteiristas quando os créditos passavam na tela – a ideia de que um dia eu realmente iria conhecer Spike Milligan e me tornar amigo dele teria sido inconcebível.

Não acho que mudei muito. Se eu encontrasse meu eu adolescente hoje, nossa conversa seria sobre coisas que nos fazem rir. Se eu estivesse procurando uma comédia moderna de que ele gostaria, acho

que indicaria *Alan Partridge and The Fast Show* – ele adoraria o modo como as piadas são ditas. E ele gostaria de Vic Reeves e Bob Mortimer – o besteirol, a criatividade e a imaginação. Eu procuraria pelo espírito real do jovem Michael borbulhando sob o convencional respeitador de regras. Gostaria de encontrar o rebelde que havia nele. Se eu tivesse que mostrar a ele trechos de Monty Python, não creio que ele gostaria das minhas cenas. Ele talvez ficasse um pouco envergonhado com elas. Assim como eu, ele acharia Cleese hilário. Provavelmente diria para mim: “Sim, você até que é engraçado, mas claramente o grande nome do show é Cleese”.

Eu tinha uma natureza acomodada e a tendência, ainda presente, de ver o Melhor das pessoas.

Conheci John Cleese quando ele participou de *The Frost Report*, em 1965. Lembro claramente que andava atrás dele a caminho do restaurante onde nós todos iríamos comer, o Shepherd’s Bush. John andava ao lado de Terry Jones, e ele de repente estendeu o braço e simplesmente empurrou Terry sobre o muro e ele acabou caindo no jardim de alguém. Foi um momento maravilhoso. Pensei: “Tá aí alguém que eu realmente preciso conhecer”. Provavelmente fiquei com medo dele no começo – ele era muito alto e tão, mas tão bom no que fazia. Pensava que John pertencia a outro nível e não achava que algum dia pudéssemos trabalhar juntos. Mas, quando ele deu origem ao Python, telefonou para mim e pediu que eu também chamasse outras pessoas.

Todos os Pythons vêm de províncias. Nenhum de nós estava seguindo carreira para fazer o que fizemos. Nossos pais eram policiais, corretores de seguros, metalúrgicos. Invejávamos a facilidade com que a galera metropolitana controlava tudo, mas estávamos determinados a ter uma nova abordagem. Criticávamos tudo que fosse *mainstream* e baseado em Londres, e tudo era baseado em Londres. Não fomos os primeiros – Peter Cook e Dudley Moore com *Beyond the Fringe* talvez tenham sido ainda mais importantes que *The Goon Show* nesse sentido.

Perceber que Monty Python estava chegando ao fim foi muito difícil. Depois da terceira temporada, John decidiu sair, e havia dois sentimentos em mim. Um era: “Ah, Deus, como vamos ganhar dinheiro?”. O outro era que talvez John estivesse certo – talvez estivéssemos perdendo a originalidade. A luz que havia brilhado tão forte estava enfraquecendo. John Cleese foi o primeiro a se dar conta de que o material já não era mais tão bom. Foi uma época difícil.

À medida que você vai se tornando mais popular, você se dá conta

de que há pessoas que gostam do que você faz e se sente responsável por elas. Quando começamos a fazer os programas do Python, eu não tinha certeza de que estava criando um público para Michael Palin. Eu não sentia esse laço de confiança com os telespectadores. Mas, mais tarde, depois que fiz *Ripping Yarns* e programas de viagem, criei outro programa, *Palin's Column*, que não deu certo, e eu tinha plena consciência de que havia decepcionado meu público. Não creio que algum dia eu vá recuperar aquela liberdade que havia no início. Aqueles primeiros anos em que eu escrevia comédia depois da universidade, quando eu simplesmente escrevia o máximo que podia e tentava de tudo. Era na base do erro e acerto, mas havia uma sensação de “Vamos fazer e pronto!”.

Os anos 1960 foram uma boa época para escrever sátiras – o *establishment* estava claramente bem definido, então era fácil tirar sarro daquilo. Hoje dizem que vale tudo, que há espaço para todos, então onde o humor satírico vai encontrar seu lugar? Quem são as pessoas que você está tentando ridicularizar? Acho que a alegria sumiu da comédia. Talvez tenhamos perdido a direção – talvez não consigamos ver que as pessoas que deveríamos estar ridicularizando são aqueles caras que comandam as empresas de alta tecnologia que nos dizem que podemos falar o que quisermos na nova cultura, utópica e calcada na internet. Porque o que nós estamos fazendo de verdade é garantir que, não importa o que estejamos fazendo, eles estão ganhando muito dinheiro com isso, e é por isso que eu valorizo a BBC. São tempos assustadores e tudo está à venda. Assistimos ao triunfo do marketing em todas as áreas, dos ônibus vermelhos aos campos de críquete.

Se eu pudesse voltar atrás a algum ponto da minha vida, voltaria para um dia durante meus anos de escola. No final das contas, me tornei muito bom no remo e nosso time venceu a regata. Eu lembro de ter ficado muito nervoso na noite anterior e, quando saímos para a água num dia ensolarado, olhei para os outros barcos ao nosso lado e tudo simplesmente deu certo. Foi uma sensação incrível, fantástica. Tomei uma das minhas primeiras cervejas numa barraca depois da prova. E nada nunca teve um gosto tão bom desde então.

Tim Peake

Astronauta

16 de outubro de 2017

Com dezesseis anos, eu vivia num pequeno vilarejo rural em West Sussex e todos os meus pensamentos se voltavam para ser cadete. Eu adorava aquilo. Havia uma seção do exército e outra da aeronáutica. Adorava estar na seção do exército e todas as atividades de aventura ao ar livre nos finais de semana: acampar, fazer trilhas nas montanhas, escalar. Mas eu era apaixonado por aviação, então tentava me infiltrar com o pessoal da aeronáutica sempre que possível, entrar num avião e voar de planador ou numa aeronave de treinamento de apenas um lugar. Isso tomava a maior parte do meu tempo fora da escola.

Em várias fases sofri da costumeira angústia adolescente. Eu me preocupava com os trabalhos de escola – não era um aluno muito brilhante e não estava entre os melhores da turma, então o colégio sempre exigiu muito de mim. Depois cheguei a uma espécie de encruzilhada quando fiz dezoito anos. Estava prestes a entrar na universidade quando me ofereceram uma vaga em Sandhurst. Pensei muito sobre isso, então decidi ir direto a Sandhurst e começar a voar. Eu mal podia conter a emoção. Acho agora que, se eu não tivesse começado minha carreira na aviação tão cedo, provavelmente não teria a experiência operacional como piloto de testes, que se tornou a chave para eu me tornar um astronauta.

Eu era dolorosamente tímido com garotas e provavelmente ainda sou. A ideia de convidar uma garota para sair me apavorava – muito mais assustador do que ir para o espaço. Eu tive uma ou outra namorada, mas nunca foi uma experiência fácil, e levei meses para ter coragem e convidar alguém para sair. Então aconteceu uma coisa que partiu meu coração em pedaços: uma das minhas primeiras namoradas teve leucemia e morreu com vinte e um anos. Ela era muito mais do que minha namoradinha – ela morava na minha rua e nós fomos amigos a vida inteira. Foi muito duro perder uma amiga tão próxima e tão jovem, e ter que encarar isso e todas as emoções que um acontecimento desses desperta.

O que é bastante surpreendente é que não há histórico de militares na minha família. Meu pai era jornalista e minha mãe parteira. Meus dois avós estavam no exército na Segunda Guerra Mundial, mas não

eram homens de carreira militar. Então não faço ideia de onde veio meu interesse precoce pelo exército e pela aviação. Meu pai costumava me levar para assistir a shows aéreos – é a única coisa sobre a qual consigo pensar. Eu assistia a demonstrações fantásticas naqueles shows e ficava maravilhado com a engenharia. Adorava construir e testar aeronaves em miniatura; eu comprei um kit e achei que podia projetar e construir melhor minha própria miniatura, então passei muitas horas fazendo experiências.

Ainda consigo lembrar meu primeiro voo. Eu tinha cerca de treze anos e foi numa aeronave Chipmunk. Lembro a sensação de avançar sacolejando pelo gramado, depois acelerar, e então a suavidade enquanto a aeronave decolava. Foi arrebatador estar no controle, sentindo a máquina responder aos meus comandos. Eu sempre soube o que queria fazer da vida. Acho que tive muita sorte nesse sentido, ver meus amigos realmente confusos, se perguntando o que deveriam estudar, o que queriam fazer. Para mim, a força aérea se colocava como um feixe de luz, uma rota a seguir.

A vida ficou mais complicada depois que ingressei na Agência Espacial, porque foi quando minha esposa e eu tivemos nosso primeiro filho. Para mim, tornar-me pai foi uma experiência mais transformadora do que ir para o espaço – é o tipo de coisa que muda completamente sua visão de mundo e sua perspectiva. Se eu fosse mais jovem e não tivesse filhos, ficar na Estação Espacial Internacional não teria sido problema algum. E eu realmente deixei meu emprego dos sonhos como piloto para estar numa situação onde absolutamente não havia garantias de que eu seria escolhido para uma missão. Era um risco, mas deu certo.

A coisa mais difícil em relação a viver na Estação Espacial por seis meses é a sensação de impotência total. Se alguma coisa acontecesse com a minha família na Terra, eu não poderia estar lá para ajudar. Não é como se você não tivesse contato algum com eles – podia ligar todos os dias para casa se eu quisesse e fazer uma chamada de vídeo por semana. E seis meses é o mesmo tempo que se passa longe quando se está no exército em missão em outro país. Mas o que achei difícil foi a ideia de que eu não estava numa posição na qual, se minha família precisasse de mim, eu pudesse estar lá com eles.

Para MiM, tornar-Me pai foi uMa experiência Mais transforMadora do que ir para o espaço.

Para mim, a estação espacial nunca foi um lugar solitário. É um lugar incrivelmente movimentado, com muitas coisas para fazer, que

sempre te mantém motivado e com energia, então o tempo passa muito rápido. Você realmente se sente distante, mas não é a mesma coisa que se sentir solitário. Há plena consciência de ter sido muito bem-sucedido em ficar longe de tudo. Você deixou o planeta, mas isso também traz uma sensação de paz e de tranquilidade. A música pode ser muito poderosa e evocar emoções fortes, então eu tinha muito cuidado em não escutar nada muito emotivo. Eu ouvia rock bem agitado enquanto me exercitava.

Ter me tornado bastante conhecido teria sido uma ideia chocante para o jovem Tim. Na carreira militar, somos acostumados a nos manter comedidos, de modo que acabamos tendo uma total aversão a isso. Quando você se torna um embaixador e interage com todos os tipos de pessoas e fala em público, parece estranho. Eu ficava muito nervoso no começo, mas depois comecei a gostar. Adoro contar histórias sobre a missão – foi uma ótima experiência e gosto de falar sobre ela.

O Tim de dezesseis anos ficaria maravilhado, chocado e contente se eu contasse que ele acabaria indo para o espaço. Ele adorava astronomia e ficava olhando as estrelas. E eu sempre questionava as coisas, todas as grandes perguntas sobre o universo, a origem da vida e da luz. Mas eu não queria que ele soubesse com antecedência – é uma perspectiva assustadora e acho que isso mudaria a percepção dele sobre a vida. Eu curti a jornada que tive e nunca olhava muito adiante.

O momento que eu gostaria de viver novamente foi quando eu tinha vinte e um anos. Eu tinha passado pelo cansativo processo de seleção para me tornar piloto – os exames médicos, as entrevistas e o treinamento de voo. Foi um processo muito duro, principalmente para um jovem rapaz. Depois ainda tem que esperar para ver se a força aérea vai te aceitar. Fui chamado para entrar num gabinete e me sentar em frente ao instrutor de voo principal. Eu tinha visto algumas pessoas saírem antes de mim, alguns muito felizes e outros muito desapontados. O instrutor era um homem de poucas palavras, bem ao estilo militar. Ele simplesmente me disse: “Muito bem, Peake, você está dentro”.

Viggo Mortensen

Ator

25 de março de 2013

Lembro o meu primeiro ano de colégio, quando minha família se mudou da Argentina para os Estados Unidos. Eles tinham este costume de manhã: fazer o juramento à bandeira. Eu não sabia as palavras e apenas ficava murmurando. A professora disse: “Ei, você – você não sabe o juramento!”. Aquilo foi constrangedor. Depois de alguns dias, eu me dei conta de que era “Liberdade e justiça para todos”. É isso. Agora eu sei.

Todos os dias, antes de começar a aula, os garotos se reuniam do lado de fora numa calçada coberta de relva. Naquela idade, as crianças se dividiam em grupos de meninas e de meninos – não adiantava nada ser você mesmo. Eu ficava perto dos grupos de meninos, então parecia, principalmente para as meninas, que eu não estava sozinho. Eu não havia me criado com aqueles garotos, então era um alienígena – era assim que eu me sentia.

Eu não tinha intenção alguma de ser ator. Sempre fui bastante feliz estando sozinho e fui um adolescente que ficava sempre na minha, quieto, vivendo no meu próprio mundo. Realmente não era de sair por aí destruindo propriedades – quero dizer, cometi algumas contravenções, como jogar bolas de neve nas viaturas de polícia, mas poucas vezes. Nunca tive problemas com animais de qualquer espécie e não me importava em me perder por aí, mas evitava aglomerações. Atuar era a última coisa que eu pensaria em fazer.

Meus ídolos eram os exploradores, os heróis da Grécia antiga ou caubóis como Martín Fierro.¹⁸ Acima de tudo, estavam os jogadores do time de futebol San Lorenzo. Sempre tive essa ligação com os exploradores, pessoas que iam até lugares onde outros jamais estiveram e que tentaram fazer coisas que ninguém mais havia tentado. Se eu tivesse dezesseis anos agora, eu estaria bastante interessado naquele cara do *skydiving*, Felix Baumgartner.

Eu queria aprender atuação como habilidade prática – gostava de filmes e desde que era muito pequeno minha mãe sempre me levava ao cinema. Nos primeiros anos que tentei seguir a carreira de ator, eu não parava de fazer testes e me dedicava bastante, mas sempre outra pessoa ficava com o papel principal num filme. Contudo, eu não desistia. Durante muitos anos, não precisei lidar com tudo que envolve

ser protagonista de um filme, então eu aprendia o ofício mas não tinha que ir a *premières*, o que provavelmente parecia uma coisa boa para mim.

Se uma garota gostasse de mim, ficava assustado – como eu não era muito afeito a festas e interação social, eu era desajeitado e não sabia como interagir. Costumava usar a parte de cima do pijama como camisa porque era confortável – penso que as pessoas achavam isso muito estranho. Houve uma época em que cheguei a usar boina, mas isso foi no tempo em que eu era hippie. Eu tinha quatorze ou quinze anos, um cabelo muito comprido e uma boina com pena de faisão presa na ponta. Com a chegada da adolescência, eu me tornei um pouco mais impulsivo. Sempre que eu tinha uma namorada, achava que ficaria com aquela pessoa para sempre. As três coisas mais importantes que eu diria ao meu jovem eu seriam: se apaixone, tenha um filho e viaje.

As três coisas Mais importantes que eu diria ao Meu jovem eu seriaM: se apaixone, tenha uM filho e viaje.

Há alguma coisa que definitivamente eu deveria ter evitado quando era adolescente? Usar drogas, não que eu fosse usuário. Na verdade, risque isso porque eu não desaprovo totalmente. É claro que tenho arrependimentos sobre coisas que fiz e coisas que não fiz, mesmo depois de adulto, mas acho que é assim para todo mundo. Aos poucos, aprendi a viver mais no presente, a aprender coisas e a seguir em frente. Se não for assim, você fica maluco.

Marcelo Gleiser

Físico e escritor

9 de outubro de 2020

Aos dezesseis anos, estava cursando o que em 1975 ainda se chamava científico, um ano antes do vestibular. Garoto do Rio, crescendo em Copacabana, jogando vôlei, tocando violão (clássico), lendo um pouco de tudo, de Fernando Pessoa e Edgar Allan Poe à autobiografia de Einstein. Era um pouco nerd? Talvez sim, mas um nerd cool. Cabelo longo, namoradas, ora partindo corações, ora tendo o meu estilhaçado. Romântico e ultrassensível, fantasiava a vida, sofria com a violação da Natureza à minha volta, as florestas cortadas, os túneis comendo montanhas, o lixo nas ruas, o mar poluído. Olhava o mundo, a violência urbana, a corrupção política, problemas na família, e queria inventar um outro mundo, abstrato, distante, perfeito, refletindo a ordem que via nos céus, na beleza das estrelas, do Sol, da Lua. Deveria haver um segredo, uma chave que abriria uma nova porta para a humanidade, escondida em algum canto do Universo.

Meu jovem eu, você sofreu cedo demais. Nenhuma criança de seis anos merece perder a mãe, viver o vazio dessa ausência. Sim, muito amor te foi dado, pelo nosso pai, pela Léa, nossa querida madrastra (que palavra horrível essa!), nossos irmãos, avôs, primos, e por alguns amigos que foram mudando com o tempo, fora um que é irmão até hoje, o Mauro. O tempo, esse eterno mistério, com sua gana de passar, de transformar tudo, virou o ponto fixo da sua existência cedo demais. Você lembra, com certeza melhor do que eu hoje, da nossa crise existencial aos quatorze anos, a depressão que batia na porta, nos espreitava pelas janelas, esperando o momento de atacar. Fantasmas, vampiros, filmes de terror, o medo que a gente tinha da escuridão, o medo da perda, da solidão.

Mas, cara, você se salvou. Na bifurcação entre as trevas e a luz, você escolheu o caminho da luz. Por isso, sou-lhe profundamente grato. Não estaria aqui sem você ter sido o adolescente que foi. Muita coragem a sua de encarar os desafios que a vida foi trazendo, de tomar decisões que iam contra os que não acreditavam em você. Tudo o que você fez, jogar vôlei, tocar violão, os estudos, você fez batalhando muito. Nada veio de graça, nada veio fácil. Seus dois irmãos mais velhos eram os melhores alunos, a tradição da família de gênios era

um fardo que você carregava nos ombros desde pequeno. E a batalha com a matemática no Ensino Fundamental... Pois é, né? Quem diria, conhecendo o Marcelo de hoje, que ele penou para dominar as equações, os conceitos geométricos, a magia dos números.

Foi apenas quando você entendeu que a matemática é a língua com que a ciência conversa com a Natureza – o dialeto que poderia abrir as portas para os mistérios do Universo, da existência, do tempo – que tudo mudou. Se não vinha fácil, que viesse com o suor da dedicação, da perseverança, da convicção de que é possível ser muito mais do que imaginamos, mesmo sem saber qual caminho vamos seguir.

**Foi apenas quando você entendeu que
a Matemática é a língua com que a
ciência conversa com a Natureza – o
dialeto que poderia abrir as portas para
os Mistérios do Universo, da existência,
do tempo – que tudo Mudou.**

Confusão faz parte. Na hora, perdidos, não nos damos conta disso; mas, depois, faz todo o sentido. Confusão demanda iniciativa, demanda a coragem de arriscar. A alternativa é a apatia, o tédio, às vezes até a autodestruição. Fazer Física? Será? “Não, Marcelo, o Brasil precisa de engenheiros!”, disse meu pai na hora do vestibular. Cedi e acabei fazendo vestibular para Engenharia Química, passando para a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Que estresse que foi isso tudo!

Mas tinha minha música, meus amigos, as festas, os romances que se seguiam, inspirados por uma perfeição que só existia na sua imaginação. Talvez você tenha confundido o vazio deixado pela sua mãe com as moças que você namorou, achando que essas conquistas, esses afetos todos, fossem tapar um buraco emocional completamente diferente. Peço desculpas aos corações que quebrei na minha pressa de querer viver a relação ideal, a que seria para sempre. Te digo agora que é cedo demais, jovem eu, para querer intensificar tanto essas emoções que você mal compreende. Você leva tudo muito a sério, sempre aquela dedicação total, sem descanso. Essa sua alma obcecada pela vontade de viver sempre precisa entender que, às vezes, a essência da vida está em contemplar o mundo, sem a pressa de querer fazer. Mas a verdade é que esse equilíbrio precisa de tempo para maturar. Adolescente tem mais é que ser intenso mesmo.

Lembra da história das duas rãzinhas que nosso pai contava quando

éramos pequenos? Era mais ou menos assim: “Duas rãzinhas caem num balde cheio de leite. A primeira bate um pouco as patinhas, se cansa e logo desiste, se afogando. A segunda bate as patinhas sem parar e continua batendo, batendo, até que o leite vira manteiga e ela pula para fora do balde, feliz da vida”. Assim que terminava, papai olhava bem nos nossos olhos e perguntava: “E você, Marcelo, que rãzinha você vai ser na vida?”. Acho que a gente nunca parou de bater as patinhas.

Ainda bem. Foi essa sua intensidade emocional toda que me fez ser quem eu sou hoje, caramba, quarenta e cinco anos mais tarde. As paixões enlouquecidas, fazer escalas no violão até os dedos sangrarem, jogar vôlei até não conseguir ficar mais em pé, estudar matemática até a cabeça explodir, ler, ler, querer aprender sempre, ter a humildade de saber que pouco sabemos, que para entrar de verdade nos mistérios da Natureza temos que ter a devoção de um crente e a perseverança de um atleta olímpico. Temos que saber que podemos muito mais do que achamos que podemos, que os obstáculos que encontramos na vida não são o fim da estrada, mas convites para nos superar, para crescer, para expandir nossos horizontes.

Hoje, vejo a sorte que tive de ter você como meu jovem eu, mesmo que nada disso faça sentido para você aos dezesseis anos. Essa é uma carta de agradecimento. Nostálgica, claro, mas de agradecimento mesmo, por você ter tido a coragem de não sucumbir à sedução das trevas, por ter tido a coragem de abraçar a luz e percorrer o caminho definido pelas suas escolhas, buscando sempre a sua “pró-cura”, entendendo, sem entender, que a vida é o que temos de mais precioso, e que o tempo, afinal, pode ser mais parceiro do que ladrão.

E sabe de uma coisa? Que privilégio poder te escrever agora, passados todos esses anos. As memórias que tenho, a história do que vai acontecer contigo nos próximos quarenta e cinco anos, são a prova de que você escolheu do jeito certo, sem ter deixado que o medo do fracasso te paralisasse, fazendo você virar alguém que não queria ser. Posso te dizer que seu amor pela Natureza, sua confiança na humanidade e seu otimismo com relação à vida serão as bandeiras da sua existência, as lições – nem sempre fáceis – que você vai aprender e ensinar para tanta gente, celebrando a cada dia o tempo que a vida nos dá neste planeta.

Capítulo 5

FAMÍLIA

Chelsea Clinton

Escritora

20 de agosto de 2018

Sem dúvida alguma, eu era uma nerd com dezesseis anos. Estava preocupada com leituras e estudos. Também ia para o balé todos os dias depois da escola e levava a dança muito a sério. Lembro claramente a minha mãe entrando no meu quarto à noite e me dizendo que eu não deveria estar fazendo as tarefas – eu deveria ter saído com os meus amigos e precisava de um pouco mais de equilíbrio na minha vida. Ela estava totalmente certa, é claro. Mas eu era muito curiosa e adorava a escola.

Gostaria de voltar atrás e tranquilizar a Chelsea de dezesseis anos, de mudança de Little Rock, em Arkansas, para a Casa Branca, muito preocupada que nunca faria novos amigos. Minhas duas melhores amigas, ambas chamadas Elizabeth, vieram passar uma semana e pouco conosco durante aqueles primeiros meses. E pela primeira vez na vida meus pais permitiram que eu tivesse um telefone no meu quarto para que pudesse ligar para minhas amigas sempre que quisesse. Quando não estava fazendo os trabalhos de colégio ou nas aulas de balé, eu estava no telefone conversando com as minhas amigas de Little Rock. Conversávamos muito. Meus pais fizeram tudo que podiam para permitir que eu mantivesse minhas amizades durante minha adolescência em Washington. Elas eram muito importantes para mim e ainda são minhas amigas próximas até hoje. Fui madrinha de ambas em seus casamentos, e sempre estivemos profundamente conectadas umas com as outras.

Nunca fiquei ressentida quanto a quaisquer restrições na minha vida quando eu era adolescente. Eu não acho que o ressentimento seja uma emoção que nos conforte ou que nos ajude, e sempre entendi que o serviço secreto tinha um trabalho a fazer e os respeitava. Quando eu tinha que ter proteção, entendia o porquê. Na verdade, sou muito grata aos agentes do serviço secreto e ao modo como eles tratavam meus amigos – principalmente os garotos, que eram completamente fascinados por eles. Eram sempre muito pacientes, respondendo a intermináveis perguntas sobre o treinamento e as armas, e o que eles fariam em diversas situações que meus amigos imaginavam para eles.

Assisti a *The West Wing* quando foi exibido na TV e lembro que ficava pensando: “Eu queria que a política realmente funcionasse

desse jeito”. Principalmente hoje – um pensamento de firmar acordos gerais sobre metas compartilhadas e debater intensamente sobre como chegar até eles. Hoje no meu país não temos um senso de fins compartilhados – é exatamente o oposto.

Creio que, se você conhecesse a Chelsea de dezesseis anos hoje, você a acharia simpática – eu sempre fui muito simpática. Entendo que era minha responsabilidade ajudar as pessoas a superarem seus preconceitos com relação a mim e queria mostrar que eu não era esnobe ou arrogante. Eu era uma mistura de extrovertida e geek. Não era tímida nem reticente, mas também não era muito segura de mim mesma. Sempre tive uma forte noção de quem eu sou em meu interior, mas nunca fui metida a besta ou saliente.

Quando eu era jovem, sempre tive plena consciência dos comentários na mídia sobre a minha aparência. Tenho pensado muito nisso, principalmente o quanto o bullying está crescendo e em nosso presidente, que está tratando o ódio como algo normal. Fui atacada no Ensino Fundamental por pessoas que não eram muito legais – geralmente meninos –, que ridicularizavam minha aparência ou me trancavam no meu armário só para ver se a polícia iria aparecer. Mas, olhando para trás, sou muito grata e sinto isso profundamente, pois, quando isso aconteceu comigo em Washington, eram homens mais velhos dizendo coisas maldosas para uma garota de doze anos. Quero dizer, era loucura: por que esses homens velhos estavam fazendo piadas a meu respeito? Isso não dizia nada sobre mim, mas dizia muita coisa sobre eles. Claramente algo deu muito errado em suas vidas para estarem oprimindo uma criança. Isso me ajudou a entender desde muito cedo que, quando somos abusados verbalmente por outras pessoas, não tem nada a ver com o que somos, mas tem tudo a ver com o agressor.

Sinto muita saudade da minha avó Dorothy. Eu a amava tanto e falo muito sobre ela para os meus filhos. Ela foi uma parte imensa da minha vida e de quem eu sou hoje. Ela teve uma vida que eu não podia imaginar. Seus pais eram adolescentes que passaram por dificuldades e a abandonaram pela primeira vez quando ela tinha três anos. Então, quando ela tinha oito anos, eles desistiram totalmente dela e da irmãzinha e as colocaram num trem de Chicago para Los Angeles, onde morariam com os avós, pessoas muito rudes, para não dizer o pior. Quando minha avó tinha quatorze anos, disseram que ela tinha que começar a se sustentar, então ela procurou um emprego e conseguiu terminar o Ensino Médio, formando-se com honras. Era muito determinada e conseguiu criar um lar de esperança e de amor para minha mãe e o irmão dela. Ela era muito sábia, mas também bastante divertida. Queria que ela pudesse ter conhecido seus bisnetos, mas acho muito comovente que ela tenha nascido antes de

que as mulheres tivessem o direito de votar e vivido tempo suficiente para ver sua própria filha concorrer à presidência.

por que esses hoMens velhos estavaM
fazendo piadas a Meu respeito? Isso
não dizia nada sobre MiM, Mas dizia
Muita coisa sobre eles.

Eu, com dezesseis anos, ficaria muito surpresa ao saber que hoje sou uma pessoa pública – eu costumava ser muito reservada e esperava levar uma vida com muita privacidade. Foi em parte por causa da minha avó que eu me tornei uma pessoa mais pública. Uma vez ela me disse que eu era Chelsea Clinton e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito disso, então eu podia fazer algo positivo com toda essa atenção inevitável ou simplesmente podia viver de um jeito limitado e aprender a suportar seja lá o que as revistas de fofocas diriam sobre minha vida bastante entediante. Minha mãe me disse para considerar as críticas sérias: é importante estar aberta e receptiva ao que sua família e seus amigos pensam, às pessoas que se importam com você. É igualmente importante não se intimidar com as críticas de pessoas mesquinhas que você nem conhece.

Se eu pudesse voltar atrás para qualquer momento da minha vida... eu daria a mesma resposta que toda mulher dá: o nascimento dos meus filhos. Eu sempre quis ser mãe, em parte porque sou muito próxima da minha própria mãe. Aquele momento de puro amor, gratidão e alegria – eu nunca vou sentir nada como aquilo novamente, e nutrir essa conexão tem sido a melhor parte da minha vida.

Bear Grylls

Aventureiro e apresentador de TV

22 de junho de 2015

Com dezesseis anos, eu estava no colégio Eton e tentava encontrar minha identidade. Achava a escola muito difícil, principalmente por estar longe de casa. Naquela idade, eu estava começando a encontrar meu nicho, que era escalada e artes marciais. Eu me lembro de convidar um grupo de amigos para fazer karatê comigo e eles eram todos mais fortes e mais condicionados do que eu – pouco a pouco todos eles desistiram, mas eu continuei. Eu adorava o treinamento e a disciplina. O mesmo aconteceu com escalada – organizávamos essas excursões de montanhismo na Escócia e eu simplesmente amava aquilo, me esforçar até chegar ao topo da montanha sob vento e chuva.

Foi perto dos dezesseis anos que eu me encontrei na fé cristã. Não fui criado dentro da Igreja, mas eu sentia uma fé natural quando era garotinho. Sempre acreditei em alguma coisa. Então, quando fui para o colégio, pensei: “Se Deus existe, com certeza ele não fala latim nem fica parado num púlpito”. Mas, quando eu tinha dezesseis anos, meu padrinho, que era como um segundo pai para mim, morreu. Eu fiquei muito triste e fiz uma oração bem simples diante de uma árvore: “Se você ainda estiver ali, por favor apenas permaneça ao meu lado”. E esse foi o começo de alguma coisa que foi crescendo e se tornou a espinha dorsal da minha vida. Estou mais convencido do que nunca, não importa o quanto louco isso pareça, de que há um Deus e ele é amor. É uma relação muito pessoal. Ainda não vou à igreja com muita frequência, mas eu começo todos os dias de joelhos rezando junto à minha cama, e isso estabelece a base para o meu dia.

Acreditar em Deus sem dúvida me deixa menos temeroso da vida no geral. As pessoas dizem que eu não tenho medo de nada. Bem, eu tenho – eu tenho medo de muitas coisas. Depois do meu acidente de paraquedas quando estava no exército,¹⁹ eu preciso saltar com certa frequência e acho muito difícil. Mas ter fé reduz imensamente meu medo, porque eu não estou sozinho – estou travando essas batalhas ao lado do Criador e isso é incrível. Minha fé definitivamente é uma influência importante no meu amor pelo ar livre – vejo milagres por todo lado, nas montanhas e na selva. Também penso que não tenho tanto medo da morte porque a vejo como voltar para casa.

Diria ao meu eu adolescente para curtir mais ter o pai dele por perto. Ele morreu quando eu tinha vinte e poucos anos, e eu teria amado conviver com ele por mais tempo. Era um pai maravilhoso, muito acolhedor e divertido. Foi o homem que me ensinou a escalar bem jovem e ele realmente me encorajou a ir em busca das coisas. Ele me dizia para cuidar dos meus amigos e seguir meu coração. Se ele tivesse vivido mais tempo, eu teria demonstrado minha gratidão, coisa que geralmente não demonstramos quando somos jovens. Hoje, tenho três filhos e valorizo mais do que nunca tudo o que ele fez por mim quando eu era menino e os valores que ele me passou.

**Minha fé definitivaMente é uMa
influência iMportante no Meu aMor
pelo ar livre – vejo Milagres por todo
lado, nas Montanhas e na selva.
TaMbém penso que não tenho tanto
Medo da Morte porque a vejo coMo
voltar para casa.**

Também diria ao meu jovem eu para não ter medo do fracasso. Fui para Eton e, como muitas outras escolas, tratava-se de uma espécie de exercício de sobrevivência – principalmente quando não se é naturalmente atleta ou superinteligente, e eu não era nenhuma das duas coisas. Levei algum tempo para adquirir confiança. Muitos garotos ao meu redor – e comigo acontecia a mesma coisa – tinham pavor de fazer algo diferente, na aula ou nos esportes. Nós nunca nos arriscávamos. Mas isso é o oposto da vida, quando você tem que abrir seu próprio caminho, assumir riscos e se preparar para quando as coisas não dão certo.

Quando me alistei no exército, eu tinha segurança para fazer as coisas do meu jeito. Assim que terminei o colégio, entrei para o exército como soldado raso e não como oficial. Todos os meus colegas de escola que se alistaram entraram como oficiais, mas eu queria ver como era o outro lado. Parecia mais divertido – eu nunca fui muito bom em eventos sociais com drinks ou esse tipo de coisa. Eu queria estar coberto de lama em cima de uma montanha.

Se eu encontrasse o Bear adolescente agora, acho que veria um rapaz tímido tentando descobrir quem ele era. Eu tentava vestir roupas da moda e usar o cabelo espetado com gel. Se eu voltasse atrás para conversar com aquele garoto, diria: “É só vitrine, e você não é

muito bom nisso de qualquer maneira. Não se preocupe com esse tipo de coisa – apenas ame o que você faz e continue sorrindo sempre. E não se preocupe se você não quiser ir para a faculdade. A escola é uma parte muito pequena da vida”. Meu pai sempre dizia: “Não atinja o seu melhor durante a escola ou você vai arruinar o resto da sua vida”.

Acho que uma coisa que realmente deixaria meu jovem eu surpreso seria meu trabalho de encorajar jovens fuzileiros navais, o ato de entregar as boinas verdes a eles quando passam nos exames finais. Eu lembro que tentei entrar para o corpo de fuzileiros Royal Marines quando eu tinha dezesseis anos. Cheguei muito nervoso à estação de trem com minha bolsa pequena, cercado por esses caras grandões. No final de tudo fui aprovado, mas quando finalmente terminei a escola decidi não ficar na marinha, e em vez disso fui para o exército. Porém, se você me contasse na época que eu voltaria um dia como coronel na ordem-unida, onde eu fazia apoios na lama quando tinha dezesseis anos para motivar os jovens fuzileiros, seria algo que eu jamais poderia imaginar. Mas lá estava eu fazendo isso semana passada e realmente senti que a minha vida tinha encerrado um ciclo. Sem dúvida alguma, senti que lá de cima meu pai sorria para mim.

Meu jovem eu não teria entendido o lance de ser uma celebridade da TV. A fama não era uma meta. Eu sequer assistia televisão. Se alguém me dissesse que eu estaria metido nisso, eu teria dito: “Sério? Não parece muito divertido. E não parece estar alinhado com os valores que você tem”. Ser reconhecido em público é o lado negativo, mas realmente me divirto muito explorando as terras selvagens mais incríveis. E se alguém me dissesse quando eu era escoteiro que um dia seria chefe dos escoteiros, certamente eu teria dito: “Você só pode estar brincando”. Eu fui um péssimo escoteiro que nem conseguiu um distintivo sequer.

Se eu quisesse impressionar o Bear adolescente, contaria sobre a escalada no Everest. Eu realmente queria fazer isso quando era jovem – era um dos meus sonhos.

Eu alertaria o jovem Bear sobre a dor de ter que passar pela seleção SAS. Foi um caminho longo, com dois anos de duração, e eu reprovei na seleção da primeira vez. Se eu soubesse antes o quanto seria difícil, teria pensado duas vezes antes de entrar nessa. Mas, depois que se entra, você está lá.

Conheço bem Ranulph Fiennes, e ele sempre fala sobre a importância da preparação. Eu já penso um pouco diferente: para mim, a aventura começa quando as coisas passam a dar errado.

Não sou uma daquelas pessoas meticulosas que adoram as etapas de preparação e de planejamento. Muitos dos grandes aventureiros são assim, mas eu gosto de ter que resolver os problemas à medida que eles surgem, improvisando e sendo surpreendido.

Se eu pudesse voltar atrás e reviver qualquer momento da minha vida novamente, ficaria tentado em subir ao topo do Monte Everest, ou voltaria ao momento em que eu passei na seleção do SAS no mesmo dia que meu melhor amigo, ou ainda retornaria para uma das vezes em que fui escalar com meu pai quando era criança. Mas, no final das contas, acho que voltaria para uma das temporadas no refúgio da família em nossa pequena ilha no norte do País de Gales. É uma propriedade de 20 acres sem eletricidade ou qualquer comunicação com o mundo exterior. Só eu, minha esposa e nossos três filhos – Huckleberry, Jesse (nome do pai do Rei Davi na Bíblia) e Marmaduke (nome de um piloto de caça da Primeira Guerra Mundial). Esses são momentos preciosos demais. Fazer piqueniques, dar muitas risadas, brincar nos rochedos e nadar. Apenas nós, os garotos, se divertindo. E sem crocodilos ou cobras.

David CaMeron

Ex-primeiro-ministro britânico

25 de julho de 2011

Gostaria de dizer ao meu eu de dezesseis anos que é melhor tentar e falhar do que jamais tentar. Isso faz de você uma pessoa mais forte. Para muitos jovens, é muito sedutora a ideia de que não se deve tentar alguma coisa porque talvez possa dar errado, e eu não era exceção. Na escola, havia algumas matérias e alguns esportes em que nem sempre eu me esforçava e simplesmente passava pelos exercícios fazendo corpo mole em vez de dar tudo o que eu podia.

Eu não valorizava minha família como deveria. Se eu pudesse voltar lá atrás, diria a mim mesmo: “Você não sabe a sorte que tem”. Muita coisa já foi escrita sobre a minha família, mas o grande privilégio que tive na infância não foi a riqueza – foi o afeto. Todos nós nos dávamos bem, estávamos sempre nos apoiando uns aos outros. Havia muito amor e apoio. Não tenho certeza se nós todos valorizávamos isso o suficiente naquela época. Sei que sou criticado por afirmar como as famílias são importantes para a sociedade, mas eu apenas estou falando sobre o que vi e o que vivenciei. Quando você tem uma família forte por trás, é mais fácil lidar com as coisas que a vida atira na sua frente.

Eu vivia na sombra do meu irmão mais velho. Ele era três anos mais velho, frequentávamos a mesma escola e ele era um grande sucesso nos esportes e quase sempre ficava com o papel principal nas peças do colégio. Foi ótimo ter esse tipo de pessoa como exemplo e eu tinha muito orgulho dele, mas, como acontece com irmãos caçulas, eu sempre achava que ficava um pouco para trás. Se eu pudesse dar um conselho para o meu jovem eu, diria: “Não se preocupe com isso; sua vida não está predeterminada, você vai descobrir seu próprio caminho à sua própria maneira”. Só quando terminei o colégio senti que estava me descolando da sombra do meu irmão e vivendo do meu próprio jeito.

Meu pai tinha a habilidade incrível de sempre olhar o lado bom da vida. Ele tinha uma deficiência física: pernas curtas, faltavam alguns dedos dos pés e ele não tinha calcanhar, mesmo assim nos acompanhava em tudo – tênis, natação, curtia as férias – e sempre foi extremamente divertido. Como cresci com ele, não tenho certeza se cheguei a me dar conta do quanto ele era incrível – e, se eu tivesse

dezesseis anos novamente, diria isso a ele. Seu otimismo era contagioso. Ele sempre me dizia: “Não importa o quanto as coisas estiverem ruins, você pode superá-las se mantiver clareza de pensamento”. Era o conselho perfeito para um futuro político. Numa manhã típica, você pode acordar sendo criticado no rádio, ler manchetes ruins durante o café da manhã e depois ser massacrado no parlamento. Mas, ao passar por tudo isso, é preciso manter o foco num horizonte mais amplo, fazer a coisa certa e permanecer otimista.

CoMecei a desenvolver uMa consciência política, uMa noção do que era certo e errado, particularMente relacionada à iMportância da liberdade.

Minhas viagens à União Soviética foram significativas para formar minha visão política do mundo. Quando eu era jovem, não me importava muito com política, quanto mais em ter ambição de me tornar primeiro-ministro – eu não era uma daquelas pessoas que mapeiam a carreira na capa de um caderno. Mas ter ido para o Leste Europeu depois que saí do colégio gerou um impacto enorme em mim; nunca vou esquecer a vida cinzenta sob um regime comunista; a falta de escolha, a falta de liberdade de expressão. Comecei a desenvolver uma consciência política, uma noção do que era certo e errado, particularmente relacionada à importância da liberdade e da existência do Estado para servir às pessoas e não para ser seu mestre.

David Tennant

Ator

19 de fevereiro de 2018

Com dezesseis anos, tudo se resumia a passar nos exames finais da escola e lidar com a adolescência. Tive uma infância muito feliz; tive muita sorte em ser criado por ótimos pais, que me deram muita sabedoria para a vida. Mas na verdade não gostei da adolescência, porque eu tinha sempre a consciência de que estava só esperando a fase adulta começar. Acho irritante a falta de controle sobre suas próprias coisas quando se é criança, e isso se torna ainda mais evidente durante a adolescência. Eu tinha certeza absoluta de que queria ir para a escola de artes dramáticas. Na verdade, acho que foi aos dezesseis anos que consegui meu primeiro papel. Ou antes mesmo, com quinze, num comercial contra o cigarro. Depois fiz um episódio de *Dramarama*²⁰ para a TV escocesa. Nós fomos para Isle of Skye por quatro dias, e fiquei num hotel sozinho pela primeira vez. Eu tinha idade suficiente para não precisar de um responsável; eu era meu próprio chefe – parecia um vislumbre da vida de adulto. Minha mãe e meu pai influenciaram totalmente o modo como eu via o mundo. Contudo, eu não teria admitido isso aos dezesseis anos – é a idade em que se começa a pensar que os pais são completos bobocas. Mas acho que, bem lá no fundo, mesmo naquela época, eu sabia. Eles me deram uma visão de mundo baseada na visão cristã – eles eram cristãos no sentido certo, cristãos no sentido estrito da palavra pelo modo como acreditavam em igualdade para todos, em tratar todos com respeito e bondade, em “amar os outros como você amaria a si mesmo”. No geral, eles não tinham quaisquer atitudes conservadoras que às vezes acompanham o cristianismo. Eram liberais de mente aberta. Sou grato pelo modo como eles conduziam a vida.

Doctor Who teve uma influência enorme no jovem David. Eu também gostava de super-heróis, mas *Doctor Who* era minha grande paixão quando eu era garoto, talvez porque eu me identificasse com o personagem. Nunca consegui me identificar com o Incrível Hulk, embora adorasse quadrinhos, mas o Doutor parecia alguém que eu gostaria de ser, e talvez ele quisesse ser meu amigo também. Acho muito importante que haja um herói para a criançada que não seja fortão, e pensei nisso com frequência enquanto interpretava o Doutor. Foi surreal quando soube que o papel seria meu durante todos aqueles

anos. Alguma coisa que tinha sido muito importante para mim na infância acabou desempenhando um papel fundamental na minha vida adulta – na verdade, de certa forma acabou me definindo.

Se encontrasse o David de dezesseis anos hoje, perguntaria por que ele achava que passar pomada no cabelo era uma boa ideia – ficaria intrigado em saber por que razão ele achava que aquela era uma forma aceitável de se apresentar em sociedade. Eu era fissurado em roupas, lembro que garimpava lojas com roupas de segunda mão, e as oportunidades que elas me ofereciam eram muito animadoras. Certa vez saí com uma gravata bolo, daquelas de caubói, só para imitar Bono ou Jim Kerr. Era uma das minhas peças favoritas, usada com uma jaqueta estilo bolero que comprei no brechó. E minha camisa favorita era uma peça de segunda mão com estampa *paisley* – vermelha e preta. É surpreendente, mas eu era bem chamativo, mais ousado do que eu me dava conta. Eu me lembro de ir a uma boate com a camisa *paisley* – o nome do lugar era Toledo Junction, acho – e ser chamado de esquisitão, o que eu acho que poderia ser vagamente traduzido como gótico nos dias de hoje. Coisa que eu não era, mas suponho que num mar de abrigos de tadel... Na verdade, acabei levando um soco no meio da cara. Só por ser bonito!

Acho que eu era bastante extrovertido com meu grupo de amigos, mas não particularmente quando saía com outras pessoas fora da minha zona de conforto, apesar da ousadia da minha gravata bolo. Eu me lembro do turbilhão de confusão hormonal. Minha cabeça estava cheia de minhoca o tempo todo. Eu me sentia agitado, desconfortável comigo mesmo, mas acho que era bom em mascarar minha ansiedade. Creio que ainda consiga fazer isso – apenas meus confidentes mais próximos conseguem ter um vislumbre do que está por baixo.

Quando eu tinha dezesseis anos e queria ser ator, ainda achava a ideia um tanto absurda. Não conhecia nenhum ator, e as pessoas ao meu redor ficavam dizendo bem na minha cara: “É uma ideia ridícula. Você não vai conseguir se sustentar”. Parecia um bom conselho, mas havia uma parte do meu eu adolescente que pensava que eles talvez estivessem errados. Seria legal voltar lá atrás e dizer para o adolescente David: “Você está com quarenta e poucos anos agora, e ainda está se dando muito bem”. Embora eu ainda não saiba quanto tempo vai durar!

Acho Muito iMportante que haja uM
herói para a criançada que não seja
fortão, e pensei nisso coM frequência
enquanto interpretava o Doutor.

Lembro o prazer que foi ter meu primeiro trabalho remunerado depois que saí da escola de teatro. O choque de me dar conta: “Certo, agora é pra valer, não há mais ‘bicos’. Você está por conta e, se não puder fazer dar certo nesse momento, vai ter que encontrar outra coisa. A vida não será o que você sempre imaginou que seria”. Para mim, o primeiro trabalho profissional foi na turnê com o Scottish People’s Theatre, interpretando Brecht numa van. Receber o envelope com o cachê, com dinheiro de verdade dentro, num envelopinho marrom, me trouxe uma grande sensação de realização. Eu já era uma pessoa adulta conquistando meu lugar ao sol.

Saí da escola de teatro em 1991, então trabalhei como ator de teatro profissional por alguns anos antes de fazer *Casanova and Blackpool* em 2003. A TV definitivamente faz grande diferença no seu currículo – de repente, você está aparecendo na sala de estar de todas as pessoas, e as oportunidades começam a surgir. Quando consegui *Doctor Who*, logo me dei conta de que a minha vida tinha mudado. É algo único em termos do tamanho da atenção que se passa a receber de repente – não existe comparação. Muito raramente se vê no noticiário que alguém conseguiu um emprego. Eu me tornei propriedade pública de uma maneira que jamais teria imaginado. Lembro de pensar sobre todas as vezes que eu estava num determinado lugar e alguém da televisão entrava, o burburinho que percorria a sala – “Oh, olha quem está aí” – com todo mundo olhando e apontando, enquanto a celebridade da TV aparentemente não percebia nada. Na verdade, quando você é esta celebridade, fica pensando: “Mantenha a cabeça baixa, continue andando até chegar aonde você precisa chegar”. Não é nada edificante; é apenas assustador e irritante.

Se eu pudesse ter uma última conversa com alguém que já se foi, seria com meus pais. Parece bastante óbvio, na verdade – eles são fundamentais naquilo que você é. E você sente saudades das coisas mundanas, daquele telefonema para colocar a conversa em dia. Nunca realmente apreciamos as coisas enquanto elas acontecem, porque se está apenas vivendo o dia a dia. Acho que a perda do pai ou da mãe, principalmente na primeira vez que acontece... nos deixa perplexos. É a perda de alguém que afixou os marcos da sua vida. Sempre sabemos que vai acontecer algum dia, mas não tem como se preparar para a dimensão de tal perda. E nunca se supera o fato de que eles não estão mais ali. Nenhum dos meus pais morreu de repente, ambos tiveram doenças nefastas que os levaram embora relativamente devagar, então não houve o choque. Não sei o que é melhor ou pior. Não é nada agradável assistir alguém que você ama sofrer, mas a vantagem é que você consegue ficar por perto e se preparar da melhor forma possível. Mas nunca realmente se supera algo assim.

Marcos Piangers

Escritor, palestrante e jornalista

26 de setembro de 2020

Quando eu tinha dezessete anos, tudo o que eu queria era uma vida diferente da minha. Minha mãe me criava sozinha, nós não tínhamos dinheiro pra nada, o namorado dela dormia em um quarto nos fundos, porque eles tinham se separado mas o cara não tinha pra onde ir, eu pegava dois ônibus até a escola e depois outro até o pior trabalho do mundo, atendendo no balcão de uma sauna em um clube perto da minha casa. Passava noites servindo cerveja e amendoim para homens pelados, você pode imaginar o quão perturbador aquilo era, não desejo pra ninguém. Eu queria descolar algum dinheiro, ter um carro, arrumar um emprego decente, passar no vestibular, encontrar um grande amor, viajar o mundo, formar uma família.

Minha mãe me deixava especialmente frustrado quando me dizia “Você não é todo mundo!”, se eu pedisse dinheiro para comprar o tênis que todo mundo tinha. Ela também falava outra frase irritante se eu a lembrasse que vinha tirando boas notas e me comportando: “Você não fez mais do que a sua obrigação!”.

Eu ficava furioso. Hoje entendo. “Você não é todo mundo!”, ela dizia. “Você precisa entender quem você é, entender o que é felicidade pra você, não ficar imitando o padrão de realização dos outros”, imagino que ela queria dizer. Ou talvez ela não quisesse dizer, talvez nem quisesse me ensinar nada, queria apenas que eu parasse de pedir dinheiro. Anos depois, quando eu estava trabalhando na Globo e percebi que precisava pedir demissão pra ter mais tempo com a família, minha mãe me disse: “Mas, meu filho, todo mundo quer trabalhar na Globo e você vai pedir pra sair?”.

Eu respondi: “Mas mãe, você que me ensinou. Eu não sou todo mundo”.

Entrei para a faculdade de jornalismo em 1999, depois de estudar com apostilas usadas por um ano inteiro. Estudava na escola, em casa, no ponto do ônibus, atrás do balcão da sauna. Estudei até o último minuto antes de entrar na sala do vestibular e, depois que o resultado saiu, lá estava o meu nome. Ainda na faculdade descolei um emprego em uma rádio local, onde conheci a Ana, o amor da minha vida. Quando ela engravidou, minha carreira estava começando a decolar.

Meu chefe me disse: “O que você fez com a sua vida?”. Mas estávamos tão felizes que fomos comemorar no supermercado, comprando pacotes gigantes de fraldas PP.

O paradoxo dos conselhos que daríamos pra nós mesmos é que muito provavelmente os ignoraríamos. Mas, se eu pudesse agarrar o recém-casado Marcos Piangers pelo pescoço, eu diria: “Ame sua esposa com todas as suas forças, não decepcione essa pessoa incrivelmente legal. Seja atencioso, sensível, amoroso. Você só vai ser um bom pai se for antes um bom marido”. Aprendi com dezoito anos de casamento que um relacionamento não é meio a meio, e sim a soma da dedicação completa das duas partes. Eu poderia ter sido um marido melhor.

Durante algum tempo, não tínhamos dinheiro algum, jantávamos pizza congelada quase todo dia, minha mãe ficaria horrorizada com a quantidade de sódio. Quando minha segunda filha nasceu, as coisas já estavam nos eixos. Para o eu desta época, eu diria: “Aprenda a dizer ‘não’”. Você não precisa dizer “sim” pra tudo e nem tudo o que você faz tem valor. A coisa mais importante que você tem na vida é seu tempo, e cada dia que você passa longe das suas filhas é um dia que não volta nunca mais. Eu gostaria de não ter viajado tanto, de não ter aceitado tantos trabalhos, de não ter perdido datas importantes e apresentações escolares. Se eu pudesse voltar no tempo, eu não seria tão besta.

Em 2016, eu estava trabalhando em um programa de rádio, coordenando equipes de tecnologia, fazendo reportagens para a Globo, cobrindo Olimpíadas no Rio de Janeiro, lançando meu segundo livro e dando palestras no Brasil e fora dele. Minha filha me disse: “Pai, você precisa passar mais tempo com a gente. Eu estou sentindo a sua falta”. Lembrei da frase da minha mãe – eu não sou todo mundo. Eu não preciso dizer “sim” para tudo. Eu não preciso tentar agarrar todas as oportunidades. Nem todo cavalo encilhado é pra gente montar. E, às vezes, cavalo encilhado passa duas vezes, sim. Às vezes três, quatro vezes. Talvez a vida seja um carrossel.

Quando eu tinha dezesseis anos, eu achava que os maiores problemas da vida eram não ter dinheiro, não ter um carro, não ter um emprego decente. Acho que essas coisas são problemas, mas os momentos realmente graves ao longo da vida são os relacionados à saúde. Passamos a vida atrás de dinheiro, mas no final trocaríamos tudo por mais dez minutos abraçados aos nossos filhos. À nossa esposa. Aos nossos pais.

**Você não precisa dizer “siM” pra tudo e
neM tudo o que você faz teM valor. A**

coisa Mais iMportante que você teM na
vida é seu teMpo, e cada dia que você
passa longe das suas filhas é uM dia
que não volta nunca Mais.

Enquanto escrevo estas palavras, estou cuidando da minha mãe, que está com câncer. Nessas semanas, tenho acompanhado as sessões de quimioterapia, preparado as refeições, lavado a louça, feito as compras no mercado e na farmácia. Tenho sido seu motorista, seu ajudante, seu enfermeiro. O jovem Marcos Piangers jamais se imaginaria nessa situação. Contudo, os mais de vinte anos que nos separam me ensinaram que cuidar das pessoas que a gente ama é a coisa mais importante da vida. Estar lá por elas nos momentos mais difíceis é o que nos faz pessoas.

Estou tentando ser bom, como minha mãe me ensinou. Estou tentando retribuir seu amor. Estou tentando ser um bom marido. Estou tentando não decepcionar minhas filhas. Estou tentando dar para os outros tudo o que eu tenho de melhor.

E eu sei, mãe. Não precisa repetir. Fazendo isso, não estou fazendo mais do que a minha obrigação.

Capítulo 6

AMIZADE

Dionne Warwick

Cantora

7 de maio de 2012

Eu fazia grandes planos quando tinha dezesseis anos. Seria *prima ballerina*, pianista de concertos, professora ou fotógrafa, e até hoje acredito que qualquer uma dessas carreiras teria me dado tanto prazer quanto cantar. Mas, quando rompi os ligamentos e já não conseguia mais ficar na ponta dos pés, sabia que não poderia mais ser bailarina. Então mudei meu foco dos pés para a garganta. Nasci cantando e venho de uma família de cantores, então talvez eu fosse predestinada. Mas só quando tive um disco de sucesso, aos dezenove anos, é que decidi que a música era com certeza a carreira que iria seguir.

Acho que eu iria gostar instantaneamente da adolescente Dionne e posso afirmar isso sem qualquer tipo de reserva ou exceção. Não tive problema algum em gostar de quem eu era na época, e sempre fui assim. Isso se deve às amizades que fiz com pessoas que são minhas amigas até hoje. Havia uma família muito unida ao meu redor, e a família é o porto seguro de qualquer ser humano. Uma das maiores coisas que a jovem Dionne teria que aprender seria a arte de tomar decisões, e muito disso viria do ambiente no qual ela foi criada. Para a minha sorte, fui criada num ambiente de amor, de apoio e de possibilidades.

Não há muita coisa que eu diria à minha versão mais jovem sobre a indústria da música que pudesse ajudá-la. Lá atrás, não havia um padrão exato – ou se tinha talento ou não se tinha. Nos anos 1960, quando comecei, não havia a competição massacrante que existe hoje. Éramos todos camaradas, e nós todos nos importávamos uns com os outros e nos apoiávamos mutuamente. E quando eu tenho a oportunidade de ver Gladys Knight ou Smokey Robinson ou Patti LaBelle – que por acaso são todos meus amigos – reservo um tempo para fazer isso. A jovem Dionne ficaria impressionada se eu contasse a ela o que aconteceria no futuro. Ela diria: “Você está brincando comigo”. Apesar de todos os prêmios, há ainda todas as pessoas que conheci – eu me apresentei diante de reis e de rainhas e para alguns dos maiores ícones da indústria musical. Na época, eu estava tão ocupada fazendo turnês que eu não tinha tempo para pensar no quanto essas coisas eram maravilhosas, então eu consegui lidar bem

com tudo aquilo. Dito isso, saiba que eu desisto todos os dias. Se chega a um ponto em que você está simplesmente exausta. Mas tenho consciência de que há um lugar lotado de pessoas esperando que você faça o que sabe fazer, então preciso me recompor e me apresentar.

Carrego comigo algumas memórias formativas. Ainda lembro a primeira vez que ouvi minha voz no rádio. Pensei: “Uau, espera aí, esta sou eu de verdade?”. E ainda me lembro do meu primeiro Grammy e do meu primeiro álbum de platina. Vivi algumas experiências de segregação, que ainda era extrema nos anos 1960, mas, como eu sempre estava com meus colegas e artistas que eu reverenciava como ícones da música na época, o preconceito racial era apenas mais uma coisa que eu tinha que superar. Lembro quando ouvi a notícia da morte de Martin Luther King Jr. Estava num avião indo para um show e, quando cheguei lá, me disseram que ele tinha sido baleado. Fiquei péssima, foi absolutamente terrível.

Às vezes esta vida pode ser dura, porque não há qualquer tipo de privacidade. Aceito o apreço pelo que faço, mas fico à disposição do público geral. Estabeleço, contudo, uma linha divisória quando estou com meus filhos e netos – se estivermos jantando num restaurante, espero poder comer em paz.

Às vezes esta vida pode ser dura,
porque não há qualquer tipo de
privacidade. Aceito o apreço pelo que
faço, Mas fico à disposição do público
geral.

Quando eu tinha dezesseis anos, sempre queria ter quarenta. Há alguma coisa mágica com relação a esse número para mim – eu mal podia esperar para ter quarenta, e agora que tenho setenta anos me sinto igual. Não fico esperando chegar aos cento e cinco. Mas este é o modo como Deus planejou tudo, e este é o modo como se deve olhar para as coisas.

Roger Daltrey

Músico

5 de novembro de 2018

Terminei o colégio no meu aniversário de quinze anos.

Mandaram-me para a agência de empregos para jovens, que me arrumou um trabalho como ajudante de eletricista numa construção, mas nunca vi um fio sequer – minha atividade se resumia a tirar o ar de dentro dos canos. Pensei: “Foda-se, isso é como trabalhar de encanador”. Com dezesseis anos, eu estava trabalhando numa indústria metalúrgica em South Acton. Chamar aquilo de indústria é um exagero: era só um barraco coberto com telhas de asbesto e vinte blocos de concreto que cercavam computadores primitivos do tamanho de tanques de guerra. Foram alguns dos dias mais felizes da minha vida. Alguns caras recém tinham chegado da Malásia e da Coreia, duas guerras de que geralmente nos esquecemos. A cantoria, as risadas e a camaradagem, tudo era muito divertido, mesmo que o trabalho fosse dureza.

Aqueles anos de adolescência foram cheios de angústia, energia, testosterona e paranoia. Eu sofria bullying na escola, então meu botão “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come” estava sempre ligado – aprendi a absorver o primeiro impacto em caso de ameaça. Talvez eu fosse um marginal agressivo, mas não penso que eu tenha praticado bullying.

O futuro que eu imaginava para mim era me tornar um cantor de rock e nada mais – essa era a minha visão e o que me motivava. Eu tinha onze anos quando vi Elvis, mas foi Lonnie Donegan quem realmente me arrebatou. Uma razão pela qual acabei saindo da escola foi que eu não queria saber de mais nada a não ser de música. E todas as noites eu tocava com a banda – estávamos recém começando a ganhar cachê nos clubes.

Minha geração se livrou do alistamento militar obrigatório por um ano, ainda bem! Eu não sei que rumo minha vida teria seguido, mas acho que ficaria tudo bem. Não me importo em ter um pouco de disciplina – já tinha participado da Boys Brigade, naquele tempo nós todos recebíamos treinamento para a próxima guerra. Aprendi a tocar corneta e a marchar em formação, mas eles também nos ensinaram como a democracia funcionava. Eu me tornei o cantor da companhia; como era pequeno, o sargento me colocava sobre os ombros dele e eu

começava a cantar.

Somos uma geração de operários da construção civil que cresceram com nada – tudo tinha sido destruído pela guerra. Quando não se tem nada, se você quiser alguma coisa, você a constrói. Fiz minha primeira guitarra elétrica, a cópia de uma Fender, e estávamos começando uma banda. John²¹ começou a tocar também – tínhamos personalidades diferentes, mas seguimos em frente e ele era um baixista genial. Pete²² entrou em seguida e, minha nossa, ele estava totalmente em outro nível. Ele tinha habilidade, graças à escrita e ao intelecto, para escrever letras de música de outro calibre, diferente de todos os outros. Com prazer desisti de tocar guitarra, era uma coisa completamente incompatível com um metalúrgico, porque minhas mãos estavam sempre cheias de cortes depois de descarregar dez toneladas de aço. Então essa era nossa turma. E, quando Moon²³ entrou, foi a chave de ignição para dar a partida. “Vruuuumm” – e lá fomos nós, como a turbina de um jato. Mesmo para a época, nossa energia era diferente de qualquer outra banda.

Apesar de toda a raiva, da angústia e da paranoia, sempre houve um respeito profundo entre nós, e foi por isso que o The Who permaneceu unido. Pode haver tudo isso durante a turnê, mas, quando se chega em casa, há um carinho profundo um pelo outro – é uma família. Não se meta no meio disso, você não duraria dois segundos!

Eu faço o que sempre sonhei, mas aqui dentro não mudei nada de como eu era quando garoto. A fama é um troço bizarro. Todos nós queríamos ser ricos e famosos, e nos tornamos tudo isso, mas no fundo ainda somos os mesmos sujeitos de antes. Não quero ser a estrela num pedestal – sempre me senti desconfortável com isso. Hoje em dia eu me isolo na zona rural e fico um pouco recluso, mas é por escolha. Gosto de estar com meus netos e com a família.

Tornei-me pai aos vinte anos. Quando deixei minha família, foi com a intenção de que eu poderia ser melhor para todos – Jackie,²⁴ meu filho Simon, eu, a banda, minha mãe e meu pai, minhas irmãs – se eu fosse em busca do meu sonho. Melhor do que se eu tivesse tentado fazer alguma coisa de que não pudesse dar conta, que seria estar casado com um filho num apartamento de um conjunto habitacional em Wandsworth. Eu olhava para a rua, para a van da banda com a flecha e The Detours²⁵ impresso na lateral – ela me chamava para partir. Da forma como acabou acontecendo, deu tudo certo. Não fui um ser humano perfeito, mas espero que tenha aprendido com os erros que cometi.

O principal conselho que dou aos jovens é ficarem atentos ao que estão recebendo nas redes sociais. Porque a vida não é ficar olhando para baixo, para as telas, é olhar para cima. Estamos nos encaminhando para a catástrofe com o vício que está tomando conta

da geração mais jovem. Sua vida vai desaparecer se você não tiver cuidado.

Meu jovem eu teria adorado “Baba O’Riley” – essa música se comunica com geração após geração. A ponte – “*Don’t cry, Don’t raise your eye, It’s only teenage wasteland*” / “Não chore, Não erga os olhos, É apenas devastação adolescente” –, se isso não diz respeito à atual geração, não sei o que diria. Mas eu me senti inspirado com os jovens que conheci por meio do programa Teenage Cancer Trust. Eles são fantásticos.

Houve dois momentos reveladores na minha vida: o primeiro foi com a música de Lonnie Donegan, e o segundo foi com meu médico, Adrian Whiteson, dando início ao Teenage Cancer Trust. Havia adolescentes diagnosticados com câncer que acordavam em hospitais infantis ao lado de crianças de dois anos. Eu me lembrei daquela fase da minha vida, quando me sentia muito isolado, caminhando às margens do rio todos os dias e cabulando aula. Pensei: “Putá merda, imagine se você tem câncer e precisa ficar ao lado de crianças chorando numa ala do hospital? Ou pior, na ala geriátrica!”. É uma coisa que estou determinado a mudar com o restante de vida que tenho, mas é uma luta difícil, árdua.

Os jovens músicos de hoje estão muito mais preparados do que jamais fomos. Às vezes vemos gente iluminada, como quando Ed Sheeran tocou pela primeira vez para o Teenage Cancer Trust. É um jovem fora do comum. Ele faz tudo aquilo sozinho? As pessoas acham que é fácil, mas é fodido! Ele é um diamante, esse garoto. Todos eles já tocaram pela fundação. Os Arctic Monkeys estarão aí por um longo tempo, e eu gostaria que os irmãos Gallagher voltassem a tocar juntos. Meu conselho a eles é que toda a parte verbal que te mantém na imprensa hoje é uma versão de luta livre – não é real, então supere.

Se eu pudesse viver qualquer dia novamente, gostaria de voltar lá atrás e oferecer a Heather uma cerimônia de casamento apropriada. Casamos num cartório no impulso do momento. Então fomos até o pub e ficamos rindo e nos divertindo com Zoot Money, Steve Ellis e mais alguns amigos. Não sei se ela queria mesmo uma cerimônia de casamento apropriada, é mais no sentido de que eu me sinto mal com isso. Em setembro, vai fazer cinquenta anos que nos conhecemos. Qual é o segredo? Pergunte a ela – eu não sei!

Aqueles anos de adolescência foram
cheios de angústia, energia,
testosterona e paranoia. Eu sofria
bullying na escola, então Meu botão

“se correr o bicho pega, se ficar o bicho coMe” estava seMpre ligado

Adoraria voltar lá atrás e ter uma última conversa com Keith Moon. O que eu diria para ele? “Seu imbecil de merda!”. Não, acho que eu não falaria nada – eu apenas queria dar um abraço nele. Nós o adorávamos. Não conhecíamos centros de reabilitação naquela época; fizemos o melhor que podíamos com o pouco que sabíamos, mas foi duro. Sair por aí com Moon podia ser um dos melhores e mais divertidos dias da sua vida. Um dia ruim com Moon podia ser seu pior pesadelo. Mas um bom dia por aí com Moon podia ser um dos melhores e mais divertidos dias da sua vida.

will.i.am

Músico

19 de março de 2018

Todos os dias, desde os dezessete anos, tenho orado tanto para o meu eu de dezesseis anos como para o meu eu de sessenta anos. Digamos que você queira ser músico, ou médico, ou pastor – seja lá o que for, você reza para que aquela versão de você no futuro te mantenha no caminho certo. À medida que se fica mais velho, você também reza para o seu eu do passado e permanece fiel a ele, assim se evitam muitos erros. Essa conexão contínua com meu jovem eu e com meu eu do futuro tem me ajudado em cada decisão que já tomei na vida. Devo ir a um clube de striptease amanhã? Provavelmente não, porque meu eu de sessenta anos está rezando por mim agora, me dizendo para não fazer merda. Pela mesma razão, eu não me metia em loucuras como fazer sexo sem proteção quando eu era adolescente. E esse carinho tem rezado para mim desde que eu tinha dezesseis anos, me oferecendo coordenadas para que eu chegue ao meu destino, igual a um GPS. Deus faz milagres maravilhosos, mas ele não pode fazer as coisas por você a menos que você esteja se esforçando para isso.

Com dezesseis anos eu ainda estava no colégio, mas consegui um contrato com uma gravadora aos dezessete. Eu e meu melhor amigo, apl,²⁶ que criou o Black Eyed Peas comigo, éramos sonhadores inveterados. Diziam que éramos ruins, mas nós só pensávamos: “Aff, vocês não sabem o que nós sabemos”. Nós tínhamos uma mentalidade diferente. Não se pode ser arrogante a ponto de ignorar todas as críticas – às vezes há certa verdade nelas. E você não deve se encher de elogios – quando todos ficam dizendo o quanto você é incrível, isso te enfraquece como kriptonita. É preciso saber o que absorver e o que ignorar. Tem que ser criterioso e não passional. E não há nada errado com sofrer pressão – é assim que os diamantes são feitos.

Minha família e eu vivíamos num ambiente estressante, e eu me tornei o senhor dos meus projetos por não me prostrar diante de coisas que causam estresse e por ver cada problema como um enigma a ser resolvido. Eu fiz isso me disciplinando e me cercando de pessoas que não seriam apenas mais outro problema na minha vida. Minha mãe era bem rígida quanto às pessoas com as quais eu podia me enturmar. E minha avó me ensinou uma prece maravilhosa: “Estamos diante de ti tão humildes como podemos ser”. Ela me ajudou a desenvolver meu

estilo de oração. Isso me deu uma bússola, então eu sempre soube qual era meu Norte. Desse modo, mesmo que você esteja curtindo num certo ambiente com certas pessoas, não significa que você vai perder seu rumo. Essa oração me dá imunidade, como se eu estivesse numa área infectada mas com minhas vacinas contra hepatite B e hepatite C em dia para não ficar doente.

Não me considero politizado, mas tenho consciência social. Crescemos num bairro pobre, e no verão, quando não havia escola para nos dar café da manhã e almoço, as pessoas carentes não tinham como oferecer três refeições por dia aos seus filhos, só tinham dinheiro para uma única refeição. Então minha mãe colaborou com a criação de um programa de almoço de verão e nos pediu para ajudar. Era importante que a própria comunidade ajudasse a alimentar a comunidade, e não os caras ricos fora do nosso bairro – isso criou meu espírito empreendedor. Minha mãe também trabalhava cuidando das crianças da comunidade quando os pais delas tinham três empregos e não podiam cuidar de seus filhos depois da escola. Meu tio ensinava basquete para eles. É por isso que voltei para o bairro onde cresci para começar minha escola de computação e meu programa de robótica.

Parte meu coração quando os jovens me dizem que querem ser estrelas. Conheço strippers que são estrelas, e há prostitutas que agora são estrelas! Não sei que porra significa a palavra “estrela”. Quando era criança, eu não queria ser uma estrela, eu só queria cuidar da minha mãe. Eu nem mesmo estava procurando um contrato com uma gravadora – consegui o contrato porque eu era bom em improviso e fui descoberto num concurso de batalha freestyle. Não fui em busca de gravadora para lançar um álbum até que Easy-E²⁷ me contratou quando eu tinha dezessete anos, e ele morreu em 1995. Começamos o Black Eyed Peas e eu pensei: “Agora sei o que significa ter um contrato com uma gravadora, e nós precisamos de um”.

Escrevi “Street Livin’” em 2015, e foi a primeira música que fiz sem batida. Escrevi no avião como se fosse um poema. Estava indo para a China em busca de investidores para minha empresa de inteligência artificial. Pensei nas oportunidades de mudança em nome dos meus ancestrais negros nos últimos cem anos, como passamos de guaxinins – como nos chamavam – para marginais que entram e saem de presídios. Para cada música divertida que escrevo, como “Boom” ou “My Humps”, tenho que escrever um poema consciente ou uma composição com um pensamento mais reflexivo. Não fazemos isso pensando “Vamos ganhar um Grammy com essa aqui” ou “Vamos ter lotação máxima nos shows com essa aqui”. Podemos fazer coisas como *The E.N.D.* e saber que vamos arrasar. “Street Livin’” não é para as massas, e não se trata de números e aplausos – é sobre as questões.

Quando eu mostrei pela primeira vez *Masters of the Sun*, minha

graphic novel, para Jamie Foxx, ele não me levou a sério até que provei para ele que a coisa era pra valer. E por que ele me levaria a sério? O trabalho dele é fazer eu me esforçar mais, ir além dos meus limites para atrair sua atenção. Só escrever o livro – desculpa aí, não é bom o suficiente. Qualquer um pode escrever a porra de um livro. Mas quando eu disse a Jamie “Olha isso, eu dei vida ao meu livro com realidade aumentada”, ele me perguntou: “O quê? Ok, vamos fazer”.

De todas as coisas que já fiz, acho que meu eu de dezesseis anos ia gostar mais do projeto *Street Livin'*: da graphic novel, da realidade aumentada, da música e do vídeo. Ele perguntaria que empresa ia publicar a graphic novel e eu responderia: “Nós vamos, brother, nossa empresa”. “O que você quer dizer com nossa empresa?”. E eu diria: “Isso mesmo, brother, há muita coisa acontecendo, como nosso lance de Inteligência Artificial”. “Que lance de Inteligência Artificial?”. “Deixa isso pra lá, vou te contar quando você for mais velho. Tudo o que você precisa saber agora é: não dê ouvidos aos pessimistas – mantenha o foco. Quando as coisas ficarem difíceis, quando estiver prestes a cair de joelhos, só continue em movimento, continue em frente. E não desista”.

E não há nada errado coM sofrer pressão – é assiM que os diaMantes são feitos.

A primeira vez que fiquei com inveja de um artista foi quando vi *Hamilton* de Lin-Manuel Miranda. Foi como “Espera aí, eles não pararam de rappear! Eles nem tomaram fôlego!”. Tudo é tão perfeito, de cima para baixo, do começo ao fim. Cada verso é complemento do próximo, e a história toda foi escrita em rimas. Foi como... uau, puta merda!

Participar do *The Voice* foi como tirar umas férias incríveis – adoro ir para o Reino Unido²⁸ e ficar cercado de pessoas que me lembram de mim mesmo aos dezesseis anos, sonhando com música. Meus sonhos agora são imensos, mas naquela época eu já sonhava alto, queria cuidar da minha mãe. Quando eu mostrei para ela a primeira casa que comprei, ela perguntou: “Quanto é o aluguel?”. Eu disse: “Mãe, eu comprei essa casa”. Eu não sabia o que era uma hipoteca quando morava no conjunto habitacional. Pagávamos cem dólares por mês para alugar nossa casa. Eu contei a ela que minha casa custava cinco mil dólares por mês e ela disse: “Cinco mil dólares por mês? Will, é como se fossem quatro anos de aluguel no conjunto habitacional! Você tem dinheiro para isso?”. Eu falei: “Não se preocupe, não vou perder dinheiro. Eu sei como trabalhar sob pressão. Sou bom nisso”.

Meu melhor amigo, apl, era adotado. Ele veio para cá com cinco anos, quando morava numa vila nas Filipinas. Seu pai adotivo era escocês, e ele trouxe apl para os Estados Unidos quando ele tinha quatorze anos para que pudesse ir para a escola e fazer uma cirurgia nos olhos, porque o apl é parcialmente cego. A razão pela qual sou quem eu sou hoje é tê-lo conhecido aos quatorze anos. Eu terminei o Ensino Médio, mas não fui na cerimônia de formatura porque foi na mesma época da formatura do apl, e eu queria ver a formatura dele em vez de participar da minha. Ele perguntou: “O que você está fazendo aqui – e a sua formatura?”. Eu disse: “Ah, faz só quatro anos que você está aqui nos Estados Unidos, e eu queria ver você formado”.

Se eu pudesse voltar atrás a qualquer dia do meu passado, seria o dia em que o pai do apl disse para ele: “Filho, eu te trouxe para os Estados Unidos para fazer faculdade. Pra qual faculdade você quer ir?” E o apl disse: “Eu quero fazer música com o Will”. E o pai dele me chamou e falou: “Eu trouxe o Allan para os Estados Unidos para ir para a faculdade e agora ele me diz que quer fazer música com você. Eu acho que você deve pensar sobre sua escolha de carreira. Se você tiver certeza de que é isso que quer fazer, você não será mais bem-vindo sob o meu teto e vocês dois devem deixar essa casa no prazo de uma semana. Allan agora é sua responsabilidade”. Eu entendo por que ele estava tão preocupado e bravo, depois de tudo o que ele tinha feito. E não sei por que eu tinha tanta certeza, mas olhei para o apl e disse: “Não se preocupe, irmão, a gente vai conseguir”. Estávamos chorando e podíamos ter desistido naquela hora, como poderíamos ter desistido quando Eazy-E morreu e fecharam a porta na nossa cara. Mas seguimos em frente, até que um dia nós dois fomos para as Filipinas com o Black Eyed Peas. E as pessoas que costumavam chamar aquele garotinho de “Nub Nub”, porque ele era descendente de negros, o celebraram como um tesouro nacional filipino. Eu vi como ele se sentiu. E parecia que eu também estava voltando para casa.

Capítulo 7

TENACI- DADE

Olivia Newton-John

Atriz

9 de Março de 2015

Quando eu tinha dezesseis anos, recém havia terminado a escola e já cantava num pequeno quarteto de jazz com três outras garotas em clubes nos arredores de Melbourne. Nós nos vestíamos como beatniks, o estilo da época. Cantar, namorar e andar a cavalo – essas eram as principais coisas da minha vida.

Acho que eu era uma pessoa bastante otimista – ainda sou –, mas era um pouco ansiosa. Meus pais se separaram quando eu tinha nove anos, e saímos do campus universitário onde morávamos – já que minha mãe era a esposa do reitor – para vivermos sozinhas. Foi tudo muito traumático. Naquele tempo, o divórcio não era tão comum – contar para os meus amigos foi constrangedor. Havia um pouco de tensão por parte de algumas mães dos meus amigos, e hoje me dou conta de que o motivo era porque minha mãe era muito bonita. Nunca falamos sobre isso na época, mas agora eu posso ver que causei a ela certo afastamento.

Meu pai trabalhou no projeto Enigma em Bletchley Park, mas ele nunca falava sobre o assunto porque não era permitido. Um pouco antes de morrer, ele nos entregou algumas fitas nas quais ele falava um pouco sobre isso, mas mesmo assim muito reservado. Eu fui assistir a *O Jogo da Imitação*, o filme com Benedict Cumberbatch sobre o projeto Enigma, e isso realmente me fez querer ter sabido mais sobre o assunto quando meu pai ainda era vivo, pois eu poderia ter perguntado a ele sobre o projeto.

Até os quinze anos, eu queria ser veterinária e trabalhar com animais. Mas eu não passei em matemática, então isso estava fora do alcance – e graças a Deus eu sabia cantar. Entrei num concurso de talentos na TV quando eu tinha quinze e, para minha completa surpresa, ganhei. Minha mãe queria que eu terminasse os estudos, mas de repente surgiram todas essas oportunidades na televisão, e eu queria seguir adiante com minha carreira como cantora. Houve até mesmo certa polêmica nos jornais quando me ofereceram uma oportunidade num programa infantil: “Ela deve aceitar ou deve terminar os estudos?”. No final das contas, agarrei a oportunidade e isso selou meu destino.

Fui para Londres quando eu tinha dezesseis anos, era o prêmio por

vencer o show de talentos na TV. Foi demais para minha cabeça, e eu só queria voltar para casa e ver meu namorado. Eu não gostei de Londres e dizia coisas ridículas como “É tão frio lá!”. Eu ficava reservando passagens para voltar para casa e minha mãe cancelava todas as reservas – agora que estávamos na Europa, ela queria que eu fosse para a RADA, a Academia Real de Artes Dramáticas. Mas eu não estava interessada em atuação, só queria cantar. Minha pobre mãe, ali estava outra coisa com a qual ela nunca lidou muito bem. Agora que olho para trás eu gostaria de poder dizer a ela que sinto muito.

Eu tinha muitas dúvidas sobre fazer *Grease: Nos Tempos da Brilhantina* – eu era a Sandy mais reticente que você pode imaginar. Recém havia feito um filme chamado *Tomorrow*, que era para ter sido um grande sucesso, mas acabou sendo um fracasso. Portanto, eu estava pensando em focar na minha carreira como cantora, que estava indo bem, em vez de fazer outro filme. Eu também estava preocupada por me achar velha demais. Perguntei se podia fazer um teste de vídeo com John Travolta para me certificar de que eu aparentava ter a idade certa para o papel – a Sandy tinha dezessete anos, e eu estava com vinte e nove. Mas John queria que eu ficasse com o papel e segurou a onda um pouco para eu me encaixar, e no teste de vídeo havia muita química entre nós dois. Ele é um homem adorável e nos divertimos muito fazendo aquele filme – seremos amigos para sempre.

Eu lembro quando fui à *première* de *Grease: Nos Tempos da Brilhantina* em Los Angeles, a multidão estava enlouquecida. Estávamos num carro sem capota e vieram para cima da gente. Acho que *Os Embalos de Sábado à Noite* recém tinha sido lançado. Depois nós fomos para Londres e o carro quase foi virado. Mas eu nunca me deixei levar por essas coisas – eu sempre lembro que alguém me disse: “Amanhã será outra pessoa no seu lugar”. Mantenho os pés bem presos à realidade e tive uma boa criação na Austrália, onde gostam de manter os pés firmes no chão. Acho isso importante, a vida pode ser muito frustrante se você viver nas nuvens.

Passei alguMas noites realMente
assustadoras, coM uMa sensação de
horror enquanto aguardava Meu
diagnóstico final, Mas então resolvi que
tudo ficaria beM.

Fui diagnosticada com câncer de mama no mesmo dia em que perdi meu pai. Eu não podia ir para casa para o funeral dele porque tive que

fazer cirurgia e começar meu tratamento. Foi uma época muito difícil, mas eu precisava cuidar da minha saúde. Eu já tinha minha filha – Chole era apenas uma garotinha –, então havia uma razão para viver e ser forte. Passei algumas noites realmente assustadoras, com uma sensação de horror enquanto aguardava meu diagnóstico final, mas então resolvi que tudo ficaria bem. Depois disso, passei a ter uma crença profunda de que tudo daria certo.

Não acho que fui capaz de lidar com a perda do meu pai naquela época – era difícil demais me ocupar da minha doença e do luto ao mesmo tempo, então eu fechei aquela gaveta. Mais tarde, quando estava pronta, eu a abri e comecei a lidar com o que estava lá dentro. Depois do meu tratamento, fui direto para a Austrália com a ideia de me aposentar, mas a música me ajudou a superar isso. Acabei compondo um álbum, inicialmente sem intenção de lançá-lo, mas quando ficou pronto decidi liberá-lo e isso trouxe um novo fôlego à minha carreira.

Já pensei “Agora chega” muitas vezes. Quando cantei nos jogos olímpicos de Sydney, foi uma das experiências mais maravilhosas da minha vida. E eu pensei: “Este é o ápice, não haverá nada maior depois disso”. Mas não acabou ali e, depois de cinquenta anos na indústria musical, ainda sigo em frente.

Se eu pudesse voltar atrás e reviver qualquer momento, definitivamente seria o nascimento da minha filha. Os primeiros anos da vida dela foram os mais incríveis da minha vida. Tornei-me mãe bem tarde, quando estava com trinta e seis anos, então ela foi uma bênção, e eu gostaria de reviver aquele momento para lembrar melhor os detalhes. Eu estava lá, mas era eu a responsável por sustentar a família, então estava sempre ocupada. Eu adorava minha filha, mas devia ter passado mais tempo brincando com ela.

Jamie Oliver

Chef

17 de dezembro de 2012

Quando eu tinha dezesseis anos, mal podia esperar para ir a Londres e conseguir meu primeiro emprego. Passei por maus bocados na escola e não fui muito bem. Sou disléxico – não sei onde me encaixo no espectro da dislexia, mas na escola não importava muito, porque meu caso não era dos mais graves. Sempre tive dificuldade para escrever e nunca consegui me concentrar por tempo suficiente para ler um livro – as letras se misturavam. Nunca tive problema com a imaginação, mas, quando eu escrevo meus livros de culinária, dito as informações num gravador e meu editor anota o que eu falo. Acho que é bom dizer às crianças que não é necessário ser bom em tudo.

A maioria dos adolescentes de dezesseis anos não tem medo de muita coisa e certamente eu não tinha, mas eu estava preocupado de verdade por não conseguir uma namorada – minha vida amorosa era a porra de um deserto. Não havia nada acontecendo e basicamente elas não estavam nem aí para mim. Eu não tinha muita confiança em mim mesmo, minha voz tremia quando eu conversava com garotas.

Eu gostaria de dizer ao meu eu de dezesseis anos que ele acabaria casando com uma modelo, mas ele não teria acreditado nisso. Embora, na verdade, eu já conhecesse a Jools naquela época. Ela entrou na turma do sexto ano na minha escola, mas cada vez que conversava com ela eu parecia o Scooby-Doo falando. Então eu a evitava porque eu sempre parecia um idiota completo. Mas, um ano e meio depois, não sei por que razão, ela passou a gostar de mim. Assim que descobri, grudei nela – não queria perder a oportunidade. Mas, quando a convidei para sair, ainda parecia o Scooby-Doo. Ela não me entendeu, mas riu e disse: “Sim, seja lá o que você tenha perguntado”.

Se eu conhecesse o Jamie de dezesseis anos hoje – bem, ele não seria muito diferente do Jamie que estava na TV aos vinte e um com o programa *The Naked Chef*. Sem dúvida aquela pessoa tinha muitas características irritantes que iriam dar nos nervos de um sujeito de trinta e oito anos como eu. Eu era superentusiasmado e achava que conseguia fazer qualquer coisa. Meus interesses eram minhas músicas, meu scooter e falar “pukka” a cada cinco segundos. Eu era irritante, mas estava apenas sendo genuinamente eu mesmo. Quinze anos,

quatro filhos e muita responsabilidade depois, sou uma pessoa bem mais tranquila.

Gostaria de me sentar com o meu eu adolescente para tomar uma cerveja e dizer para ele acreditar em si mesmo e confiar na intuição. Ele entraria em choque se eu contasse como as coisas iam se desenrolar – trabalhar ao lado de governantes do mundo todo, todos os diferentes tipos de negócios com os quais estaria envolvido, tudo isso o deixaria morrendo de medo. Quando eu era jovem, só queria cozinhar, ser dono de um pub descolado numa cidadezinha do interior com uma boa adega e boas cervejas locais – era tudo com o que eu sonhava. Então eles fizeram um documentário para a televisão no restaurante onde eu trabalhava, The River Café, e quando passou na TV eu fui fisgado pela coisa toda e parecia muito legal. Então começaram a me telefonar.

Eu alertaria meu jovem eu sobre encarar o escrutínio público, algo que leva tempo para se acostumar, e diria que sempre vai haver pessoas que não gostam de você. Eu falaria: “Não se torne um babaca”. Acho que consegui evitar isso. Mesmo no começo da minha carreira, havia pessoas ao meu redor que me amavam e que me respeitavam. Não acho que tenha agido como uma diva com eles, embora eu não seja a pessoa mais indicada para perguntar – sempre nos demos bem e rimos juntos. Eu lembraria ao meu jovem eu que o *showbiz* é tranquilo, mas que o que realmente importa são todas as outras coisas significativas – as coisas que fizemos ajudando os garotos que tinham dificuldade para encontrar emprego com o Fifteen 51²⁹ e as campanhas que fizemos.

É bem difícil encontrar equilíbrio. Eu trabalhava sete dias por semana e adorava, mas provavelmente não era um bom namorado naquela época. Então, quando nasceu Poppy, nossa primeira filha, começamos do zero e transformamos finais de semana e feriados em momentos preciosos. Depois de oito anos, eu realmente acho que tenho minha vida mais em equilíbrio do que a Jools – ela realmente podia fazer menos coisas com as crianças. As mães também precisam de uma folga – eu tenho que permitir que ela consiga ter o mesmo equilíbrio entre vida pessoal e vida profissional que eu tenho.

**Eu não tinha Muita confiança eM MiM
MesMo, Minha voz treMia quando eu
conversava coM garotas.**

A ideia de ter quatro filhos teria apavorado meu jovem eu. Até me via com apenas dois filhos, mas nem isso conseguia imaginar. Nunca pensei que teria tantos filhos, nunca mesmo. Você sempre pensa que

vai ter uma família parecida com a sua. Minha esposa é mãe em tempo integral e isso é trabalho duro, tenho total admiração pelo que ela faz. Mas uma coisa que nunca vou entender é por que muitas esposas estão sempre tentando provar que sua função é tão dura quanto a do homem. Os homens não precisam de reforço constante sobre o quanto são maravilhosos – nós simplesmente nos motivamos sozinhos. Mas as garotas gostam de ser lembradas constantemente do quanto são maravilhosas. Não é um problema – é que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus.

Não me arrependo de muita coisa, mas já participei de algumas das sessões de fotos mais estúpidas do mundo. Concordei com todas as ideias de merda que um fotógrafo podia te forçar a encarar, como fazer malabarismo com legumes e ficar parecendo um otário. E essas fotos estão todas on-line para me assombrar pelo resto da minha vida.

Eu diria ao meu jovem eu que, quando nos sentimos verdadeiramente desconfortáveis, é quando fazemos nosso melhor trabalho. *Jamie's School Dinners* e *Jamie's American Food Revolution* foram as coisas mais difíceis que já fiz na vida. Ao entrar num lugar e sugerir uma coisa que as pessoas no mundo todo odeiam – “mudança” –, comunidades inteiras passam a te odiar profundamente por cerca de dois meses, até que percebam os benefícios do que você está fazendo.

Nunca tive essa ideia de missão, mas ao longo dos anos olhei à minha volta e fiquei mais sábio e mais ponderado. Na adolescência, via um grupo de garotos numa esquina e pensava “marginais”, mas, depois que tive meus próprios filhos, olho para eles de novo e penso: “São os filhos de alguém”. E, se eles viviam em lares destruídos e a saúde deles não era das melhores, talvez pudéssemos garantir que esses garotos tivessem ao menos uma boa refeição por dia. Você não pode fazer tudo, mas talvez possa fazer alguma coisa.

Eu tive uma vida louca e muito corrida. Se eu pudesse voltar atrás, tiraria mais tempo para aproveitar os momentos em que não se tem compromissos, responsabilidades nem bagagem – aqueles finais de semana quando se pode ser simplesmente egoísta e conversar em paz sem ser interrompido milhares de vezes. Quando eu tinha dezoito anos, levei Jools para Creta e tivemos um final de semana maravilhoso. Economizei dinheiro e pude mimá-la, o que foi uma coisa bastante adulta de se fazer. Foi incrível.

Dame Stella Rimington

Ex-diretora-geral do MI530

26 de novembro de 2018

Fui uma criança de tempos de guerra, nascida apenas quatro anos antes do começo da Segunda Guerra Mundial. Deixamos Nottingham e fomos morar com minha avó em Wallasey, do outro lado do rio, perto de Liverpool. Estávamos morando lá quando o porto de Liverpool foi bombardeado. Por volta de 1951, quando fiz dezesseis anos, já havia um vislumbre de futuro novamente. Foi o ano em que aconteceu o Festival da Bretanha, em South Bank, Londres. Era para celebrar um novo começo. Eu lembro que havia um parque de diversões e o Domo da Descoberta, tomado por novas invenções científicas. Achei aquilo incrivelmente divertido. O governo estava dizendo: “A sombra se dissipou, e nós temos algo por que esperar”. Se eu acho que teremos um Festival do Brexit dentro de alguns anos? Duvido muito.

Meu pai lutou na Primeira Guerra Mundial e sofreu períodos de depressão. Ele amava demais a mim e a meu irmão, mas não era muito comunicativo. Eu tinha uma relação mais próxima com a minha mãe. Ela amparava a nós todos. Tinha trabalhado como parteira no East End, exatamente como é retratado na série *Call the Midwife*, mas nasceu num tempo em que não se esperava que as mulheres trabalhassem depois do casamento, então abandonou o serviço logo depois da guerra. Eu me pergunto se ela alguma vez pensou como sua vida poderia ter sido diferente se ela tivesse nascido em outra época. Deve ter sido muito estressante carregar o fardo de duas crianças pequenas e de um marido que sofria de ansiedade extrema durante a guerra. Eu a considero uma heroína anônima.

Consegui um trabalho como arquivista do condado depois da faculdade, mas na verdade eu achava que acabaria me casando, e assim minha carreira seria algo menos importante que meu marido. Vivi assim por um tempo. Quando ele conseguiu um trabalho em Nova Delhi, imediatamente larguei meu emprego e parti para ser a esposa de um diplomata. A Índia era fantástica, mas eu achava a vida lá um tédio – ser a anfitriã de chás da tarde e estar envolvida com teatro amador. Quando voltamos para a Inglaterra, eu esperava começar uma família, mas isso não aconteceu. Naquele momento, achava que eu não poderia ter filhos, então, quando consegui um emprego como

datilógrafa no MI5, meu marido me encorajou.

Achava o trabalho no MI5 interessante, mas eu me sentia levemente entediada porque parecia claro que as mulheres eram tratadas como cidadãs de segunda classe. Eu tinha o mesmo curso superior que os homens, mas nós éramos tratadas como assistentes deles. À medida que os anos 1970 avançavam, e nós ganhamos o Movimento de Liberação das Mulheres e o Ato do Parlamento contra a Discriminação Sexual, essa vaga sensação de injustiça começou a crescer. Mulheres como eu se tornaram revolucionárias discretas. Estávamos questionando com muita educação: “Por que não nos acham adequadas para fazer o trabalho de verdade?”, e as coisas começaram a mudar.

Achava o trabalho no MI5 interessante,
Mas eu Me sentia leveMente entediada
porque parecia claro que as Mulheres
eraM tratadas coMo cidadãs de
segunda classe. Eu tinha o MesMo
curso superior que os hoMens, Mas nós
éraMos tratadas coMo assistentes deles.

Não foi fácil para mim. Eu me separei do meu marido quando nossa filha mais velha tinha dez anos. Dali em diante, formamos uma família de divorciada com duas meninas pequenas e mãe com um emprego de tempo integral, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Conseguimos dar conta com uma combinação da ajuda de *au pairs*, babás e da senhora que morava logo abaixo na minha rua. Admito que às vezes mal tínhamos dinheiro para comer. Minhas filhas falam sobre isso de vez em quando, geralmente com bastante generosidade – elas dizem que foi bom ter uma mãe que estava fazendo a diferença, mas não foi uma infância tão acolhedora como a que poderiam ter tido.

O fim da Guerra Fria foi uma época de imenso entusiasmo e de grande esperança. De repente, o mundo começou a mudar de forma radical, e tudo contra o que eu estava lutando começou a se esfacelar. Gorbachev tinha começado uma avalanche que acabou levando ao colapso total da Cortina de Ferro. Parecia 1951 novamente, aquela sensação de que o mundo estava se abrindo. Mas agora já não me sinto tão otimista quanto ao futuro – penso que o mundo se encontra num estágio preocupante, com a ascensão do nacionalismo, o povo retrocedendo para trás das fronteiras e a incerteza quanto ao Brexit.

As coisas parecem muito instáveis. A esperança dourada do final dos anos 1980 não se concretizou.

Eu soube que seria Diretora-Geral do MI5 logo depois do final da Guerra Fria, e alcançar esse posto pareceu apenas parte de uma série de coisas maravilhosas que estavam acontecendo. Fiquei muito entusiasmada, emocionada e surpresa. O governo então decidiu que, pela primeira vez na história, anunciaria a indicação e contaria ao povo quem eu era. Então, depois de anos sendo muito cautelosa com relação a revelar a qualquer pessoa o que eu fazia, lá estava eu na capa de todos os jornais. Na verdade, foi uma época muito estranha, uma mistura de júbilo e de temor. Minha mãe ficou estupefata. Eu não tinha conversado com minhas filhas sobre o que eu fazia, embora eu ache que elas já suspeitassem. Os amigos delas ficavam dizendo: “Oh, li a matéria sobre sua mãe”. Uma amiga minha ficou muito magoada. Ela sempre foi de esquerda e achava que o serviço secreto era inimigo do povo, então, quando descobriu o que eu havia feito esses anos todos, ficou muito desapontada e deixou de falar comigo durante muito tempo.

Tentamos combater a imagem inicial criada pela imprensa que me comparava a uma dona de casa superespia ao estilo de James Bond, e acho que tivemos certo sucesso. Mas então, é claro, chegou o novo filme de James Bond com Judi Dench no papel de M, e ela disse que havia se inspirado em mim para interpretá-la. Consequentemente, em vez de tirar essa coisa toda de James Bond da minha cabeça, acabou se tornando algo bastante divertido.

Se eu pudesse voltar atrás e reviver um único momento, seria o dia em que fui conhecer os homens que há muito tempo tratávamos como nossos inimigos, a KGB. A ideia era que nós os ajudássemos a legalizar o serviço secreto de modo que pudesse atuar numa democracia. Mas, na verdade, foi como conversar com gente incapaz de nos ouvir, eles nos encararam como criaturas fantásticas de outro planeta. É óbvio que eu era a única mulher naquela mesa. No discurso de encerramento, um deles disse: “Em seu país vocês têm uma mulher como primeira-ministra, uma senhora como rainha e agora também uma mulher no comando do serviço de inteligência”. Havia um olhar de “Vocês devem ser malucos”, mas ainda assim foi uma das coisas mais maravilhosas que já aconteceram comigo. Não achava que seria possível ir para a Rússia algum dia – eu pensava que a Guerra Fria duraria minha vida inteira. Ainda assim, naquela noite, lá estava eu dentro do Rolls-Royce do embaixador britânico com a nossa bandeira tremulando no capô, cruzando Moscou sob a neve a caminho do jantar com a KGB. Parecia coisa que se lê num romance.

A Stella de dezesseis anos ficaria completamente maravilhada com o que aconteceu na minha vida. Algumas coisas que vi ela nem

imaginava que existiam. O mundo dela, é claro, parecia muito menor. Ela teria se preocupado com a minha segurança, porque saiu de um mundo de medo e o viu se transformar no que parecia uma paz renovada. E tudo com o que eu estive envolvida não tinha nada a ver com paz – tinha a ver com nos proteger contra ameaças. Mas isso não me tornou uma pessoa mais medrosa: na verdade, aconteceu exatamente o oposto.

Mary Robinson

Ex-presidente da Irlanda

6 de agosto de 2018

Eu cresci no meio de duas duplas de irmãos – dois mais velhos que eu, dois mais novos, nós cinco nascidos num intervalo de seis anos. Então, quando eu tinha dezesseis anos, parecia um menino e tinha uma noção muito sólida de igualdade e de justiça. Meus irmãos sempre diziam que eu era a preferida: meus pais deixavam claro que queriam que eu tivesse as mesmas oportunidades dos meus irmãos, mas a sociedade irlandesa em Mayo não me trazia a mesma sensação.

Tive pouquíssimas oportunidades quando era adolescente, e se esperava que ou eu casasse muito jovem – o que eu não tinha interesse algum em fazer – ou me tornasse freira. Eu era bastante religiosa naquele tempo e minha família também. Havia freiras na nossa família que tiveram vidas interessantes na Inglaterra e na Índia. Quando concluí os estudos no colégio interno, disse à Madre Superiora que eu queria me tornar freira, mas felizmente ela me falou para sair de lá e passar um ano fora do convento pensando no assunto. Meus pais estavam tão contentes comigo que me mandaram para Paris para ficar um ano lá. É claro que isso mudou tudo e quando voltei decidi estudar Direito.

Adorava meu pai, ele era um médico maravilhoso. Eu amava sair com ele quando ele ia atender os pacientes na casa deles à noite. Ele contava histórias no caminho e, quando entrava na casa do paciente, me deixava lendo dentro do carro. No final da consulta, ele saía dessas casas pobres sem eletricidade, e eu o observava de pé parado na luz fraca da porta da frente, conversando com a mãe. Ele se inclinava e ouvia muito pacientemente. E eu aguardava, esperando que ele voltasse logo e que me contasse mais histórias. Mas ele ficava lá parado por vinte minutos, porque sabia que ouvir era algo muito importante para um médico. Acho que foi por causa dele que chamei meu livro de memórias de *Everybody Matters (Todos Importam)*, porque ele realmente acreditava nisso. Eu cresci também acreditando nisto: seja pobre, velho ou sem voz ativa, todos importam.

Minha mãe morreu repentinamente de ataque cardíaco. Foi uma perda terrível para mim. Ela conheceu apenas dois de seus netos, incluindo minha filha mais velha Tessa, que recebeu esse nome em sua homenagem. Ela morreu dois dias depois que o primeiro primo de

Tessa nasceu. Minha mãe era a alma da família, o coração da família, e ela me influenciou muito mais do que eu poderia imaginar. Quando eu estava em campanha para a presidência da Irlanda, me dei conta de que precisava permitir que as pessoas me conhecessem. Eu sempre tinha sido muito reservada antes disso; sou uma pessoa naturalmente tímida. Mas, quanto mais eu conversava sobre questões – ser mais aberta e mais simpática, ser acolhedora e ouvir mais as pessoas –, mais eu me tornava parecida com a minha mãe. Isso mudou minha abordagem com relação à vida pública, e eu nunca mais voltei a ser como antes.

Fui para Harvard estudar Direito em 1968, depois que me formei na Trinity College. Aquele ano deixou marcas profundas em mim. Os estudantes de Direito nos Estados Unidos estavam tentando evitar o alistamento obrigatório e condenavam o que eles chamavam de guerra imoral no Vietnã. Eu fiquei impressionada com o idealismo deles, ver jovens que estavam determinados a fazer as coisas acontecerem e a fazer a diferença de verdade. Era muito diferente da Irlanda com a qual eu estava acostumada, onde os jovens simplesmente aguardam sua vez. Assim, você chega aos trinta anos e ainda está esperando sua vez. Depois você está com quarenta anos e talvez permitam que assuma um papel com certa responsabilidade. Por isso, quando voltei para a Irlanda em 1969 e havia eleição para o senado, eu me perguntei por que os candidatos eram sempre professores homens e idosos. E meus colegas diziam: “Se você está tão incomodada com isso, por que não se candidata?”. Acabei tendo muito destaque para uma jovem de vinte e cinco anos, debatendo sobre a necessidade de abirmos a Irlanda e tornar o país mais liberal.

Se eu tivesse que dar à minha versão mais jovem um conselho, diria a ela que não se pode mudar as coisas rápido demais. A primeira coisa que fiz quando fui eleita para o senado foi criar um projeto de lei para legalizar o planejamento familiar. Fui condenada por jornais e igrejas – Nick³¹ queimava as cartas de ódio que eu recebia. O arcebispo da cidade enviou uma carta para ser lida por todas as dioceses de Dublin, dizendo que o projeto de lei que eu estava propondo seria uma “praga que se abateria sobre o país”. Aquilo foi muito pesado para mim e me levou a hesitar de verdade. Hoje entendo que, se quisermos fazer mudanças com relação a questões como moralidade sexual, que são muito prementes na sociedade, é necessário dar um tempo até as pessoas se aproximarem. Temos que ser educados, persuasivos, conversar com as pessoas pacientemente. O projeto acabou sendo aprovado, mas levou nove anos. Foi uma lição importante que levei comigo quando ingressei no Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos em 1997 e tive que tratar de práticas tradicionais nocivas em outros continentes, como casamento infantil e

Eu fiquei iMpressionada coM o idealisMo deles, ver jovens que estavaM deterMinados a fazer as coisas acontecerem e a fazer a diferença de verdade.

Se eu pudesse ter uma última conversa com qualquer pessoa, seria com Nelson Mandela. Ele foi a pessoa mais extraordinária que já conheci na vida, e fiquei muito orgulhosa quando ele me escolheu como uma de suas interlocutoras. Queria ter tido mais tempo ao lado dele para aprender com seu inacreditável humanismo, sua gentileza e sua capacidade de perdoar. O humor também – ele era um brincalhão inveterado. Ele usava o humor para evitar que o colocassem num pedestal, mas não tinha como evitar, porque ele era impressionante.

Lembro que meu pai, por diversas vezes, voltava para casa depois de um parto e contava para minha mãe que perguntavam: “Doutor, é um menino ou uma criança?”. Ele dizia: “Eu fico extremamente furioso”. Isso me convenceu de que meu pai achava que eu era igual aos meus irmãos. Mas a escola não pensava assim, nem a sociedade – eu não podia ser coroinha ou padre. Aprendi muito cedo na minha carreira como advogada sobre as lavadeiras Madalenas, as casas das mulheres perdidas. Ouvia muitas histórias sobre mães que literalmente tinham seus bebês arrancados no hospital pelos padres. Também soube como as mães solteiras eram tratadas, porque me convidaram para ser presidente da Cherish, a organização das mães solteiras. Eu admirava tanto aquelas mulheres. Elas eram tratadas como criminosas, como mulheres perdidas, mas tinham muito espírito de luta.

Sempre foi importante para mim que meus filhos soubessem que eles eram a coisa mais importante da minha vida. Eu lembro a noite em que fui eleita presidente. Houve uma grande festa e, quando cheguei em casa, reuni meus três filhos e expliquei: “Mesmo que de agora em diante eu seja presidente, vocês são mais importantes”. Eu não tinha dúvida de que, enquanto mãe, eu precisava dizer essas coisas para eles e ser realmente assertiva. Houve momentos muito difíceis. Lembro uma longa viagem à Índia, uma visita de Estado importante para a Irlanda, e minha filha faria aniversário enquanto eu estivesse lá – me senti muito distante dela. Ainda tenho uma vida bastante agitada, mas fiquei muito feliz em me tornar avó. Hoje tenho

seis netos. Isso me dá energia quando estou lutando para evitar os futuros efeitos das mudanças climáticas: pensar no tipo de mundo em que meus netos irão crescer.

Maria da Penha

Bioquímica e ativista

19 de outubro de 2020

Meu pai, José da Penha Fernandes, saiu da sua cidade natal, Jardim do Seridó, no Rio Grande do Norte, para cursar Odontologia em Fortaleza. Minha mãe nasceu em Barbalha, uma cidade da região do Cariri, no Ceará. Ela era professora e passou a trabalhar em Fortaleza. Eles se casaram em 1944 e, no ano seguinte, já próximo ao meu nascimento, minha mãe decidiu se dedicar somente aos cuidados do lar e da família. Eles teriam cinco filhas, sendo eu a primogênita.

Meu pai e minha mãe eram pessoas muito prestativas e muito queridas pela vizinhança. Lembro que os vizinhos sentavam na calçada em suas cadeiras de balanço depois do jantar, enquanto a criança brincava de bola, pular corda, dançar em roda, etc.

Na minha infância, eu e mais duas irmãs tínhamos muita vontade de, nos momentos festivos da igreja, nos vestir de Anjos para coroar Nossa Senhora. Outro fato marcante na nossa vida era ir olhar as Lapinhas no período do Natal e passear no jipe do papai para olhar o carnaval de rua.

Já na adolescência, eu tinha muita vontade de deixar de estudar em colégio de freiras (fiz o primário no Colégio das Doroteias e o científico no Colégio Salesiano). Eu achava que seria mais animado.

Então, conheci o meu primeiro namoradinho numa missa de domingo na igreja do meu bairro, onde ele também morava. Daí para o primeiro encontro aconteceram algumas missas. Depois passamos a conversar uns minutinhos antes de a missa começar, para finalmente voltarmos para casa. Ele chegava antes na casa dele, que era próxima da igreja, e eu seguia para minha casa.

Quando meus pais foram informados de que eu estava gostando muito de rezar e que voltava da missa acompanhada, eu já sabia que ele era parente de uma família amiga dos meus pais. Então, por consideração, os meus pais permitiram o namoro, mas somente aos sábados e domingos e em horário limitado.

Um dia, surgiu a oportunidade para eu estudar inglês. Nessa nova etapa da minha vida estudantil, eu ia para o curso e, quando terminava, o meu namorado já aparecia para me levar para casa. E eu comecei a me aborrecer com ele, que começou a ter ciúmes, porque eu não queria voltar pra casa cedo, pois preferia conversar com os

meninos ou ficar lá brincando depois da aula. Então terminei o namoro. O ambiente daquela escola era muito diferente daquele ao qual eu estava acostumada no colégio de freiras, onde só estudavam mulheres. Achava maravilhoso ficar brincando, jogando pingue-pongue. Eu queria conviver com pessoas diferentes. Eu acho que essa divisão que havia entre meninos e meninas era muito ruim. A pessoa precisa aprender a conviver com o sexo oposto com naturalidade.

Eu adorava dançar e, geralmente, em alguns finais de semana, as moças de uma das casas da vizinhança organizavam uma tertúlia que iniciava por volta das sete da noite e terminava por volta das dez. Geralmente, os meninos saíam antes das meninas e, quando isso acontecia, a gente continuava a dançar e os nossos pais ficavam mais tranquilos.

Se eu pudesse voltar no tempo e dar um conselho para aquela jovem que eu era, mesmo assim talvez tudo acontecesse da mesma maneira. Não havia diálogo franco sobre assuntos íntimos. Acho que essa dificuldade era comum a todos os pais. Ainda hoje há falta de habilidade dos pais para falar sobre intimidade, principalmente com as filhas. Eu acho que eu faria tudo de novo, pela falta de conhecimento sobre a realidade das mulheres no mundo, conhecimentos sobre machismo, estupro, tráfico de mulheres, ou seja, pela falta de conhecimento sobre a violência contra a mulher.

O poder público é muito omissos. No relatório final da OEA, quando responsabilizou o Brasil pela omissão e negligência com que tratava os casos de violência doméstica no país, foi recomendado que houvesse educação, desde o Ensino Fundamental, para que crianças e adolescentes que presenciam violência dentro de casa saibam que é errado. Essas crianças não vão repetir o que viram o pai fazer. A mulher é sempre colocada como um capacho, como se os homens fossem superiores. É tão importante a gente ver um casal equilibrado, que saiba conversar, dialogar. Homens e mulheres têm competências diferentes, mas, quando eles entendem que são complementares, eles transformam o ambiente familiar em um local de respeito e de diálogo.

Tive nessa época duas experiências muito traumáticas, ambas relacionadas com a violência contra a mulher, nas imediações da minha casa: na primeira delas, uma mulher foi esfaqueada pelo ex-namorado, motivado pelos ciúmes, e, na segunda, uma mulher perdeu a vida através de tiro desferido pelo namorado, seu colega de turma. Nessa época, eram muitas as interpretações, mas creio que nenhuma delas se referia à violência doméstica e à cultura machista da sociedade.

Observe coMo esse “príncipe” trata a

faMília dele. Observe no início do relacionaMento coMo ele se coMporta eM relação a você. Ele teM uM coMportaMento explosivo? Esse hoMeM é preocupante. Cuidado.

Eu diria o seguinte: toda mulher se apaixona por quem a trata com respeito, consideração e amizade. Mesmo sendo vítima de violência, ela acredita que ele vai cumprir suas promessas de não mais repetir ações que a machuquem, que ele vai cumprir o que prometeu e se transformar. Observe como esse “príncipe” trata a família dele. Observe no início do relacionamento como ele se comporta em relação a você. Ele tem um comportamento explosivo? Esse homem é preocupante. Cuidado. Ele não faz isso com o chefe dele. Por que ele faz com você, que é menina, que é mulher? O homem tem que ter respeito para com a mulher. Reflita. Tome uma decisão e não deixe que a violência aconteça novamente. Se acontecer uma vez, é preciso cortar isso e tomar uma atitude imediata para que nunca mais aconteça, porque essa violência se apresenta como um ciclo.

Capítulo 8

CORAGEM

Jane Lynch

Atriz

7 de janeiro de 2013

Com dezesseis anos eu já me via como gay, embora eu não tivesse uma palavra para isso. Cresci no subúrbio de Chicago e não conhecia ninguém que fosse gay – eu apenas sabia que era alguma coisa sobre a qual as pessoas cochichavam, uma coisa ruim. Portanto, foi uma época assustadora. Eu saía com um grupo grande de amigos e nós éramos todos muito divertidos e brincalhões, mas lá no fundo eu tinha meu segredo, então sempre me sentia como um agente duplo. Eu pensava que, se realmente me conhecessem, não achariam que eu fosse fabulosa, então eu me esforçava o dobro no colégio tentando ser a colega mais engraçada e mais generosa. Um pouco disso era genuíno, mas eu estava tentando compensar pelo que eu entendia como um desvio de caráter.

Senti durante grande parte da minha vida que eu estava escondendo alguma coisa. Eu tinha este segredo – meu Deus, eu sequer chegava a falar em voz alta para mim mesma. Lembro quando eu tinha dezesseis anos e mantinha um diário onde escrevi: “Acho que talvez eu seja gay”. Então eu peguei o diário e caminhei para o mais longe possível da minha escola, encontrei uma lata de lixo atrás de um armazém e atirei o caderno lá dentro.

Eu queria ter tido um clube como o do seriado *Glee* quando eu tinha dezesseis anos. Queria poder dizer ao meu jovem eu: “Ei, há mais pessoas como você. Parece aterrorizante agora, mas os tempos vão mudar e as pessoas vão aceitar melhor e não apenas serão tolerantes, mas também amáveis. Em vinte anos, essa sua característica vai ter a mesma importância que ser destra, alta e loura”. Hoje em dia tenho uma conta no Twitter, e pelo menos metade dos meus seguidores parecem ser estudantes do Ensino Médio que dizem coisas como: “Querida que você fosse minha mãe”. Meu jovem eu acharia isso muito irônico – eu queria tanto que alguém me salvasse quando eu tinha dezesseis anos.

Acho que sempre fui engraçada – ou você nasce engraçada ou não. Eu era boa nisso, então me agarrei a essa característica e me tornei a palhaça da turma. Lembro de tentar fazer as pessoas gostarem de mim, e foi assim que me construí. Mas meu tipo de humor não é muito óbvio, então algumas pessoas levaram um tempo para entender que eu

era engraçada. Foi um bom teste – se havia uma pessoa rindo na sala, eu manteria o foco nela. Operação “faça-os rir”.

Se eu encontrasse a Jane mais jovem hoje, penso que a acharia engraçada, autodepreciativa e doce. Eu tinha muito cuidado para não magoar as pessoas, embora eu tenha certeza de que houve momentos em que não fui tão graciosa quanto achava que era. Tenho um temperamento forte e me frustrava – eu queria muito ser compreendida e, quando não era, ou quando minha mãe simplesmente revirava os olhos ou balançava a cabeça para mim, eu ficava com raiva. Se eu contasse à jovem Jane que ela iria crescer para se tornar um exemplo para outros adolescentes gays, ela ficaria muito orgulhosa. Por outro lado, isso seria desconfortável para ela, porque, afinal, o que outros jovens fizeram por ela?

Conseguir um papel no filme *O Melhor do Show* foi o ponto de virada para mim. Até aquele momento, eu fazia participações como convidada, além de comerciais e dublagens, então conseguia me sustentar. Mas foi só depois de *O Melhor do Show* que os agentes de elenco passaram a levar em conta minha peculiaridade como atriz. Quando conheci Christopher Guest,³² senti que ele realmente me viu, assim como eu o vi. Ele conduz os testes com os atores deste jeito: eles apenas entram em seu escritório e Christopher não é muito bom em conversa fiada, mas consegue dizer de cara o que se passa com uma pessoa e se gostou dela. Se eu pudesse ter dezesseis anos e conhecer Christopher Guest no ano 2000, teria sido incrível.

A adolescente Jane entraria numa espiral de desespero se eu contasse a ela que teria de esperar até os quarenta anos para fazer sucesso de verdade – ela queria que tudo acontecesse imediatamente. Mas agora fico feliz que as coisas tenham acontecido dessa forma, foi o caminho perfeito para mim.

Eu diria ao meu jovem eu: “Largue o cigarro imediatamente, e você não precisa sair para beber todos os finais de semana, porque isso vai te levar a beber todos os dias”. Eu bebia bastante quando tinha dezesseis anos e já estava ficando mais velha e sofrendo ressacas terríveis. Eu diria a ela: “Não brinque com bebida, você tem predisposição ao vício”. Ainda luto contra isso.

**Eu diria a ela: “Não brinque com
bebida, você tem predisposição ao
vício”. Ainda luto contra isso.**

Eu nunca planejei ou sequer pensei em ser madrastra – como eu disse, o que os jovens já fizeram por mim? Mas agora eu tenho essa garota incrível; não acho que poderia ter planejado ela de maneira

melhor. Ela tem onze anos e é engraçada, mas de um jeito bastante adulto, nada infantilizada. É afiada e espirituosa – é uma alma antiga, mas ainda é uma criança, então tenho que ser como uma mãe para ela. Observo minha esposa, que é ótima nisso, e estou cada vez mais apaixonada por ela a cada dia que passa, porque ela é uma ótima mãe. Não há nada como um filho para que você saia de si mesmo.

Sonhei na noite passada sobre ter cinquenta e três anos – porque faço cinquenta e três ano que vem (2014) – e foi horrível. Mas então eu penso: “Bem, qual é a alternativa? A morte”. Acho que, quando eu tiver setenta anos, vou olhar para trás, para quando eu tinha cinquenta e três, e vou pensar: “Que época boa”. Eu só comecei a ter consciência da minha idade quando fiz quarenta, e foi um grande choque quando vieram os cinquenta. Você espera fazer uma pausa para pensar nisso mais tarde, mas não: os cinquenta e um vêm logo em seguida. Eu mantenho pessoas mais velhas sempre perto de mim, para que eu ainda me sinta jovem.

Harriet Harman

Congressista

6 de fevereiro de 2017

Fui uma adolescente revoltada. Se fala sobre “jovens raivosos” – eu fui uma jovem raivosa. Eu ficava observando minha mãe preparar o café da manhã para o meu pai, e depois fazer o jantar dele, sem poder atuar como advogada – embora fosse qualificada para tanto – porque ela tinha que dar prioridade ao papel de dona de casa. E eu pensava: “Nem falar, não quero ficar assim”. Eu não queria aceitar um mundo onde o único valor de uma mulher era sua beleza.

Minha mãe nunca nos disse: “Quero que vocês tenham as oportunidades que eu não tive”. Seria como se ela estivesse reclamando sem aceitar seu papel. Ela apenas seguia em frente. Mas ela e meu pai estavam muito determinados a nos oferecer uma boa educação, de modo que pudéssemos ganhar nosso próprio sustento, andar com nossas próprias pernas e ter nossas opiniões. Assim, minhas três irmãs e eu nos tornamos adolescentes um tanto quanto rebeldes.

Eu era muito engajada na adolescência, mas não pensava apenas em política. Havia o The Jackson Five. E havia ainda as minissaias, Mary Quant e os cílios postiços imensos que grudávamos nas extremidades das pálpebras. É um milagre não ter ficado cega e ainda ter cílios! Mas, quando olho para trás, me vejo consumida por essa atitude determinada. E minhas irmãs são todas iguais a mim. Eu nasci numa irmandade! Havia uma geração inteira de mulheres se destacando e afirmando: “Sim, sabemos que sempre foi assim, mas não será assim nunca mais”.

Acho que a minha versão de dezesseis anos provavelmente era bastante irritante. Eu era do contra e desobediente. “Beligerante” talvez fosse a palavra mais adequada. Olho para trás e realmente sinto um pouco de pena da minha mãe, que teve que lidar comigo. Ela suportou tudo com graça, mas acho que eu devo ter sido um pesadelo. Não gostaria de voltar para aquela época turbulenta e ter que encarar todas essas questões pela frente. Não sinto qualquer tipo de nostalgia quanto aos meus dezesseis anos – acho muito melhor ter sessenta e seis anos com a noção de ser quem eu sou e do que eu já fiz na vida.

Se eu pudesse voltar no passado e conversar com minha versão mais jovem, eu diria para ela não se torturar tanto com a culpa de ser ao mesmo tempo mãe e congressista do Partido Trabalhista tentando

colocar nossas pautas dentro do governo. Havia aquela ansiedade de que não se está fazendo nenhuma das coisas adequadamente e de que se está presa no meio disso tudo. Eu ficava muito angustiada, mas acho que agora não tem como acertar as coisas. Há tantas maneiras de se errar, então tudo o que se pode fazer é seguir em frente. Num mundo perfeito, eu teria escolhido abandonar o trabalho totalmente até que minha filha mais nova fizesse cinco anos, depois trabalhar meio período até que ela fizesse treze anos e só então retomar meu trabalho na política sem que os acontecimentos nesse meio-tempo tivessem qualquer impacto. Mas isso simplesmente não era possível.

eu diria para ela não se torturar tanto coM a culpa de ser ao MesMo teMpo Mãe e congressista do Partido Trabalhista tentando colocar nossas pautas dentro do governo.

Estabeleci como meta fazer algumas coisas para aumentar minha autoestima maternal frágil e quase sempre inexistente. Sempre buscava minhas filhas na escola às sextas – eu queria ir para a pracinha com elas, conversar com as outras mães e ter uma ideia do que estava acontecendo. Nada de saltos altos, nada de pastas, nada de terninhos – eu queria estar de agasalho e tênis com uma bolsa de academia. Depois nós todas iríamos para casa e pediríamos tele-entrega de comida. Aquelas sextas me faziam sentir que pelo menos num dia da semana eu era uma mãe propriamente dita.

A minha versão de dezesseis anos ficaria impressionada ao saber que eu me tornaria congressista, ainda mais que eu faria parte do gabinete do primeiro-ministro. O gabinete na época era formado apenas por um monte de gente empolada mais a senhora Thatcher! Quanto à ideia de que eu mesma faria parte do governo algum dia, a adolescente que fui diria: “Desista, isso nunca vai acontecer”. Mas eu tinha que alertá-la de que levaria muito tempo para fazer a diferença. No começo dos anos 1980, protestávamos contra homens que matavam suas esposas e não eram acusados de assassinato porque diziam que elas tinham motivado o crime por serem adúlteras. Só foi em 2009 que conseguimos abolir essa lei. Eu diria à minha versão mais jovem: “Você vai ter que persistir por muito tempo, mas vai valer a pena”.

Quando cheguei ao parlamento britânico, mal havia mulheres, e todas tinham esse estilo de matrona como Margareth Thatcher. Ternos

de tweed, camisas de seda com laço Lavallière – eu jamais usaria aquilo! Eu tinha trinta e dois anos e queria dar a impressão de ser uma mulher estilosa, mas chegar com um vestido floral à Casa dos Comuns do parlamento britânico me fez parecer ainda mais absurdamente deslocada do que eu já me sentia. A maior parte dos congressistas era composta por homens na faixa dos cinquenta e quatro anos, e eu era uma mulher, grávida, de trinta e dois. Queria usar alguma coisa que não gerasse críticas e que oferecesse aos meus eleitores a confiança de que eu lutaria por suas causas. Eu tinha que parecer profissional – foi dali que surgiram os terninhos, os saltos altos e as ombreiras.

Eu me lembro bem do meu discurso de posse. Estava muito ansiosa e num estado adiantado da gravidez, com um vestido de grávida em veludo vermelho. Foi bastante intimidador, mas eu sabia exatamente o que queria dizer e sentia que era extremamente importante fazê-lo. Se as pessoas percebessem que meus joelhos estavam tremendo, não seria nada bom para as mulheres que eu estava representando, que vinham até mim nas ruas dizendo: “Não desista”. Eu não podia desapontá-las, e tinha que provar que as mulheres eram tão capazes de falar na Casa dos Comuns do parlamento britânico quanto os homens. Esses pensamentos me fizeram sentir mais forte do que eu realmente era.

Fico absolutamente destruída por dentro sabendo que não houve uma primeira-ministra do Partido Trabalhista, nem mesmo uma vice. Somos o partido da igualdade, então é uma tortura para as mulheres do nosso partido que os conservadores já tenham tido duas mulheres no cargo de premiê. Mas, por mais importante que seja ver mulheres no poder, é mais importante ainda o que se faz pelas mulheres comuns, e os conservadores já prejudicaram muito as mulheres trabalhadoras e as mães.

Muitas mulheres que encontro, vereadoras e congressistas, dizem que eu as inspiro a fazer seu trabalho. Certamente eu não quero que elas sigam os meus passos – quero que elas façam ainda melhor do que eu tenho feito. Temos novos problemas agora, empilhados sobre problemas antigos e ainda não solucionados. Mas é incrível fazer parte do movimento de mulheres progressistas radicais e é uma imensa sorte estar ali numa época em que nos sentimos tão determinadas e empoderadas, prontas para enfrentar as adversidades. Vejo uma nova leva de mulheres agora, prontas para fazer o mesmo, e estou bem na retaguarda.

Sir Max Hastings

Historiador e escritor

22 de março de 2010

Eu idolatrava meu pai como se fosse um herói quando eu tinha dezesseis anos e sentia que nunca teria uma vida à altura do que ele viveu e da carreira de aventuras que ele construiu. As pessoas estavam sempre dizendo “Vai lá, Hastings, chega na bola, entra junto” e eu era um covarde notório. Meu pai foi paraquedista, praticou *skeleton* na Cresta Run e foi correspondente de guerra – eu tinha muito medo de não conseguir honrar o legado da família. Foi apenas mais tarde que me dei conta de que meus pais não eram pessoas importantes. Eles eram bem-sucedidos, jornalistas interessantes; mas, colocando tudo em perspectiva, eu tinha uma ideia absurda e exagerada sobre o lugar deles no mundo.

Eu queria ter me dado conta de que isso tudo é uma completa tolice, quando afirmam todas essas coisas a respeito dos seus dias de juventude serem os melhores da sua vida. Descobri que ser jovem era muito ruim, não saber o que se podia e o que não se podia fazer. O bom de ficar mais velho é que você sabe que não vai ser primeiro-ministro ou ser campeão em Wimbledon – ficamos resignados em sermos o que somos. Quando se é jovem, não saber as coisas se torna um tormento, ou pelo menos foi o que aconteceu comigo.

Para mim era muito difícil conviver com outras pessoas e eu não entendia nada sobre me relacionar com os outros. Eu culpava meus pais pelo fato de nunca ser convidado para as festas, mas, pensando lá atrás, me dou conta de que simplesmente eu não era uma pessoa interessante. Meus pais estavam ocupados com suas próprias vidas e minha mãe era muito dura comigo, dizia que cabia a mim descobrir meios de fazer amigos. Suponho que ela estivesse certa.

A melhor coisa a respeito de um colégio interno era que, depois daquilo, nada poderia ser pior. Há muito a ser dito sobre superar o sofrimento bem cedo na sua vida. Durante anos depois do internato, quando eu estava em zonas de guerra como o Vietnã ou as Malvinas e sentia pena de mim mesmo, estando exausto, sujo e apavorado, eu pensava: “Pelo menos não estou no colégio interno”. Minha vida simplesmente foi melhorando. Nós todos temos fracassos e desapontamentos e eu costumava sentir inveja de todo mundo, mas agora eu escolho enfrentar meus próprios problemas em vez dos

problemas de qualquer outra pessoa.

Sinto pena de quem era um sucesso incrível na escola – muitos presidentes de classe e capitães de times de futebol da escola acabaram se tornando funcionários de campos de golfe no subúrbio. Eles brilhavam na escola porque eram conformistas; grande parte do sucesso vem justamente de não fazer o que nos dizem para fazer.

Eu diria a mim mesmo: “Se uma garota vai para a cama com você, provavelmente ela faria isso seja depois de comer um hambúrguer, seja se você a levasse para sair e jantar num restaurante caro”. Penso em todo o dinheiro que desperdicei levando garotas para restaurantes e como isso não me levou a lugar nenhum. Minha atual esposa, que convidei para sair pela primeira vez quando eu tinha dezessete anos, disse que naquele tempo as boas garotas não faziam esse tipo de coisa – eu queria ter sabido disso antes.

Se eu gostaria do adolescente Max? Nem por um minuto – ele me deixaria horrorizado. Eu era o que os vitorianos costumavam chamar de “hobbledehoy”, ou “rapaz desajeitado”. Eu tinha 1m95cm e era totalmente descoordenado, terrivelmente desajeitado tanto física quanto socialmente. Minha esposa gosta de me lembrar o quanto eu era atrapalhado.

Um erro que cometi como editor foi que, devido à idolatria que sentia pelo meu pai, eu supervalorizei a coragem física e passei anos me forçando a fazer todas as coisas ousadas que ele tinha feito. Hoje em dia, percebo que a coragem moral é muito mais importante e mais rara, e que as mulheres provavelmente têm mais coragem do que os homens nesse sentido. Eu puxei do meu pai todos os preconceitos e ideias, e levou muito tempo até que eu me desse conta de que muitos deles eram tolos. Ainda sou conservador, mas hoje se conhece muito mais sobre o mundo. Ele era um conservador de direita que acreditava que a Grã-Bretanha era o melhor país do mundo e não pensava muito sobre outros lugares. À medida que fui ficando mais velho, aprendi que muito do que ele pensava era besteira.

Eu tinha muito respeito pela minha mãe. Ela era extremamente inteligente e sempre se saía muito bem, era uma mulher muito espirituosa com a língua bastante afiada. Eu também tinha muito medo dela. Naqueles dias, as pessoas não eram de demonstrar afeto – eram os tempos pré-Diana e não havia muito contato físico. Olhando lá atrás, era bastante triste. Em família tínhamos receio de contato físico; tentei ser diferente com meus próprios filhos, mas, enquanto tentava evitar os erros dos meus pais, apenas acabei cometendo meus próprios erros. Minha filha falou recentemente que ela não se lembra de eu estar por perto quando ela era pequena. Eu disse: “Eu nunca perdi um veraneio com vocês”. E ela retrucou: “Sim, mas você nunca parecia estar se divertindo”.

Eu estava tão envolvido com meus próprios problemas e com minha própria vida quando era adolescente que não me interessava pelas outras pessoas, e era por isso que eu não me dava bem com os colegas. Levou muito tempo para eu entender isso. Eu era muito infeliz – todas aquelas noites sozinho no meu apartamento jogando paciência. Tive muita sorte com a minha carreira, mas parte do motivo de eu ter trabalhado tanto era que eu não tinha vida social. Tenho aprendido muito desde então.

Eu culpava Meus pais pelo fato de
nunca ser convidado para as festas,
Mas, pensando lá atrás, Me dou conta
de que siMplesMente eu não era uMa
pessoa interessante.

Sir Ranulph Fiennes

Explorador

21 de novembro de 2011

Eu era um garoto de dezesseis anos um tanto despreocupado, mas é claro que todo mundo nos anos 1960 tinha consciência da situação da Guerra Fria. Se você cresce numa família de militares e quer se alistar, como eu fiz, você fica ainda mais consciente da situação. Por alguma razão, havia essa loucura de cavar abrigos nucleares subterrâneos. Eu e meus amigos da minha cidadezinha costumávamos vagar pelas florestas, pescar no riacho e trabalhar cavando um abrigo nuclear subterrâneo junto a um penhasco. Cavamos bem fundo e lá construímos nosso QG. Minha namorada na época às vezes vinha me encontrar nas matas e eu mostrava o abrigo para ela todo orgulhoso. Então, mais tarde, eu me casei com ela.

Quando eu tinha dezesseis anos, a única coisa que eu queria fazer era o que meu pai estava fazendo quando morreu na guerra – ser um Royal Commander dos Royal Scots Greys, o único regimento de cavalaria da Escócia. Meu pai morreu antes de eu nascer, mas eu sabia tudo sobre o que ele tinha feito e conhecia de cor cada história a respeito dele. Minha família esteve envolvida com o exército por séculos, e eu crescia ouvindo essas histórias. Estava no meu DNA – em certa medida, você é o que o seu sangue faz de você, então as inclinações do meu pai foram parcialmente reproduzidas em mim.

Eu sabia que precisava tirar nota A para entrar nos Royal Scots Greys. Fui enviado para uma escola preparatória em Brighton, mas acabei reprovando duas vezes, em grande parte porque eu fui para lá quando a moda das minissaias estava em alta, então era muito difícil me concentrar. Se eu pudesse voltar no tempo, baixaria a cabeça e passaria nas provas. Acabei ingressando nos Scots Greys, mas somente graças a uma convocação de curto período. Pensei que eles talvez pudessem mudar as regras estúpidas sobre a nota A enquanto eu ainda estava lá, mas não mudaram, então não pude permanecer.

Não acho que eu esteja inclinado a assumir riscos estúpidos, aprendi as lições do meu pai. As pessoas não se tornam um Royal Commander, principalmente na Segunda Guerra Mundial, se elas se arriscarem enlouquecidamente. Nosso grupo de expedição hoje ainda evita riscos sempre que possível. Nós gostamos de quebrar recordes antes de

nossos rivais, mas sabemos como evitar riscos. Porém, quando se é jovem, você realmente alimenta seu lado selvagem. Certa ocasião, participei de um curso sobre explosivos e, infelizmente, incentivado por um dos meus amigos, acabei usando explosivos do exército para explodir uma propriedade civil. Foi um erro porque, em decorrência disso, fui expulso da força aérea.

Antes de eu correr sete maratonas, minha falecida esposa Jenny me levou para Bristol para consultar com o médico responsável pela minha cirurgia de ponte de safena dupla, depois da qual fiquei em coma por três dias. Acho que ela pensava que talvez eu pudesse ter outro ataque cardíaco se corresse as maratonas e ela esperava que o cirurgião sugerisse que fosse uma má ideia. Ele disse que tinha feito a mesma cirurgia em três mil pessoas, e nenhuma delas retornou ao seu consultório para perguntar se podia correr uma maratona, quanto mais sete. Então ele me disse que não tinha realmente uma opinião formada, mas que eu nunca devia permitir que minha frequência cardíaca passasse de 130 bpm. Corremos as maratonas, mas no último minuto eu esqueci de pegar o monitor cardíaco, então eu nunca pude saber se meus batimentos passaram ou não de 130.

Nós gostamos de quebrar recordes
antes de nossos rivais, Mas sabemos
como evitar riscos. Porém, quando se é
jovem, você realmente alimenta seu
lado selvagem.

Há muitas coisas que eu gostaria de voltar lá atrás e aconselhar meu jovem eu. Quanto às expedições, quando nós saímos da União Soviética para ir ao Polo Norte, tínhamos uma vantagem com relação aos nossos rivais noruegueses. Quando eles conquistaram o recorde mundial, olhamos para trás e nos perguntamos o que havíamos feito de errado – tínhamos arruinado nossa grande chance. Quando chegamos aos trechos imensos de mar aberto, não podíamos usar nossos trenós como canoas, então acabamos abandonando-os a cerca de cem milhas do polo e simplesmente seguimos em frente com nossas mochilas enormes. Depois ficamos sem comida e tivemos que ser resgatados por helicópteros soviéticos. Eu diria a mim mesmo para planejar melhor, e eu também diria a mim mesmo para ter mais cuidado com a proteção dos dedos dos pés numa temperatura de cinquenta graus negativos – isso evitaria que eu acabasse com gangrena. Fazemos tudo o que podemos para aprender com esses

erros.

Eu tive um ano horrível depois que minha esposa Jenny morreu de câncer. Um ano depois, fui salvo de tendências autodestrutivas quando conheci a Louise. Ela tinha a própria opinião sobre o que eu faço – aguentou seis anos comigo enquanto eu fazia a transição de exploração polar para escalada, mas depois que fui para o Everest em 2009 eu prometi que não escalaria mais, e cumpri a promessa.

Estou bastante feliz com minhas realizações, mas, se eu voltasse lá atrás e contasse ao meu eu de dezesseis anos sobre tudo isso, ele não ficaria impressionado. Ele diria que eu sabia o que meu pai queria que eu fizesse e não deveria ter tentado fazer outra coisa. Ele diria que todas essas outras coisas estúpidas que tenho feito são apenas prêmio de consolação.

Sir Salman Rushdie

Escritor

30 de maio de 2016

Vim da Índia para Rugby³³ quando eu tinha treze anos, e com dezesseis eu era um estudante um tanto convencional. O pouco que escrevi naquela idade tinha a ver com estar num colégio interno – felizmente aquilo desapareceu, mas eu lembro que o texto do garoto era cheio de clichês de alunos conservadores de escola pública, inclusive politicamente. Aquilo refletia minha experiência – eu vim de uma família indiana de classe alta e fui para a escola com garotos de famílias parecidas de outros lugares. Então, não era surpresa que minha visão de mundo fosse bastante conservadora. Eu era muito conformista, acho que só me rebelei mais tarde.

Havia uma exceção à minha persona escolar convencional: eu não tinha ideia quando vim para a escola de que seria julgado como alguém diferente dos outros porque eu não era branco e inglês. Foi realmente um doloroso despertar, e vivi momentos difíceis naqueles primeiros anos. Eu era feliz até vir estudar na Inglaterra. Geralmente penso que, se eu tivesse sido bom nos esportes, minhas origens não teriam importado tanto. Havia alguns outros garotos indianos e paquistaneses que eram excelentes jogadores de críquete e eles não pareciam ter a mesma experiência que eu, mas eu era péssimo nos esportes.

Não éramos nada religiosos – meu pai não tinha fé alguma e o nível de religião da minha mãe chegava no máximo a não querer que comêssemos carne de porco. Isso era comum a todos os nossos amigos e vizinhos. Parece estranho agora que a religião tenha assumido novamente o centro das discussões, mas naquele tempo não se falava no assunto nem parecia grande coisa. Contudo, eu gostava das histórias – o Islã tem algumas muito boas, embora eu ache o Velho Testamento a melhor de todas. Em Cambridge, escrevi um artigo acadêmico sobre a vida do profeta Maomé e os primórdios do Islã. Foi quando eu estava pesquisando para escrever o artigo que me deparei com a história dos famigerados *Versos Satânicos*. Lembro de ter achado uma boa história. Vinte anos depois, eu descobri o quanto a história era realmente boa.

Quando fui para a universidade na Inglaterra, estava preocupado que seria uma continuação do mesmo tratamento racista que eu havia

recebido no internato. Mas meu pai me convenceu de que era uma boa coisa ir para Cambridge. Hoje sou grato que ele tenha feito isso, acabou sendo uma época muito feliz e consertou quase todo o estrago dos tempos de escola. Fui para Cambridge em meados dos anos 1960, quando ela era o epicentro da mudança social daquela década. Foi uma época muito boa para se ter entre dezoito e vinte e um anos. Foram anos muito politizados, o período dos protestos contra a guerra do Vietnã. Foi um despertar político para mim. Foi também o período da contracultura. Alguém chamou de “o terremoto da juventude” – pela primeira vez na história os jovens tinham influência na sociedade. Fazer parte daquilo me fez ver tudo – eu mesmo, minha geração, os gêneros e a sociedade – de um modo diferente.

Eu adorava a sátira e o surrealismo dos anos 1960. Tenho *Beyond the Fringe* gravado e memorizei muitas cenas, ainda consigo interpretar algumas delas. Anos depois, quando eu estava trabalhando com publicidade, cheguei a almoçar com Peter Cook e Dudley Moore – estava tentando convencê-los a participar de um comercial. Dudley Moore ficou bem interessado e foi muito simpático, mas Peter Cook chegou uma hora atrasado, completamente bêbado, foi bastante rude e convenceu Dudley Moore a recusar o convite. Fiquei desapontado, porque eu queria muito conhecê-lo. Dudley Moore não podia ter sido mais agradável, e Peter Cook não podia ter estado mais alcoolizado.

Eu poderia mostrar ao meu eu adolescente o enorme sacrifício que meus pais fizeram por mim. Acho que uma das coisas sobre se tornar pai é que você compreende todas as coisas que seus próprios pais fizeram por você, que na época você não valorizava ou não se importava. Posso ver hoje que ter ido embora para tão longe para frequentar o colégio foi algo muito doloroso para eles, principalmente para minha mãe. Eles fizeram o melhor por mim, mas não o melhor por eles. Meu pai me deu a escolha de ir embora e, por razões que hoje eu não entendo totalmente, eu disse sim, apesar de estar muito feliz frequentando o colégio em Mumbai. Acho que eles passaram por muitas dificuldades para me mandar para o exterior e me sustentar. Depois disso, sofreram quando esperavam que eu voltasse para casa e eu disse que queria ficar na Inglaterra e me tornar escritor – ambas as partes desta frase foram terríveis para eles. Para os meus pais, ser escritor não era uma profissão de verdade.

Eu não entendi na época, mas agora reconheço o quanto o modo como vejo o mundo vem do meu pai. Seus interesses se tornaram meus interesses, e até mesmo meu sobrenome foi inventado por causa dos interesses filosóficos do meu pai.³⁴ Se eu pudesse voltar a algum momento em que meu pai ainda estivesse vivo, gostaria de conversar com ele sobre quantas de suas ideias me influenciaram e expressar minha gratidão. Quanto à minha mãe, agora entendo com muito mais

clareza de quantas coisas ela abriu mão para me mandar para o internato e o quanto ela era compreensiva, embora ficar longe de mim tenha sido muito doloroso para ela.

Na verdade, sinto muito orgulho do meu jovem eu. Ele tinha coragem e uma enorme força de vontade. Saí da universidade em 1969, e *Os Filhos da Meia-Noite* foi publicado em 1981 – levei quase treze anos para encontrar meu caminho como escritor. Eu voltaria atrás e diria ao meu jovem eu: “Parabéns por ter se mantido firme”. Comprometer doze anos de sua vida tentando fazer alguma coisa sem qualquer garantia de que você será bom naquilo ou de que terá sucesso requer um extraordinário desejo e força de vontade.

Hesitei muitas vezes naqueles doze anos antes de *Os Filhos da Meia-Noite*. Eu tinha dúvidas o tempo todo. Muito do que escrevi no começo não teve sucesso algum e a maior parte sequer foi publicada. Meu primeiro livro publicado, *Grimus*, teve uma péssima recepção por parte da crítica – há uma pilha enorme desse romance que hoje prefiro deixar escondida atrás do sofá do que ler. Eu estava trabalhando meio período com publicidade, e meus colegas sempre me diziam para não ser estúpido. Falavam que, se eu me concentrasse em publicidade, faria muito dinheiro, e quem eu achava que estava enganando? Todos no mundo da propaganda têm fantasias sobre escrever um livro ou um roteiro para TV, mas a maioria nunca faz isso. Mas alguma coisa dentro de mim me fez seguir em frente.

Obviamente, se eu pudesse voltar atrás e conversar com o adolescente Salman, eu teria que dizer a ele que haveria grandes problemas à frente. Prepare-se para dez anos de... não viver a melhor fase da sua vida.³⁵ Mas eu não me arrependo de ter escrito *Versos Satânicos*. Acho que foi uma das melhores coisas que fiz na vida. E fico feliz por termos sido capazes de lutar e defender o livro e termos sido bem-sucedidos na empreitada. Agora que a polêmica se foi, o livro é bastante lido, é leitura obrigatória em muitos cursos universitários. A maioria gosta dele. Então o livro sobreviveu ao ataque daqueles que não gostavam e está agora nas mãos de quem gosta. Finalmente pode ser um romance de novo.

Se eu pudesse voltar no tempo e quisesse impressionar meu eu adolescente, mostraria a ele os dezessete livros que escrevi. Martin Amis tem essa frase maravilhosa – ele uma vez disse que a única coisa que queria deixar aqui seria uma prateleira cheia de livros. Ser capaz de dizer: “Daqui até ali todos são meus”. Acho que uma particularidade da vida de escritor é que ela é longa e o autor não se vê limitado a um único livro. Os livros são como relatórios da sua jornada. Fico meio impressionado por ter escrito dezessete livros, embora muitos escritores tenham produzido mais. Meu eu de dezesseis anos provavelmente iria gostar mais dos livros que escrevi para meus

filhos: *Haroun e o Mar de Histórias* e *Luka e o Fogo da Vida*. Eles têm um modo notável de ser interessantes para leitores de qualquer idade, mesmo que sejam voltados para crianças de doze anos. Geralmente recomendo às pessoas que se interessam pelo meu trabalho que comecem com esses livros.

ForaM anos Muito politizados, o período dos protestos contra a guerra do Vietnã. Foi uM despertar político para MiM.

Você pode perguntar às minhas ex-mulheres o que elas pensam, mas acho que sou uma pessoa totalmente agradável e divertida de se ter por perto. Tenho um grande arrependimento sobre o fim do meu primeiro casamento com a mãe do meu filho mais velho, Zafar. Ela infelizmente faleceu quando ele tinha dezenove anos e, na verdade, naquele momento, já tínhamos encontrado uma forma de reconstruir nossa bela amizade. No último dia de sua vida, eu estava lá no hospital segurando sua mão. O casamento terminou, mas não o relacionamento. Éramos muito jovens quando ficamos juntos e ao longo de uma década e meia amadurecemos e nos tornamos pessoas diferentes, mas nossa separação foi bastante amigável. Penso geralmente que sou um marido atencioso, mas minha esposa talvez não concorde. Há pouco tempo fui abusado por uma de minhas ex-mulheres num livro,³⁶ então obviamente há diferenças de opinião.

Sou uma pessoa gregária e sociável, mas é uma concepção equivocada quando a mídia me retrata como alguém que vai a muitas festas. Eu prefiro pequenos grupos de pessoas – de preferência, ter apenas um interlocutor. Não gosto de grandes reuniões, não se consegue falar com todo mundo e não se consegue ouvir o próprio pensamento.

É muito, muito importante para mim ser um bom pai para os meus filhos, e eu penso que eles dois diriam que somos muito próximos. No caso de Zafar isso foi extremamente importante, primeiro porque a mãe dele morreu quando ele era muito jovem, e depois porque ele teve que amadurecer durante os anos em que seu pai sofria ameaças. Ele tinha nove anos quando a *fatwa* começou, e toda a sua infância foi moldada e marcada por isso. Eu tentava explicar o que estava acontecendo, porque eu pensava que a pior coisa seria ouvir falar do assunto e se apavorar. É claro que eu temia pela segurança dele – a mãe dele e eu tentávamos fazer o melhor para garantir que ele tivesse uma infância praticamente normal, mas foi uma época muito difícil

para Zafar. Ele poderia ter crescido e se tornado uma pessoa cheia de problemas, mas meu filho tem grande força e graça e é muito calmo e tem bom caráter.

Se eu pudesse voltar ao passado e reviver qualquer período da minha vida, começaria em 1979. Estava terminando de escrever *Os Filhos da Meia-Noite* e meu primeiro filho ia nascer. Na verdade, eu me lembro de dizer para a mãe dele para se sentar em silêncio e cruzar as pernas enquanto eu terminava de escrever. Acho que essa época, quando eu tinha trinta e dois anos – entre me tornar pai e dois anos depois ter meu livro publicado para se tornar um grande sucesso –, foi provavelmente a melhor fase da minha vida.

Elza Soares

Cantora

7 de outubro de 2020

Nasci no Rio de Janeiro, na periferia, onde hoje existe a Vila Vintém. Meu pai se chamava Avelino, ele era um homem maravilhoso, que trabalhava como operário e gostava de tocar violão nas horas vagas. Minha mãe, Rosária, era lavadeira. Meus pais viviam para fazer com que não faltasse nada em casa, sobreviver apenas, e isso não era fácil para eles.

A gente era uma família muito pobre. Pobre mesmo, mas era uma família alegre e, de certa forma, feliz. A gente era feliz à beça. Eu passei minha infância brincando, fazendo cantorias em casa. Na verdade, por causa da nossa condição, sabe qual era meu maior sonho quando eu era criança? Um dia poder comer o que eu quisesse. Então eu cantava com meu pai e ficava pensando em crescer rápido, porque, se eu crescesse, eu poderia um dia cantar. E, se eu cantasse, teria dinheiro sabe para quê? Para comer. Para comer bem e o que eu quisesse. Na infância, eu só pensava em comer. Comer, um dia trabalhar, ganhar dinheiro e ser feliz.

Eu comecei trabalhando em uma fábrica de sabão, mas meu sonho sempre foi cantar. Com doze anos, precisei me casar, por vontade do meu pai. Com quinze anos, eu já tinha engravidado duas vezes e perdido dois filhos. Mas, graças a Deus, eu ainda seria mãe de cinco crianças. Sabe, eu não me lembro de quase nada da minha adolescência, para falar a verdade. Eu nem vi ela passar, talvez porque eu já tivesse muitas responsabilidades. Eu não sei se ela foi muito boa, também não sei se foi muito ruim. Eu passei por ela, é isso que importa; eu consegui passar e estou aqui hoje, com noventa anos.

Com vinte e um anos, eu fiquei viúva, sozinha, com filhos para criar, mas nunca desisti do meu sonho, que era cantar. Passei minha juventude com filho no colo, mas não posso reclamar. Ela foi boa, porque os filhos são a maior alegria da minha vida. E, de alguma forma, isso me fez crescer, me fez amadurecer, ficar adulta, mesmo que antes do tempo.

Em 1953, com vinte e três anos, tive a oportunidade de fazer um teste na Rádio Tupi, no programa de calouros de Ary Barroso. Imagina, uma mãe, carregando lata de água na cabeça, indo lá. Eu vi que tinha esse programa e precisava sustentar meu filho. Peguei uma

camisa emprestada da minha mãe e uma sandália dela que, na época, a gente apelidou de “mamãe, estou na merda”. Ela tinha esse apelido porque você andava um pouquinho, logo arreventava a tira e você olhava e falava: “Ai, que merda!” Então eu fui lá nesse programa de auditório, fiquei lá sentada e chamaram meu nome no microfone. Quando eu desci o primeiro degrau da arquibancada, a sandália não arreventou, mas eu vi que todas as pessoas da plateia começaram a rir. A rir muito, de gargalhada, daquela minha pobreza, de como eu estava. O Ary Barroso falou no microfone: “Meu Deus, o que você veio fazer aqui?”. Eu disse: “Eu vim cantar”. “E quem disse que você canta?”, ele falou. Aí eu falei a música que ia cantar, ele ouviu e depois falou o seguinte: “Me diga uma coisa, de que planeta você veio?”. E aí as lágrimas vieram, eu não aguentei, foram lágrimas de tristeza mesmo. Eu respondi para ele: “Seu Ary, do mesmo planeta que o seu”. E o Ary Barroso perguntou: “E de qual planeta?”. E eu respondi pra ele: “Planeta fome”.

**Eu leMbro que, quando eu falei isso,
todo Mundo que estava rindo se
sentou, ficou tudo quieto. Aí eu cantei
a Música que eu tinha para cantar.**

Eu lembro que, quando eu falei isso, todo mundo que estava rindo se sentou, ficou tudo quieto. Aí eu cantei a música que eu tinha para cantar. Quando eu acabei, o Ary Barroso me abraçou e falou no microfone: “Senhoras e senhores, nesse momento, aqui, nasce uma estrela”.

E as mesmas pessoas que antes estavam de pé, rindo de mim, agora estavam de pé me aplaudindo. Eu fiquei em primeiro lugar nesse concurso e minha vida começou a mudar. Nove anos depois, quem diria, eu estaria na Copa do Mundo do Chile, representando o Brasil, como madrinha desse país. Eu conquistei aquilo que eu queria e muito mais.

Eu não tenho medo de mudar. Eu acompanho o tempo. Não sou quadrada, o negócio é você não parar de caminhar. Minha cabeça não para. Eu nunca vou parar de cantar, parar pra quê?

Se um dia eu tivesse a oportunidade de me encontrar com aquela Elza, eu diria o seguinte: Cuidado com as pedras que você vai encontrar pelo caminho. Terá que chutá-las, às vezes de uma maneira cruel. Farão teus dedos doerem, vai machucar. Caminhe sempre cuidando o chão, mas olhando para o horizonte. Vai caminhando com cuidado – devagar, às vezes, porque vai ter muita pedra no caminho –,

sem deixar de lado teu grande sonho. Vai passar. Haverá sempre pedras no caminho e vai ter gente que vai achar melhor não se machucar, vai ter gente que vai achar que é melhor ficar paralisada, com medo das pedras. Não tenha medo de se machucar. Teus dedos vão sair machucados, sim, não vou te enganar, não vai ter outro jeito. Isso é viver. Isso é ser feliz.

Capítulo 9

DESTINO

Malcolm McDowell

Ator

2 de junho de 2014

Com dezesseis anos, eu estava no que Lindsay Anderson³⁷ gostava de chamar de “escola pública irrelevante” – ele nunca me perdoou por isso. Estava fazendo provas no verão, atuando em peças de Shakespeare e jogando críquete e rúgbi. A escola era um ótimo lugar para mim, um santuário. Eu já tinha passado anos crescendo no caos do pub do meu pai em Liverpool, dormindo ao som do tilintar dos copos e das risadas estridentes, com o cheiro de fumaça de cigarro que subia do andar de baixo. Se eu gostava? Bem, vamos dizer que eu não volto muito para lá.

Explicaria para o meu eu adolescente que o alcoolismo é uma doença. Meu pai, infelizmente, era um alcoólatra. Era uma ótima pessoa, de personalidade extravagante, mas quando eu era criança não me importava com isso – eu só queria que ele estivesse presente, e desse ponto de vista ele sempre foi decepcionante. Saber que ele tinha uma doença não teria feito muita diferença, mas teria me ajudado a entendê-lo. Acho que ele tinha bastante orgulho de mim porque eu jogava críquete muito bem – contudo, ele não dava a mínima para as peças de teatro.

Meu jovem eu deveria agradecer a Deus por ser do Norte, mesmo que tenha me sobressaído nos estudos no Sul. Isso salvou a minha vida, ser do Norte. É algo que coloca sua cabeça no lugar e dá um ótimo senso de humor. Trata-se de um humor duro e sarcástico – às vezes precisamos disso para sobreviver. E também havia a música do Norte – eu perambulava pelo The Cavern Club quando eu tinha dezessete anos para ver uma banda chamada The Silver Beetles. Incrível.

Se eu encontrasse o Malcolm de dezesseis anos hoje, não teríamos muito em comum. Ele era inseguro quanto ao que iria fazer e a como a vida seria para ele, e era um pouco pensativo. Mas nós compartilharíamos a curiosidade e o senso de humor. Ele era um adolescente muito otimista e uma pessoa muito curiosa que queria saber de tudo. Ainda aproveitou o dia ao máximo, e dar uma boa risada permanece algo muito importante para mim.

Comecei a atuar no colégio quando eu tinha onze anos. A primeira apresentação que fiz foi *Aladdin*, e eu interpretei Aladdin. De

Shakespeare, interpretei Petruchio, Bottom, Feste. Eu sempre era o ator principal, mas nunca fazia coisas pesadas ou vilões. O diretor da escola era obcecado por teatro, ele levava os garotos para Stratford-upon-Avon, para o teatro Old Vic, tudo isso. Tivemos muita sorte. Comecei a fazer as peças de Shakespeare num pátio imenso à noite, debaixo de um enorme cipreste. Uma grande curtição.

Quando eu olho para trás, penso: “O que eu teria feito se não tivesse conhecido Lindsay Anderson?”. Eu não teria feito *Se*, filme que também foi o caminho para fazer *Laranja Mecânica*. Foi incrível ter feito parte desses filmes maravilhosos que caíram do céu e eram tão inovadores. *Se*, quando foi lançado, balançou todas as estruturas – você não tem ideia do que esse filme fez com o *establishment* inglês. Foi uma traição descomunal contra sua estirpe. Era aquele garoto de escola pública, Lindsay Anderson, voltando-se contra sua própria tradição; foi quase como se os “Cambridge Five”, Burgess, Maclean e os outros tivessem entregado nossos segredos aos russos.

O Malcolm de dezesseis anos teria adorado isso e também *Laranja Mecânica*. Eu lembro que estava no cinema Odeon na Lime Street, em Liverpool, assistindo a Albert Finney em *Tudo Começou Num Sábado* e pensei: “Quero fazer isso”. Aquele foi um momento de consolidação para mim.

Eu me senti totalmente regozijado com a experiência de ser arrebatado pelo filme, e depois daquilo fiquei confiante – eu tinha encontrado meu caminho. Foi impressionante sair daquele instante e mais tarde trabalhar com Kubrick³⁸ – que é tão pungente hoje como era quando foi lançado há bizarros quarenta anos. Fico espantado ao ver como aquele filme perdurou. Sempre me convidam para exposições, é algo que nunca termina.

Não acho que poderia dar ao meu jovem eu qualquer conselho sobre carreira, porque eu não aprendi nada. Se alguém viesse até mim dizendo que quer ser ator, eu diria: “Pelo amor de Deus, não faça isso. Você vai se queimar, vão te comer vivo e te cuspir fora”. Noventa e cinco por cento dos atores ficam sem trabalho em dado momento. Noventa por cento ganham menos do que dez mil libras por ano. Estou inventando esses números, mas estou longe de estar errado. É claro, se alguém tivesse falado tais coisas ao meu jovem eu, não teria feito diferença alguma. Eu ainda teria me tornado ator, porque eu precisava fazer isso. Não saberia fazer outra coisa. Essa é a diferença.

Se alguém viesse até mim dizendo que quer ser ator, eu diria: “Pelo amor de Deus, não faça isso. Você vai se

queiMar, vão te coMer vivo e te cuspir fora”. Noventa e cinco por cento dos atores ficaM seM trabalho eM dado MoMento.

Eu realmente não sei por que me tornei um alcoólatra. Você talvez pense que eu deveria ser mais consciente por causa do meu pai. Aconteceu comigo no começo dos anos 1980, antes que realmente soubéssemos que o alcoolismo pode passar de pai para filho. Mas eu não estava num bom momento comigo mesmo, muitas mudanças estavam acontecendo na minha vida, e eu acho que precisava de uma garrafa para lidar com aquilo. Mas, como o câncer e o diabetes, o alcoolismo é uma doença e você pode se tratar – levei certo tempo para entender isso. Eu bebi muito por alguns anos, mas então meu filho Charlie nasceu e eu sabia que tinha que parar. Não bebo há trinta anos.

Passo muito tempo levando meus filhos para onde eles querem ir – sou um chofer. É por isso que não faço mais teatro; não quero perder a infância dos meus meninos. Não consigo fazer uma temporada longa em Londres ou Nova York, o que é uma pena, porque eu gosto disso, mas não cabe mais a mim decidir. Sou um tanto rígido com meus filhos, mas é a minha segunda experiência como pai e estou mais tranquilo do que era lá atrás, e é lindo ser pai.

Se eu pudesse voltar atrás para qualquer momento da minha vida, seria para a noite em que fui escolhido como protagonista de *Se*. Eu estava fazendo *Noite de Reis* no Royal Court e, quando a cortina desceu, o diretor de palco me disse que havia uma ligação para mim. Era Miriam Brick-man, a diretora de elenco, e ela me deu a notícia. Eu não podia acreditar e corri para o pub para comemorar. Comprei champanhe e olhei em volta, mas não consegui ver ninguém da peça, exceto um homem que mal reconheci. Contei a ele que tinha conseguido um papel num filme e ofereci a ele um pouco de champanhe – ele deve ter se perguntado o que estava acontecendo. Mas eu sabia que algo que mudaria minha vida completamente recém tinha acontecido.

James Earl Jones

Ator

22 de fevereiro de 2010

Com dezesseis anos, eu tinha uma vida pacata mas enriquecedora numa fazenda em Michigan, onde fui criado pelos meus avós. Minha avó me ensinou muito sobre ódio, e meu avô me ensinou muito sobre justiça.

Eu lia muito Júlio Verne, e um camarada meu e eu esboçamos o projeto para construir uma máquina de perfuração para irmos ao centro da Terra. Meu avô levou isso muito a sério e nos mandou parar com tamanha loucura.

Além do meu avô, meu herói no Ensino Médio foi o professor Donald Crouch. Naquela época, havia tanto drama na minha vida que quando cheguei ao Ensino Fundamental eu gaguejava a ponto de mal conseguir falar, tanto que quando cheguei ao Ensino Médio eu era basicamente mudo. O professor Crouch descobriu que eu escrevia poemas e me desafiou a ler meu trabalho em aula. Como eram minhas próprias palavras, consegui declamar de cor.

Fui encorajado a escrever para o presidente Roosevelt sobre questões relacionadas à justiça e à injustiça. Eu informaria ao jovem James Earl que o FBI acharia essa carta bastante contestadora quando checassem seu histórico antes de ingressar no exército. Também diria a ele que ficaria muito impressionado com o presidente Obama e que os Estados Unidos o elegeriam.

Eu era proibido de falar sobre meu pai, que foi afastado da minha mãe antes de eu nascer. Quando estava no colégio, fui até uma estante com revistas e descobri uma fotografia dele numa produção teatral do livro *Strange Fruit*, de Lillian Smith, na Broadway, estrelada por Mel Ferrer. Meu pai me ofereceu uma viagem para Nova York para conhecê-lo; quando minha mãe soube disso, ela contra-atacou com uma passagem de trem para St. Louis, onde ela morava. Meu pai nunca me perdoou por ter escolhido ir a St. Louis em vez de Nova York.

Mas eu contaria ao James Earl de dezesseis anos que um dia ele acabaria indo ao encontro de seu pai, que o levaria para ver Dame Margot Fonteyn em *O Lago dos Cisnes* e a grande cantora de ópera afro-americana Leontyne Price em *Tosca*. Ele também me levou para ver Pal Joey, e mais tarde *As Bruxas de Salém*, de Arthur Miller, por

mais fria e depressiva que fosse a história. Foi Pal Joey que acendeu a chama em mim, e eu arrumei um emprego como carpinteiro na nossa pequena casa de ópera em Michigan.

Não acho que o James Earl de dezesseis anos ficaria impressionado com o que ele conquistou como ator; o que o deixaria impressionado seria uma boa colheita, um bom ano de caçada de esquilos ou uma boa carne de veado.

O papel que me colocou na capa das revistas foi *A Grande Esperança Branca*,³⁹ mas o trabalho de que meu eu adolescente mais se orgulharia seria *Cry, the Beloved Country*. *Star Wars* foi um dinheiro fácil que veio do nada. Mas não ganhei muito mais do que um dólar. Se eu tivesse me oferecido para usar o figurino de Darth Vader, teria ficado milionário, mas escolhi trabalhar como um dos caras dos efeitos especiais e só gravei a voz. Mesmo assim, fico muito feliz de ter feito parte de tudo aquilo.

Naquela época, havia tanto drama na
Minha vida que quando cheguei ao
Ensino Fundamental eu gaguejava a
ponto de Mal conseguir falar, tanto que
quando cheguei ao Ensino Médio eu
era basicamente Mudo.

Buzz Aldrin

Astronauta

2 de setembro de 2013

Quando eu era adolescente, sabia que meu desempenho acadêmico era bom. Por causa do pioneirismo do meu pai na aviação de 1919 até a Segunda Guerra Mundial, eu queria ser piloto de avião, e o melhor modo de fazer isso em 1945 parecia ser na academia militar. Eu me formei em terceiro lugar em West Point durante a Guerra da Coreia, então, quando terminei o treinamento como piloto, fui enviado para a Coreia para o combate aéreo. Fui piloto em sessenta e seis missões e abati duas aeronaves.

Eu era bastante imaturo socialmente com dezesseis anos. Não era tímido, mas não tinha muito jeito com as garotas no Ensino Médio. Meu pai era meu exemplo por causa do que ele tinha feito, mas ele não era muito bom em cultivar uma relação com seu filho. Quando ele estava longe, durante a guerra, minha mãe e minhas duas irmãs mais velhas comandavam a casa. Acho que eu era próximo da minha mãe – ela ia assistir às minhas partidas de futebol.

Eu não fui arrebatado imediatamente pelas viagens espaciais. Eu estava na Alemanha pilotando caças supersônicos F-100 em 1957, o ano da Sputnik. Estávamos em alerta nuclear em caso de a União Soviética invadir a Europa, e a Sputnik passando sobre nossas cabeças não despertava muito interesse. Mas, em 1959, a revista *Life* exibiu fotos da espaçonave Mercury falando sobre a seleção dos primeiros astronautas. Eu não tinha treinamento como piloto de testes, então achava que não poderia ser candidato, mas em 1963 a NASA reduziu os pré-requisitos e se concentrou mais no desempenho acadêmico, o que me colocava perto do topo da lista.

Foi uma combinação de mudanças e de tragédias não previstas que deu a mim e a Neil Armstrong a oportunidade de caminhar na Lua. Eu sequer estava escalado no programa Gemini, mas um acidente que matou dois astronautas acabou me colocando lá. Estava, portanto, envolvido numa missão bem-sucedida para ir à Lua. Logo, eu sabia que me encontrava numa boa posição. Depois do incêndio da Apollo em 1967, que matou três astronautas, incluindo um grande amigo meu, Ed White, o jogo de dados resultou em Neil Armstrong e eu sendo designados para a missão Apollo 11.

A Apollo foi provavelmente a missão com o treinamento mais

intenso até aquela data – tínhamos um cronograma planejado de hora em hora e confiávamos muito na programação. Estive em combate em 1953 e era comum lidar com emergências. Ou se aprende a aceitar o que pode vir a acontecer, ou se vai trabalhar com outra coisa. Sabíamos que um pouso bem-sucedido poderia não acontecer, mas nós achávamos que ainda seria possível abortar a missão e retornar para a Terra. Pensávamos que havia 60% de chance de pousar, mas mais de 90% de chance de voltar para cá em segurança, mesmo que não houvesse o pouso.

Cada equipe de voo cria seu próprio distintivo símbolo. Eu queria encontrar alguma coisa simbólica quanto à chegada do homem à Lua pela primeira vez; não podia imaginar alguma coisa em particular, mas nós finalmente tivemos a ideia de usar o símbolo do nosso país, a águia, pousando na Lua com uma imagem da Terra ao fundo. Sugeriram que a águia tivesse um ramo de oliveira no bico, uma imagem de paz, mas a ideia foi rejeitada porque as garras abertas da águia pareciam muito agressivas, então colocamos o ramo de oliveira nas garras e foi assim que a insígnia foi criada. E, é claro, Neil e eu concordamos que batizaríamos a espaçonave de “Eagle”, “Águia”.

Senti que, se tivéssemos um pouso bem-sucedido, eu queria fazer alguma coisa pessoal e simbólica para agradecer. Tive permissão para fazer o ritual da comunhão, com vinho e hóstia, na superfície da Lua, mas fui aconselhado a não falar nada sobre isso na época – alguém tinha feito forte oposição contra a tripulação da Apollo 8 por terem lido a Bíblia, e nós não queríamos ter mais problemas ainda com quem critica as religiões.

Se eu pudesse fazer tudo isso de novo, acho que deveria ficar encarregado dos experimentos na superfície lunar. Como Neil chegou lá primeiro, ele assumiu o controle do que fizemos. Por alguma razão, a primeira coisa que fiz no último degrau da escada foi urinar dentro do meu traje espacial. Então olhei ao longe e ouvi Neil usar a palavra “lindo”, mas tive a sensação de que não era lindo. Eu chamei de “desolação magnífica” e pensei sobre como o que eu estava vendo não havia mudado nada em milhares de anos.

Depois da chegada à Lua, senti que talvez não houvesse nada tão incrível que eu pudesse fazer de novo.

Cheguei a ser o primeiro a fazer alguma coisa: fui o primeiro a voltar para a cabine, então me tornei o primeiro alienígena a subir numa espaçonave a caminho de volta ao nosso planeta natal. Veja bem, se eu pudesse voltar no passado, eu lembraria a mim mesmo de

ligar a câmera que deixamos lá – eu esqueci, então não temos qualquer imagem da nossa decolagem na Lua.

Eu deveria aconselhar meu jovem eu a planejar alguma coisa para me manter ocupado depois da aposentadoria. Depois da chegada à Lua, senti que talvez não houvesse nada tão incrível que eu pudesse fazer de novo. Por isso decidi me tornar o primeiro astronauta a retornar ao serviço militar. Eu queria ser comandante de cadetes na academia, mas não consegui essa designação; me colocaram como comandante dos pilotos de testes, o que foi curioso, porque eu nunca treinei para ser piloto de testes. Não era o que eu queria fazer, então depois de um ano me aposentei. Foi quando me tornei depressivo e alcoólatra. Enfrentei algo semelhante dois anos atrás, quando me divorciei da minha terceira esposa, mas, depois de ter passado trinta e quatro anos sem beber, eu sabia como lidar um pouco melhor com a depressão.

Eu particularmente não quero ser um pioneiro solitário em outro planeta. Concordo que precisamos enviar humanos para ocupar Marte permanentemente, mas não acho que minhas características inatas me tornariam um bom voluntário.

Não tenho arrependimento algum, mas talvez a depressão e o alcoolismo não precisassem ter interrompido meu primeiro casamento. Eu amava muito minha primeira esposa e meus três filhos, mas já fui casado três vezes e agora estou divorciado. Talvez eu pudesse ter sido um pouco mais seletivo, mas eu fiz o que fiz. Tenho muito orgulho do meu filho caçula, que tem um PhD, fala russo e é vice-presidente de uma empresa de foguetes. Estou passando por alguns problemas com meu filho mais velho e tentando ajudá-lo a fazer algumas mudanças na vida dele. Minha filha é a única que me deu um neto e graças a ele sou um ótimo avô. Isso é um legado.

Danny DeVito

Ator

16 de julho de 2012

Eu morava em New Jersey quando tinha dezesseis anos, ia ao cinema e saía com meus amigos. Se eu pudesse voltar no tempo, diria a mim mesmo para abrir os livros um pouco mais, ler muito e dominar história e geografia. Acostumar a aprender. E eu diria a mim mesmo para relaxar mais e não me estressar sobre conseguir uma namorada. Eu diria: “Não fique tão preocupado com o fato de que há essa grande parada na sexta à noite e você tem que se arrumar todo para ir até lá – a festa vai estar lá por muito, muito tempo. Não se estresse por ter ou não ter uma namorada, divirta-se com seus amigos. E não fume”. Só fazia aquilo para me enturmar com o grupo. Na verdade, eu diria a mim mesmo para não me preocupar tanto com o grupo – eles não eram pessoas muito inteligentes. Eu diria para tratar bem minha irmã e passar mais tempo com minha mãe e meu pai. Rapaz, era o que eu faria.

As mulheres ficavam na minha cabeça o tempo todo quando eu tinha dezesseis anos. Eu era meio popular porque era engraçado e extrovertido, mas não era um Brad Pitt – ninguém me perseguia na rua. Eu tinha duas irmãs mais velhas – a mais velha tinha dezesseis anos a mais do que eu –, então eu tinha uma grande vantagem sobre outros caras que não compreendiam o sexo oposto, e eu compartilhava segredos sobre muitas coisas de que os outros garotos não faziam ideia com tão pouca idade. Eu via os namorados delas e escutava as conversas, e eu manjava das coisas. Não quero fazer parecer que eu era muito sabedor das coisas, mas acho que me sentia mais confortável na companhia das mulheres do que com muitos dos meus amigos. Eu diria ao meu jovem eu para aproveitar melhor essa vantagem, ficar com elas e ouvi-las de verdade – há muito conhecimento que se pode adquirir de uma irmã mais velha.

Eu não fazia ideia do que eu queria fazer na vida quando era adolescente. Eu trabalhava como jardineiro todo verão até terminar o Ensino Médio, e então minha irmã me matriculou numa escola para cabeleireiro. Ela tinha um salão de beleza e queria que eu fosse trabalhar com ela. Eu falei: “Angie, não sei, não tenho qualquer afinidade com isso”. E ela perguntou: “Mas que outra coisa você vai fazer? Você não vai para a faculdade. Você precisa fazer alguma

coisa”. Eu concordei com ela porque ela sempre foi muito inteligente. Então minha irmã me deu um pequeno kit de cabeleireiro e fui para a escola, e no mesmo instante em que entrei lá, soube que ficaria devendo para Angie o resto da minha vida. Havia quarenta garotas e somente três caras. Os seis meses seguintes foram embrionários para o resto da minha vida.

Tenho muita sintonia com cabelo. Se eu vejo alguém e o cabelo dessa pessoa é ruivo, e na próxima vez que nos encontrarmos o cabelo estiver um pouco mais claro ou mais escuro, eu reparo. E eu sempre sei quando alguém fez um corte de cabelo recentemente. É uma forma de quebrar o gelo, acredite. Eu dou conselhos às pessoas, mesmo quando não solicitado. Eu falo: “Com o formato do seu rosto, eu não usaria esse penteado, talvez você devesse pensar em cortar a franja”. Sempre fico observando o cabelo das pessoas e uso meus conhecimentos com alguns dos colegas e atores que contracenam comigo. Certa vez, eu me meti numa encrenca fazendo isso. Estávamos ensaiando uma cena sentados ao redor de uma mesa, e o grupo incluía uma atriz que era um pouco mais velha. Não haviam terminado de fazer nosso cabelo e maquiagem, e eu olhei para ela e disse: “Ei, você tem um fiapo preso no seu cabelo”. Puxei o fiapo e as sobrancelhas espicharam, e ela gritou: “Putá merda, Danny, é o meu facelift”. Eu não sabia, nunca tinha visto um antes.

**Eu diria ao Meu jovem eu para
aproveitar Melhor essa vantagem, ficar
com elas e ouvi-las de verdade – há
Muito conhecimento que se pode
adquirir de uma irmã mais velha.**

Meus pais já faleceram, mas tenho sorte de que eles sempre estiveram ao meu lado. Minha mãe e meu pai eram muito mais velhos do que a maioria dos pais dos meus amigos – minha mãe tinha quarenta anos quando me teve –, então eu tinha plena consciência de sua mortalidade. Eu estava com meu pai quando ele morreu, e o mesmo aconteceu com a minha mãe. Meu pai morreu de repente de derrame e ataque cardíaco, mas estávamos todos juntos quando aconteceu. Foi muito bizarro, porque aconteceu bem diante dos nossos olhos. Mas, por causa da idade deles, eu pensava sobre quanto tempo ainda teriam e nunca hesitei em dizer para eles o quanto os amava. Quando tive meus próprios filhos, eu sempre falava o quanto os amava. Você jamais quer ir embora sem ter tido um momento em que

você diz a eles o quanto você os ama.

Tenho muito orgulho da minha atuação em *Um Estranho no Ninho*. Eu já tinha feito o papel na temporada off-Broadway, então passei muito tempo estudando. Visitamos algumas instituições para pesquisar; nós falávamos que éramos universitários e eles nos deixavam entrar, e foi uma experiência que abriu meus olhos. Foi um ótimo filme, mas o meu eu adolescente ficaria mais impressionado ao saber que interpretei o Pinguim num filme do Batman – ele tinha a revista em quadrinhos junto à cabeceira da cama. Contudo, eu teria que explicar para ele que seria um pouco diferente dos quadrinhos por causa desse cara louco chamado Tim Burton.

Se eu contasse ao jovem Danny como as coisas seriam, ele ficaria muito animado. Não acho que ele teria medo. Eu seria gentil com ele e tentaria não pegar pesado demais. Eu me sentaria com ele e diria: “Venho do futuro, e é isto o que você vai fazer”. Se eu dissesse a ele que ele iria dirigir e atuar em todos esses filmes, ter três filhos e morar nos lugares onde já morei, acho que ele iria sorrir e dizer: “Fantástico”.

Eu diria ao meu eu adolescente, e acho que foi o Dalai-Lama quem disse isso: “Se alguma coisa boa acontecer, aceite-a e deixe-a ir. E, se alguma coisa ruim acontecer com você, aceite-a e deixe-a ir”. Acho que é um bom modo de viver a vida, bem no centro do Yin e Yang, então sempre se está pronto para tudo. Eu não era esse tipo de pessoa por natureza, e essa lição foi difícil de assimilar, mas você tem que aprender a confiar que as coisas vão ficar bem.

O casamento é uma via de mão dupla. Ambos devem querer as mesmas coisas. É preciso ter consideração e fazer concessões para poder viver com alguém. Se é para vocês continuarem camaradas e amigos para sempre, tem que ser num mundo de dar e receber.⁴⁰

Tive uma vida praticamente perfeita, e não há muita coisa que eu mudaria. Os momentos que mais valorizo foram os que passei com minha família. Nos últimos vinte anos, saímos de férias com nossos três filhos todos os anos. Há sempre aquele momento durante as férias em que você fica meio perdido por uns dias – então, depois disso, você relaxa e se sente bem. Esses são os momentos que realmente quero guardar comigo.

Ewan McGregor

Ator

3 de outubro de 2011

O ano em que completei dezesseis foi muito importante para mim. Eu me mudei para Kirkcaldy para estudar teatro, o que acabou exigindo de mim muito esforço e responsabilidade. Foi uma época difícil e amadureci bastante naquele ano. Eu queria ser ator desde que tinha nove anos, e tudo por causa do meu tio.⁴¹ Ele veio até Crieff e era tão diferente de todos os outros. Um sujeito animado e exótico. Não que as pessoas em Crieff não fossem assim, mas eles estão mais para agricultores do que para atores. Eu queria ser como ele antes mesmo de saber o que um ator realmente fazia e nunca mais mudei de ideia.

Sempre fui o tipo de pessoa pra cima. Não é uma escolha, é apenas o modo como eu sou. Tive uma infância muito feliz, com bons amigos e com a família ao meu redor. Crieff foi o lugar perfeito para crescer – passávamos o dia inteiro andando de bicicleta, saíamos de manhã e só voltávamos à noite. Tínhamos a verdadeira liberdade e uma independência que meus filhos não têm.

Eu sempre quis ir para Londres e tentar ganhar a vida, principalmente porque eu adorava ir para lá quando era criança para visitar meu tio Dennis. Mas, quando me mudei, com dezessete anos, para começar meu curso na Guildhall School of Music and Drama, de repente deixar a Escócia pareceu um grande tormento. Eu ainda lembro do meu pai me deixando lá, num quatinho bem decadente. Pude ver meu pai olhando em volta, nós dois pensando: “Putá merda, estou em choque”. Realmente senti como se eu estivesse saindo de casa de um modo que não tinha sentido quando saí para estudar em Kirkcaldy – isso era uma coisa muito maior. Eu me tornei radicalmente escocês e lembro de costurar fitas de tartan na minha jaqueta jeans. Eu era esse escocês radical exilado em Londres.

Eu diria ao meu jovem eu para não se preocupar se ele não conseguisse um papel num filme. Eu tinha dezenove anos, ainda na escola de teatro, e estava na parada por dois papéis. Um era num filme, muito bonito, uma história triste de tempos de guerra, e o outro era num drama de Dennis Potter para a BBC chamado *Lipstick on Your Collar*. Eu estava animado com ambas as oportunidades, mas o que eu queria mais do que tudo era atuar no outro filme. Eu queria tanto

aquilo, mas não me saí bem no teste final e não consegui o papel. No final das contas, o filme acabou nem saindo – então, se eu tivesse conseguido o papel, eu teria perdido a oportunidade de trabalhar com Dennis Potter por causa de um filme que nunca seria feito. Acho que teve a mão do destino agindo nisso aí.

Eu diria ao Meu jovem eu para não se preocupar se ele não conseguisse um papel num filme.

A escola de teatro pode abalar sua confiança, porque lá se concentram nas suas fraquezas. Conseguir um agente foi algo importantíssimo, porque me deu um vislumbre de que eu talvez fosse bom no que eu fazia. Eu pensei: “Ah, alguém me quer”. E, quando consegui entrar na série de Dennis Potter, aquela foi a primeira vez que eu tive a sensação de que alguém queria a mim no papel e não outra pessoa. De repente, minha velha confiança voltou. Eu entrei no escritório da minha agente e ela pediu que eu me sentasse e falou: “Você terá trabalho pelos próximos seis meses e vão te pagar vinte e quatro mil libras”. Tive que pedir para ela esperar um momento e disse: “Posso por favor ligar para o meu pai?”. Eu queria contar para ele que eu ia ficar bem.

Se eu encontrasse meu eu adolescente hoje, há provavelmente algumas coisas que eu fiz que ele não ia achar nada legal, mas gosto de pensar que nós dois compartilhamos a mesma força e as mesmas motivações. Quando era mais novo, eu queria me envolver em trabalhos que tivessem relevância. Acho que tenho feito isso, mas também se vive e se aprende, e se compreende que não tem como ser sempre assim. Tenho sorte de poder fazer filmes grandes e filmes menores, e até mesmo com estes últimos tive experiências diferentes. Eu tenho um critério bem simples: se eu gosto da história, faço o filme.

Já faz quase onze anos desde que tomei meu último drink, e raramente me dou conta de que não bebo mais. Hoje em dia acho fácil sair em grupo sem ingerir álcool. Antes, eu costumava tomar alguns canecos de cerveja antes de ser eu mesmo, mas agora, logo que eu chego, já sou eu mesmo. Beber do modo como eu fazia estava me deixando infeliz.

Quando eu fiz *Trainspotting* eu não pensei: “Este sou eu, este é o meu momento”. Mas realmente tinha uma sensação maravilhosa a respeito desse filme. Achava o livro fantástico, ele realmente capturava o espírito do país. Eu sabia que Danny era o melhor diretor para esse filme. E nós tínhamos um elenco incrível. Então, havia

expectativas muito altas, mas jamais poderia ter imaginado... Eu me lembro de quando vi o filme pela primeira vez, em Londres, com minha esposa e meu tio Dennis, e saí de lá entorpecido, tremendo. Foi extraordinário. Mas eu já tinha uma forte autoconfiança, então não parecia que *Trainspotting* fosse alavancar minha carreira daquele jeito. Agora, é claro, vejo que foi exatamente isso que aconteceu – ele foi um sucesso global e me tornou famoso.

Amo estar na Escócia, seja a trabalho ou só para visitar minha casa, e amo trabalhar em Glasgow em *Perfect Sense*. Até hoje, já fiz quatro filmes lá e, mesmo que eu não seja de Glasgow, acompanhei as mudanças da cidade desde que fiz *Cova Rasa* em 1994. É um lugar maravilhoso e acho que a cidade é um personagem real daquele filme.

Não acho que importa onde se vive – você consegue manter a privacidade da sua vida em família em qualquer lugar se escolher não se entregar ao burburinho. Penso que a badalação precisa ser buscada, e eu nunca faço isso. Assim, tenho uma vida muito boa, com minha família na Escócia, muitos amigos nos Estados Unidos e quatro filhos. É o bastante, e não sobra muito tempo para qualquer outra coisa. Estou ocupado com meus filhos e amo que seja desse jeito. É perfeito.

Ozzy Osbourne

Músico

27 de outubro de 2014

Eu era um garoto rebelde. Não gostava de compromisso e não conseguia me manter num emprego sequer. Minha mãe estava sempre gritando comigo por não trazer dinheiro para dentro de casa. Na verdade, eu era meio vagabundo. Saí de casa, mas não tinha lugar nenhum para ir. Ficava dormindo no sofá dos amigos. Era carismático e sociável numa região de operários e trabalhadores.

Sou totalmente disléxico, mas na época nem sabiam o que era dislexia. Fui para a escola em Birmingham, já no Ensino Médio moderno, onde havia quarenta e nove alunos numa única turma, todos meninos. Os garotos costumavam fazer bagunça, fumar atrás do banheiro. Não era o melhor lugar se você quisesse aprender alguma coisa. Eu era o cara maluco. Os caras grandalhões e valentões acabavam gostando de mim porque eu os fazia rir.

Eu tentava encontrar coisas em que eu fosse bom. Tentei cometer pequenos furtos e arrombar casas por um tempo, mas não era bom nisso. Não cometi grandes crimes, e levou menos de três semanas até eu ser pego. Meu pai me disse: “Isso foi muita estupidez”, e eu realmente me senti muito burro. Então não paguei minha fiança e fiquei na cadeia por algumas semanas. Foi uma lição curta e dura, e encerrou minha carreira como assaltante em definitivo.

Alguém me perguntou há pouco tempo qual foi o melhor presente que já ganhei, e me dei conta de que, se meu pai não tivesse me comprado um microfone quando eu tinha dezoito anos, eu não estaria aqui hoje. Ele viu que eu estava ligado em música popular, então me comprou um microfone, e foi pouco depois disso que conheci os caras que formariam o Black Sabbath. Foi só porque eu tinha meu próprio microfone e um amplificador que consegui entrar na banda. Se eu não tivesse o equipamento, nunca teria conseguido me integrar ao grupo.

Primeiro, éramos só eu e Geezer.⁴² Nós colocamos um anúncio numa loja de instrumentos em Birmingham, e Tony e Bill apareceram.⁴³ Eles recém tinham sido pegos fumando maconha em Carlisle com a banda deles, a Mythology – eles se separam porque, naquela época, ser flagrado com drogas acabava sendo notícia pelo país inteiro. O rosto de Tony murchou quando ele me viu, porque ele não ia com a minha cara. Ele ficou tipo “Ah, não”, mas começamos a

tocar juntos. Tony tinha certa reputação em Cumberland, como se chamava na época, então conseguimos alguns shows lá, e em Inverness, na fronteira com a Escócia.

O adolescente Ozzy nem em um milhão de anos teria acreditado que poderia ter a vida que eu tenho. Como pôde aquele garoto sair de casa em Aston, Birmingham, para viver numa mansão em Beverly Hills? Eu não entendo. Nunca vou esquecer uma véspera de Natal em que meu pai disse que eu poderia ficar acordado até mais tarde, e vi a mulher mais linda do mundo. Ele ligou a TV e lá estava Elizabeth Taylor lendo um poema. Anos mais tarde, fui convidado para um evento beneficente e ninguém menos do que Elizabeth Taylor se sentou ao meu lado. Eu só pensei: “Ah, se meu pai pudesse me ver agora”. Foi incrível.

Se sinto vergonha das coisas que já fiz? Todos os dias.

O que mais deixaria o jovem Ozzy surpreso é que ele conseguiu permanecer vivo por todo esse tempo. Eu não era um cara violento, mas fiz algumas coisas muito estúpidas na minha vida. Podia ter me matado umas mil vezes antes de sequer pegar um microfone na mão. Tive uns anos muito loucos com drogas e álcool nas décadas de 1970 e 1980. Durante cerca de vinte anos, bebi muito, usei muita droga e vivi esse tipo de vida. Como essas coisas já não me faziam bem, eu tive que procurar ajuda. Agora eu não bebo, não fumo e não uso drogas. Mas definitivamente estou vivendo na prorrogação.

Olhando para trás, sinto que tive muita sorte. Tenho sessenta e cinco anos e uma vida excelente. Ainda faço coisas estúpidas, mas não entro mais bêbado no meu carro. Eu costumava dizer para a Sharon: “Eu não vou fazer isso”. Então tomava uns goles, acordava na manhã seguinte e ela me perguntava: “Por que você quis fazer isso?”. Hoje estou sóbrio, mas quando eu caí do meu quadriciclo há cerca de dez anos quebrei o pescoço. Estava andando a seis quilômetros por hora. Típico. Um dia estarei caminhando e um pássaro exótico vai cagar no meu ombro com um vírus raro e vou desaparecer.

Não daria conselhos a ninguém sobre nada, principalmente ao meu jovem eu. Se você me pedir ajuda com alguma coisa que eu realmente saiba – que não é muita coisa, para ser totalmente honesto –, talvez eu dê uma sugestão. Mas eu diria: “Se você quiser tentar alguma coisa, vá em frente, mas lembre que cada ação tem uma reação”. É como apostar. Eu não entendo esses viciados em apostas, porque isso não funciona. Já estive em Las Vegas e me encenquei com alguns bandidos armados, e simplesmente não entendo qual é a graça. Dirigir

a 110 quilômetros por hora quando se está bêbado é uma coisa estúpida de se fazer, embora eu já tenha feito isso milhares de vezes.

Se sinto vergonha das coisas que já fiz? Todos os dias. A última vez que fiquei bebaço voltei para casa sem uma Ferrari. Tenho sorte de ter a Sharon na minha vida, porque ela me dá os sermões adequados que antigamente eu costumava levar a mal. Eu pensava: “Por que ela está tão furiosa comigo? Estou bem, agora”. Mas havia vezes em que eu não estava bem, e eu atormentava todo mundo – estava louco.

Se eu pudesse reviver um dia da minha vida, seria o dia em que eu me casei com a Sharon. Passei o dia inteiro completamente alucinado e não consegui sequer chegar à suíte nupcial. No fim das contas, me encontraram caído com a cara no chão no meio do corredor do hotel, inconsciente. Gostaria de voltar para aquele dia e encerrá-lo indo para a cama com minha esposa.

Sir Paul McCartney

Músico

13 de fevereiro de 2012

Com dezesseis anos, eu estava tentando ir bem na escola com certa dificuldade, aprender a tocar guitarra e conquistar uma garota, o que parecia impossível naquela época – me faltava autoconfiança de verdade. Esta é a razão pela qual muitos caras entram numa banda – garotas e dinheiro. Todas elas pareciam muita areia para o meu caminhãozinho, e eu não conseguia pensar em como chegar numa garota e falar: “Quer ir ao cinema comigo?”. É assustador. O que você faz? Coloca o braço ao redor dela? Fica lá sentado esperando que ela fale primeiro ou ela espera que você diga alguma coisa antes? Compra uma caixa de bombons de caramelo? Acho que consegui levar uma garota ao cinema duas vezes, mas, mesmo nessas ocasiões, não foi fácil ser charmoso como James Bond.

Acho que mais tarde me dei conta de que esse jeito como eu me sentia em relação às garotas aos dezesseis anos de idade era uma coisa sobre a qual eu poderia escrever numa letra de música. E foi o que eu fiz. Na verdade, também busquei naquela época outras coisas sobre as quais poderia escrever, não só românticas. Para se ter uma ideia, havia algumas velhinhas perto de onde eu morava em Liverpool, e fiz amizade com uma delas. Costumava ir ao mercado para ela, e depois ficávamos conversando um pouco sobre sua vida. Era fascinante falar com alguém de uma geração completamente diferente da minha e, em vez de pensar “É só uma senhora idosa”, dar-me conta de que eles foram jovens um dia e tiveram experiências incríveis com as quais era possível me identificar. Fazer as compras para aquela senhora se tornou uma experiência muito educativa e muito agradável para mim. Penso que me conduziu até “Eleanor Rigby”, uma canção sobre os solitários.

Não sou muito bom com datas – os especialistas em Beatles certamente são muito melhores nisso do que eu, mas acho que eu já tinha conhecido John e George com dezesseis anos. George pegava o mesmo ônibus que eu. Eu já estava compondo músicas – compus a primeira com quatorze anos. Então, quando conheci John, eu disse: “Tenho duas músicas e alguns pedacinhos de outras”. E ele disse: “Também tenho”. Foi uma boa maneira de nos aproximarmos. Pensamos: “Bem, se já fizemos uma música cada um sozinhos, talvez

pudéssemos compor uma juntos”. E foi o que fizemos. As primeiras músicas eram muito simples, mas melhoramos pouco a pouco ao longo dos anos seguintes e, sem nos darmos conta do que estávamos fazendo, nos tornamos uma dupla de compositores. E também ficamos muito famosos.

Meu pai teve grande influência nas minhas composições. Em casa, ele tocava piano e eu sempre o ouvia tocar. Ele ensinou a mim e ao meu irmão como harmonizar as vozes juntos, e foi isso que criou meu amor pelas harmonias. Quando nós formamos os Beatles, adorávamos cantar em harmonia. É um belo jeito de se criar um vínculo e é por isso que as pessoas adoram grupos de coro. Lembro que, se tocasse alguma música animada no rádio, meu pai enfiava a cabeça pela porta e marcava o ritmo com o punho cerrado. Esse era só um de seus pequenos hábitos, mas se tornou uma lembrança muito especial para mim, simplesmente ver a alegria do meu pai com o ritmo da música. Ele me dizia para escutar o som muito grave que saía do alto-falante, explicando: “Isto se chama baixo”. Que divertido saber que mais tarde eu seria baixista.

**Ficava ansioso sobre essas coisas,
sabendo que não havia uma boa
resposta para a pergunta “O que você
vai fazer na vida?”.**

Aos dezesseis anos, não fazia muito tempo que eu havia perdido minha mãe. Creio que, como em qualquer tragédia, com sorte sua mente encontra uma forma de lidar com a dor de modo a permitir que você siga em frente. Sendo um garoto de quatorze anos em Liverpool, eu podia tanto sucumbir à dor como seguir em frente apesar dela. A música me ajudou muito com isso, me trouxe bons sentimentos para substituir os sentimentos ruins. E, é claro, John também perdeu a mãe dele quando era jovem. Isso ajudou a criarmos um laço, ter isso em comum.

Acho que eu era um garoto bastante focado. Queria ir bem na escola e achava que estava me esforçando, mas nem todos os professores concordavam com isso e, no fim das contas, não tive muito sucesso. Eu era um sonhador, sem dúvida, mas não acho que isso seja ruim. Lembro bem que minhas aulas de música simplesmente não existiam; tínhamos um professor de música, mas ele só colocava um disco de Beethoven para tocar e saía da sala. Éramos um bando de adolescentes de Liverpool e simplesmente tirávamos o disco e jogávamos cartas, e, quando o professor estava voltando, colocávamos o disco de volta,

agitávamos as mãos no ar para dissipar a fumaça dos cigarros e voltávamos para nossas carteiras. Para minha sorte, descobri a música de um jeito diferente, e ela se tornou minha paixão.

Se eu voltasse no tempo para contar ao meu eu de dezesseis anos como minha vida seria, ele não iria acreditar. Já pensei nisso outras vezes. Sempre que toco “Back in the USSR” ao vivo, geralmente falo para o público: “Se vocês me contassem quando eu era garoto que um dia eu iria conhecer o presidente da Rússia e ele assistiria a um dos meus shows – bem, impossível, não é?”. Tantas coisas com relação aos Beatles, ao Wings e à minha banda atual são fenomenais – voltar no tempo seria como o filme *De Volta Para o Futuro*. Eu ia ter que dizer ao meu jovem eu: “Vim do futuro e tudo o que estou dizendo é real. Aguarde firme e não se desespere, você não vai acreditar no que vai acontecer na sequência”.

Também diria ao meu eu adolescente: “Não fique tão tenso com tudo, o mundo não é tão ruim quanto você pensa que é”. Minha estrutura familiar era boa, então não posso falar por todos, é claro, mas no caso do meu eu de dezesseis anos, eu só pensava: “Nunca vou conseguir uma namorada e nunca vou conseguir um emprego”. Ficava ansioso sobre essas coisas, sabendo que não havia uma boa resposta para a pergunta “O que você vai fazer na vida?”.

Os nascimentos dos meus filhos foram tempos de euforia. Tive muita sorte, porque venho de uma família enorme de Liverpool, então quase sempre me pediam para cuidar do filho pequeno de uma prima ou de uma tia. John era filho único e não havia bebês por perto, então, quando nasceu seu primeiro filho, ele teve que descobrir o que fazer com a criança – John não tinha qualquer experiência com isso. Ele era como aqueles pais que acham que os bebês são feitos de vidro e tinha medo de derrubá-lo ou de quebrá-lo. Mas a paternidade foi uma coisa bastante natural para mim, uma grande bênção. Algumas faixas do meu novo álbum⁴⁴ são inspiradas pelas grandes cantorias em família, tempos mágicos quando a música reunia todos os parentes.

O adolescente Paul McCartney adoraria a ideia da fama – era o sonho dele. Mas é curioso, a vida oferece premonições sutis que não encaramos como presságios até que o sonho se torna realidade, e então pensamos: “Será que aquilo era um sinal?”. Lembro que, quando John e eu nos reunimos pela primeira vez, sonhei que eu estava escavando o jardim com minhas próprias mãos e encontrava uma moeda dourada. Continuei cavando e encontrei mais uma, depois mais outra. No dia seguinte, contei a John o que eu tinha sonhado, e ele me disse: “Que engraçado, tive exatamente o mesmo sonho”. Acho que se pode dizer que o sonho se tornou realidade. Lembro que anos mais tarde disse a ele: “Lembra aquele sonho que tivemos?”. Então a mensagem do sonho era: “Continuem cavando, rapazes”.

João Barone

Músico e escritor

10 de setembro de 2020

Desde o advento da escrita, a humanidade tomou outro rumo. Tábuas com leis, livros sagrados, histórias de povos e civilizações, papéis, canetas, envelopes, receitas de bolo, cartas de amor... Houve um tempo em que escrever cartas se tornou um ato corriqueiro, mas que acabou sendo elevado ao estado de arte na literatura. E hoje chegamos aqui, em frente a uma tela LCD e dependentes de um teclado digital. Apesar de atualmente todo mundo precisar cada vez mais da escrita, perdeu-se o ritual e a forma dos tempos em que se escreviam cartas. Escrever uma carta hoje é algo incomum. O que seria então enviar uma carta para mim mesmo aos dezesseis anos?

Caro João Alberto,

Quem escreve aqui é você, diretamente do ano de 2020. Reconheceu a letra? Que estranho, não? Por favor, mantenha-se calmo, principalmente se você estiver a essa hora lendo esta carta sentado no ônibus indo para a escola, ou vão achar que você está louco. Para começar, uma explicação: os cientistas afirmam categoricamente que esse negócio de viajar no tempo é impossível, mas, por alguma razão, esta carta conseguiu viajar através de um negócio que eles chamam de buracos de minhoca, uma teoria complicada que tenta explicar a comunicação tempo-espaço, até chegar aqui em suas mãos. Então aproveite essa oportunidade única e, antes de você chegar na escola, vou te contar sobre um monte de coisas legais (e outras nem tanto) que eu consegui ver de onde estou.

Trago uma mensagem muito importante do futuro: “Tudo é passageiro, tirando o cobrador, disse o motorista do ônibus”... ha ha ha! Já posso imaginar o que está pensando nesse exato momento: “Cadê os seis números da loteria dos próximos meses de 1978?”. Calma! Mesmo aos dezesseis anos, você já suspeita que esse negócio de que dinheiro não traz felicidade é invenção dos milionários, mas o real sentido disso é que a verdadeira fortuna está onde você estiver feliz com o que faz, e isso, pode acreditar, é mais importante do que ficar rico. Sobre aquele terrível questionamento “O que você vai ser quando crescer?”, não quero te dar *spoiler*, quer dizer, contar o fim da

novela, mas, seja lá o que acontecer, continue fazendo exatamente o que seu coração mandar, ou eu não estaria aqui onde estou te escrevendo esta carta para dizer que vai valer a pena. Se eu deveria te dar alguma notícia boa do futuro sem estragar a jornada que o trará até aqui é: você tem muita coisa legal pela frente...

Acho que posso ajudar um pouco em suas muitas angústias, ainda mais agora que virou filho único. Sendo assim, aproveite as regalias. Seus irmãos foram morar fora e levaram os discos bons? Bem, ao menos a vitrola ficou e você pode chamá-la de sua. Economize a mesada e comece sua discoteca. No campo amoroso, você está no rumo certo: continue tratando as meninas com respeito e cavalheirismo, se tem uma coisa legal que nosso pai nos ensinou pelo exemplo foi isso. Saber as letras dos Beatles, discutir os livros do George Orwell, Asimov ou papo de astrologia não vão garantir ganhar os corações e mentes das meninas, mas ajudam um pouco a segurar uma boa conversa. Não fique muito triste com as eventuais decepções, elas acontecem, mas outras paixões virão e serão a cura para o coração partido.

No campo musical, tente superar sua decepção com os Beatles, que não voltam mais. Ao que parece, eles não vão voltar mesmo, é melhor se conformar de vez. E cá entre nós, já passou da hora de você achar outro ídolo na bateria além do Ringo, né? Fique ligado em bandas dessa nova leva como Pretenders, Clash, The Police, quem sabe elas te inspirem alguma coisa. Aqueles momentos de extrema satisfação que você tem sozinho no seu quarto tocando sua bateria imaginária no travesseiro, sonhando que está num show no Madison Square Garden, irão compensar.

Em 1978, você ainda não encontrou parceiros musicais que justifiquem todas aquelas histórias de como as bandas se formaram e de como a música pode ser uma incrível jornada coletiva. Apesar disso, não desista nem jogue fora suas fichas. Alguma hora esses encontros mágicos e especiais, como os muitos sobre os quais você já leu nas histórias das bandas de rock, podem acontecer. Já pensou que incrível se você encontrar uns caras que se tornarão verdadeiros irmãos e juntos formarem uma banda? Poder mandar suas ambições acadêmicas pro espaço? Sonhar é bom, mas mantenha os pés na realidade e esteja pronto para o inesperado. Na sua lista, ser arqueólogo já está fora de cogitação. Jogar tênis tornou-se mera atividade física, ser baterista numa banda de baile para tocar em clubes e boates esfumaçadas madrugada adentro é diferente de se divertir de vez em quando sem compromisso com os amigos. Mesmo assim, não deixe seu sonho de ser um baterista desbotar com o tempo, eu daqui vos digo em tom profético. Está ouvindo as trombetas? O rufar dos tambores?

Aqueles MoMentos de extreMa satisfação que você teM sozinho no seu quarto tocando sua bateria iMaginária no travesseiro, sonhando que está nuM show no Madison Square Garden, irão coMpensar.

Cara, enquanto você fica aí sonhando com uma bateria de verdade, desenhando baterias nos cadernos, recebendo pelo correio catálogos daquelas marcas de baterias importadas que custam mais caro que um carro, deixa eu te falar sobre algo diferente: você não vai acreditar nas coisas incríveis que vão inventar dentro em breve, começando por um tal de telefone celular. São uns aparelhinhos portáteis que podemos usar em qualquer lugar. Também inventaram uns computadores caseiros, na forma de uma TV pequena, para serem ligados em redes globais de comunicação.

Isso será apenas o começo de uma revolução que vai proporcionar, dentre outras coisas, que qualquer pessoa possa ouvir música através dos próprios telefones, e eu digo TODA a música já produzida e ainda por ser criada, no alcance das suas mãos. É isso mesmo que está lendo. Inclusive esse negócio de escrever cartas será em breve coisa do passado. As pessoas – quando escreverem – mandarão um “e-mail”, nome de uma espécie de “correio eletrônico”, enviado do computador ligado na tal rede chamada internet, mas não te mandei e-mail porque você não teria onde receber, né? Inclusive, em 2020, usar e-mail já estará meio defasado, imagina só. As pessoas usarão mais o tal telefone celular para enviar mensagens de texto ou voz, além de fotos e vídeos, muitos deles de piadinhas sem graça. Mas – “Hey, Mr. Postman!” – os correios vão continuar existindo para outro tipo de alegria: receber as encomendas que você comprar através da tal rede global, usando o seu computador em casa, escolhendo coisas como livros, roupas ou um robô aspirador de pó (pode rir!) em lojas “virtuais” ou canais de classificados que vendem de tudo. Inclusive, este tal telefone celular, de tão útil, se transformou num smartphone, um computador de bolso, só os velhos que ainda o chamam de celular. Além de poder ouvir música nele, também é possível tirar fotos e gravar vídeos para serem enviados pela rede para uma pessoa ou para grupos, chamam isso de “rede social”.

Nem Andy Warhol ou Aldous Huxley fariam ideia do fenômeno que está adiante com essa interação das pessoas através dessas redes

sociais. Cara, você não vai acreditar no que as pessoas serão capazes de fazer para se destacar e ganhar fama nesse mundo paralelo criado na grande rede global. Até políticos picaretas (sim, ainda existem!) conseguirão se eleger assim. Depois de tudo pelo que a TV já foi culpada no mundo moderno, aqui em 2020 muito se discute se as pessoas conseguirão viver sem o seu smartphone conectado na rede. Para o bem ou para o mal, tudo isso tem um preço, e toda essa tecnologia ficou cada vez mais acessível para o grande público, ao ponto de convencer a todos de que é indispensável. Acredite, daqui de onde estou parece difícil entender como a humanidade funcionava antes das invenções desse tal do telefone celular e da tal internet. Então, prepare-se para um admirável mundo novo...

Pois é, falando assim em tecnologia, parece que eu sou muito moderninho, mas saiba que seus filhos (sim, você os terá!) em seu tempo farão seu papel de me lembrar que eu venho de outra época. Eles não terão muito trabalho para me convencer de que sou “old school”. E você aí achando seus pais muito caretas. Taí algo que não tem jeito. Tem coisas que não passam pela cabeça de ninguém com dezesseis anos, mas não custa avisar: ter filhos nos faz entender muito sobre nossos pais, só assim mesmo. Serão muitas lições, emoções, momentos de ternura, afeto e alguns momentos de ira, você verá. O tal choque de gerações é inevitável. Só recomendo que você aproveite o máximo possível a presença do “nosso” pai. Você vai se surpreender com o quanto ele continuará presente mesmo depois de sua partida. Enquanto isso, “nossa” mãe, “mamma mia”, ou melhor, “mamma nostra” (ha ha ha!), continua firme aqui nos seus noventa e seis anos. Nossos pais cuidaram muito bem de você e de seus irmãos, chegará inevitavelmente a hora em que nós teremos que cuidar deles. Esteja preparado.

Agora, passando ao panorama global, até o momento o mundo não foi destruído por uma guerra nuclear, nem atingido por um meteoro, nem os macacos escravizaram os homens. Ainda não inventaram carros voadores, eles continuam um sonho de sobrevoar os engarrafamentos gigantescos nas cidades e estradas. Comprovamos que a raça humana continua sendo a maior ameaça ao planeta. Por incrível que pareça, mesmo com tantos avanços tecnológicos, a ignorância continua sendo a maior causa dos problemas da humanidade, que seguem os mesmos com o passar dos anos. Muitos parecem querer deixar o povo ignorante e assim manter os gananciosos canais de concentração de riqueza, onde poucos têm muito e muitos não têm nada. Sabe esse calor, essa sauna que você costuma sentir dentro desse ônibus? Ele representa muito bem o que os cientistas em 2020 chamarão de Aquecimento Global. Concluíram que, se continuarem queimando tanto petróleo e florestas, o mundo

ficará muito mais quente que esse ônibus. Isso porque no futuro ainda teremos gente que não acredita na ciência e não aceita que estamos todos no mesmo ônibus. Será preciso insistir muito na humanidade e ter fé de que as coisas irão melhorar.

Bem, não vou ficar aqui bancando o Nostradamus, isso é o máximo que vou antecipar do que está por vir. A vida é uma jornada repleta de risos e lágrimas, muitas vezes a tragédia está perto da comédia. O jeito é continuar perseverando, lembrando de onde viemos: isso já pode ajudar muito na sua jornada adiante. Lembre-se de que, seja lá qual for sua escolha do que for fazer nessa vida, apenas faça com todo o coração, paixão e entrega, é a única receita garantida para que as coisas deem certo, ao menos tem sido assim até aqui.

Não creio que você receberá outra carta minha, então vou aproveitar e te agradecer por ter me ajudado tanto a ser o que sou em 2020. Mas não é para ficar convencido. Cuide-se!

Do seu “eu”,

João Barone (obs: é assim que em breve você será mais conhecido)

Capítulo 10

ENVELHE- CIMENTO

Geoffrey Rush

Ator

9 de maio de 2016

Eu tenho uma lembrança muito vívida da minha infância, e houve uma grande mudança quando fiz quinze anos. Estudava piano desde que tinha oito. Minha mãe era muito astuciosa. Mãe solteira, trabalhava fora e queria que minha irmã e eu aprendêssemos a tocar o instrumento. Mas, perto dos quinze anos, eu me desentendi com o professor de piano e entrei no clube de teatro do colégio. Para mim, era um oásis de criatividade e de liberdade. Eu não era atlético e não gostava do tratamento autoritário dos meus professores, que em sua maioria eram homens veteranos da Segunda Guerra Mundial com cortes de cabelo de milico. Meu cabelo era comprido, abaixo do pescoço, e quando entrei no grupo de teatro soube imediatamente que aquela era a minha turma.

Num primeiro momento, havia professores no grupo de teatro que me abençoaram com sua mentoria. Mas todos eles foram embora, então decidimos administrar o clube por conta. Fizemos peças antigas como *The Admirable Crichton* ou *Arsenic and Old Lace*. Embora eu fosse completamente obcecado por teatro e quisesse ter uma banda de rock, eu sequer imaginava seguir carreira nessas áreas. Eu me sentia envolvido pela atividade criativa, mas não havia onde colocá-la. Pensei que acabaria sendo locutor de rádio ou professor.

Às vezes eu olho para uma velha caixa de fotografias daquele tempo e vejo esse garoto magricela e espinhento que parecia bastante desajeitado. Não sei se poderia dar algum conselho a ele – é mais o reverso, porque ele ainda me influencia. Ele me ensinou como lidar com a vida e suas constantes mudanças e várias influências ecléticas. Ele trocou de escola várias vezes. Tinha uma mãe, duas avós devotadas e um pai ausente... Então, quando fez quinze anos, conheceu seu padrasto, um tosquiador que conhecia *Beyond the Fringe* e Samuel Beckett, um esquerdista da zona rural que ouvia os programas de fim de noite no rádio. Ainda sinto uma conexão muito forte com aquele adolescente – ele me recorda de que devo aceitar coisas novas e manter os pés firmes no chão. Então eu diria: “Obrigado, adolescente desajeitado, por me ensinar coisas que ainda estão guiando minha vida agora aos sessenta anos”.

Lembro-me do boletim da escola no segundo ano do Ensino Médio.

Até o primeiro ano, eu era muito estudioso, o primeiro da turma. Ingenuamente, achava que queria ser astrônomo – minha outra grande paixão –, então, sob a influência do pior tipo de professores, estava estudando matemática e física avançadas. Meu boletim do segundo ano estava repleto de notas vermelhas em esforço e aplicação, e eu disse ao diretor que discordava deles e que ele não sabia o que eu estava fazendo com o grupo de teatro. Ele me expulsou da sala dele e gritei de costas para ele que até então eu estava tendo uma experiência maravilhosa naquela escola e que ele tinha estragado tudo. Apenas senti que havia certa ignorância sobre como os adolescentes se desenvolvem.

Uma das coisas mais impressionantes da minha vida aconteceu logo no fim dos meus anos de faculdade. Os anos de 1969 a 1971 foram uma época agitada no campus de Queensland. Nós tínhamos um primeiro-ministro bem alinhado com os conservadores, então havia muitos protestos – a universidade estava cheia de trotskistas e de artistas. No final dos meus estudos lá, fui descoberto pelo diretor da Queensland Theatre Company, que me ofereceu um contrato de três anos. O dia em que fui escolhido ainda é uma lembrança muito forte, porque transformou a minha vida. Fiz meu exame final na sexta-feira e participei do meu primeiro ensaio teatral na segunda-feira. Em 1972, coloquei “ator” como profissão na minha primeira declaração de imposto de renda e pensei: “Isso é muito bom, eu vou tentar me manter desse jeito”.

Diria ao meu eu mais jovem que não é necessário que as coisas aconteçam quando se tem vinte e um ou trinta anos. Eu trabalhei com a Queensland Theatre Company e depois fui para a Europa – incluindo, é claro, a meca do teatro que é Londres. Sentia-me realizado trabalhando com teatro durante cerca de vinte e quatro anos. Então minha filha nasceu e eu pensei: “Estou ganhando um salário de companhia teatral subsidiada pelo governo, não é muita coisa. Preciso começar a ganhar mais dinheiro”. Fiz cerca de cinco testes para *Miss Saigon* – amo musicais – e consegui chegar no corte de dois nomes. Então recebi uma carta que dizia que o filme *Shine – Brilhante* estava sendo produzido. Era apenas meu segundo filme de longa-metragem, e eu tinha quarenta e três anos.

“Não é sobre gagueira, é sobre encontrar sua Melhor versão”. E então o filme siMplesMente surfou a onda do MoMento. Recebi toneladas de

correspondências de pessoas que disseram que o filme realmente as ajudou.

Quando li o script de *Shine – Brilhante*, eu realmente pensei “Uau”. Estava acostumado com Shakespeare e peças de teatro, mas o herói de *Shine – Brilhante* não era o rei, era esse cara desatinado do lado de fora do círculo concêntrico. Senti que ele era o clássico bobo da corte. Havia provavelmente um toque autobiográfico na maneira como encontrei o caminho para dentro do personagem. Sempre fiquei intrigado pela questão de como um marginalizado pode clamar para si o status notável de ser o centro da história. O filme mudou minha vida – eu ganhei um Oscar e de repente entrei no radar. O que Hollywood fez? Ofereceram-me um filme sobre Liberace, porque ele também tocava piano. Tive que dizer que não queria ser o rostinho novo do “gênero teclado”.

O Discurso do Rei foi o primeiro script que li de uma história com apelo internacional com um personagem australiano importante. Adorei o choque entre o personagem antípoda e a figura régia da família real. Para mim, foi uma ótima experiência – sentar à mesa ensaiando as falas com atores como Derek Jacobi e Michael Gambon, pensando: “Uau, que momento!”. Todos nós sabíamos que era uma ótima história, mas não tínhamos ideia de como o filme seria recebido. O filme podia ter sido relegado ao nicho de figurino britânico, mas então começamos a receber as reações, o público estava dizendo: “Não é sobre gagueira, é sobre encontrar sua melhor versão”. E então o filme simplesmente surfou a onda do momento. Recebi toneladas de correspondências de pessoas que disseram que o filme realmente as ajudou. Aquele filme gerou lindos resultados.

Eu diria ao meu jovem eu: “Não pense que você estará ultrapassado quando tiver cinquenta anos”. Eu tinha quarenta e três quando tomei uma decisão determinante e saí de um longo período no teatro para ingressar num novo mundo, trabalhando com ídolos do cinema mundial. Estou com mais de sessenta anos agora e curtindo um período da minha vida que só começou mesmo quando eu já estava na meia-idade. Esta é a minha história accidental. Todo mundo tem uma, e todas elas são diferentes.

Chrissie Hynde

Vocalista, compositora e guitarrista

15 de setembro de 2014

Com dezesseis anos, havia um único interesse na minha vida: música. Não havia mais nada. Era 1967, o auge da música, exatamente quando tudo começou. Todas as bandas inglesas, Jimi Hendrix... Eu cresci nos subúrbios de Ohio e vivia ligada no rádio. A Guerra do Vietnã estava em curso, e a cultura da juventude estava decolando. Havia um choque gigante entre as gerações, e nós tínhamos um lema: “Não confie em ninguém com mais de trinta anos”. Para nós, tudo se resumia à música e às drogas. Eu era uma criança, então achava que sabia tudo.

Eu diria à minha versão mais jovem para ter respeito com meus pais. Meus pais eram quadrados – americanos trabalhadores dos subúrbios. Eles não entendiam o que estava se passando comigo e não estavam nada contentes com aquilo. Nós nunca conversávamos de verdade, tudo se transformava em discussão e brigas. Tudo começou a dar errado por causa desse grande choque de ideologias, mas hoje posso ver que meus pais eram apenas pessoas decentes tentando manter a família unida. Agora que sou avó, vejo como isso é difícil e sei também que não tive tanto sucesso quanto meus pais para amparar uma família.

Achava que tinha que estar sempre correndo. Não é uma sensação nada confortável sentir-se uma forasteira na sua própria cidade natal – é muito mais fácil se sentir uma estranha numa terra estranha. Nunca tinha visto um passaporte na vida e não conhecia ninguém que quisesse ir morar no exterior, mas eu queria cair fora. Estava muito determinada. Então não viajei pelos Estados Unidos – fui direto para Londres, porque era onde as bandas estavam.

Eu aconselharia a Chrissie mais jovem a não cair na cilada das drogas. Primeiro, eu diria a ela para deixar de fumar antes de ter que pensar nisso durante quarenta anos para só então largar o cigarro. O cigarro é o maior criminoso da nossa sociedade. O mesmo vale para o álcool. Eu diria para a minha versão mais jovem ficar só na maconha – perdi muito tempo com drogas e álcool, e não se consegue nada de bom com isso. Sou uma pessoa muito reservada e nunca divulguei minhas paradas, mas o fato de que duas pessoas da minha banda morreram em menos de um ano provavelmente já diz muita coisa.

Às vezes é difícil ter paciência com os filhos, ainda mais quando se está tentando pagar as contas e aguentar firme, e seus relacionamentos estão ruindo e você se sente esgotada emocionalmente. É mais fácil quando se é avó e você está mais tranquila, mas eu nunca permiti que divulgassem uma fotografia minha com minhas filhas. A única vez que isso aconteceu foi no enterro de Joe Strummer (e elas já eram adultas na época) e eu disse: “Vamos fazer isso por Joe”, porque nós o adorávamos.

Eu já me diverti muito e hoje moro no lugar dos meus sonhos. Amo Londres e sempre amei. Levo uma vidinha bem comum aqui – ainda compro a revista *Viz*, circulo por aí com meu cartão do metrô e ando de ônibus. As pessoas simplesmente pensam que não tem como ser eu, então me deixam em paz. Se você ficar de boca calada e não conversar com a imprensa, é possível ter uma vida normal.

**PriMeiro, eu diria a ela para deixar de
fuMar antes de ter que pensar nisso
durante quarenta anos para só então
largar o cigarro.**

Acho que, para se manter positivo, é necessário disciplina; a depressão é uma inimiga e ela vai te derrubar. Você tem que lutar contra ela, e no meu caso isso significa não beber, não fumar e não usar drogas. Se você vive de acordo com seus princípios, tem que haver um princípio de não mergulhar na noite sombria da alma. Estou mais velha agora e penso muito mais sobre a mortalidade. Quando se tem vinte e poucos anos, o futuro parece meio indefinido à sua frente e parece interminável, embora não tenha sido assim com meu guitarrista, que morreu aos vinte e cinco anos. Mas a finitude da vida fica bem diante da sua cara quando se tem a minha idade. Para ser sincera, eu até que lido bem com isso e não me incomoda. Tenho feito o que eu queria fazer e estou pronta para o que vier.

Marianne Faithfull

Cantora

24 de janeiro de 2011

Eu gostava da escola e era uma garotinha muito inteligente. Eu tinha muitos amigos – eu os amava e eles me amavam. Tudo era bom. Ia fazer faculdade e estava no caminho. Eu me sentia bastante segura. Tinha algumas dúvidas sobre a universidade – estaria à altura ou iria fracassar? A noção de competir me assustava. Eu tinha baixa autoestima, algo que levei anos para superar.

Meus pais eram ambas pessoas bastante difíceis. Eles se separaram quando eu tinha seis anos, e tudo se tornou muito complexo. Meu pai era bem distante, mas minha mãe era maravilhosa e eu recebi muito amor da parte dela. Mais tarde, quando eu fiz terapia, meu psicanalista disse: “A razão pela qual você pode melhorar é porque você recebeu amor desde cedo”.

Se eu encontrasse aquela garota agora, acho que gostaria dela. Poderíamos falar sobre livros, teatro e balé. Estava sempre disposta a viver e me interessava por tudo, mas não a invejo – hoje sou muito mais confiante e sei o que estou fazendo, o que é uma sensação maravilhosa.

Eu costumava pensar que minha vida inteira foi um erro, mas agora acho que o único erro que cometi foi usar drogas. Fiz a coisa certa ao sair de casa e me afastar da minha família complicada, e eu tinha razão em vir para Londres, gravar discos e descobrir minha própria vida. Eu estava certa em casar e ter meu filho Nicholas, mesmo que eu fosse muito jovem, com apenas dezessete anos. Mas nunca teria um bebê se tivesse esperado, porque a vida assumiu o controle, então eu não me arrependo disso. Meu filho tem sido uma das melhores pessoas da minha vida. Mas as drogas me atrasaram e me trouxeram uma sensação de falta de valor – eu vivia com medo.

Teria sido de grande ajuda na época entender por que eu tinha um impulso de fugir dos homens. Minha mãe e minha avó não gostavam de homens, elas achavam que a vida seria melhor sem eles. Isso me levou a ser capaz de amar, mas eu não conseguia dar continuidade aos meus relacionamentos, porque eu sempre queria fugir antes de ser abandonada. Levei anos para entender que é possível estar num relacionamento e se sentir livre ao mesmo tempo.

Eu era uma boa namorada, demonstrava interesse no que meu

namorado estava fazendo e acho que me doava muito. O próprio Mick⁴⁵ reconhecia como nós trabalhávamos bem juntos – ele me ajudou a decorar as falas para *Three Sisters*, eu o ajudei com as músicas, e nós vivemos um relacionamento bem interessante. Eu não espero retorno financeiro por aquilo – insisti em receber o dinheiro e os créditos por *Sister Morphine*, mas eu fiz muito mais do que aquilo e tenho muito orgulho disso. Mick e eu tínhamos uma conexão real nesse sentido e éramos iguais no nosso relacionamento, mas no final eu tive que ir embora. Foi tão triste quando o deixei, eu não podia aguentar mais, mas não foi culpa dele.

Meu filho teM sido uMa das Melhores
pessoas da Minha vida. Mas as drogas
Me atrasaraM e Me trouxeraM uMa
sensação de falta de valor – eu vivia
coM Medo.

Eu diria a mim mesma que envelhecer na verdade não é tão ruim assim com acupuntura, exercício, boa comida e bons amigos. Apliquei um pouco de botox e um pouco de colágeno nos lábios e fiz lipoescultura sob o queixo para me livrar do queixo duplo – não me sinto nem um pouco envergonhada por isso. Meu conselho seria não fazer esses procedimentos muito cedo, mas acho que pareço melhor e mais jovem hoje do que há vinte anos. Você tem que gostar de si mesma para se cuidar; vinte anos atrás eu não gostava de mim mesma.

Eu diria ao meu jovem eu que doenças graves não significam que você terá que passar o resto da vida com medo. Tive câncer de mama, mas eu nunca acreditei que a doença fosse algum tipo de punição, como algumas pessoas pensam. E eu tive sorte, descobriram o tumor bem cedo. Acredito muito em cuidar de si hoje. Vou fazer um checkup ano que vem e estou um pouco ansiosa por causa disso, mas me sinto bem e estou muito feliz.⁴⁶

Margaret Atwood

Escritora

31 de outubro de 2016

Em 1955, eu tinha dezesseis anos e morava no Canadá. Era a época de Elvis Presley, rock'n'roll, saias rodadas, sapatilhas e bailes formais no colégio com vestidos tomara que caia – embora eu nunca tenha sido ousada assim. No primeiro ano do Ensino Médio, e isso pode parecer surpreendente, representei nossa escola no concurso para futuras donas de casa Consumers Gas Miss Homemakers junto com minha colega Sally. Nós tínhamos que assar batatas num forno a gás e passar uma camisa com um ferro de passar a gás. Não ganhamos o concurso, mas recebemos de presente pulseiras de berloques muito bonitas.

Uma coisa que eu aconselharia meu eu mais jovem a fazer seria um curso de secretária para aprender datilografia. Até hoje não consigo digitar com todos os dedos. Os conselheiros vocacionais tinham uma lista bem pequena de possíveis carreiras para garotas – professora de ensino primário, enfermeira, aeromoça e economista do lar, que era alguma coisa entre nutricionista e costureira. Eu não queria fazer nenhuma dessas coisas, mas olhava os salários e, sendo uma criança mercenária, a economista do lar ganhava mais. Então eu me inscrevi nas aulas e aprendi como prender um zíper, mas nunca aprendi a datilografar.

Diria à Margaret de dezesseis anos para não se preocupar tanto com seu cabelo – ele é o que é e não há nada que se possa fazer a respeito, então é melhor simplesmente deixar pra lá. Na verdade, só atingi esse nível de aceitação perto dos trinta anos, depois de algumas experimentações inconvenientes.

Eu lia muito quando era adolescente, mas também fazia muitas outras coisas. Criava minhas próprias roupas e produzi meu próprio show de marionetes no colégio. Montamos os bonecos e o cenário e fazíamos todas as vozes. Eu tinha um forte espírito empreendedor e ganhava dinheiro com aquilo. Acabamos conseguindo um agente e apresentamos nossos shows em festas de Natal para crianças. Também escrevi uma ópera baseada em economia doméstica e cantei na apresentação. Eu jogava no time de basquete: naquela época não precisava ser tão alta como hoje em dia. Era muito atuante.

Eu me tornei uma adolescente mais ansiosa quando as provas mais

importantes chegaram, mas nem tanto assim. Não me preocupava muito com os garotos, sempre parecia haver um estoque ilimitado deles. Esta foi a fase de me acomodar e adotar monogamia em série, e foi antes da pílula. Não era necessário se preocupar com sexo, já que não iríamos praticá-lo – era assim que entendíamos.

Dezesseis foi a idade em que comecei a escrever. Minha amiga lembra que anunciei isso na cantina do colégio. Ela me disse tempos depois: “Você foi tão corajosa dizendo para todo mundo ouvir que seria escritora”, mas isso porque eu não sabia que não se falava esse tipo de coisa. Eu não sei de onde veio a inspiração. Não havia um exemplo a seguir, e eu tinha zero conhecimento sobre o assunto, mas eu estava lendo Hemingway e Orwell e muita ficção científica, assim como os clássicos do século XIX no colégio. Comprei um livro chamado *Writer's Market*, que ensinava onde era possível vender manuscritos. O livro dizia que os romances realistas davam mais dinheiro, então meu plano era escrever esse tipo de narrativa para ganhar dinheiro e escrever minhas obras-primas à noite. Não era boa no começo, mas eu achava que sim, então continuei escrevendo.

Se eu encontrasse minha versão de dezesseis anos hoje, eu pensaria: “De que planeta você veio?”. Eu não era igual aos meus amigos porque fui criada no interior, no meio do mato, e não estava muito preocupada com o que as outras pessoas pensavam. Era muito sarcástica e cheia de papo-cabeça e de ironias, ridicularizando as coisas – meus amigos e eu provavelmente seríamos considerados bastante rudes hoje em dia, mas adotávamos essa atitude por causa dos filmes.

Acho que parte da minha independência de pensamento veio dos meus pais. Minha mãe também não tinha seguido um padrão e ela nunca me disse que havia coisas que eu não podia fazer só porque eu era menina. Meus pais não ficaram muito contentes com a ideia de escrever, porque... Como eu iria me sustentar? Pensei em fazer jornalismo, mas meus pais convidaram um amigo jornalista para vir até nossa casa e ele me disse que eu acabaria escrevendo para o caderno feminino do jornal e para a seção de obituário. Assim, meus pais foram bem-sucedidos em me afastar desse caminho. Mas não conseguiram que eu entrasse nas ciências, que era o que eles queriam que eu fizesse.

Era Muito sarcástica e cheia de papo-cabeça e de ironias, ridicularizando as coisas– Meus aMigos e eu provavelMente seriaMos considerados

bastante rudes hoje eM dia, Mas adotávamos essa atitude por causa dos filmes.

Se eu tivesse que dar um conselho à Margaret mais jovem, eu diria para ela parar de preencher a agenda dela com coisas demais para fazer. Mas estou falando isso há cinquenta anos. E eu diria para ela dar um jeito de deixar de ser uma auxiliadora compulsiva – preciso encontrar um modo de parar com isso porque consome muito tempo e é impossível ajudar todo mundo. Seria difícil voltar lá atrás e mostrar para a jovem Margaret minha carreira subsequente – ela não era uma pessoa fácil de se impressionar. Se eu contasse a ela sobre meu sucesso, ela diria: “Ah, sim, você conseguiu”. De todos os meus livros, ela provavelmente gostaria mais de *O Conto da Aia* – na época ela estava lendo ficção científica sombria como *Fahrenheit 451* e *1984*.

Eu diria à minha versão mais jovem: “Esqueça o melodrama, vai ficar tudo bem. Tudo melhora perto dos trinta. E fica melhor ainda depois dos quarenta”. Quando eu tinha vinte anos, não sabia que meu enredo seria tão repleto de momentos de ansiedade – vou conhecer o homem dos meus sonhos, minha carreira vai dar certo, vou ser feliz? Quando eu cheguei aos quarenta anos, pelo menos já conhecia metade do enredo. E, sendo uma mulher de quarenta anos, com uma carreira construída, as pessoas te escutam mais do que quando você tinha vinte e poucos.

Quando se chega a setenta e seis anos, muitos já morreram e você nunca conseguiu dizer a essas pessoas tudo o que gostaria de ter dito. Quando meus pais morreram, eles já não podiam mais realmente ter esse tipo de conversa, mas eu já tinha falado tudo antes, porque nunca se sabe.

Se eu pudesse voltar no tempo, talvez eu fizesse novamente uma de nossas viagens ao Ártico – é um lugar realmente fantástico. Nós todos moramos um tempo na França em 1991; talvez eu voltasse àquele tempo para viver novamente um daqueles agradáveis dias de outono. Ou um verão no norte do Canadá – é lindo. Mas o que realmente me faz sair da cama de manhã é ir em busca do que virá depois. Se passar tempo demais olhando para o passado, quando você se der conta estará numa cadeira de balanço.

Sir Roger Moore

Ator

29 de setembro de 2014

Com dezesseis anos, eu já estava trabalhando há seis meses para uma empresa que fazia animações educativas para o exército e para a força aérea. Meu trabalho era fazer o contorno das ilustrações numa *lightbox*. Adorava o trabalho, mas, devido a uma confusão quando eu estava recolhendo filmes de um laboratório, meus serviços não foram mais necessários. Depois que fiquei desempregado, comecei a nadar muito.

A guerra ainda estava em curso na minha adolescência, o que era absolutamente terrível. Lembro que voltei para casa um dia e minha mãe recém havia sido informada que o irmão dela, uma das pessoas que ela mais adorava na vida, tinha sido morto na Itália. Ele era um soldado comum que morreu numa explosão quando um colega de pelotão pisou numa mina. Mas, fora isso, fui um adolescente muito feliz e des preocupado – eu não tinha qualquer responsabilidade.

A relação com meus pais era maravilhosa. Eu era filho único e fui muito mimado. Eu não tinha que dividir nada – eu costumava brincar que eles tiveram só um filho porque alcançaram a perfeição na primeira tentativa, portanto não precisavam tentar novamente. Mas, na verdade, eu devo ter sido um bebê muito grande que chutava muito porque, depois que nasci, aconselharam minha mãe a não engravidar de novo.

Nunca pensei em atuar, mas sempre adorei ser o palhaço da turma. Eu sempre era escolhido para ler poesia e histórias em voz alta durante as aulas. Meu pai era policial, e seu trabalho era documentar a cena de uma ocorrência para usar de evidência no tribunal. Ele trabalhava bastante em casa e, se o sol estivesse brilhando lá fora, ele me levava para nadar em vez de trabalhar. Se alguém chegasse a me perguntar sobre meus planos quanto à carreira, eu dizia que queria ser policial como meu pai.

Se eu pudesse conversar com o Roger de dezesseis anos, eu diria: “Esteja preparado para lidar com as críticas. Prepare-se para ser parte de uma indústria onde a grande maioria está sem trabalho. Economize seu dinheiro. Continue sorrindo. Tenha bons modos. E simplesmente curta o momento”.

O meu eu adolescente ficaria surpreso com o fato de que teria

sucesso: é claro que ele sonhava com isso, mas ele não teria ficado preocupado se isso não tivesse acontecido. Eu lembro quando só tinha dinheiro suficiente ou para comprar quatro cigarros ou para pegar o ônibus. Ou teria que ir caminhando até o centro de Londres ou estaria sentado no ônibus arrependido por não ter um cigarro. Assim, quando finalmente chegou o momento em que eu podia ter ambas as coisas, eu me sentava com um cigarro no andar de cima do ônibus de dois andares e dava um showzinho lendo minhas falas em voz alta para que todos pudessem ver que eu era ator.

Olhando para trás, vejo que tive muita sorte. Eu lembro quando fui para Nova York – eu tinha ido para lá sem visto de permanência – e em menos de uma semana consegui um emprego numa peça exibida ao vivo na televisão. Foi então que Hollywood acenou, e eu tinha que decidir com qual estúdio americano eu assinaria um contrato. Era meio ridículo – eu só tinha vinte e seis anos.

Não era um Albert Finney ou um Tom Courtenay – eu não tinha o talento natural deles, então tive que me esforçar bastante para atuar. Minha vida tem sido boa, mas atores como eles conseguem interpretar papéis maravilhosos. Passei a vida inteira interpretando heróis porque eu parecia um – praticamente tudo que me ofereciam não exigia muito mais do que ter a minha aparência. Eu teria adorado interpretar um vilão de verdade.

Envelhecer nunca me incomodou. Minha esposa e meus filhos me amam, então está tudo bem. Eu conto os fios de cabelo que me restam e digo: “Ah, ainda estão ali”. Estou ficando como o cara na história de Michael Caine sobre o homem com três fios de cabelo que vai para o barbeiro, e quando o barbeiro pergunta de que lado ele penteia o cabelo, ele responde: “Para a esquerda”. Mas, quando o cabelo cai e o barbeiro pergunta “O que devo fazer?”, o homem responde: “Divida ao meio”. Então outro cabelo cai e, quando o barbeiro pergunta o que ele deve fazer agora, o homem diz: “Apenas deixe ao natural”.

Não gosto de assistir aos meus filmes antigos. Tenho um ego enorme e não gosto de lembrar que não sou tão bom quanto acho que sou. E eu penso “droga” quando me vejo fazendo alguma cena de ação num filme que já não posso mais fazer, como correr escada acima. Nunca paro e assisto a um filme de James Bond inteiro.

**Seu Bond favorito coMigo no papel?
Ela nunca disse. Ela está ali do outro
lado da sala, vou perguntar a ela...**

Minha adorável esposa, que é sueca, não assistiu a muitos dos meus filmes antes de me conhecer. Ela tinha visto um filme de James Bond

porque a esposa do embaixador americano em Copenhagen a convidou para uma sessão privada, mas era *Dr. No*. Logo, ela conhecia Sean Connery como James Bond, não eu. Seu Bond favorito comigo no papel? Ela nunca disse. Ela está ali do outro lado da sala, vou perguntar a ela... Ela disse que é aquele em que faço uma cena de karatê – acho que se refere a *007 Contra o Homem com a Pistola de Ouro*. Sim, eu adorei fazer aquele filme. As duas garotas – Maud Adams e Britt Ekland – eram adoráveis.

Creio que haja certas situações em que a sorte vem e as coisas simplesmente começam a acontecer – você precisa reconhecer esses momentos quando eles surgem e aproveitá-los. Às vezes eu me fecho em mim mesmo e detesto discussões – quando se fica com raiva, já se perdeu a discussão. Sempre falo às pessoas: “Ouça os outros, pese os dois lados, ouça bons conselhos e rejeite aquilo que você não acha que vai te fazer bem de maneira alguma”. Se eu consegui seguir esse conselho? Na verdade, não, mas apenas vou em frente. Como é que diz aquela música? “*Keep right on till the end of the road*”, “Siga em frente até o fim da estrada”.⁴⁷

Capítulo 11

RETROSPECTO

Ian McEwan

Escritor

15 de abril de 2019

Com dezesseis anos, eu era um sujeito muito magro e pálido, com óculos de Buddy Holly e uma cabeleira escura. Estudava num colégio interno a mais de dois mil quilômetros de casa desde que tinha onze anos e estava um pouco deprimido, embora não tivesse as ferramentas analíticas necessárias para reconhecer a doença ou sequer mencioná-la para mim mesmo. Mas perto dos dezesseis me dei conta de que, embora fosse um colégio, eu estava num lugar extraordinariamente agradável, uma linda região de Suffolk às margens do rio Orwell. Estava despertando para a literatura e lia muita poesia e letras de música. Estava começando a ouvir Bach e também muito jazz e blues. Fiquei perdidamente apaixonado pela vida que rugia de todos os lados. Estava embarcando num maravilhoso despertar.

A grande ausência da minha vida, é claro, assim como na de todos os garotos da minha escola, era o sexo oposto. Então, muito daquele desejo foi canalizado para esse amor pela música e pelos livros – era algo levemente contra a natureza. Com dezesseis anos, um professor de inglês muito carismático me disse que eu era inteligente, e de repente eu me senti inteligente pela primeira vez na vida. Ele me apresentou Graham Greene, Iris Murdoch, Brian Aldiss, William Golding. Tornei-me muito sério e compenetrado. Comecei a assimilar a ideia de que o estudo da literatura inglesa era como um sacerdócio e que eu iria me dedicar a ele e, um dia, provavelmente, conseguir um emprego dando aulas de inglês e literatura.

Eu costumava esperar ansiosamente para ir para casa durante as festas de fim de ano, mas em menos de uma semana já ficava inquieto e entediado, porque não havia outros jovens por perto. Meu pai, militar, estava baseado na Alemanha, então desde que eu tinha cerca de doze anos fazia o trajeto de Suffolk para a Alemanha – primeiro de barco e depois de trem. Totalmente sozinho. Eu gostava muito dos meus pais, eles eram generosos e mantinham um comprometimento amável com a minha educação. Mas as coisas que a educação me trouxe, esse amor pela literatura e pelas artes, não significavam muita coisa para eles, o que despertou em mim certa arrogância pela qual me culpo totalmente hoje em dia. Passei um período de cinco anos

pensando que quem não tinha lido *The Wasteland*⁴⁸ não era uma pessoa com quem valia a pena conversar. Que insuportável da minha parte.

Muito mais tarde, percebi a humanidade absoluta dos meus pais, e vi que eles tinham sido forjados por duas grandes forças de que tive a sorte de escapar: a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Eu me dei conta de que muitos dos pais das pessoas da minha geração tinham estado à beira do abismo e visto a morte numa escala que era impensável para nós mais jovens. E então, quando tudo terminou e o país começou a se tornar um pouco mais próspero, eles se agarraram à normalidade, à estabilidade e à regularidade. Mais tarde, percebi como as coisas que pareciam chatas para mim, como polir um carro, eram relaxantes para um homem que tinha sobrevivido à carnificina. Então eu adoraria mandar esta mensagem no tempo para o meu jovem eu: “Você vive uma vida sem perigo algum e deve demonstrar apreço pelo fato de que as pessoas que viveram em real perigo encontram conforto na rotina”. O que nós fizemos? Deixamos o cabelo crescer e perambulamos de pés descalços, fumamos maconha e achávamos que estávamos na vanguarda da experiência. Tolice.

Acho que meu eu mais jovem ficaria maravilhado que, em 1972, logo depois de terminar a faculdade, eu veria a capa de uma revista literária – *New American Review* – e lá haveria quatro nomes, todos eles com o mesmo tamanho de fonte: Philip Roth, Günter Grass, Susan Sontag e Ian McEwan. Eu tinha vinte e dois anos e quase desmaiei – ver meu nome no meio desses escritores renomados pelos quais eu nutria tanta admiração.

Entre 1973 e 1974, Martin⁴⁹ me apresentou a Christopher⁵⁰ e eles repassaram algumas das rotinas deles juntos, que eram muito obscenas e fizeram minhas costelas doerem. Sempre que eu entrava numa sala, Chris assumia o narrador em terceira pessoa e dizia: “Lá vem a figura magrela e irônica de Ian McEwan”. Durante aquela época, eu conheci todos os rapazes, a maioria já quase adultos, que se tornaram amigos de uma vida inteira – James Fenton, Craig Raine, Clive James, Julian Barnes. E nós nos divertíamos muito circulando pela cidade juntos, com nossos primeiros livros e artigos sendo publicados.

Mais tarde, percebi coMo as coisas que pareciaM chatas para MiM, coMo polir uM carro, eraM relaxantes para uM hoMeM que tinha sobrevivido à carnificina.

Eu não conseguia acompanhar o placar de namoradas pelo qual Martin ficou famoso – eu meio que gostava de me concentrar num único relacionamento. E eu amei a paternidade desde o princípio, amava completamente. Casei em 1982, me mudei para Oxford e tive dois filhos, e tenho também duas enteadas. Tínhamos uma casa enorme em Oxford e, na verdade, foi uma época adorável. Eu vejo bastante os meus filhos – eles têm sido fonte de imensa alegria na minha vida.

Se eu pudesse voltar atrás e ter uma última conversa com qualquer pessoa, acho que escolheria meu primeiro amor. O nome dela era Polly Bide: nos apaixonamos na universidade e continuamos amigos pelo resto de nossas vidas. Então, por volta de 2001, ela começou a ficar doente e morreu de câncer em 2003. Eu consegui vê-la, mas já em meio a toda a função e a narrativa de sua doença – os momentos de depressão e de esperança –, então nós nunca conseguimos sentar juntos e ter o tipo de conversa profunda e reconhecer que ela estava morrendo. Ela era uma pessoa extremamente amável e eu ainda sinto saudade dela.

A morte está ali o tempo todo, como uma cadeia de montanhas longínqua da qual você está sempre se aproximando. Eu acho que é necessário tentar viver a vida plenamente. Recebemos o presente dessa consciência por setenta ou oitenta anos e se espera tirar o melhor proveito dela. Na verdade, sinto certa tristeza sobre isso. Sinto que a vida é boa. Mas então há esses momentos em que se pensa: “Tudo isso tem que acabar – nem mesmo em nada, mas além do nada”. E o fato de que todos os outros vão acabar também não torna esse pensamento melhor. Há um verso no poema “Aubade”, de Larkin: “*Not to be here, Not to be anywhere*”, “Não estar aqui, Não estar em lugar algum”. As pessoas que acreditam numa vida após a morte jamais saberão se estavam erradas, então deve ser um grande conforto para elas. Mas não para mim.

Se eu pudesse viver um dia novamente, seria em 1976, quando eu estava com um grupo de amigos e percorremos uma trilha imensa na Big Sur, na Califórnia. Acho que eu tinha vinte e sete anos. Tivemos essa tarde maravilhosa, com o oceano rugindo e aquela vegetação inacreditável ao nosso redor. Houve um momento enquanto retornávamos para nossas barracas em que nos sentimos tão felizes, tão bem dentro de nossos corpos que decidimos percorrer os últimos sete quilômetros da trilha correndo. Foi aquele tipo de corrida maravilhosa e fácil que só se consegue correr quando se é jovem. E, enquanto percorríamos a paisagem, eu só pensava: “Estou no paraíso. Isto é lindo”. Eu senti alegria por tudo aquilo – o ato físico da corrida, a paisagem extraordinária que me cercava, os bons amigos e o vislumbre da noite que chegava diante de mim enquanto o sol estava

se pondo. Pensei: “Eu tenho uma enseada no paraíso”. Eu soube disso na hora, e aquele momento permaneceu comigo desde então.

Slash

Músico

10 de março de 2008

Eu era bastante recluso com dezesseis anos. Não gostava da escola – não me importava com o conceito em si, mas eu não me enturmava com ninguém lá. Eu não via a escola como prioridade, isso estava reservado para a minha guitarra. Eu matava aula, bebia sozinho e tocava guitarra nas arquibancadas do pátio da escola em vez de estudar. Tocava guitarra em qualquer lugar. Era uma esponja para Led Zeppelin, Hendrix, AC/DC, Aerosmith...

Aos dezesseis anos, já tinha uma vida sexual ativa. Entre idas e vindas, eu tinha uma namorada que era minha parceira sexual. Não era tão fácil na época quanto é hoje para um garoto de dezesseis anos ir para a cama com várias pessoas, mas eu me saí bem. Se eu soubesse na época que iria ganhar a vida tocando guitarra – e sobre as limusines, as garotas gritando e as drogas que viriam com isso –, eu ficaria bem feliz quanto ao meu futuro.

Eu diria ao meu jovem eu que o sucesso nem sempre é o que parece. Geralmente, quando se está no topo da carreira,⁵¹ por dentro você não se sente tão no alto assim – muito tem a ver com sobrevivência e luta. Quando tudo mudou,⁵² me senti realmente aliviado de cair fora. Parecia alto demais para conseguir escapar e me afastar do embate interno – eu gostava mais da parte da luta do que da curtição.

Eu tranquilizaria meu eu de dezesseis anos dizendo que eu não iria mudar muito. Sem dúvida houve períodos em que eu comecei a cair no abismo,⁵³ mas penso que minha percepção da realidade e a dedicação à música me salvaram. Não acho que algum dia tenha agido como uma *prima donna*. Eu sempre fui muito tranquilo e simpático com as pessoas. Desde que eu pudesse ter meus cigarros e meu trago, não havia problema algum.

O Slash de dezesseis anos teria ficado apavorado ao se imaginar como pai, mas hoje tenho dois meninos, de três e cinco anos, então há uma dinâmica totalmente diferente na minha vida. Mais do que tudo, eu fiquei entediado com o lance do Slash bêbado e chapado, e no fim das coisas fiquei de saco cheio com isso dentro do Guns N' Roses, então eu não tive maiores problemas em deixar tudo para trás. Mas, na época, certamente eu curtia tudo aquilo.

O Slash de dezesseis anos teria ficado
apavorado ao se iMaginar coMo pai,
Mas hoje tenho dois Meninos.

Benny Andersson

Músico

4 de dezembro de 2017

Aos dezesseis anos, eu era um garoto bem normal sem noção alguma do que fazer com a vida. Não sabia se seria músico ou compositor. Sou um cara que aprende as coisas sozinho, mas eu já podia dizer que tinha me encontrado no piano. Recebi o convite de uma banda de rock, The Hep Stars, que tinha perdido o tecladista, então meio que caí de paraquedas. Eu diria ao meu eu mais jovem: “Apenas continue fazendo o que você está fazendo. Não precisa se preocupar tanto. Aceite as coisas como são e tudo vai ficar bem”.

O começo dos anos 1960 era uma ótima época para se ter dezesseis anos. Eu escutava todas aquelas bandas do Reino Unido: The Beatles, The Rolling Stones, The Kinks, The Who – que época maravilhosa! Brian Wilson é um dos meus ídolos, mas foram definitivamente Lennon e McCartney que me inspiraram a ser compositor. Eu tinha dezenove anos quando escrevi meu primeiro hit que chegou ao número um das paradas. Chamava-se “Funny Girl” e ainda acho que seja uma boa canção – letra ruim mas com boa melodia. Pensava: “Tá aqui uma coisa que talvez eu consiga passar a vida inteira fazendo”, e até hoje não encontrei uma razão para me arrepender disso.

Nos anos 1960, estar numa banda de rock não era considerado uma profissão de verdade. Fomos a maior banda da Suécia de 1965 a 1969, mas meus pais ainda perguntavam: “O que você vai fazer depois do Hep Stars?”. Alguns anos antes do ABBA, nós quatro precisávamos trabalhar para colocar comida na mesa e pagar o aluguel, e eu vinha de uma família que não tinha muito dinheiro. A música tem sido boa para mim, mas sei muito bem o que é ter que dar duro.

Eu era muito jovem quando me tornei pai. Mesmo se eu me achasse maduro aos dezesseis anos, à frente dos meus amigos do colégio, não era uma situação ideal. Não era nada bom quando eu estava fora excursionando, mas hoje dá certo e tem dado certo por muitos anos. Agora, meu filho tem cinquenta e três anos e minha filha tem cinquenta e um. Eles dizem: “Estamos felizes que você fez o que fez, porque isso significa que podemos ter uma vida decente”. Eles não reclamam, mas não sei. Meu filho mais novo, Ludvig, tem trinta e cinco e eu acompanhei a infância inteira dele bem de perto – eu adorava ser participativo. Nós fazemos tudo juntos, e agora estamos

trabalhando no próximo filme, *Mamma Mia!*. Minha esposa fica com inveja, porque ela não o vê tanto quanto eu.

O ABBA se reuniu organicamente. Björn conheceu Agnetha e eles ficaram noivos, e foi quase na mesma época em que conheci Frida. Frida e Agnetha eram artistas solo, eu tinha minha banda e Björn tinha a dele. Então Björn e eu gravamos um álbum chamado *Lycka*, que significa “felicidade”. Para uma das faixas, pedimos que nossas esposas participassem como backing vocals e, de repente, uau, o som ficou ótimo! Björn disse que deveríamos tentar compor música pop e cantar em inglês. Isso foi em 1972, e nós escrevemos “People Need Love”, que se tornou um sucesso. Depois disso, para fazer as pessoas se darem conta de que nós, caras do Polo Norte, existíamos, decidimos entrar no concurso da Eurovision. Subitamente, conquistamos um público que não era restrito à Suécia.

Eu conheço Björn há cinquenta e um anos, e ele é como um irmão para mim. Nossa amizade tem sido muito importante para mim e ainda conversamos toda semana. Não somos muito parecidos, uma das razões pelas quais ainda somos ótimos amigos. A convivência dentro do ABBA sempre foi boa – somos todos bons amigos e nos reunimos ao longo dos anos para conversar.

Se você beber muito, com muita frequência, por muito tempo, vai se meter em encrenca. Eu decidi abandonar a bebida dezesseis anos atrás, e acho que essa provavelmente foi a melhor decisão que tomei na vida. De repente, você atinge sua melhor forma a qualquer hora do dia. Foi a melhor coisa que já fiz.

Nunca fui politizado na adolescência, mas agora eu sou – é uma coisa que surge com o passar dos anos. Você se dá conta de que tudo é importante. Sou engajado, tenho opiniões e apoio as pessoas que compartilham da minha visão. Por exemplo, acho *The Big Issue* uma ótima iniciativa. No topo da minha lista está a igualdade de gênero,⁵⁴ mas hoje está tudo meio confuso com a questão do Brexit, da Catalunha e com Donald Trump no comando dos Estados Unidos. O Reino Unido sair da União Europeia é como seu amigo dando meia-volta e dizendo: “Não gosto mais de você”. Parece ruim para nós, mas vamos aguardar e ver se realmente vai acontecer.

ainda há tanta vitalidade naqueles álbuns hoje coMo havia naquela época.

Há muitas coisas que meu jovem eu mal poderia esperar. Não entendo como a música do ABBA ainda é tão popular, mas acredito que isso tenha a ver com a qualidade das músicas. Nenhum de nós teria imaginado que, quando paramos em 1982, nossa música ainda

continuará popular por trinta e cinco anos, mas ainda há tanta vitalidade naqueles álbuns hoje como havia naquela época. Tivemos muita sorte. A música foi mantida viva pelo filme *O Casamento de Muriel*, que era um filme realmente muito bom, depois o Erasure gravou algumas faixas e foi um grande sucesso. Então o álbum *ABBA Gold* foi lançado. Deve haver milhões de jovens ali fora que não conhecem o ABBA, mas conhecem as músicas por causa do filme *Mamma Mia!*. Tenho muito orgulho do que conquistamos com o ABBA, com a trilha de *Chess* e um musical na Suécia chamado *Kristina*, sobre a imigração sueca para a América do Norte no século 19. Foi um grande sucesso aqui – mais parece uma ópera, na verdade.

Vai haver uma versão digital do ABBA. Não sei se seremos hologramas, mas é um projeto gigante e uma imensa honra. Temos um ano e meio para trabalhar nele. É emocionante porque estamos na vanguarda do que a tecnologia pode fazer. Temos que fazer o ingresso valer a pena para o público – eles precisam entender que estamos lá, mesmo que não fisicamente.

Encerrar o ABBA não fez com que eu me sentisse diferente – apenas continuei fazendo o que eu gostava de fazer. Queria tentar compor música para o teatro, e então Tim Rice surgiu com uma ideia para um musical sobre xadrez – falei que eu era entediante o suficiente para entrar de cabeça no projeto! Montei uma banda porque eu queria voltar para as minhas raízes na música folk sueca. Agora somos dezesseis integrantes numa banda chamada Benny Anderssons Orkester. Fazemos turnês a cada dois anos, montamos uma pista de dança e tocamos durante quatro horas. Eu ainda sinto a vibração.

Boy George

Músico

3 de fevereiro de 2014

Com dezesseis anos, na minha cabeça, eu era muito avançado para a idade que tinha. Queria ser adulto, não uma criança. Eu era punk, usava o uniforme punk e adotei a atitude. Tinha cabelo espetado, lábios pintados de preto, delineador e calças rasgadas. Então, num piscar de olhos, eu mudei para New Romantic: cabelo cheio de laquê, maquiagem – outro look absolutamente escandaloso. Num primeiro momento, minha mãe era totalmente contra eu sair daquele jeito e tentou me impedir. Meu pai simplesmente ficava lendo o jornal, dava uma olhadinha e dizia: “Se ele quer sair assim e levar uma surra, que vá”. Pouco a pouco minha mãe se deu conta de que eu não ia mudar, desistiu e começou a me apoiar. Era ótima com a máquina de costura. Fez muitas roupas para mim, porque eu não tinha dinheiro para comprar as peças.

Minha adolescência foi uma época de liberdade, música e entusiasmo. Eu trabalhava como office boy numa gráfica, então podia vestir o que eu quisesse. Usava o metrô de Londres como passarela, e todo mundo ficava me encarando – era ótimo. Conheci algumas pessoas no metrô com quem acabei tendo um caso. Lembro que estava em Bank entregando correspondência, e um italiano charmoso ficava me encarando. Ele perguntou se eu era uma garota, e eu gostei daquilo, e então perguntou se eu tinha uma namorada ou um namorado. Naquela noite, acabei indo para uma festa com ele.

Quando eu era adolescente, fazia de tudo para ser o oposto do meu pai, mas agora vejo que sou igualzinho a ele. Meu pai não era exatamente um clichê. Ele era irlandês e tinha sido boxeador na juventude – ele podia ser inacreditavelmente irracional, mas não era burro. Tinha uma letra linda e era muito bonito. Quando eu me assumi, ele foi maravilhoso. Me abraçou e disse: “Você ainda é meu filho e eu te amo”. Uma contradição total. Puxei a ele as melhores qualidades. Ele era incrivelmente generoso e bondoso. Faria qualquer coisa por um estranho ou por uma mulher que estivesse precisando. Mas, quando se tratava de pessoas que realmente o amavam, ele era mais difícil.

Minha mãe foi muito graciosa e classuda quando meu pai a deixou depois de quarenta e três anos de casamento – ela o perdoou. Ela foi

muito respeitosa quanto à memória dele quando ele morreu, e isso me fez amá-la ainda mais. Quando estava prestes a fazer trinta anos, tive algumas longas conversas com meu pai e disse a ele: “Olhe o modo como você trata a mamãe, por que vocês simplesmente não se divorciam? Vocês podem ser ótimos amigos”. Ele me disse: “Você não entende, filho”. Tudo se resumia à “lealdade familiar”. Então, depois de quarenta e três anos, ele a deixou para ficar com uma mulher mais nova! Ele fez algumas coisas horríveis, mas nós agora rimos de tudo aquilo. Nós falamos: “Ah, meu Deus, lembra quando o papai perseguiu o instrutor de direção pela rua porque a mamãe tinha colocado o melhor casaco dela para fazer a aula e o papai achou que ela estava tendo um caso?”. Toda a vizinhança presenciou a cena. Ficamos envergonhados na época, mas hoje rimos de tudo aquilo.

Meu conselho ao meu jovem eu seria que ciúme não te deixa mais atraente – sair e destruir as vidraças da casa de alguém não vai fazer essa pessoa gostar mais de você. Recentemente, fiquei pensando sobre um dos meus últimos relacionamentos. Eu fui de táxi à casa desse garoto e dei um jeito de passar pela guarita de segurança. Deve ter parecido horrível. Por que eu achava que ele diria: “Sim, agora que você invadiu meu condomínio e tentou me matar, eu realmente quero ficar com você”? Quando olho para trás e lembro como lidei com meu coração partido – jamais me comportaria da mesma forma hoje. Era humilhante. Agora que me tornei budista, faço uma oração para todo mundo que já magoei um dia. E, no meu último relacionamento, quando deu errado, eu simplesmente deixei ir. Eu disse a mim mesmo: “Vamos lá, garoto, não banque o tolo, você está velho demais para isso”.

**Meu conselho ao Meu jovem eu seria
que ciúme não te deixa Mais atraente –
sair e destruir as vidraças da casa de
alguém não vai fazer essa pessoa gostar
Mais de você.**

Eu diria ao meu eu mais jovem para não usar drogas.⁵⁵ Se ao menos eu soubesse o tipo de miséria que eu causaria a mim mesmo, todo o drama, toda a dor que trouxe para minha mãe e o desperdício de dinheiro e de tempo – aquilo não faz ninguém se sentir melhor. Eu também diria a mim mesmo para falar menos e ouvir mais. Conheci algumas pessoas espiritualizadas maravilhosas que me disseram o que eu precisava ouvir. Eu lembro que fiz um curso sobre terapia, ficava

fazendo brincadeiras, tentando ser o centro das atenções. Então o professor me disse: “Você não vai calar a boca, porra?”.

Quando tinha dezesseis anos, era indiferente à ideia de me tornar famoso. Minha carreira inteira foi um acidente – a única razão pela qual comecei uma banda foi porque todo mundo estava fazendo isso. Eu não tinha ambição, só queria o estilo de vida boêmio. Então conheci Jon Moss e ele entrou na minha banda, tínhamos um relacionamento e realmente mergulhei fundo na coisa toda. Mas foi só nos últimos seis anos que eu passei a entender o que eu faço como trabalho e passei a ter mais respeito pela profissão. No entanto, não se trata mais de “tudo ou nada” como era na minha juventude. Não consigo imaginar viver me sentindo daquele jeito de novo. Eu não tinha um botão de desligar.

Geralmente, atribuímos sentido à vida em retrospectiva. Quando fui para a prisão,⁵⁶ não parecia que aquilo estava me ensinando alguma coisa – eu estava apenas vivendo esse dia a dia imprevisível, lidando com pessoas que eram loucas. Depois eu me dei conta do quanto eu precisava da minha própria companhia, um tempo comigo mesmo apenas para pensar. E eu li muito – tudo o que eu tinha mentido sobre ter lido no passado: Oscar Wilde, Dickens, *O Morro dos Ventos Uivantes*, *Catch-22*. Eu pedia aos meus amigos que me enviassem os clássicos. Descobri tantas coisas que passei a amar, e agora eu leio muito.

Agora mais velho, entendo por que as pessoas levam um longo tempo até se assumirem. Estou lendo a autobiografia de Morrissey – eu o amo – e entendo por que ele nunca assumiu sua homossexualidade bradando aos quatro ventos. Acho que ele queria evitar se definir como qualquer coisa específica. Infelizmente, quando alguém se assume gay, acabam definindo a pessoa por aquilo que ela faz na cama. Muitos são forçados a se assumirem gays e, quando o fazem, a imprensa diz: “Você não faz outra coisa a não ser falar que é gay”. Vivo dizendo às pessoas que ser gay se resume a três horas por semana. Conheci Morrissey quando o Culture Club era superpopular e ele sabia que eu era um grande fã dele, mas ele foi horrível comigo. Não falava nada e depois me disse que eu é que era insuportável. Mas, de novo, provavelmente eu era mesmo insuportável.

Meat Loaf

Músico

11 de março de 2013

Com dezesseis anos, só pensava em futebol americano, porque eu podia bater nas pessoas. Eu descarregava minha raiva. Era o que eu levava para o palco no final dos anos 1970. Na verdade, ainda deixo tudo aquilo no palco. Sempre fui um artista – eu fazia parte de um trio de folk music na faculdade e tive algumas bandas nos anos 1960, mas não levava o entretenimento a sério até que fui para a Broadway fazer *Hair* nos anos 1970. As pessoas perceberam que eu era meio desleixado com relação à atuação e me diziam que, se eu levasse aquilo a sério, poderia me dar bem como ator.

Basicamente, na indústria da música, como sou ator, sempre estive do lado de fora espiando o lado de dentro. Sempre me falavam: “Bem, se você é ator, não sabe cantar – você não consegue sentir a música”. E eu respondia: “Vai lá e diga isso a Marlon Brando em *Um Bonde Chamado Desejo* ou para o Robert De Niro ou Johnny Depp”. Às vezes, os críticos de música não são muito inteligentes. É como dizer a um ator: “Aqui está seu roteiro, precisamos que sua pessoa real entregue a mensagem”. Um cara aleatório no Facebook escreveu: “Eu prefiro os caras que compõem suas próprias músicas”. Então eu comentei: “Ok, já escrevi algumas músicas – só que não gosto delas”. Pouca gente sabe que escrevi “Magical”, de Bucks Fizz.

Eu nunca quis ser todo certinho e continuo me vendo assim. Não concordo com a maioria das coisas que os governantes fazem. Nunca expressei publicamente minha visão por nenhum candidato a presidente até conhecer Mitt Romney, mas nós conversamos olho no olho sobre a China, o desemprego nos Estados Unidos e questões de defesa. Não havia ninguém mais na sala. Os seguidores no meu Facebook ficaram impressionados e comentavam: “Não sabíamos que você era tão inteligente” – como meu nome é Meat Loaf (Bolo de Carne), o pessoal acha que sou um completo idiota. Eu leio Shakespeare e Tennessee Williams, estou sempre lendo. E sempre tento ler sobre minha arte.

Meu pai era um alcoólatra que desaparecia por três ou quatro dias a fio. Não me lembro de ele ter batido na minha mãe, embora isso talvez esteja bloqueado, mas ele batia em mim e me dava empurrões.

O alcoolismo é uma doença – não guardo rancor e amo meu pai. Há muita gente que fica falando: “Oh, eu apanhei quando era criança e por isso agora eu faço essas coisas”. Elas não assumem a responsabilidade por seus próprios problemas, mas eu não sou desse jeito. No que me diz respeito, meu pai não tem influência alguma na minha personalidade. Quando enlouqueço, não é culpa do meu pai – é minha. Tenho uma personalidade predisposta ao vício, mas isso é problema meu.

Eu gostaria de dar um murro no meu eu adolescente se o encontrasse agora – ele tinha a cabeça totalmente fora do lugar. Minha mãe esteve doente por muito tempo, com câncer de mama, portanto há muita coisa da minha infância que eu devo ter simplesmente bloqueado. Minha mãe morreu quando eu tinha dezoito anos – talvez um psicólogo pudesse me ajudar a lidar com isso, mas estou perfeitamente bem e não quero saber disso. Se eu pudesse voltar atrás para o meu eu adolescente, eu diria para ele não gritar com a mãe dele.

As últimas palavras dela para mim foram: “Onde você estava?”. Eu tinha fugido para a Califórnia, não conseguia lidar com aquilo. Levei dez anos para assimilar a morte dela.

Meu jovem eu não ficaria contente com a fama que estava prestes a começar. Quando estavam promovendo *Bat Out of Hell*, me mostravam essas propagandas em que me anunciavam como “a nova estrela” e eu riscava a palavra “estrela” do cartaz. Não me vejo dessa forma. Acho que sou uma celebridade, mas esse não é meu objetivo. Não sou como a Madonna – ela fez um trabalho incrível e foi muito inteligente, mas o objetivo dela era ser uma estrela. Meu objetivo era trabalhar.

Cada uma das minhas músicas tem um personagem diferente e eu tenho pequenos ganchos que uso para dar-lhes vida, como bater na minha mão ou algo assim. É como um espírito entrando no meu corpo. Demonstro certa selvageria no palco e, se você apertar os botões certos, ela também surge fora do palco – como quando eu participei de *O Aprendiz – Celebidades* e gritei com Gary Busey. Mas eles não editaram como a coisa realmente aconteceu, e eu me desculpei bastante depois.

**Se eu pudesse voltar atrás para o Meu
eu adolescente, eu diria para ele não
gritar coM a Mãe dele.**

Não me arrependo de nada, porque não tem como mudar. Já tenho quarenta e sete anos de carreira e cometi alguns erros, mas só porque não tinha como saber naquela época. Sou rebelde, mas, quando

alguém me pede para fazer alguma coisa, acho difícil dizer não – não posso decepcionar as pessoas. Quando meu médico me disse para não usar minha voz, eu falei: “Bem, vou cantar três horas hoje à noite”.

Eu não sabia naquele momento mas, quando perdi a voz nos anos 1980, foi algo psicossomático. Estava cantando bem, até que tive uma discussão com Todd Rundgren.⁵⁷ Falei alguma coisa sobre um arranjo que ele tinha feito e ele retrucou: “Se você não consegue conversar comigo usando termos musicais, simplesmente não fale comigo”. Então eu só falei: “Vá se foder”. Aí a gravadora nos forçou a fazer um novo álbum logo em seguida, e eu achei aquilo uma estupidez – *Bat Out of Hell* levou um longo tempo para ser concluído, por isso ficou tão bom. Eu não tinha como sair daquela situação de outra forma a não ser perdendo minha voz. E foi o que fiz.

Gostaria de poder voltar àquele dia em 1975 em que me sentei numa cafeteria em Nova York, peguei meu café e pedi ao cara sentado do meu lado: “Você pode me passar o adoçante?”. Assim que eu o ouvi responder, soube na hora que era John Lennon. Se eu tive um ídolo na música foi ele, e eu queria tanto falar com ele, mas tudo o que eu pensava em dizer parecia: “Não, isso é estúpido”. Então a única coisa que falei para John Lennon na minha vida foi: “Obrigado por me passar o adoçante”.

Mick Fleetwood

Músico

18 de maio de 2015

Com dezesseis anos, o jovem Michael Fleetwood perdia tempo sonhando acordado. O colégio, o conformismo, as regras do jogo – eu ficava muito confuso com tudo aquilo. Saí da escola aos quinze anos e imediatamente me senti libertado. Estava feliz. Estava animado. Eu era um aventureiro. Me tornei Dick Whittington, pronto para ir lá fora e ver o que estava acontecendo. Eu tinha uma fantasia que talvez pudesse se tornar verdade: ir para Londres e tocar bateria.

Minhas irmãs Sally e Susan me inspiraram imensamente. Susan era uma ótima atriz, e Sally já estava em Londres, era escultora e transitava pelo mundo das artes, que me fascinava. Ela me levava para todos aqueles cafés em Chelsea a caminho do meu internato, e sem dúvida eu tinha uma visão romântica desses lugares. Via os estudantes fumando e tocando folk music no violão, com um disco de Lenny Bruce tocando num canto, e eu queria fazer parte daquele clube. A única coisa que eu realmente sabia fazer era tocar bateria. Eu não tinha grande talento nem grande habilidade técnica, mas sabia tocar, e essa foi minha porta de entrada.

Eu conhecia meu pai muito bem – ele era eu, e eu era ele. Quando jovem, meu pai se aventurava e descia o rio Reno de canoa. Ele via coisas e escrevia sobre elas, era um sonhador. Embora não gostasse muito, entrou para o exército e para a força aérea, já que pilotar era algo que o fascinava. Ele era mais um aviador que um piloto de guerra – meu pai gostava de estar entre o céu e a terra. Não era do tipo resmungão, de bigode, enaltecendo os jogos bélicos. Era um dos muitos homens que fez o que tinha que ser feito, mas se revoltava com o fato de ter que ir até lá e estraçalhar pessoas. Ele pensava muito sobre as coisas e provavelmente passou a vida inteira querendo ser escritor. Portanto, ele ficou extremamente contente que eu quisesse fazer uma coisa nada conformista. Ele amaria se pudesse ele mesmo ter feito isso.

Tive uma vida divertida e louca, mas nunca achei que passei dos limites. Sempre sonhei em fazer isto, ser baterista de uma banda. Sendo sincero, não acho que jamais tenha me afastado dessa visão, mas provavelmente houve momentos em que isso quase aconteceu, principalmente quando a banda cresceu demais e a minha vida se

tornou muito complicada. De muitas maneiras ainda é, mas o lado bom é que ainda faço a única coisa que sei fazer: eu estou sempre tocando bateria. Sim, me distraía em alguns momentos, mas, mesmo quando eu estava entrando e saindo de problemas financeiros ou de problemas familiares, eu continuava tocando.

Quando eu estava indo mal nas provas da escola, minha habilidade de tocar bateria era como ter uma rede de segurança. Hoje tenho uma visão mais clara sobre o que deu errado, mas sempre tive essa noção de bem-estar, mesmo nos piores momentos – quando deu merda, a música me ajudou a superar. E meus pais estavam sempre dizendo: “Você está bem. Quem se importa com quanto dinheiro você tem no banco?”.

Se eu pudesse voltar no passado, encontraria um modo de não dar as costas à onda em que eu estava surfando. Gostaria de não ter ficado tão distante das minhas filhas mais velhas, Amelia e Lucy, e da minha primeira esposa Jenny – tenho consciência do quanto elas sofreram. Da minha parte, nunca houve qualquer má intenção, nem da parte dela comigo, mas há uma tristeza silenciosa – se eu tivesse condições na época, gosto de pensar que teria agido melhor. Teria sido mais presente na vida delas.

Não acredito que se possa viver com arrependimentos. Acho que é um jogo perdido. Mas é preciso ter dignidade e admitir sua vulnerabilidade, principalmente à medida que os anos passam e você pensa no que está acontecendo. Diria ao meu eu mais jovem e narcisista: “Você era um tolo por se meter numa fogueira e fingir que não ia se queimar”. Não restam dúvidas de que meu comportamento machucou minha família – havia muito amor, mas minha vida estava num trem do qual não conseguia desembarcar.

Há momentos de muita tristeza quando penso em Peter Green.⁵⁸ Ele estava pedindo socorro. Ouça “Man of the World” e “The Green Manalishi” – essa música era como uma tentação do demônio, devorando Peter vivo.⁵⁹ Ele falou sobre o uso de LSD, e ele já era sensível, estava numa fase de questionar tudo. Vinha de uma família de operários com a vida difícil, e eu não fazia ideia do que isso significava. Minha família não era rica, mesmo assim o mundo em que eu vivia era muito diferente, e eu tive uma ótima infância – não havia desculpa. Peter tinha lembranças das quais queria se afastar. Acho que ele conseguiu fugir, só que depois se sentiu culpado por estar alcançando tudo o que ele sempre quis.

SeMpre sonhei eM fazer isto, ser
baterista de uMa banda. Sendo sincero,

não acho que já Mais tenha Me afastado
dessa visão, Mas provavelMente houve
MoMentos eM que isso quase
aconteceu, principalMente quando a
banda cresceu deMais e a Minha vida
se tornou Muito coMplicada.

Se eu soubesse na época o que sei agora sobre doenças mentais e os sinais de perigo, teria sido um amigo melhor para Peter. Mas eu não sabia, e depois já era tarde demais – eu fui egoísta. Passei anos querendo apenas o antigo Peter de volta, só que ele nunca voltou. Ele mudou, mas ainda está vivo. Eu tive que abandonar a relação que um dia tivemos, mas devo tudo àquele homem e à fé que ele depositou em mim desde o começo.

Eu diria ao adolescente Mick que ele teria muita sorte na vida. Ele achava o estudo acadêmico muito difícil, mas eu diria a ele: “Não se preocupe, apenas confie no que você sente, Michael. Isso é o mais importante. Nunca se desprenda disso”. Gostaria de dizer para ele – e isso é uma coisa na qual ainda não sou muito bom: “Você não precisa se sentir inseguro por não conseguir verbalizar as coisas muito bem. Você entra em pânico e isso atrapalha o modo como você se expressa”. Sei que hoje consigo me expressar melhor, mas naquela época eu só queria que as pessoas tivessem certeza de que eu não era a porra de um idiota.

Miriam Margolyes

Atriz

3 de novembro de 2014

Quando eu tinha dezesseis anos, queria ser popular. Eu era popular com as garotas, mas não com os meninos, porque eu era gorda e sentia muita raiva por dentro, pois eles eram incapazes de perceber o quanto eu era maravilhosa. Não era muito estudiosa. Gostaria de ter sido, mas eu era preguiçosa e levada.

Tinha uma relação meio sufocante com meus pais. Minha família parecia uma fortaleza intransponível onde apenas papai, mamãe e eu poderíamos permanecer. Levou um tempo até que me dei conta de que as outras crianças não viviam assim. Fiquei um pouco irritada por não poder ter uma bicicleta, porque meus pais tinham medo de que eu morresse.

Já era uma artista desde o minuto em que dancei para fora do útero, não há dúvidas quanto a isso. Se eu não tivesse uma plateia, dava um jeito de encontrar uma. Contudo, eu não sabia que seria atriz – acho que eu não me dei conta do quanto era boa até sair da universidade. Quis estudar em Cambridge de propósito só para ficar longe dos meus pais, e isso os deixou muito tensos. Mas fico feliz por ter feito isso.

Não me achava parecida com a minha mãe, mas agora eu vejo que somos muito iguais. Quando os soldados marcham, eu choro. Quando ouço uma cantora de ópera, eu choro. Ela era bem assim, muito emotiva. Meu pai era o oposto. Ela era extrovertida, e ele, introvertido. Ela era confiante e falava alto, mas ele era bastante tímido e ficava nervoso no meio das pessoas, exceto em seu consultório. Era clínico geral e em seu local de trabalho era o mestre supremo, mas fora dele ficava apenas menor. Acho que ele se escondia atrás de minha mãe. Sempre que havia um problema e meu pai tinha que falar com alguém ao telefone, costumava dizer: “Fala você, Ruth”. Eu ficava furiosa com aquilo. Ele deveria ter enfrentado as coisas, mas nunca fez isso.

Aconselharia minha versão mais jovem a não contar para minha mãe que eu era gay. Algumas pessoas conseguem lidar com esse tipo de informação e outras não, e ela não conseguia – era demais para ela. Acho que é uma indulgência das pessoas que são gays achar que todos devem aceitar sua orientação. Se é um fardo, devemos nos considerar privilegiados por carregá-lo e não insistir em despejá-lo sobre todos os

outros.

Sempre me senti meio culpada pelo aneurisma da minha mãe; aconteceu logo depois que contei para ela que eu era gay. Me falam que eu não deveria pensar assim, mas eu penso. Nós nunca deixamos de ser próximas uma da outra, mas, quando conheci minha parceira, jamais contei para minha mãe que estávamos juntas. Fico contente de não ter feito isso, porque minha mãe gostava dela, mesmo que não conseguisse falar com ela. Era engraçado, mas sinto que, se minha mãe não tivesse sofrido o derrame, ela teria me impedido de ficar com minha parceira, e isso teria destruído minha vida. Então talvez fosse o destino. Mas minha mãe era a vítima e sofreu muito, e isso me deixa mal.

Se eu tentasse iMpressionar Minha versão adolescente, contaria para ela que fiz uMa turnê coM uM espetáculo que escrevi para MiM MesMa.

Meu pai me fez jurar com a mão sobre a Bíblia que eu nunca dormiria com uma mulher novamente. Ele me levou para o *lounge*, um cômodo que só usávamos para ocasiões solenes e sociais, e eu segurei a Bíblia com as mãos e fiz o juramento. Eu tinha a intenção de cumpri-lo, mas também sabia, enquanto dizia as palavras, que não seria capaz de mantê-lo. Porque sexo é uma coisa poderosa.

Se eu pudesse voltar atrás, não teria tantas aventuras por aí. Eu não fui fiel à minha parceira. Nós não morávamos juntas, então muitas vezes ela não estava ali comigo fisicamente. E, porque eu nunca me senti segura quanto a ser atraente, o fato de alguma pessoa estar disposta a ir para a cama comigo era uma surpresa tão maravilhosa que eu simplesmente levava a coisa adiante. Hoje, é claro, estou velha e não posso mais ter aventuras. Ninguém quer transar comigo agora.

Há várias coisas que eu gostaria de ter feito. Gostaria de ter aprendido uma língua estrangeira. Gostaria de saber digitar com todos os dedos. Adoraria conseguir patinar no gelo e dançar sapateado. Sequer consigo nadar crawl. Acho que é meio vergonhoso ter setenta e três anos e não conseguir nadar crawl.

A jovem eu ficaria surpresa que eu não tenha casado. Ou talvez bem lá no fundo ela soubesse que jamais se casaria. Eu sempre soube que não teria filhos. Acho que ela ficaria muito desapontada ao saber que ainda sou gorda. Se há uma coisa que eu mudaria na minha vida, seria minha aparência. Tenho sido preguiçosa e gulosa, e é por isso que sou gorda – é totalmente deplorável. Tenho boa saúde, mas tive cálculo

biliar e cálculo renal e tenho que tomar litros e litros de água, então passo o dia mijando, o que é uma chateação só.

Se eu tentasse impressionar minha versão adolescente, contaria para ela que fiz uma turnê com um espetáculo que escrevi para mim mesma. *Dickens Women* esteve em cartaz no mundo inteiro por quase vinte e cinco anos. A adolescente Miriam leu muito Dickens – *Grandes Esperanças* era seu livro favorito, embora agora seja *A Pequena Dorrit*. Ela ficaria impressionada com o convite para passar o final de semana em Sandringham, e ficaria mais impressionada ainda por eu ter ganhado um OBE e um BAFTA.

Ouçõ as vozes dos meus pais na minha cabeça todos os dias. Estão sempre comigo. Às vezes, é um pouco maçante ficar pensando o que eles achariam de mim. Eles não teriam aprovado minhas críticas a respeito do comportamento de Israel com relação a Gaza – eles achariam que era melhor eu calar a boca. Sei o que Maureen Lipman pensa, ela sempre me fala.

Se eu pudesse voltar no tempo, seria para o dia em que a diretora da minha escola me contou que eu havia conseguido uma vaga em Cambridge. Lembro esse momento muito bem. Fomos todos chamados para a sala da diretora, e ela leu em voz alta o telegrama que minha mãe havia enviado para a escola. Minha mãe podia ter esperado para quando eu chegasse em casa e ter o prazer de me contar, mas ela sabia que eu ficaria emocionada ao ouvir a notícia da diretora na frente de todos os meus colegas. Acho que isso mostra que mulher absolutamente maravilhosa ela era. Eu soube naquele momento que a minha vida mudaria para sempre; eu estaria na companhia dos exaltados. E assim aconteceu.

Lúcia Helena Galvão

Filósofa

17 de maio de 2020

Aos meus dezesseis anos, eu morava em Brasília, concluía o último ano do Ensino Médio e possuía apenas uma amiga. Nossa reputação no colégio era péssima: duas esquisitas. E eles tinham sua dose de razão: duas adolescentes sem nenhum cuidado com a aparência, estudando demais, meio desinteressadas com o que acontecia no mundo à sua volta. Sentadas no gramado do colégio, nós nos perguntávamos: será que somos extraterrestres?

Sem dúvida que aí pesava também o desejo de todo adolescente de se destacar, tomando o caminho inverso, onde a competição é bem menor, e dava certo: de algum jeito, éramos especiais. Mas também havia uma dose de legítima esquisitice: a falta de interesse pela minha aparência converteu-se numa mania teimosa que, em alguma medida, trago comigo ainda hoje.

E havia também minha esquisitice predileta: o interesse pelos detalhes irrelevantes para os demais. Desde um novo formigueiro no jardim até o curioso desenho da rachadura que se abriu na parede, tudo me parecia de alto interesse, e me deixava ali, meio de boca aberta, refletindo a respeito por alguns minutos. Além disso, gostava mesmo de estudar algumas coisas, e estudava, por vezes, bem além do que ia cair na prova, em geral escondida, para não parecer mais esquisita do que já era.

E o que mais? Amava animais (ainda amo) e era “teimosa feito uma mula manca” (gosto de acreditar que melhorei um pouco neste particular). Gostava de dança (fiz um pouco de balé), de piano, de poesia, de coisas belas. E, como muitas adolescentes, salvo aquelas mais “sortudas”, não gostava do rosto que via no espelho, e isso me entristecia um tanto. E acreditava firmemente que jamais algum rapaz se interessaria por mim. Não, as esquisitas não fazem o tipo de ninguém.

O que eu diria, hoje, para a minha querida extraterrestre esquisita dos dezesseis anos? Vamos por partes, começando pelos defeitos: em primeiro lugar, descobri que desleixo com a aparência não tem virtude nenhuma; é só gênero e relaxamento. Portanto, trate de tomar tento e vá pentear os cabelos, cuidar da pele e das roupas. Não deixe essa herança para a Lúcia do futuro, para dar trabalho àquela que terá bem

mais problemas do que você em 1979, sempre, daí para a frente. Respeite-se e ame-se por agora e pelo futuro.

Não se interessar pelo mundo dos demais também não te torna um ser especial, apenas alienado e com uma boa dose de egoísmo. Sim, são belos os detalhes da vida, e sempre serão, mas não isole o ser humano da lista de coisas belas! Por que a rota das formigas é mais interessante do que as mil expressões de um rosto humano, suas muitas possibilidades de pensamentos e sentimentos? Essa seleção de interesses esconde fuga e medo: de que e de quem? Ora, vamos: se você é esquisita, o mundo inteiro é, também. Uma feira de esquisitices, a humanidade. Trate de assumir a sua com a devida coragem que o caso exige e aprenda com a ousadia dos outros para driblar e superar seus próprios limites. Vontade de aprender não pode ter “cerquinha” e funcionar só em parte da natureza: é incoerência, das grandes.

Sim, rosto bonito no espelho é interessante e prazeroso, mas você vai entender muito bem os limites do prazer que pode oferecer um rosto bonito recobrando uma cabeça vazia. E você vai ser bonita também, com essa sua força e teimosia de cavalo chucro, esse seu jeito de querer bisbilhotar todo o conhecimento daquilo que é, do que não é e do que poderia ter sido.

Mais bonita ainda vai ser quando segurar um pouco esse cavalo bravo da teimosia e conduzi-lo numa direção só, fazendo aparecer uma virtude para lá de necessária: a determinação. Ah, que as pessoas vão abrir caminho para te ver passar, arrastando meio mundo agarrado nas crinas, marchando para o fim do arco-íris, ainda que não tenha pote nem de ouro nem de nada. Só pela honra de levar as coisas até o fim, seja lá onde for o fim. Tem gente que vai te ver passar e vai se admirar, outros vão se incomodar, mas tem gente boa que vai rir de gozo: menina birrenta, bonita de se ver! Você tem garra, menina, e isso há de levantar muita poeira, que entrará pelos olhos de alguns!

Importante: esse teu gosto por conhecer, sem aceitar limites nessa tua busca (meu cavalinho chucro sem cabresto!), cuide dele: isso é pedra preciosa. Vai te tornar buscadora do mistério das coisas e de si mesma. Vai te revelar paisagens incríveis, pelas quais muitos passam, mas que poucos veem; vai te abrir as portas de muitas coisas belas e escondidas por trás da banalidade das aparências. Com teu gosto pelo conhecimento e com tua birra, aí das portas que não quiserem se abrir! Mas vai com calma: sem pressa, mas caminhando sempre.

**Anota beM esta lei que vou te passar,
que será de boM proveito. Artigo**

príMeiro: não aceite sentir pena de si
MesMa, de jeito nenhuM, eM situação
nenhuMa. Artigos dois, três, quatro e
todos os outros: aconteça o que
acontecer, siga o artigo príMeiro!

Cuida da tua generosidade. Sabe aquela que te fez querer entregar a boneca ganha no Natal para a menina pobre, na rua, e rendeu uns cascudos em casa? Ela é joia, também. Garanta que seu coração esteja sempre aberto.

Agora, olho vivo para algumas coisas que atrapalham um bocado: mágoa excessiva pelos erros alheios e dificuldade para perdoar. Isso vai virando um fardo de um peso tal que não tem cavalo ou mula de carga que dê conta de arrastar pela vida afora. Vê se faz um esforço para superar isso, que é mais fácil na plasticidade da juventude. Anota bem esta lei que vou te passar, que será de bom proveito. Artigo primeiro: não aceite sentir pena de si mesma, de jeito nenhum, em situação nenhuma. Artigos dois, três, quatro e todos os outros: aconteça o que acontecer, siga o artigo primeiro! Use sua determinação, que é a teimosia domada, para isso, pois ela é forte e dá conta do recado, se você realmente quiser. Portanto, queira!

Desenvolva boa musculatura para segurar suas rédeas, pois raiva e descontrole só causam acidentes, dor e prejuízo. Coisa importante: procure desde já, em você, uma coluna, lá bem no centro, forte feito um rochedo, mas cristalina e cheia de ângulos, como cristal de rocha – a tua verdadeira identidade, a tua essência, apoiada em valores. Uma vez descoberta, amarre-se nela, que nem Ulisses no mastro do seu navio, para se garantir nas ventanias. Previsão do tempo: deixa eu te alertar, futuro é um lugar onde venta, e forte. Agarre-se bem à sua coluna, e fique sem medo. No final, sua ligação com ela vai ser a coisa mais importante da sua vida.

Como último palpite (pois, como dizia a avó, conselho, se fosse bom, não se dava, vendia), não seja chorona, pare já com isso. Poupe seu futuro deste dilúvio inútil, que só gera rugas e olheiras. Quando sofrer, corra para sua caixa de brinquedos, abra, desempoeire cada um deles e volte a brincar com poesia, canções, animais, trilhas de formigas e nó de madeira. Brinque com vontade, até recuperar seu ânimo e sua esperança. Vai voltar tão renovada que vai matar de susto quem te julgava morta.

E pronto: guarda bem tudo isso que te digo e caminha, guria. Vem preparada, que o futuro sempre recebe favoravelmente aos que estão

bem equipados para a viagem! Vem e faz bonito!

Capítulo 12

REALIZAÇÃO

Sir Roger Bannister

Atleta e médico

5 de maio de 2014

Com dezesseis anos, meu foco era entrar para a Universidade de Oxford. Nenhum membro da minha família tinha estudado lá, e naquela época era muito difícil conseguir uma vaga. Eu esperava sair da escola por razões sobre as quais não tenho muita certeza hoje em dia, mas estava ávido para começar minha carreira como médico.

Eu diria ao meu jovem eu que ele poderia e deveria aprender mais com seus pais. Eu era bastante independente na época, embora meus pais sempre me encorajassem. Era muito ativo e estava envolvido com várias coisas. Quando estava no colégio, estava metido em tudo. Depois, na universidade, fui presidente do clube de esportes e do diretório acadêmico de estudantes. Sempre parecia que eu devia aproveitar ao máximo as oportunidades que meus pais não tiveram. E Oxford era um lugar maravilhoso.

Praticar esportes era moda em Oxford, então fui para a pista de corridas, paguei as taxas e me inscrevi no clube de atletismo. Eu não corria muito rápido no começo – me colocaram na equipe de atletismo porque eu era muito dedicado à tarefa de limpar a neve da pista. Na minha primeira grande corrida, eu era o terceiro reserva e só me disseram para não atrapalhar. Mas, com cerca de 200 metros pela frente, senti que podia correr mais rápido, então comecei a ultrapassar todo mundo e ganhei com 10 ou 15 metros de vantagem.

Era um dia de muito vento naquele 6 de maio de 1954, quando fui competir nos Jogos do Império em Vancouver. As condições não eram boas. Só decidi que iria participar meia hora antes da corrida. Meu treinador disse para mim: “Se você não aproveitar a chance quando ela aparecer, pode se arrepender pelo resto da sua vida”. No final, completei a corrida em 3 minutos e 59 segundos. Pelo sistema de alto-falantes, ouvi o anúncio dos tempos na voz de Norris McWhirter, fundador do Guinness, o livro dos recordes. Quando ele chegou a “novo recorde mundial, de três...” a multidão rugiu e ninguém ouviu os segundos.

Acho que o recorde mundial foi importante para a Grã-Bretanha. Havia um sentimento depois da guerra de que a Grã-Bretanha estava acabada. Nós pegamos muito dinheiro emprestado dos Estados Unidos

e tínhamos que pagar dívidas muito altas. Havíamos perdido um império. Então conquistamos todas essas coisas. Nós ganhamos o Festival da Bretanha em 1951. Nós escalamos o Everest em 1953. Não ganhamos nada nas Olimpíadas de Helsinki em 1952, consequentemente todos ficaram desapontados comigo e com os outros. Eu sabia que não podia me aposentar neste clima de frustração, então eu tinha que continuar correndo por mais um tempo.

Nos primeiros dez anos na minha carreira como médico, enfrentei uma dura batalha para provar aos outros que eu estava me dedicando totalmente à medicina e não iria voltar ao esporte. Para mim, nunca houve qualquer dúvida de que a medicina, principalmente a neurologia, seria minha carreira. Meu grande sonho era oferecer uma pequena contribuição ao conhecimento que tínhamos sobre o cérebro. Foi só depois de ter trabalhado como consultor por muitos anos que eu considerei as propostas de me tornar presidente do primeiro Conselho de Esportes independente.

Meu grande sonho era oferecer uma pequena contribuição ao conhecimento que tínhamos sobre o cérebro.

Minha esposa sempre esteve ao meu lado me ajudando em tudo o que fiz. Temos quatro filhos – minhas filhas, uma pintora e uma sacerdotisa anglicana; e meus filhos, um banqueiro nos Estados Unidos e o outro CEO da Phoenix Insurance Group. Todos tiveram muito sucesso em suas carreiras, mas todos eles colocam a família em primeiro lugar. Tenho quatorze netos. Meu neto mais velho é o campeão britânico de *motor glider*.

Prefiro ser lembrado mais pelo meu trabalho com neurologia do que pelo atletismo.⁶⁰ Se você me oferecer a chance de fazer uma grande descoberta no estudo do sistema nervoso autônomo, eu escolheria isso em vez de completar 1.500 metros em quatro minutos. Trabalhei com medicina durante sessenta anos; corri por cerca de oito. Gosto da vida que levo hoje em dia, mas não tenho muita mobilidade. Sofro de uma coisa que chamam de Mal de Parkinson, e infelizmente isso me restringe, mas tento fazer o melhor com a minha vida, apesar das minhas dificuldades.

Colm Tóibín

Escritor

2 de abril de 2018

Meu pai morreu quando eu tinha doze anos, e nos três primeiros anos da escola secundária eu estudava no mesmo colégio onde ele dava aulas. Foi somente anos depois, quando eu tive que fazer terapia, que me dei conta de que, quando era estudante, eu sempre escolhia um lugar onde ninguém poderia sentar ao meu lado. Ia direto para os fundos da sala de aula e sentava sozinho, e também parei de sair com meus amigos. Basicamente, eu me isolei durante alguns anos. Nenhum professor percebeu que aquele garoto que recém tinha perdido o pai estava sentado sozinho e ia para casa sozinho todos os dias. Mas ninguém na época tinha uma compreensão real do que alguém com onze anos podia sentir. Ou, para ser mais específico talvez, o que alguém com onze anos não podia sentir. Queria que eu – ou qualquer um ao meu redor – tivesse algum tipo de entendimento sobre o luto não explorado. Eu simplesmente não fazia ideia do que estava acontecendo comigo.

Depois que meu pai morreu, minha irmã mais velha foi estudar em outra cidade, então éramos só minha mãe, meu irmão caçula e eu. Simplesmente não tocávamos no assunto. Era algo para não ser mencionado. Por um curto período, a casa ficou cheia de gente, então todos se foram. Eu sentia muita falta dele, mas mais do que isso, eu simplesmente não sabia o que fazer com aquele enorme sentimento de perda. Nenhum de nós lidou com isso muito bem. Se eu pudesse voltar no tempo, diria para minha mãe: “Olha, temos que conversar sobre esse assunto”. Em vez disso, me tornei obcecado por poesia. Yeats, Heaney, Sylvia Plath – devo ter sido o único menino da Irlanda que leu “*You stand at the blackboard, daddy, In the picture I have of you*”.⁶¹ Eu comecei a encher cadernos e mais cadernos com poemas. Talvez eu tivesse feito tudo aquilo de qualquer maneira, mas foi a poesia que ajudou a me manter íntegro emocionalmente. E ainda ajuda.

Quando eu tinha dezesseis anos, do lado de fora eu já era um garoto sociável, com muitos amigos. Meus amigos gostavam de garotas, e eu também gostava de conversar com elas. Devo ter me dado conta de que alguns dos meus amigos estavam interessados demais nas garotas e pensei: “Bem, também vai acontecer comigo quando eu conhecer a garota certa”. Levou um tempo para me dar conta disso. Veja bem,

toda a coisa sobre o desejo gay é que, se você não sabe nada sobre isso, você não entende o que está acontecendo num primeiro momento. Eu devo ter notado quando vi que gostava quando surgia qualquer oportunidade de ver outros rapazes sem roupa, mas eu ainda não tinha consciência – estava apenas compartimentalizando meus pensamentos em vez de lidar com eles. Não havia um ponto de referência. Quero dizer, ouvia a palavra “queer”, mas não havia “queers” de verdade por perto. Era como a palavra “fantasma”.

Quando estava na faculdade, conheci um garoto que se gabava abertamente sobre sua sexualidade. Eu o evitava como se fosse o demônio, até que um dia me peguei sentado ao lado dele e acabou sendo muito engraçado. Ele se virou para mim e disse: “Você também é um, não é?”. Ficamos nos analisando, mas eu ainda não sabia de verdade. Então fui para Barcelona e dois rapazes bonitos começaram a me seguir. Havia muitas palavras no meu léxico, mas “cruise” não era uma delas, então eu só pensei: “Não têm como esses caras serem ainda mais legais”. Aí segui atrás deles e foi muito excitante.

Quando entrei na universidade, havia muita gente escrevendo poemas e contos, e todos eles eram muito melhores do que eu. Para ser sincero, tem sido assim desde aquela época. Eu enviava poemas para o jornal local e eles nunca publicavam. Eu lia os poemas dos meus amigos e podia ver que alguma coisa nos meus textos não estava funcionando. Quando eu voltei da Espanha, comecei a trabalhar como jornalista, mas ainda tinha essa vontade. Eu pensava: “Deus, sou uma daquelas pessoas tristes que têm vontade mas não têm talento”. Comecei a escrever contos, mas eles também eram rejeitados – não eram bons. Tentei escrever um romance, mas levou anos até ser publicado. Quando soube que tinha sido aceito pela editora, foi um daqueles grandes momentos da vida. Dezoito meses depois, a primeira edição chegou pelo correio. E então eu me tornei um novo homem.

Não levaria meu eu de dezesseis anos para me acompanhar no Oscar, porque seria um anticlímax. Ele não veria quase nada do *showbiz*. Você já viu um escritor no Oscar? Você fica sentado bem lá atrás. Nem cruza a entrada principal. Nada de tapete vermelho. Eu achei tudo muito divertido. Entrei por uma porta lateral, mas queria dizer um olá para as pessoas que conheci no filme, como Nick Hornby e Saoirse Ronan, então aguardei no saguão. Mas um cara chegou perto de mim, dizendo: “Ei, o senhor tem que entrar agora, está bloqueando a passagem”. Saí de lá, mas em seguida entrei novamente despercebido e o cara veio para cima de mim de novo. Depois fui para a festa da Vanity Fair e, quando eu estava entrando, Elton John estava de saída. Quase falei alguma coisa para ele, mas pensei: “Sei tudo sobre ele, mas tenho certeza de que a última coisa que ele precisa é saber tudo sobre mim”. Quando entrei na festa, todo mundo parecia

estar agitado por causa de uma mulher, então eu perguntei quem ela era, e era a Lady Gaga. A noite do Oscar não é uma grande noite para um cara que escreveu um romance.

Eu pensava: “Deus, sou uma daquelas pessoas tristes que têm vontade Mas não têm talento”.

Se eu pudesse ter uma última conversa com alguém, seria com meu pai. Eu queria contar a ele tudo o que aconteceu. Não pude ter nenhuma daquelas conversas e discussões de adultos, sobre a igreja – meu pai era católico – ou sobre política – ele era do partido nacionalista. Eu gostaria de contar para ele o quanto a Irlanda mudou.

Eu me deixei levar pelo jornalismo. Eu me deixei levar para a Espanha. Eu me deixei levar para os Estados Unidos. E me deixei levar de volta para casa. Nunca tive um plano para a minha carreira. Agora mesmo vou dar aulas na Universidade de Columbia, em Nova York, durante um semestre por ano. Meu namorado mora em Los Angeles; ele é um ótimo nadador, mas eu consigo derrotá-lo no tênis, e ele é mais jovem do que eu. Você não tem como saber o quanto isso significa para mim – se ele soubesse o tanto que tenho treinado para melhorar o meu *forehand*! O tanto de dor e de partidas perdidas. Honestamente, que coisa para contar ao garoto que sentava sozinho nos fundos da sala do colégio Christian Brothers em 1967: “Daqui a cinquenta e um anos, a vida será maravilhosa: você vai acordar de manhã na Califórnia com pés de romã junto à sua janela. Você vai fazer suco para o café da manhã com as laranjas que colhe do seu pomar. Você vai jogar tênis com um homem mais jovem e atlético. E você vai vencer”.

Dominic West

Ator

27 de dezembro de 2018

Com dezesseis anos, só pensava em me embriagar.

Ah, e eu interpretei Hamlet na peça de teatro da escola, então fiquei bastante focado nisso, mas no resto do tempo eu tentava conseguir bebida nos pubs ilegalmente. Se eu cresci num ambiente privilegiado? Bem, eu cresci perto dos campos encharcados nas cercanias de Sheffield com cinco irmãs e um irmão. Nós tínhamos dois cachorros e vários outros animais de estimação – hamsters, peixes e essa coisa toda. Passava a maior parte do tempo andando de bicicleta para cima e para baixo. Éramos bastante autossuficientes, porque havia muitas crianças em casa para brincar. Nós tínhamos amigos, mas eu não me lembro de sair muito porque eu simplesmente brincava com meus irmãos. Então, sim, eu tive uma infância privilegiada, passava o tempo todo nos campos com a minha família enorme e rústica.

Não tive uma fase rebelde na adolescência e não me arrependo disso. Fui mandado para um colégio interno quando tinha treze anos e me sentia muito infeliz porque tinha muita saudade de casa.

Mas, com dezesseis anos, eu já tinha superado isso e havia descoberto a atuação, o que passou a ocupar a maior parte dos meus pensamentos. Isso ajudou a navegar por essa escola imensa e maravilhosa em que eu estudava e a encontrar o meu lugar. Então, aos dezesseis anos, eu estava muito feliz.

Eu tinha cinco irmãs, então, mesmo que eu estivesse num colégio só para meninos, não me intimidava com o sexo oposto. Talvez eu sentisse falta de ter garotas por perto, mas nós tínhamos muitas namoradinhas que vinham nos visitar na escola... Na verdade, eu não tinha uma namorada de verdade – só queria ter. Havia amores platônicos. Mas, por volta dos dezessete anos, comecei a me envolver nas peças de teatro e fui para o Festival de Edimburgo, e então tudo começou a acontecer.

Acho que eu era mais próximo da minha mãe na adolescência. Passei a conhecer melhor o meu pai com vinte e poucos anos e vivi momentos agradáveis com ele depois que se divorciaram de fato. Então acabei me aproximando de ambos. Minha mãe era bastante romântica, e eu também sou um tanto romântico com minhas fantasias sobre a Irlanda, a música e a poesia. Tenho coração mole

nesse sentido. E eu tenho essa visão romântica sobre a infância, a simplicidade e a vida no interior. Acho que puxei o senso de humor do meu pai: ele era um cara muito engraçado. E também a minha visão levemente vitoriana sobre a paternidade – sou muito rígido. Coloco limites no tempo dos meus filhos com computadores e celulares e insisto para irem dormir no horário certo, principalmente porque temos cinco filhos e estou sempre acabado, então os coloco na cama antes que possamos começar a beber. Mas eu também sou muito carinhoso com eles.

Bem lá no fundo, penso que, quando eu comecei a atuar, essa era provavelmente a única coisa que eu sabia fazer. E eu achava que era bom naquilo. Se eu pensava que podia ganhar a vida como ator, não sei. Gostava tanto que achava meio absurdo ser pago por isso. Não pensava muito no futuro, mas procurava viajar o máximo que eu podia. Fiz mochilão pela Europa com dezoito anos e depois fui para a América do Sul, onde trabalhei numa fazenda de criação de gado na Argentina.

Em Eton identificaram que eu era bom como ator e me ofereceram todas as condições e oportunidades para seguir essa carreira. Acho que poucas escolas fazem isso, porque não têm recursos, e muitos atores talentosos sequer chegam a ter uma chance. Eu tive uma sorte incrível em frequentar uma escola assim. É verdade que Eton também dá confiança aos alunos, mas isso é uma faca de dois gumes, porque geralmente a confiança acaba sendo mal-empregada. O mesmo acontece com a presunção de algumas pessoas de que elas sejam as mais indicadas para administrar as coisas. É bastante irritante e geralmente muito ofensivo.

De tudo que já fiz, acho que o adolescente Dominic ficaria muito impressionado com *The Wire*. Ele ficaria maravilhado por eu ter realmente conseguido o papel e ele adoraria assistir à série. Minha mãe amava o teatro e não conseguia entender por que eu ia querer fazer qualquer outra coisa. Ela vinha assistir a tudo o que eu fazia no teatro e dizia: “Por que você vai fazer televisão nos Estados Unidos? Que absoluta perda de tempo”. Acho que ela não gostava muito dos Estados Unidos porque a sogra dela era americana. O meu eu adolescente também não imaginava que teria cinco filhos, e eu certamente não pensava que um deles faria um teste para jogar no Southampton FC. Ele tem só dez anos e entrou na escolinha do clube, mas eu era tão ruim no futebol que jamais poderia imaginar isso. O jovem eu ficaria muito impressionado com meu filho.

**Mas, coM dezesseis anos, eu já tinha
superado isso e havia descoberto a**

atuação, o que passou a ocupar a Maior parte dos Meus pensaMentos.

Quando olho para o meu passado, posso dizer para o meu jovem eu: “Não seja tão preguiçoso, seja mais ousado e mire as estrelas”. Não sei se era falta de confiança em mim mesmo ou apenas preguiça, mas sinto que muitas vezes escolhia o caminho mais fácil. Quanto ao trabalho, mesmo levando meu emprego e meu talento a sério, eu deixava outras pessoas tomarem decisões por mim e permitia que as ideias dos outros obscurecessem minhas próprias ideias. Queria não ter buscado o papel que meu agente dizia para eu pegar, geralmente trabalhos pouco interessantes. O que eu queria fazer com vinte anos de idade era teatro experimental radical, mas não fiz porque, em vez disso, me deixei levar e enlouqueci. Talvez eu tenha ido a festas demais quando eu deveria... na verdade, não, eu gostava de ir para as festas, dane-se.

Eu sempre estava longe trabalhando enquanto meus filhos cresciam e tenho alguns arrependimentos quanto a isso. Realmente só precisava batalhar pela carreira, e acho que quase sempre colocava minha família em primeiro lugar. Não fui relapso – sempre voltava para casa nos finais de semana. Enquanto estava filmando *The Wire*, me ausentei bastante e às vezes era muito doloroso por causa da minha filha. Fico arrependido pela ausência, mas fiz o melhor que pude.

Havia essa mulher incrível na minha vida chamada Kay Eaton, que cuidou muito bem de mim quando eu era pequeno e fiquei doente. Ela era secretária do meu bisavô e me ajudou muito. Brincávamos que éramos namorados – eu tinha quatro anos. Ela nunca se casou. Me arrependo muito por não estar com ela em seu leito de morte. Eu estava longe, a trabalho, e acho que ela não teve uma boa morte naquele asilo em Sheffield. Queria ter ido até ela para lhe agradecer. Ela me trouxe imenso conforto quando fiquei doente, e eu queria ter sido capaz de fazer o mesmo por ela quando ela estava morrendo.

Recém fiz quarenta e nove anos e tenho pensado muito no tempo que ainda me resta. Em termos de carreira, me arrependo muito por não ter interpretado todos os grandes papéis de Shakespeare quando eu era jovem, porque eu amo Shakespeare, de verdade. Contudo, não desejo ser jovem novamente. Não me sinto culpado sobre muita coisa e tenho feito o meu melhor com o modo como trato as pessoas. Nossa, parece que estou prestes a morrer! Não sei... Sempre tive um pouco de medo da morte. O que realmente temo, além do momento da morte e da real condição em que se está quando morre, é o arrependimento de não ter feito muito do que se deveria fazer. Mas na verdade tudo se resume aos meus filhos. Tenho plena consciência de que estou numa

fase que é a minha última chance de ser alguém importante em suas vidas. Vou tirar um grande período de folga no próximo ano, de modo que eu possa ficar mais próximo deles, participar mais e ser feliz. Na verdade, quando penso sobre isso, eu não poderia me importar menos com o meu trabalho.

Nunca estive tão feliz na minha vida como tenho sido nos últimos dez anos. E parece apenas melhorar cada vez mais, porque meus filhos e eu estamos num momento em que alegramos uns aos outros. No Natal passado fomos conhecer as árvores gigantes no sul da Califórnia. Lembro aquele dia inteiro, tirar todo mundo de dentro do motorhome e caminhar até a floresta. Havia muitas pessoas ao redor, a névoa estava se dissipando, o sol estava nascendo e ficamos diante desses incríveis gigantes de três mil anos. E eu realmente senti uma onda de imensa felicidade e de paz.

Tive a forte sensação de desejar que meu tempo desacelerasse para que eu pudesse permanecer lá um pouco mais. Não tenho um grande pressentimento com relação ao futuro, mas sinto que estou no verão da minha vida. E ele não vai durar para sempre.

Harry Shearer

Ator

22 de novembro de 2010

Trabalhei como ator infantil, mas com dezesseis anos eu recém tinha começado a faculdade e planejava ser uma pessoa muito séria. Estava estudando Ciências Políticas e com ênfase em russo. Era fluente – minha esposa está cansada de me ouvir falar que li *Os Irmãos Karamazov* em russo. Era muito inteligente na escola e tinha pulado dois anos, o que significava que eu era dois anos mais novo que todos os outros alunos da universidade. Assim, eu era retardado socialmente, um peixe totalmente fora d'água.

Não fui uma criança fácil de se lidar. Eu tinha pavio curto e provavelmente agia sem pensar naquela época. Se eu encontrasse aquele garoto hoje, o acharia imaturo, mas veria que era um menino inteligente e provavelmente gostaria dele. Ele era muito mais ortodoxo quanto a suas crenças do que eu. Acreditava que um determinado lado detinha o monopólio da sabedoria política e da verdade. Contudo, não mudei tanto assim, exceto – e as pessoas que me conhecem vão ficar chocadas ao saber isso de mim – que hoje eu provavelmente seja um tantinho mais doce.

Tentei seguir várias carreiras sérias quando saí da universidade, e então alguns amigos passaram a administrar um centro comercial com cinema em Hollywood, e eu comecei a trabalhar com eles criando a propaganda para o rádio. Fiz uns comerciais engraçados. Conheci alguém lá que estava envolvido com um novo show de comédia local no rádio. Enviei uma fita cassete para eles e, na hora em que cheguei em casa, havia uma mensagem na secretária eletrônica perguntando se eu queria começar a trabalhar com eles no dia seguinte. Então eu nem precisei pensar no assunto. Era muito emocionante fazer parte daquilo – uma rádio de rock'n'roll comercial com um programa que satirizava notícias sobre assuntos muito sérios. Era o casamento perfeito entre os meus interesses. Fazíamos três programas de dez minutos diariamente, com prazo de entrega a cada três horas – ridículo, mas muito divertido.

Sempre busquei seguir duas linhas gerais: “Não faça merda” era a principal delas. Tentei me manter afastado de porcarias, de modo que se vissem meu nome conectado a coisas em que acreditavam seria algo positivo. Com relação a isso, eu diria a mim mesmo para não fazer o

que foi provavelmente o pior filme sobre basquete já produzido na história: *The Fish that Saved Pittsburgh*. O filme contava com um elenco excelente e uma ideia decente, mas foi amaldiçoado com as práticas hedonistas da equipe de produção após o horário de trabalho e acabou sendo uma grande merda.

Gosto de interpretar vários personagens, portanto tentei não me prender num só tipo de personagem ou num único tom. Não demorei para saber que queria fazer parte do *showbiz* pelo resto da minha vida, então fiz escolhas que reforçaram minha longevidade e para não ser sempre escalado para os mesmos papéis. O único personagem que eu não teria me importado de interpretar para o resto da minha carreira é Derek Smalls. Não me importaria se *Spinal Tap* levasse menos tempo para se popularizar, mas no fim deu tudo muito certo. Não ficávamos dizendo a nós mesmos que fizemos o filme mais engraçado de todos os tempos, mas nós sabíamos que havíamos feito exatamente o que queríamos. Eu achava que o filme tinha boas chances de ter sucesso porque pensei que a história que contamos era sobre dinheiro. Embora a bilheteria tenha sido boa, a distribuição daquele filme não foi. Sempre optei por não participar de filmes violentos, e ainda tenho orgulho de que o único incidente desagradável inspirado por um dos meus personagens aconteceu quando um ex-jogador de basquete foi preso no detector de metais do aeroporto com maconha embrulhada em papel-alumínio metida no meio de suas calças.

GeralMente digo o que penso, Mas coM Os SiMpsons eu aprendi ao longo dos anos a deixar o público decidir coMo o prograMa está indo.

Geralmente digo o que penso, mas com *Os Simpsons* eu aprendi ao longo dos anos a deixar o público decidir como o programa está indo. Estou dizendo que aprendi a calar a boca? Mais ou menos isso.

O meu eu de dezesseis anos ficaria impressionado ao descobrir que ele iria fazer shows estúpidos de rock'n'roll e em alto volume em lugares como Royal Albert Hall, Wembley, Glastonbury. Isso realmente deixaria o garoto embasbacado. Mas ele não faria ideia da troca maravilhosa que se tem entre a plateia e o artista num show ao vivo, os níveis de pura energia comparáveis a se apresentar num programa de comédia. É como ser atingido por uma força da natureza, é como se fosse a melhor onda que você já surfou na vida.

John Lydon

Músico

5 de julho de 2010

Minha maior preocupação com dezesseis anos eram as espinhas inflamadas. Acne na adolescência – um pesadelo. Nunca me achei atraente, achava que ninguém ia falar comigo de novo. É incrível que com dezesseis anos sejamos tão egocêntricos e de um jeito absurdamente negativo. Você se consome por dentro com preocupações que não são nada importantes.

Fui expulso da escola com quinze anos. Era visto como um adolescente problemático, porque eu não parava de fazer perguntas e tinha um jeito de formar frases que pareciam insultos. Aprendi a arte da implicância e da agressão disfarçadas, mas na verdade eu só queria aprender. No dia em que fui expulso, como sempre cheguei atrasado com a minha bicicleta e meu casaco comprido de couro, e a professora se recusou a me deixar entrar na aula. Eu me recusei a sair porque era aula de literatura inglesa, que eu adorava, e estávamos estudando Shakespeare. Fui acusado de ser um Hells Angel – sim, eu parecia bem durão com aquela bicicleta –, então acabaram me mandando para um colégio para adolescentes problemáticos.

Eu não conversava muito com meu pai naquela época – ele nunca me entendeu bem. Mas depois da escola eu queria continuar minha formação na faculdade, então, para juntar dinheiro, eu pedi ao meu pai para me arrumar um emprego numa das obras em que ele trabalhava. Ficamos bem depois disso porque eu era bastante trabalhador e ele valorizava esse tipo de coisa. Mas meu pai não entendia por que eu estava guardando dinheiro para sair de casa e ler livros – isso não fazia sentido para ele.

Se eu pudesse voltar no tempo agora, seria mais gentil com meus pais. Eles passaram muitas dificuldades por mim. Sofri de doenças sérias na infância, e uma delas me deixou em coma, depois perdi a memória. Passei dos sete até os onze anos tentando lembrar de muitas coisas, incluindo quem meus pais eram. Eles tiveram que segurar as pontas, e eu trouxe muitas dificuldades para eles. Com dezessete anos, estava saindo por aí com os Pistols. Não era ladrão ou mentiroso, mas meus pais não sabiam para onde minha mente e minha imaginação iriam me levar, e acho que isso os assustava.

Eu tive problemas em me adaptar ao Sex Pistols – não havia muitas

almas parecidas com a minha. Eles não entendiam meu conceito do que era uma música ou os temas que eu escolhia. Quero dizer, muitas vezes meu olhar era de questionamento. Eles tinham os amiguinhos deles e todos nós nos conhecíamos muito bem, Sid e Paul, Malcolm e Glen. Eles me escolheram quando me viram na Kings Road com uma camiseta onde se lia “I Hate Pink Floyd”, “Eu odeio Pink Floyd” – Malcolm achou aquilo intrigante, mas os outros não entenderam muito bem.

Meus pais são irlandeses, mas eu cresci na Inglaterra – naturalmente eu era contra o sistema. E sempre tive consciência do conservadorismo que ficava nos cercando dia após dia, principalmente onde eu vivia em Finsbury Park, um caldeirão de diferentes culturas e raças. O lugar onde cresci era mais livre, bem menos desagradável e muito mais cabeça aberta do que qualquer outra parte do país que eu pudesse imaginar. O Sex Pistols veio de uma área artística a oeste de Londres que estava na moda e tinha uma visão bem mais limitada se compararmos ao lugar de onde eu vinha. Eu era obcecado por impressionar os outros, usar as roupas certas e conhecer as pessoas certas. Um monte de bobagem.

Escrevia as letras das músicas porque nenhum deles tinha qualquer conhecimento quanto à palavra escrita. Eu me dei muito bem com isso e sempre vou valorizar meus camaradas porque eles me deram a chance de me tornar compositor. Sempre me senti identificado com pessoas privadas de seus direitos, sendo eu mesmo uma delas, então quando escrevia eu me colocava no papel de defender quem não tinha sua própria estratégia de defesa. Qualquer instituição que espera que você seja uma bala de canhão agindo em nome dela é minha inimiga. Eu não tinha qualquer animosidade com relação à Família Real em si. Sentia pena deles porque nasceram numa instituição que mal podiam compreender. Mas havia uma saída simples: apenas condene o título.

As músicas que escrevi me levaram a ser assunto no parlamento, onde se discutiu abertamente o Ato de Traição, que na época podia levar à pena de morte. Estava criando inimigos nos lugares certos. Eu amava tudo aquilo, mas meu empresário não.⁶² Então ele tentou, por meio de várias ações ardilosas, criar vários escândalos bobos para tentar desviar a atenção da situação com manobras evasivas. Mas eu queria a controvérsia política. Sendo mentalmente bem-ajustado, senti que podia lidar com um debate daquele nível. E não acho que escrevi qualquer música que fosse equivocada. Penso que a liberdade de expressão é a coisa mais maravilhosa que existe.

**Se eu pudesse voltar no tempo agora,
seria Mais gentil com Meus pais.**

Com o Pil,⁶³ pude escolher os membros da banda, diferente dos Pistols – foi uma experiência mais gratificante tanto artisticamente quanto humanamente. Mais do que atacar questões sociais, que acho ter feito muito bem num álbum, pensava que deveria analisar meus próprios processos mentais internos e tentar um acerto de contas comigo mesmo. De um jeito bizarro, os Pistols roubaram o fim da minha infância. Você não pode se resolver sob aquele estresse todo, e os tais empresários e adultos que supostamente estavam tentando nos ajudar, na verdade, não estavam. Então, com o Pil eu entrei numa autoanálise.

Não se pode ser um jovem raivoso para sempre, e por que alguém ia querer isso? Você cresce. Espero chegar aos cem anos. Adoraria me tornar um velho ranzinza num asilo deixando todo mundo louco – “Minha fralda está molhada”, “Cadê minhas calças para incontinência urinária?”. Aqueles velhos que gritam o tempo todo só estão mostrando aos outros que ainda estão vivos! E devíamos passar mais tempo com eles por causa disso, em vez de rejeitá-los. Eles estão tentando dizer alguma coisa.

Sinto vergonha quando penso em tudo que já fiz, eu trocaria tudo aquilo por poder trazer uma nova vida ao mundo. É a coisa mais maravilhosa e incrível que existe. Eu adoraria ter sido pai, mas Nora e eu não podíamos ter filhos. Eu meio que sou bem conhecido onde moro por dar ótimas festas para crianças – Halloween, Guy Fawkes, adoro essas coisas. Estou sempre disposto a cuidar de tudo. Se faço uma caminhada pelo interior, encontro cinco ou seis pessoas que quero trazer para casa e cuidar. É simplesmente quem eu sou – não posso ver um pássaro com uma asa quebrada debaixo de um arbusto e fazer de conta que não é problema meu.

Paul Giamatti

Ator

13 de junho de 2016

Para mim é difícil lembrar do meu eu mais jovem. Olhando lá atrás, eu era um tanto insignificante. Não fazia parte de nenhuma turma, tinha vários amigos de diferentes estilos e não era tristonho. Acho que eu era bem comum. Estudava num colégio interno, mas não dormia lá e só fazia o que tinha que fazer. Tenho muito carinho pelo meu jovem eu e não o vejo com qualquer tipo de vergonha ou desprezo.

Acho que eu era apegado aos livros – lia qualquer coisa e lia de tudo. Tivemos que ler *Filhos e Amantes* em aula, mas eu não queria, contudo era um ótimo livro. E *Almoço Nu* me esculhambou completamente. Eu tinha um irmão e uma irmã mais velhos, então ouvia de tudo, de Brian Eno a esquisitices de reggae e ska, de Pink Floyd a Joy Division e David Bowie – eu tinha acesso a tudo. Suponho que, se houvesse alguma coisa que me caracterizasse naquela época, seria que eu me interessava por tudo.

Acredite ou não, eu até fazia parte da equipe de natação do colégio no Ensino Médio. Eu era muito bom. Era o meu “lance” e esse acabou sendo meu grupo social principal. Eu não era um garoto grande e atlético, mas fazia parte de um time, e é a coisa em que mais penso quando lembro os tempos de escola.

Cresci numa grande cidade universitária, onde todos os amigos do meu pai eram intelectuais, e deve ser por isso que eu me tornei tão curioso. Sempre imaginei que seria professor, como era tradição nos dois lados da minha família, voltando algumas gerações atrás. Mas eu não ficava pensando sobre o futuro. Cheguei até mesmo a passar por um período em que cogitei entrar na academia naval. Não sei no que eu estava pensando.

Eu diria ao meu eu mais jovem para não ser tão tímido o tempo todo – eu ficava muito envergonhado quando se tratava de romance. Eu diria a ele para não se preocupar, que tudo ficaria bem. Eu diria: “Busque se divertir mais do que você está se divertindo agora”. Eu já tinha quase 18 anos quando superei minha timidez.

Era mais tranquilo quando garoto do que sou hoje na fase adulta. A preocupação adulta te atinge, a vida te atinge e a responsabilidade te atinge. Faço mais planos agora do que fazia quando era um garoto.

Meus pais eram muito bons em nos encorajar a fazer as coisas, e eu tento passar isso adiante – por mais difícil que possa ser, faça o que você ama nessa vida. Felizmente, meu filho não parece ter qualquer interesse em ser ator. Eu não iria desencorajá-lo, mas também não demonstraria entusiasmo, mesmo que ser ator tenha sido uma coisa muito boa para mim.

Eu diria ao meu jovem eu para pensar duas vezes antes de se tornar ator – é mais difícil do que ele achava que seria. Entrei nessa carreira na faculdade, mas não achava que seria uma coisa boa para se ter como profissão. É uma carreira para a qual fui levado meio sem querer. Eu só segui o fluxo. Mas sempre gostei de ir ao cinema. Peter Sellers era ótimo, e eu era fanático por Alec Guinness – gosto muito dos atores britânicos. Todos eles estão mortos.

Tenho Muito carinho pelo Meu jovem eu e não o vejo com qualquer tipo de vergonha ou desprezo.

Fui muito rápido em estabelecer minhas metas. Se houvesse um objetivo apenas, seria conseguir um bom papel de coadjuvante na Broadway. Achava que, se eu pudesse fazer isso antes dos cinquenta anos, tudo ficaria bem, mas as coisas aconteceram bem cedo. Então fiquei pensando: O que eu faço agora? Tive sorte, porque depois o que acontecia já não importava muito, eu simplesmente me deixava levar.

Depois de *Sideways: Entre Umas e Outras*, muitas coisas aconteceram de repente. Eu nunca tinha feito um filme como aquele antes, e então começaram a me oferecer trabalhos em que eu tinha um papel substancial, coisa que nunca havia acontecido até então. *Anti-herói Americano* foi outro filme que adorei. Comecei a trabalhar com pessoas excelentes. Amei trabalhar com Vanessa Redgrave, e adoraria trabalhar de novo com Russell Crowe.

A fama não é uma coisa que eu pudesse prever que aconteceria comigo. Faz apenas quatro anos que me dei conta de que as pessoas sabem quem eu sou, e fui assimilando a coisa toda devagar. Teria sido desconcertante se tivesse acontecido quando eu era mais jovem.

Quando eu era garoto, teria pensado “Nossa!” sobre alguns filmes que fiz. Há este filme que gostaria de mencionar, *O Ilusionista*, com Edward Norton – esse é o tipo de filme que, na minha juventude, eu teria achado muito bacana. E eu teria sido muito feliz por saber que faria algo como *Downton Abbey*. Qualquer coisa que aparecer, eu faço.

Aconselharia o meu jovem eu a não começar a fumar. Eu parei, mas foi um inferno. Tive pessoas da minha família que morreram por causa disso. Eu fumei muito durante muito tempo.

Não era politizado na juventude, e só me interesse por isso agora porque me parece necessário. Eu me sinto mais pessimista hoje do que quando eu era garoto – parece que agora estamos vivendo uma era das trevas. As coisas nos Estados Unidos estão bagunçadas, e a política é uma área de radiação tóxica. Para ser direto, o mundo está uma bagunça completa no momento.

Sir Rod Stewart

Músico

17 de setembro de 2018

Abandonei a escola quando fiz dezesseis anos. Meu pai conseguiu um emprego para mim em Kentish Town como serigrafista, imprimindo papel de parede. Mas eu era um serigrafista muito infeliz. Quase na mesma época, perdi a virgindade, por isso escrevi “Maggie May”, ela fala sobre essa fase da minha vida. Com dezesseis anos, eu estava me descobrindo. Acredite ou não, eu era muito tímido perto das mulheres – ainda sou. Acho que isso até era uma vantagem. Na verdade, tenho uma música sobre isso, chamada “Look in Her Eyes”: é sobre os caras que forçam a barra com as mulheres e captam o olhar delas de um jeito errado, principalmente quando há álcool no meio. Quando eu tinha dezesseis anos, era uma época diferente, mas eu nunca forcei a barra com mulher alguma. Sei que é piegas, mas sempre gostei do romance da conquista e do romantismo geral envolvido nisso.

Foi com dezesseis anos que fiz o teste para entrar no Brentford. Estava tentando jogar futebol, mas era como um funil. Se você me perguntasse na época o que eu queria ser, provavelmente diria “jogador de futebol”, mas bem lá no fundo eu sabia que não jogava muito bem. Estava apenas contentando meu pai – ele era um grande torcedor do Hibs e queria muito que um de seus filhos jogasse futebol. Eu tinha a habilidade básica, mas não havia comprometimento. Não era um desejo ardente. Não como era com a música.

Não tínhamos muito dinheiro; na verdade, não havia um maldito centavo, mas éramos um clã unido. E ainda somos, os Stewarts. Venho de uma família extremamente amorosa. Meu pai não era muito de demonstrar seu amor, mas eu sempre soube que estava lá. Eu fui criado pela minha irmã Mary, que fez noventa anos neste Natal, que Deus a abençoe. Acho que minha mãe estava cansada de crianças, e eu meio que fui um erro. Não era para eu ter nascido. Como meus irmãos diziam, eu fui o erro mais caro de todos.

Era um garoto feliz, não queria nada. De vez em quando eu ganhava um novo par de chuteiras, mas basicamente usava as roupas de segunda mão dos meus irmãos. Nós tínhamos uma bola totalmente surrada porque jogávamos na rua. Éramos como qualquer garoto, sempre jogando futebol na rua. Ensino meus filhos a jogar no

campinho que tenho lá em casa – é um campo de futebol 7 de grama sintética, lindo. Mas eles sempre querem que eu vá até lá jogar com eles. Na maioria das vezes eu posso, mas explico: “Ouçam, quando seu pai era jovem, ele costumava jogar do lado de fora do pub enquanto esperava o pai e a mãe dele”. Meu pai pintou de branco uma bola de tênis para que eu pudesse enxergá-la à noite, e eu ficava chutando aquela bolinha na calçada em frente ao pub enquanto esperava que eles saíssem.

Foi perto dos dezesseis anos que ouvi Sam Cooke pela primeira vez, num pequeno rádio transistor que eu colava na orelha quando ia de Highgate para trabalhar em Kentish Town. Então, de repente, virei um beatnik errante como Jack Kerouac – deixei o cabelo crescer e comecei a ouvir todos os grandes cantores folk da época. Acho que foi pouco tempo depois da morte de Woody Guthrie, e Bob Dylan recém tinha gravado seu primeiro álbum, que foi uma grande influência para mim. Os Estados Unidos pareciam um lugar muito distante e romântico, e eu me lembro de ouvir aquele álbum e criar essa imagem dos Estados Unidos e de Nova York na minha cabeça.

Não sabia que eu podia ser cantor. Eu tinha um professor na escola chamado Mr. Wainwright – ainda lembro a porra do nome dele – e ele pegava no meu pé o tempo todo e me fazia cantar na frente da turma inteira. Eu não tinha noção de como cantar, mas ele ficava insistindo, e no final eu dei uma desculpa para não frequentar mais as aulas dele. Então, certo ano, meu pai comprou um violão para mim – ele deve ter visto que eu podia ganhar dinheiro com aquilo. E foi assim. A coisa toda decolou. Eu sempre tive essa voz para cantar. Houve um programa de TV sobre mim em 1965 chamado *Rod the Mod*, que me mostrava com cerca de dezoito anos cantando em todos os velhos clubes que havia naquela época. E minha voz era incrível, sou obrigado a admitir. Convidei toda a família para assistir, cerca de quarenta ou cinquenta pessoas, e todos disseram que minha voz era incrível.

Adoro ver o Celtic jogar. Sempre assisto aos jogos do Celtic contra o Rangers. Na última partida, eu recém tinha terminado um show em Seattle, peguei um avião até Los Angeles e fui direto para o Celtic Supporters Club às quinze para as quatro da madrugada. Estava lotado. Entrei e disse: “Certo, quero um Cosmopolitan duplo, por favor”. Tomei num gole só e fiquei com ressaca o resto do dia. Ha!

Amo meus carros, mas nunca consegui passar no teste de direção. Quando estávamos com o Jeff Beck Group, tínhamos um diretor de turnê chamado Pete Saunders, e ele costumava nos dar carona depois dos shows. Woody morava perto do aeroporto, eu morava em Highgate, e Jeff na zona sul. Ter que dirigir sempre estava acabando com ele, então ele falou: “Vou te dizer o que vamos fazer, eu vou no

seu lugar fazer a prova de direção”. Foi na época em que não precisava ter foto na carteira de motorista. Então ele fez a prova no meu lugar. Depois que conseguimos as carteiras de habilitação, podíamos sair dirigindo por aí.

A única coisa que não mudou desde que eu tinha dezesseis anos foi meu amor pelo blues. Fiz um programa para a Smooth FM e falei para eles: “Ouçam, não vou tocar The Carpenters ou Donovan. Nem mesmo vou tocar Adele, embora eu a ache maravilhosa. Estou aqui para prestar minha homenagem aos caras que me fizeram gostar de música – Muddy Waters e Sam Cooke. Devo muito a essa cultura”. Eu costumava rir do meu filho Sean, porque ele sempre queria se vestir como se fosse um rapper afro-americano – usava toneladas de joias e vestia as calças pendendo na metade do traseiro. Eu disse a ele: “Você tem a cor errada, parceiro!”. E ele retrucou: “Pai, você tentava imitar o jeito de Otis Redding e Sam Cooke”. Aquilo calou minha boca.

Se você conhecesse o adolescente Rod hoje, provavelmente acharia que ele era um metido e que gostava demais de si mesmo. Mas de um jeito atraente. Depois, você ia pensar: “Putá merda, ele sabe mesmo cantar”. O Rod de dezesseis anos não acreditaria que ainda estou fazendo isso com setenta e três anos e ficaria totalmente surpreso que eu ainda goste de cantar tanto quanto gostava lá atrás. Também ficaria impressionado que eu ainda ame futebol desse jeito e que eu ensine meus quatro meninos tudo o que sei sobre o esporte. O jovem Rod mal acreditaria que essa paixão ainda persiste num cara de setenta e três anos a ponto de ir até o campinho bater bola com seus filhos. Ele pensaria: “Espero acabar exatamente assim”.

O fato de ter estampado as páginas dos tabloides por anos não incomodaria o jovem Rod. Ele adoraria a ideia de receber tamanha atenção. Ele nasceu para se exibir. Com um nariz e um cabelo desses, não poderia ter sido outra coisa que não fosse um *rock star*. Sempre falo para o Ronnie Wood: “Que outra coisa poderíamos ter sido?”. Com certeza não iríamos trabalhar num hipermercado como o Sainsbury’s. A propósito, não há nada de errado em trabalhar no Sainsbury’s.

Entre o final dos anos 1960 e metade dos anos 1970, com seis álbuns solo e três com o Faces, vivi anos frenéticos. A única coisa de que eu não gostava era ter que escrever as letras das músicas. Lembro que Ronnie Lane e Ian McLagan⁶⁴ me trancavam num quarto de hotel e só me deixavam sair depois que eu tivesse escrito algumas letras. Mas o amor pela música me fez persistir. Minha música favorita do Faces é “Ooh La La”, embora eu não cantasse aquela – era Ronnie Lane ou Woody nos vocais. Foi um tempo muito bom, de muita diversão. Eu não teria perdido aquela época por nada nesse mundo. Se era tão bom do lado de dentro como parecia do lado de fora? Era

melhor! Estar no Faces era como se todas as noites fossem Véspera de Natal.

Se você conhecesse o adolescente Rod hoje, provavelmente acharia que ele era um Metido e que gostava de Mais de si Mesmo.

Quando meu casamento com a Rachel acabou⁶⁵ – você não sabe como é até que acontece com você. Nunca se tem a força necessária para lidar com algo assim. Até aquele ponto da minha vida, eu me achava “O Cara”. Aí ela me deixou. Eu lembro que minha irmã mais velha, Mary, dizia: “Você sabe que um dia ela não estará ao seu lado?”. E eu falava: “É óbvio que ela vai ficar comigo”. Mas a Rachel tinha só vinte e um anos quando nos casamos, e eu já tinha quarenta e poucos anos. Aquilo me derrubou. Se eu tivesse que dar um conselho ao meu eu mais jovem, diria: “Olha, amigo, não tem como desviar, não há um caminho passando por cima disso, nem há um atalho. Apenas se lembre do que o Rei Salomão dizia: tudo passa”. E as coisas realmente passam, com o tempo a gente supera. E a vida continua.

Intensifiquei o ritmo de trabalho mais uma vez com *The Great American Songbook*. Fiz aquele álbum com muito amor, e até o momento já vendeu mais de 30 milhões de cópias. Depois gravei outro álbum e escrevi minha autobiografia, o que abriu as comportas. Eu só pensava: “Jesus Cristo, minha mãe e meu pai já se foram”, e isso me fez perceber o quanto eu queria saber sobre minha família e meu passado. Meu irmão e minha irmã me contavam sobre o tempo da guerra, todos os meus amigos lembravam histórias, e depois havia todos os caras com quem tive banda, e eu pensava: “Tenho muita coisa para escrever”. Comecei a compor novamente. E hoje em dia gosto muito de fazer isso.

Nunca escrevi uma música pensando que se tornaria um clássico. Nunca, jamais. “Maggie May” nem era para ter entrado no álbum. Nós tínhamos nove faixas, e a gravadora veio conversar comigo, dizendo: “Veja bem, não podemos lançar um álbum só com nove músicas, você tem mais alguma coisa aí?”. E eu disse: “Bem, tenho essa música. Ainda não tem título, mas posso dar um”. Se essa música não tivesse entrado naquele álbum, hoje eu não estaria aqui conversando com você. Bem, talvez não.

Se eu pudesse voltar a um momento da minha vida, provavelmente seria quando eu estava no Faces. Eu estava dirigindo um velho Rolls-Royce, indo para Swiss Cottage em Londres, e a BBC anunciou que

“Maggie May” era a número um das paradas. Dei meia-volta com o carro, fui para a casa dos meus pais em Highgate, entrei pela porta e contei para eles. Todos nós nos abraçamos e choramos juntos. Então eu disse: “Bem, tenho que ir agora, vou encontrar uns amigos”, e lá fui eu. Esse foi provavelmente o momento mais alegre que já tive na vida. Mas, acredite, eu tive muitos, muitos outros momentos assim.

Geraldo Rufino

Empreendedor

15 de setembro de 2020

A história da minha família é muito simples: é igualzinha à da maioria dos brasileiros, que saem dos lugares mais simples, longínquos, e procuram oportunidades onde elas estiverem. Saímos do fundão de Minas Gerais, dez pessoas, mãe, pai, irmãos, no sentido de São Paulo. Procuramos um lugar para morar, que era uma favela. Mas ali tínhamos uma base, uma fortaleza. Ali constituímos a nossa possibilidade de ascensão, por meio do esforço, da dedicação, da fé, da determinação, de entender que daquele lugar poderíamos sair, desde que estivéssemos dispostos a produzir, a trabalhar, a impactar as pessoas à nossa volta. E todos nós passamos a ter uma trajetória bacana, não importava qual era a função, o cargo, o salário ou o lugar onde tinha conseguido emprego. Minha mãe montou um time.

Através da nossa união, todos nós nos transformamos em empreendedores. Uma família gigante, feliz, abençoada. Minha mãe eu perdi muito cedo, com sete anos e meio, mas eu tive uma figura muito forte ainda no meu pai, um gigante, um exemplo. De qualquer forma, os ensinamentos e os valores da minha mãe ficaram. Minha mãe deixou um legado de que, através da nossa família, dessa conexão, podemos transformar a sociedade.

Dos meus pais, eu tenho as melhores lembranças. A minha melhor versão foi aos sete anos, porque exatamente nessa idade eu ainda tinha mãe e pai vivos, que me deram muito amor e carinho; ensinamentos que eu podia copiar, os meus valores. Dos meus pais juntos, eu tirei minha melhor versão. Me fortaleci, me blindei. Eu tive dois diamantes na minha vida.

Na infância, eu não tinha inspiração nenhuma. Eu só era feliz. Se me perguntassem “Geraldo, o que você queria ser quando era criança?”, eu responderia: “Ah, eu não queria ser nada. Eu só queria ser amado, queria ser mimado”. E eu consegui tudo isso. Pensa num negão mimado! Fui amado, acariciado, protegido, eu tive muito amor, mesmo, de sobra. Eu tive o que todo ser humano quer. Eu tinha meus brinquedos, brincava com um rato – de verdade –, ele que puxava meus carrinhos, eu brincava no barro.

Eu não vislumbrava nada além daquela vida simples, mas feliz, morando num barraco de chão batido. Minha adolescência veio antes

do normal, digamos, porque comecei a trabalhar com oito anos. Mas, graças a uma boa infância, eu tive uma boa adolescência, porque eu aprendi que eu podia transformar o mundo e fazer diferente. Eu tive tudo que eu queria, mas não foi porque eu ganhei; foi porque eu conquistei.

Pensa num sujeito que viveu muito. Minha adolescência foi tudo de bom; me relacionei com muitas pessoas, eu tinha uma energia verdadeira de gostar do outro, tinha aprendido a conviver com pessoas diferentes. Eu convivia com os outros como se fossem meus. Havia uma energia verdadeira em mim de gostar do outro. Eu sempre tinha uma companhia. E nossa responsabilidade era limitada. Nós só tínhamos que viver, sobreviver, agradecer e ser feliz. E eu fiz tudo isso de uma forma brilhante. Eu fui feliz o tempo todo. Então só posso ter a obrigação de agradecer a tudo que eu tive, mesmo que eu não tenha tido tudo. Eu fui plenamente feliz por isso.

**Meu Melhor MoMento é aqui e agora,
que é igual a ontem e anteontem. O
Melhor MoMento é quando você
levanta de Manhã e percebe que teve o
privilégio de existir por Mais um dia.**

Minha vida sempre foi muito boa, sou muito grato por ela todos os dias, porque todos os dias eu posso evoluir. O resto é consequência. Eu tenho três filhos, seis netos. Tenho muitos melhores momentos. Todos os dias me acontecem coisas fantásticas. Minha vida inteira teve momentos fantásticos. Meu melhor momento é aqui e agora, que é igual a ontem e anteontem. O melhor momento é quando você levanta de manhã e percebe que teve o privilégio de existir por mais um dia.

Se eu me encontrasse comigo mesmo quando eu era jovem, eu diria o seguinte: “Geraldo, seja menos vaidoso, menos prepotente, menos arrogante, mais generoso, mais humilde, mais caridoso”. Todos nós temos coisas ruins como prepotência, arrogância, vaidade, ignorância, todos mesmo. Eu pediria para ter cuidado com isso, reduzir a dose dessas coisas em mim. Que foi o que eu fiz e continuo fazendo. Eu tenho certeza de que sou um ser humano melhor ao fazer isso. E é o que eu busco todos os dias com meu propósito.

Eu diria para mim mesmo: “Aumente a dose de amor e paixão que você tem pelas pessoas. Olhe para dentro e use mais as ferramentas do amor, da paixão, da espiritualidade. Olhe para dentro de si todos os dias, para polir e reforçar os seus valores”. E isso eu venho praticando.

Eu carrego sempre comigo minha melhor versão, sempre, que sou eu aos sete anos.

Capítulo 13

AMOR

Arianna Huffington

Empreendedora e escritora

18 de julho de 2016

Com dezesseis anos, eu estava morando em Atenas e dando um duro danado no colégio. Era uma adolescente muito focada, cheia de esperança de ir para Cambridge. Não sabia nada sobre a universidade, a não ser o que eu tinha visto numa fotografia numa revista, mas me apaixonei. Fui para o Reino Unido depois das provas finais do colégio – era uma viagem longa e eu estava nervosa, sem saber se conseguiria mesmo entrar em Cambridge. Minha mãe foi a única pessoa que me apoiou incondicionalmente. Ela me fez sentir que eu poderia tentar, e o amor dela por mim não diminuiria nem um pouco se eu fracassasse. Minha mãe sempre me passou essa sensação de que eu podia arriscar.

Parece difícil de acreditar, mas eu era introvertida na adolescência. Havia muitas coisas que me incomodavam. Eu tinha o cabelo encaracolado e rebelde, e era muito alta para uma garota grega – com treze anos eu já media 1m77cm. A maioria dos meus colegas tinha no máximo 1m60cm, portanto eu era alta e estranha. Tinha que lidar com acne e com muitos problemas típicos de adolescentes, o que deve ter sido a razão de eu preferir viver com a cara enfiada nos livros. Se eu pudesse voltar atrás, diria para aquela garota: “Arianna, você será mais produtiva, mais saudável e mais feliz se, em vez de se comprometer apenas com o trabalho duro, você também se desconectar, recarregar as baterias e se renovar. Isso vai te poupar muito estresse, esgotamento e exaustão desnecessários”. Eu também ia garantir para ela que a pele ia ficar mais bonita e que ela ia aprender a fazer escova no cabelo.

Sempre me interessei por política e acompanhava os resultados de qualquer eleição, mesmo de um país sobre o qual eu não sabia nada. Quando cheguei a Cambridge, não pensava em como me destacaria, mas eu adorava debates. Quando comecei, eu me expressava muito mal – eu tinha que ler tudo. Então, aos poucos fui aprendendo como falar, e isso se tornou minha maior paixão em Cambridge. Estudei Economia, o que exigia muito de mim, mas a maior parte do meu tempo eu passava no Diretório Acadêmico.

Ser eleita presidente do Diretório Acadêmico de Cambridge⁶⁶ foi a grande virada da minha vida – nessa época, um editor inglês entrou

em contato comigo e me ofereceu um contrato para escrever um livro. Nunca havia pensado em fazer algo assim. Eu tinha me inscrito em Harvard e meu plano era estudar lá depois de Cambridge. Então me tornei escritora por obra do destino. Escrevi meu primeiro livro, *The Female Woman (A Mulher Feminina)*, quando eu tinha vinte e três anos e soube imediatamente que queria ser escritora.

Se eu pudesse voltar no tempo e reescrever *The Female Woman*, tenho certeza de que o estilo de escrita seria irreconhecível. Melhor assim, porque acredito que desde então tenho aprendido muito sobre escrita. Mas ainda concordo com a mensagem do livro, de que precisamos respeitar as mulheres, sejam quais forem as escolhas que fizerem em suas vidas. Na época, as mulheres que não tinham uma carreira eram ridicularizadas e desvalorizadas se optassem por se tornarem mães e esposas. Eu argumentava em favor da igualdade para todas as mulheres. Assim, foi um tanto doloroso para mim com relação ao modo como o livro foi recebido por algumas pessoas e o jeito com que a mídia o apresentou.⁶⁷ Naquela época, aprendi que, quando uma coisa é mal representada, torna-se muito mais difícil falar a verdade sobre ela.

Houve muitos momentos importantes na minha juventude. Alguns externos – ir para Cambridge, ser convidada para escrever um livro e me tornar best-seller, ser traduzida em inúmeras línguas. Mas houve também momentos internos cruciais, como uma crise aos vinte e três anos, quando eu me questioneei: “É assim que minha vida vai ser? É só isso?”. Acho que me dei conta durante a turnê do meu primeiro livro que eu queria ter uma conexão mais profunda comigo mesma e não apenas focar na minha carreira. Isso levou a uma jornada em busca de um significado mais profundo para a minha vida, que tem perdurado desde então. Sempre me senti atraída pela espiritualidade e, depois que terminei meus estudos, passei alguns meses estudando religião comparada na Universidade Visva-Bharati, em Calcutá. Tem sido uma longa jornada.

Acho que ela iria realmente admirar o
tanto de vezes que eu permito a mim
mesma fracassar ao longo do caminho,
porque minha versão mais jovem tinha
medo de se arriscar e falhar.

Por muitos anos, eu me submeti a uma definição muito distorcida de sucesso, comprando a ilusão coletiva de que o *burnout* é um preço

necessário que devemos pagar. Então, em 2007, acordei para a realidade de um jeito terrível: sofri um desmaio causado por privação do sono e exaustão, bati a cabeça na minha escrivaninha e quebrei um osso da face. Daquele momento em diante, soube que o sono tinha que se tornar uma das minhas prioridades.

Acho que o aspecto da minha vida que mais impressionaria minha versão adolescente seria a seguinte combinação: minhas duas filhas que eu adoro, meu grupo de amigos próximos e a criação de uma plataforma para que milhões de pessoas ao redor do mundo escrevam sobre qualquer coisa que as interesse. Minha versão mais jovem gostaria do fato de eu ter realmente colocado em prática o que minha mãe vivia dizendo para ela – que “fracasso não é o oposto do sucesso, é um degrau em direção ao sucesso”. Acho que ela iria realmente admirar o tanto de vezes que eu permiti a mim mesma fracassar ao longo do caminho, porque minha versão mais jovem tinha medo de se arriscar e falhar.

Minha mãe morreu em 24 de agosto de 2000. O dia de sua morte é um daqueles dias que visito frequentemente na minha mente. Naquela manhã, ela disse para minha irmã e para mim que queria ir à feira internacional de alimentos em Santa Mônica, que era uma espécie de Disneylândia para ela. Então a levamos até lá com aquele seu corpinho frágil, que ainda guardava lá dentro um restinho de vida. Bem lá no fundo, sabíamos que estávamos fazendo compras para a última ceia, mas não queríamos admitir sequer para nós mesmas. De volta em casa, minha mãe organizou o banquete mais incrível, e minha irmã Agapi olhou para mim com esperança renovada e disse: “Olha o apetite dela pela comida, pelo amor e pela comunhão! Esta não é uma mulher que vai morrer!”. E então minha mãe caiu. Ela olhou para mim bem dentro dos olhos e, com uma voz forte, cheia de autoridade, que eu já não ouvia há meses, disse: “Não chame os paramédicos. Estou bem”. Agapi e eu nos sentimos completamente dilaceradas, mas sentamos no chão ao lado dela, com as netas de patinete entrando e saindo do quarto dela, fazendo aqueles barulhinhos alegres. A enfermeira ficava tomando o pulso dela, mas estava tudo bem. Minha mãe pediu que eu abrisse uma garrafa de vinho tinto e servisse uma taça para todo mundo. Mais tarde, depois que ela se foi, nós instalamos um banco no nosso jardim com uma de suas citações favoritas, que incorporava toda a filosofia de vida dela: “Não Perca o Momento”.

E.L. James

Escritora

10 de dezembro de 2012

Mesmo aos dezesseis anos, eu já era bastante popular com os garotos. Não que eu fosse particularmente atraente – eu fazia o estilo meio hippie com colar de contas, botas de cano curto e vestidos indianos – mas, como dizíamos, os garotos ficavam me “rodeando”.

Quando fiz dezesseis anos, comecei a me rebelar um pouco, mas não creio que tenha sido uma adolescente angustiada. Toda aquela coisa entre mãe e filha era complicada, mas acredito que seja sempre assim com essa idade. De resto, eu era muito feliz na escola, tinha muitos amigos e trabalhava meio período num mercado da rede Sainsbury's, então eu tinha meu próprio dinheirinho. Naquele tempo, até achava que era angustiada, mas olhando para trás penso que eu era apenas uma adolescente ansiosa que se tornou uma adulta igualmente ansiosa. Com certeza eu me achava gorda, embora na verdade eu não fosse. Eu diria para minha versão mais jovem: “Pelo amor de Deus, não se preocupe com seu peso agora, você pode deixar para se preocupar com isso mais tarde”.

Se eu voltasse no passado e encontrasse minha versão mais jovem, eu a acharia um pouco reticente, mas engraçada. Seríamos duas pessoas nervosas, ansiosas, tentando conversar uma com a outra. Ela falaria principalmente sobre garotos e sobre o resultado das provas. Se eu dissesse a ela o que estava por vir, por um lado ela ficaria muito orgulhosa de ter sido publicada – ela escrevia histórias desde o primário. Mas ela ficaria completamente apavorada com a parte da fama. Se eu passasse uma noção da dimensão do sucesso, ela ficaria zozona e assustada. E, para ser honesta, é assim que ainda me sinto.

Eu diria à minha versão de dezesseis anos: “Valorize sua privacidade”. Não me considero uma pessoa pública, mas os outros tiram conclusões a meu respeito baseadas em nada. É assustador. Passando por esse processo desde que *Cinquenta Tons de Cinza* começou a decolar, eu me dei conta de que não quero ser uma celebridade. Não tenho interesse em dar entrevistas, aparecer na TV, nada disso. Eu quero ser capaz de entrar no metrô e ouvir meu iPod sem ninguém saber quem eu sou. Tive uma carreira bem-sucedida na TV, de que eu realmente gostava, então ver tudo isso acontecendo comigo de repente na meia-idade tem sido um bônus gigantesco e uma

grande diversão, mas eu quase sinto como se estivesse acontecendo com outra pessoa. Conhecer Hollywood foi uma semana infernal na minha vida. Gostaria de voltar no tempo e viver aquilo novamente, só que mais devagar para assimilar tudo. Conheci pessoas muito interessantes e talentosas. Foi como um redemoinho, e também um pouco estressante. Mas o meu eu real chega em casa à noite, lava roupa e conversa com os filhos. Todo o resto é meio irreal.

Se eu passasse uma noção da dimensão do sucesso, ela ficaria zozza e assustada. E, para ser honesta, é assim que ainda Me sinto.

Não mudaria meus livros – eu os escrevi para mim mesma e seria desonesto modificar qualquer coisa neles. Mas, se eu soubesse o sucesso que teriam, talvez voltasse lá atrás e dissesse a mim mesma: “Nunca fale com qualquer pessoa na mídia sobre os livros, jamais”. Eu me esforço muito para ser apenas eu mesma quando lido com a imprensa, mas me tornei muito mais reticente nos últimos tempos porque muitas coisas acabam sendo descontextualizadas. As pessoas são obcecadas com a minha vida sexual, o que é completamente bizarro – é uma obra de ficção!

Meus filhos me tiram do sério o tempo todo, como qualquer filho adolescente faz com sua própria mãe. Mas eles têm sido muito legais a respeito de tudo isso, me dão total apoio e têm orgulho de mim. Eles também se sentem um pouco envergonhados e não parecem muito interessados, porque estão seguindo com suas próprias vidas, o que é fantástico. Sei que eles não leram os livros. Não gostam muito de ler – são meninos e têm um Play Station 3s. É uma vergonha imensa e uma ironia que Niall e eu, sendo ambos escritores, tenhamos filhos que não leem. Meu pai morreu em 2002, mas minha mãe leu os livros algumas vezes e os adora. Ela tem muito orgulho de mim.

Acredito que meus leitores estejam mais interessados na história de amor – essa é a resposta mais impressionante. A imprensa parece se concentrar apenas no sexo, mas o que os leitores querem é a história de amor. As mulheres amam ler uma história de amor apaixonante e fundamentalmente é disso que se trata. Também recebo inúmeras cartas de leitores homens – uma das melhores foi de um cara de setenta e um anos que disse: “Muitíssimo obrigado por me lembrar como é se apaixonar”. Foi tão fofo.

Meus livros favoritos são aqueles que capturam a sensação de se apaixonar. *Crepúsculo*, sem dúvida. *Cinquenta Tons de Cinza* começou

como uma *fan fiction* derivada de *Crepúsculo*. Acho que é uma fantástica e linda história de amor. Eu também gosto de *Jane Eyre* e de *Emma* – Mr. Knightley! É simplesmente adorável. Emma não se dar conta de que está apaixonada é igualzinha a Christian em *Cinquenta Tons de Cinza* – ele também não percebe que está amando.

Meu marido é incrível, é muito homem de família. Conselho para minha versão mais jovem sobre homens: encontre um que te faça rir acima de tudo. Senso de humor é algo que nos ajuda a suportar muitas coisas. E você precisa de um homem que te permita respirar.

Sempre quis ser mãe, mas quando aconteceu eu não estava preparada para todo o trabalho duro. Mas eu me sinto incrivelmente privilegiada. Há toda uma outra história ali na qual não quero me aprofundar, mas ter filhos não foi fácil para nós, e quando finalmente aconteceu... Eu não deixo de agradecer pelos meus filhos. Eu os adoro, eles são incríveis. O nascimento do meu primeiro filho foi maravilhoso, foi um presente ter um bebezinho. Eu não cabia em mim mesma de tanta felicidade.

50 Cent Músico

26 de outubro de 2015

Com dezesseis anos, eu já estava metido na vida das ruas havia muito tempo.⁶⁸ Era agressivo o suficiente para me virar na rua, mas quando eu ia para casa era o bebê da minha avó. Eu estava lá fora metido em confusão, mas ainda precisava convencer minha avó a me deixar voltar sozinho pra casa depois da escola. Eu dizia para ela: “Olha, já sou mais alto que a senhora”.

Fui morar na casa da minha avó quando alguns dos oito irmãos da minha mãe ainda viviam lá.⁶⁹ Minha tia Sylvie odiava que eu morasse lá. Ela era o bebê, então de repente o bebê era eu. Minha avó olhava para mim e havia um breve instante em que ela não falava nada, e então ela dizia: “Vem aqui, bebê”. E eu falei para a Sylvie: “Você nota que ela sempre faz uma pausa e olha para mim antes de falar comigo?”. E Sylvie me disse que ela também percebia isso, porque todo mundo notava. E eu falei: “Acho que ela vê o rosto da minha mãe sobre o meu rosto”.

Penso que choque é a melhor forma de descrever como me senti quando minha mãe morreu. Eu não entendia. Quando você tem uma mãe solteira como sua guardiã, ela é a sua vida toda. Eu tinha oito anos e fiquei assim: “O que você está dizendo?”. Ela passava muito tempo longe de mim – estava sempre na luta. Teve que ser muito durona, estar sempre cercada de muitos homens – ela teve que se adaptar. Naquele tempo, não havia programas sociais que ajudassem mães adolescentes. Minha mãe tinha quinze anos quando nasci e ela queria me dar o que eu precisava, então não podia confiar apenas na assistência social.

Morri de medo quando minha avó foi diagnosticada com câncer. Minha tia me ligava atualizando o quadro dela o tempo todo e ela sempre dizia: “Não se preocupe, ela está bem”. Eu nunca contei isso para ninguém, mas dois anos atrás, no dia em que ela me ligou para dar a notícia... Era bem cedo de manhã, e eu estava correndo na esteira na academia. Cheguei ao hospital e a família inteira estava lá. Minha tia me contou que o médico tinha dito que ela teve um derrame e que não havia nada que pudesse ser feito. Eles me levaram para vê-la e nunca na minha vida inteira ela pareceu tão pequenina. Eu disse: “Olá?”. Vi os olhos dela arregalarem quando ela ouviu minha voz,

como se ela estivesse tentando ver onde eu estava. Todo mundo saiu, e eu conversei com ela um pouco, então todos voltaram para dentro do quarto e os batimentos cardíacos dela começaram a diminuir. Minha tia falou: “Putá merda, ela estava te esperando”. Já vi muita gente morrer no bairro – perdi amigos por causa de acidentes de moto, brigas ou drogas. Mas nenhuma morte me causou tanto impacto quanto a da minha avó. Ela era o amor da minha vida.

Senti que tinha que fazer o que fosse necessário para superar. As coisas que saíram da minha boca quando eu estava fora de casa – uau, aquele garoto era louco. Eu era o mais jovem do bando; todos os outros tinham pelo menos dezesseis anos. Algumas pessoas contaram para minha avó sobre as coisas que eu tinha feito e ela dizia: “Nada disso, não o meu bebê”. Nós todos desejávamos coisas legais e roupas bacanas porque queríamos atrair as meninas. Então tínhamos que estar no crime para pagar tudo aquilo.

Quando alguém se machuca tão gravemente quanto eu,⁷⁰ acaba ficando com medo de tudo, porque sabe que pode acontecer de novo a qualquer momento. Fui baleado à tarde, em plena luz do dia, então fiquei apavorado e tudo aquilo me deixou mais duro que antes. Eu só me sentia confortável quando não me importava com nada. Então eu só falava: “Foda-se”. Quando se tem um revólver e se está à caça deles, sua atenção muda. Não há mais medo. Você fica tipo assim: “Espero que *sejam* eles dobrando o quarteirão agora”.

Comecei a compor letras de música em tempo integral em 1997. Conheci Jam Master Jay, do Run DMC, e ele tinha um selo de gravadora que aceitava gente nova e desenvolvia o talento dos caras até que estivessem prontos para uma grande gravadora. Jay me ensinou como contar as barras e quando o refrão devia iniciar e parar, e eu continuei praticando. Às vezes o trabalho duro supera o talento. Eu escrevia o tempo todo, então fui melhorando cada vez mais.

Fui baleado à tarde, em plena luz do dia, então fiquei apavorado, e tudo aquilo Me deixou Mais duro que antes.

Acho que Jay gostava de mim porque eu tinha a cara das letras de música. Eu ostentava todas as joias e parecia um gangster. Vivi nas ruas por tanto tempo que as pessoas me respeitavam. A verdade verdadeira é que, àquela altura, os traficantes eram os chefes do meu bairro e tinham mais dinheiro que os rappers. As coisas que LL Cool J e Run DMC queriam eram as coisas que os caras das gangues já tinham. Hoje em dia, é claro, os artistas estão muito mais ricos que os traficantes – a cultura hip-hop cresceu muito.

Eminem tinha esta energia competitiva que o transformou no cara com o qual todos os outros rappers se preocupavam.⁷¹ Desde o começo, ele era este incrível artista de batalha. Os caras que estavam armando contra ele pensavam em tudo que se podia dizer sobre Eminem, então ele falava as mesmas coisas a respeito de si próprio antes, e conseguiu dissipar tudo o que tinham contra ele. Ele escrevia sobre todas essas coisas pessoais. Eu nunca fui nada parecido – entrei na música com a intenção de compor, porque era ali onde estava o dinheiro.

Se eu pudesse conversar com meu eu adolescente, diria para ele se concentrar na música com mais intensidade. Ele ainda poderia seguir essa carreira sem ter que passar por todas as coisas pelas quais eu passei. E pensando sobre relacionamentos – eu olho para trás, para quando eu estava com alguém, e essa pessoa podia ter sido aquela com quem eu passaria o resto da minha vida, mas eu não tinha referências para saber que havia alguma coisa especial ali. É como a clareza do papel que minha avó teve para mim, mas que só entendi depois que ela se foi. Algumas pessoas têm sido melhores nisso do que eu; se eu olhar para o Jay-Z, destacaria que ele capitalizou com as pessoas de uma forma melhor do que eu.

Se eu pudesse reviver qualquer momento da vida, eu voltaria para quando os números das vendas da primeira semana de *Get Rich or Die Tryin*⁷² saíram. Eu me sentei no fundo do ônibus da turnê e só pensei: “Uau”. Não conseguia acreditar. Quando consegui vender tudo aquilo, eu sabia que daquele momento em diante não teria que esperar outra pessoa para me dizer se estava bom – eu mesmo podia fazer isso. Mas também conheci aquele sentimento, aquela confirmação de finalmente ter chegado meu momento – e você só sente isso uma vez. Eu sabia que nunca mais teria essa sensação de novo. Porque tudo estava prestes a mudar.

John Cleese

Comediante e ator

5 de janeiro de 2015

Eu era um adolescente bastante comum, porque só queria saber de esportes. Jogava rúgbi na escola, embora não tivesse o físico adequado, mas não era um esporte que me atraía – tinha muito a ver com força e pouco a ver com cérebro. Mas eu adorava futebol e críquete, e eu morreria feliz se pudesse ter jogado no Bristol City ou no Somerset. Uma das épocas mais felizes da minha vida foi meu último ano no colégio preparatório. Estava com treze anos, e fazia um verão glorioso. Eu tinha meu pequeno grupo de amigos e era capitão do time de críquete. Comecei a sentir confiança de que talvez eu pudesse ser bom em alguma coisa.

Pouco depois disso, fiz a crisma e resolvi que religião não passava de um monte de bobagem. Estava esperando que algum tipo de raio dourado descesse sobre mim, e quando isso não aconteceu fiquei com raiva e desisti de tudo. Quando fiz catequese, antes da crisma, era patético o processo de me obrigarem a encarar questões espirituais. Eu gostaria que alguém me perguntasse se eu achava que havia vida após a morte e como ela seria, em vez de apenas me passarem a doutrina sobre em que eu tinha que acreditar.

Se eu encontrasse o jovem John agora, tentaria despertar nele o interesse em questões mais amplas e recomendaria alguns livros para ele ler. Uma das decepções da minha vida é a ausência de estímulo intelectual na minha juventude. Eu estava vagamente interessado no sentido da vida, esse tipo de coisa, mas esses interesses não eram estimulados de maneira alguma, nem pela escola, nem pelos meus pais. Minha mãe lia o jornal *Daily Express* e livros sobre médicos e enfermeiras que se apaixonavam, e meu pai lia coisas como Nevil Shute, mas livros sobre história ou filosofia não faziam parte de suas vidas. Não tive bons exemplos nos meus pais. Mas uma coisa que puxei à minha mãe foi seu ótimo senso de humor, e não há dúvida sobre quais momentos proporcionavam as melhores conversas – ficávamos mais próximos um do outro quando ríamos juntos.

Acho que passei muito tempo fazendo o que eu achava que deveria fazer e não me diverti o suficiente. Quando entrei na Universidade de Cambridge, o problema era que eu me dedicava demais. Admiro muito pessoas como Stephen Fry, que simplesmente diziam: “Bem, eu não

vou para a aula hoje”, e passavam o tempo todo fazendo o que queriam. Talvez me achassem meio estranho porque eu era um tanto introvertido e frequentemente costumava sentar no meu quarto em Cambridge e ficava lendo algum livro sob a luz da minha luminária Anglepoise. Havia um grupo em Cambridge chamado The Eggheads, Os Cabeças de Ovo, e eu nunca fui convidado a participar dele porque nunca me levaram a sério. Mas eu era feliz lá, até que me apaixonei pela primeira vez e comecei a sofrer por amor, e isso continuou por muitos anos.

Acho que passei Muito tempo fazendo o que eu achava que deveria fazer e não Me diverti o suficiente.

Fiquei conhecido por desenvolver minha vida amorosa bem mais tarde. Como nem sempre escolhia com sabedoria, eu trazia para dentro da minha vida um tipo de estresse que não existia antes de eu começar a namorar. Cometi uma série de erros com mulheres que, vamos simplesmente dizer, exigiam demais de mim, coisas que geralmente eu não podia oferecer. Achava difícil conversar com as garotas porque eu frequentei colégios só para meninos, e minha relação com a minha mãe (sempre pisando em ovos com ela), tornava isso ainda mais difícil. Eu me comportava de modo parecido nos meus relacionamentos. Tinha a tendência de ser complacente com as mulheres e, se eu ficasse triste com alguma coisa, o mais provável é que eu varresse aquilo para debaixo do tapete. Com o tempo, fui melhorando nesse aspecto. Havia um pouco do meu pai em mim. Eu conhecia alguém e pensava: “Seria lindo fazer essa pessoa feliz”. Infelizmente, pessoas infelizes tendem a continuar infelizes.

À medida que o tempo passava em Cambridge, comecei a desenvolver um humor mais impetuoso e mais inventivo. Depois que fiz *The Frost Report*, que na verdade era um programa bem convencional, foi a vez de *At Last the 1948 Show* e então meu humor se tornou ainda mais impetuoso e idiota. E, é claro, foi a introdução perfeita para o Monty Python. O Python foi uma aposta arriscada, mas juntos nós sentíamos certa segurança. Nós todos achávamos engraçado, e embora não fizéssemos ideia se mais alguém acharia, estar num grupo nos dava muito mais confiança do que se estivesse cada um por conta própria. Se eu não tivesse conhecido os rapazes, talvez eu ainda estivesse trabalhando apenas como roteirista. Eu precisava fazer parte de um grupo para atuar. Esse é o motivo pelo qual nunca criei um *The John Cleese Show*.

Por obra do acaso, entrei num negócio onde recebia muita atenção.

Se eu tivesse sido advogado, o que parecia que aconteceria assim que saí de Cambridge, eu não teria sofrido com o escrutínio dos jornais. Não é fácil lidar com esse tipo de coisa, principalmente quando se é tão jovem. Eu me lembro do meu dentista dizendo que meu maxilar tinha mudado porque, desde que passei a estar sob os holofotes, comecei a apertar os dentes.

Relacionamentos românticos, assim como a relação que mantenho com as minhas filhas, sempre foram bem mais importantes do que meu trabalho. Lembro que Terry Gilliam uma vez me disse: “Você sempre diz que o trabalho não é particularmente importante para você, mas olha como ficou feliz agora que *Wanda* se tornou um sucesso”. Mas isso só aconteceu porque meu relacionamento com uma mulher estava bem naquela época. Levei muito tempo para estar num bom relacionamento, mas hoje em dia me sinto muito feliz. Se você me perguntasse o que eu mais gostaria de fazer agora, eu queria que alguém me desse dois milhões de libras para eu comprar uma casa com jardim em Londres, assim Jenny e eu poderíamos ter mais um gato e um cachorro e eu ficaria sem fazer mais nada pelos próximos nove meses a não ser ler.

A ambição teve uma importância bastante limitada para mim: “Os caminhos da glória só levam à sepultura”, como diz um grande poema de Thomas Gray. Decorei esse poema quando eu tinha dezenove anos e o guardo comigo desde então. O que tudo isso acrescenta no final? Você pode ser um rei e ter montanhas de dinheiro, mas o quanto isso é significativo, o quanto isso te faz feliz? A coisa mais triste que os americanos nos ensinaram errado é que tudo se resume a sucesso público. É por isso que são um povo triste, neurótico e competitivo.

Eu não preciso de muito para me fazer feliz: gatos, livros, boa comida e tempo bom. Oferecem-me muitas honrarias – “Você viria aqui fazer tal coisa?” – e eu penso: “Houve um tempo em que eu ficaria lisonjeado com isso, mas agora eu simplesmente não preciso disso”. Não tem importância alguma o que significa meu legado profissional. É muito mais importante para mim que, quando eu morrer, as pessoas próximas a mim pensem que fui um cara decente e bondoso.

Neil Gaiman

Escritor

30 de janeiro de 2017

Com dezesseis anos era 1977 e eu era punk. Convenci três colegas de escola a formarmos uma banda chamada XXX – eu era o vocalista e o compositor. Eu estava... “desabrochando” não é a palavra certa, mas estava deixando de ser careta. Muitos anos mais tarde, fui participar da gravação de um programa de comédia na BBC Radio 4 e depois dei de cara com Steve Punt. Ele disse: “Ah, você é o Neil Gaiman!”. Eu esperava que ele dissesse que seus filhos tinham amado *Coraline*, mas em vez disso ele falou: “Já fui a um show de vocês”. Eu vi esse pequeno momento em seus olhos brilhantes. Queria voltar lá atrás e entregar esse momento ao adolescente Neil, que fazia seu primeiro show no auditório da escola. E eu queria também poder contar ao jovem Neil – que no fim das contas desistiu de todas as fantasias sobre ser uma estrela do rock – que no futuro haveria essa época esquisita em que ele estaria na Tasmânia lendo poesia num palco diante do público com apoio financeiro de gente como David Byrne. Ou ainda que todos os ingressos para uma apresentação no Carnegie Hall seriam vendidos e, depois de uma leitura, ele cantaria a música country “Psycho” acompanhado de um quarteto de cordas. Então, no final de tudo, ele conseguiu realizar aquela fantasia de ser um *rock star*.

Todo esse lance com o punk tem sido uma força motriz – a ideia de que se faz alguma coisa fazendo. Você não precisa saber o que está fazendo porque se pode aprender com o trabalho. Isso significa que, quando comecei, coloquei uma citação de Muddy Waters na minha máquina de escrever: “Não deixe sua boca escrever nenhuma promissória que seu rabo não possa pagar”. Sabia que não teria problema em convencer as pessoas sobre o meu trabalho, mas para isso eu tinha que trabalhar. Aos dezesseis anos, achava que tudo acontecia por meio de magia. Eu tinha trabalhado como redator freelancer por seis meses e tinha recebido adiantamentos para escrever dois livros. Não fazia ideia se realmente conseguiria escrever um livro – apenas respondia que sim quando me perguntavam.

Tem sido muito interessante conversar recentemente com amigos que tenho desde a época da adolescência. Faz pouco tempo que um amigo desenhou uma HQ que exhibe todo esse caos monstruoso

acontecendo ao redor da minha versão jovem, e eu calmamente caminhando pelos corredores lendo *Um Estranho Numa Terra Estranha* ou *A Mão Esquerda da Escuridão*, feliz em viver numa terra de livros. Eu definitivamente não sentia que me encaixava. Era desajeitado, me sentia desconfortável e nada contente no mundo real, mas incrivelmente feliz nos livros. Eu os usava como um guia de sobrevivência e também como fuga. Eu sonhava em me tornar escritor, mas parecia impossível, era como sonhar ser invisível ou superveloz.

Se eu realmente quisesse me exibir para o adolescente Neil, mostraria meus cinco Hugo Awards. Aqueles prêmios de ficção científica seriam mais importantes para ele do que a Carnegie Medal ou qualquer outra premiação. O fato de que colaborei com Harlan Ellison ou de que fui a um jantar com Lou Reed também pareceria bem legal, mas diante da ideia de que o adulto Neil tenha sido premiado com o Hugo Awards, o meu eu mais jovem pensaria: “Uau, sim, eu me dei bem”. E se eu pudesse contar ao Neil de doze anos que um dia ele escreveria um episódio de *Doctor Who*... Uau. Principalmente porque o episódio *The Doctor's Wife* surgiu de uma ideia que tive assistindo à série quando eu tinha cerca de oito anos.

Em 2009, meu pai morreu no meio de uma reunião de negócios quando eu estava a caminho de Nova York para uma sessão de autógrafos. Enquanto eu estava no táxi, recebi uma ligação de uma das minhas irmãs dizendo que meu pai havia sofrido um infarto e que tinha morrido. Eu parei, caminhei por um momento, então segui para a sessão de autógrafos. Havia cerca de doze mil pessoas lá, e eu comecei a autografar por volta de uma hora da tarde e só terminei às nove da noite. Então fui para casa. E havia uma mensagem do meu pai na secretária eletrônica. Era apenas uma mensagem alegre dizendo: “Ontem foi o quinquagésimo aniversário de meu casamento com sua mãe – dia lindo, e você sabe, também era um belo dia ensolarado cinquenta anos atrás. De qualquer forma, só liguei para dar um alô. E você não está”. E essa foi a primeira vez que chorei. Só ouvi a voz dele e desabei. Se eu soubesse que ia acontecer daquele jeito... Quando olho para trás, há tantas coisas sobre as quais penso: “Gostaria de ter perguntado isso, gostaria de ter anotado aquilo, gostaria de ter gravado aquela conversa”.

Há amigos que achei que estariam comigo para sempre e que simplesmente se foram, como Douglas Adams. Eu amava Douglas – ele era grande, complicado, irritante e maravilhoso em igual medida. Quando ele morreu, eu estava dando uma entrevista por telefone. De repente, apareceu um flash na tela do meu computador: “Morre Douglas Adams”. O jornalista me ligou um mês depois e disse que estava transcrevendo a entrevista, mas não havia nada que ele pudesse

usar depois que eu tinha lido que Douglas estava morto, porque eu já não estava mais presente. Tantas pessoas que foram parte da minha vida e da minha paisagem – eu gostaria de poder voltar atrás e me encorajar a passar mais tempo com essas pessoas, aprender mais com elas. Sempre que alguém morre, eu sinto como se o universo estivesse me chutando no traseiro.

O tempo é um sopro, e eu gostaria de ter sabido antes o quanto ele passa rápido... Queria ter aproveitado mais. Stephen King – e, de novo, gostaria que o Neil de dezesseis anos pudesse estar lá, teria sido uma alegria imensa – apareceu numa sessão de autógrafos minha em Boston em 1992 e depois nós fomos até o hotel dele. Ele me deu o melhor conselho de todos. Ele disse: “Você sabe, você precisa aproveitar tudo isso. Isso é mágico. Você faz uma sessão de autógrafos e centenas de pessoas aparecem. Você é um dos mais amados roteiristas de quadrinhos do mundo. Aproveite”. Mas nunca aproveitei. Eu me preocupava que tudo aquilo fosse desaparecer. Eu me preocupava que iria estragar tudo. E foi só com quarenta e oito anos, quando conheci minha esposa Amanda,⁷³ que eu pensei: “Nossa, você leva uma vida totalmente diferente da minha. Você a preenche fazendo coisas de que gosta e encontrando pessoas de que gosta e comendo as coisas de que gosta. Suponho que eu também possa tentar fazer isso”.

O tempo é um sopro, e eu gostaria de ter sabido antes o quanto ele passa rápido... Queria ter aproveitado Mais.

Ainda me preocupo. Suspeito que seja o modo como sou construído. O medo de não ser capaz provavelmente é a força motriz que me mantém escrevendo. Essa parte de mim na verdade também está nos meus livros – eu realmente fico pensando: “O perigo está logo ali dobrando a esquina”. Meu livro *O Oceano no Fim do Caminho* não é realmente autobiográfico, mas aquele garoto sou eu. Eu voltaria para o meu eu de sete anos e me daria aquele tipo peculiar de amor que eu não tive. Aquele livro era eu falando para o menino: “Está tudo bem, tudo vai ficar bem”. Nunca senti que o passado morreu ou que o jovem Neil não estivesse mais por perto. Ele ainda está ali, se escondendo em alguma biblioteca, procurando a porta que vai levá-lo a algum lugar seguro onde tudo dá certo.

Se eu pudesse viver um dia novamente, escolheria a minha festa de aniversário de cinquenta anos em Nova Orleans. De manhã, minha esposa, que ainda era minha noiva na época, me levou para uma loja de cartolas e eu comprei uma cartola para mim. Então ela disse que ia

sair para encontrar uma casa de chá e que me mandaria uma mensagem assim que achasse o lugar. Dez minutos depois, fui ao encontro dela, atravessando uma praça enorme que havia no caminho. E lá estava Amanda, vestida de noiva, posando como estátua humana. E então vários amigos nossos surgiram em meio à multidão, e meu amigo Jason celebrou uma cerimônia de casamento sem valor legal entre um escritor de cartola e uma estátua humana vestida de noiva. A coisa toda foi maravilhosa. Olhei em volta para todas aquelas pessoas que eu amava e pensei: “Ok, é isso que se ganha por estar vivo há cinquenta anos”.

Amanda é incrível. Houve um momento em que eu pensei: “Acho que quero casar contigo porque nunca mais vou me sentir entediado novamente”. Ela é parecida comigo o suficiente – bem, fazemos parte do mesmo planeta. Mas ela faz essas coisas incríveis, surpreendentes e peculiares que eu jamais pensaria em fazer. Essas coisas que te deixam pensando: “Sério? Você realmente vai fazer isso? Ok. Vou ficar aqui e segurar suas roupas, e se você for para a cadeia eu pago a fiança. Te amo”.

Olivia Colman

Atriz

15 de abril de 2013

Os garotos eram minha grande preocupação quando eu tinha dezesseis anos. Eu era bastante popular com eles, contra todas as probabilidades. Numa sala cheia de garotas, não tenho certeza de que eu seria a escolhida, mas eu sempre me dava bem com eles e eles achavam que era divertido ficar comigo. Eu era zero drama e zero preocupação.

Nunca fui muito bem na escola e detestava o colégio. Nunca foi fácil para mim; eu sempre achava que devia haver algo a mais. Comecei a gostar mais da escola à medida que fui ficando mais velha, porque os professores começaram a nos tratar como adultos. Então, com dezesseis anos, fiz minha primeira peça de teatro no colégio – eu era Jean Brodie em *The Prime of Miss Jean Brodie* – e imediatamente pensei: “É isso que eu quero fazer. Não quero fazer outra coisa”. E isso foi muita sorte, porque não me sinto qualificada para fazer mais nada.

Quando era adolescente, eu me preocupava reservadamente sobre muitas coisas, mas era boa em fingir que estava tudo bem. Eu me preocupava com os trabalhos de escola, com a minha aparência, se meu cabelo estava muito assim ou muito assado. Mas jamais fui uma daquelas adolescentes mal-humoradas que nunca sorriem. Meu amado padrinho dizia que sempre era agradável me ver, porque eu era a única adolescente que sorria. E eu o adorava tanto que acho que foi uma das melhores coisas que alguém já me disse na minha vida inteira. Sendo assim, isso me fez honrar o que ele me falou. Ele era adorado por todos, parecia um pouco com Ollie Reed, mas com menos trago. Era engraçado, esperto, charmoso e bonitão. Quando interpretei Miss Jean Brodie, ele me disse: “Maravilhoso, maravilhoso – genial da porra!”.

Eu era uma adolescente bem alegre, mas mesmo as pessoas mais sãs ficam ligeiramente malucas quando seus hormônios estão descontrolados. Houve uma época em que tive problemas, não comia direito e estava numa guerra com a minha imagem corporal. Mas eu continuava sorrindo para todos. Havia um lado sombrio, e ainda o tenho. Agora, já adulta, sei quando uma sombra está chegando e também sei que ela vai passar. Meus amigos e meu querido marido sabem, e eles sabem que com um pouco de chá e abraços a sombra vai

se dissipar. Eu tive depressão pós-parto depois do meu primeiro filho, mas sabia que amava meu bebê e sempre consegui ver o que tenho de bom na minha vida. Seria ótimo voltar lá atrás para aquelas primeiras sombras e dizer para minha versão mais jovem: “Você vai ficar bem. Isso vai passar. E você será amada. Não tome decisões duras neste momento. Você pode fazer o mundo funcionar e se divertir lindamente. E se você não é magrinha, que se dane”. Basicamente, sou uma pessoa bem positiva.

Queria ter usado menos roupas com dezesseis anos. Eu diria para mim mesma: “Se você não gosta do seu corpo agora, espera só quando ficar mais velha”. Meu corpo mudou depois que tive filhos, mas eu me sinto muito mais segura agora. Eu diria para a jovem Olivia: “Você é linda e merece ser amada. A vida não é ruim para você”.

Eu não diria à minha versão mais jovem nada a respeito do que iria acontecer com ela – se eu dissesse que iria realizar seu sonho, ela pararia de tentar. Você precisa manter aquela chama acesa, realmente precisa. E ainda sinto isso. Sei como é não ter trabalho, ter que ir à luta, porque passei um ano inteiro sem trabalhar, quando houve poucos testes e fui rejeitada em todos eles. Eu ainda sinto isso hoje em dia, essa ansiedade. Eu não quero ter que passar por isso de novo. É muito melhor não ter que se preocupar.

De todas as coisas que já fiz, acho que minha versão adolescente ficaria mais animada com o filme *Tiranossauro*, de Paddy Considine. Tudo o que eu queria era atuar em alguma coisa grandiosa. Minha versão mais jovem não ficaria surpresa se eu tivesse ficado mais conhecida como uma atriz de comédia – meu “lance” com as pessoas sempre foi ser engraçada. Eu adorei cada segundo de *Peep Show*, *Rev* e *Twenty Twelve*, e Robert Webb e David Mitchell são duas das pessoas que mais amo neste mundo.

Sempre quis ser mãe, com todo meu ardor. Sempre estive conectada com minhas emoções – sou aquela pessoa que chora até soluçar no cinema. Mas, quando tive meus filhos, fiquei completamente vulnerável. Então, agora, ao menor sinal de sentir alguma emoção, choro até mesmo dentro do ônibus. Não tenho mais armadura alguma. Meu marido também é um pouco assim. Nós assistimos *Um Bebê por Minuto*, bem abraçadinhos, com as lágrimas escorrendo cada vez que um novo bebê chegava ao mundo. Quando fiz *Broadchurch*, não conseguia parar de chorar. É simplesmente horrível pensar que seus filhos podem morrer antes de você. Houve uma cena em que me disseram: “Você não vai chorar nesta cena”. E eu pensei: “Tá, certo – boa sorte com isso”.

“É isso que eu quero fazer. Não quero

fazer outra coisa”. E isso foi Muita sorte, porque não Me sinto qualificada para fazer Mais nada.

Adoraria voltar lá atrás e reviver a primeira vez que vi meu marido. E a primeira vez que dissemos que nos amávamos. Foi no ensaio de uma peça. Eu pensei na hora: “Esta é a pessoa com quem vou me casar”. Mergulhei de cara – não fiquei bancando a descolada. E num primeiro momento ele simplesmente não conseguia enxergar isso. Ele pode ser bem lerdo para captar as coisas. Eu tive que me dedicar com ele. Lembro certo dia, cerca de três meses depois, quando ele me perguntou: “No que você está pensando?”. E eu disse: “Eu te amo”. Soube que ele estava na minha mão naquele instante. Casamos sete anos depois e já estamos juntos há dezenove anos. Ele é a melhor pessoa do mundo.

Simon Callow

Ator

23 de novembro de 2009

Com dezesseis anos, eu era baixo, gordo e me sentia muito desconfortável com meu próprio corpo, mas isso talvez não tenha sido percebido pelos outros, porque eu era muito articulado, barulhento e extrovertido. A minha escola era deprimente do ponto de vista acadêmico, embora eu tivesse uma professora maravilhosa que me apresentou a Baudelaire, Flaubert, Mozart e xerez. Teria sido tão melhor se eu pudesse ter encontrado um modo de apreciar esportes, mas era uma cultura tão machista e repleta de agressões que eu simplesmente desprezava tudo aquilo.

Acho que minha infelicidade adolescente era parcialmente gerada pela sexualidade – eu desconfiava que era gay, mas não sabia o que fazer com isso e achava que ninguém que eu conhecia iria compreender. No geral, eu simplesmente odiava ter dezesseis anos. Odiava a infância, na verdade, eu detestava. Via aquela fase como um período inacreditavelmente entediante pelo qual temos que passar, parecido com ficar internado num hospital. Você está nas mãos dos adultos, não tem seu próprio dinheiro. Eu estava louco para sair mundo afora. Sentia-me aprisionado.

Gostaria de ter passado mais tempo durante a adolescência fazendo amor. Adoraria voltar ao passado e colocar o adolescente Simon num colégio público, só porque assim ele poderia ter conhecido alguém e vivido um belo romance. Da forma como aconteceu, só aos vinte e um anos pude vivenciar isso.

Eu morava sozinho com minha mãe – ela e meu pai se separaram quando eu tinha dezoito meses. Vivíamos juntos num apartamento pequeno e apertado e não nos dávamos muito bem porque tínhamos temperamentos muito diferentes. Ela era cheia de manias, de teorias – ela preferia a culinária sueca, o que significava muita salada, que as crianças detestam, é claro. Era uma cozinheira experimental, mas não tinha talento algum para culinária. Era muito rígida e gostava de leis e de regras, e também de castigos corporais. Quando eu não estava fazendo as tarefas da escola, tinha que fazer o serviço de casa. Mas uma coisa era certa: nós realmente dávamos muitas risadas juntos.

Para compensar a minha mãe, tive duas avós excelentes. A mãe do meu pai era uma mulher durona e trabalhadora que me adorava e me

levava para o teatro e para o cinema. A mãe da minha mãe foi provavelmente a maior influência da minha vida com relação à minha formação. Ela era extraordinariamente generosa, rica, tinha uma ótima personalidade, muito acolhedora, amava festas. Ela não teve uma educação formal, mas acreditava na supremacia de uma personalidade humanista. Estava sempre me entupindo de jujubas, cigarros e antibióticos – não tinha qualquer noção de limites. Achava que, se ela gostava daquelas coisas, por que um garoto de treze anos não gostaria?

O Meu eu de dezesseis anos ficaria chocado ao descobrir que Me tornei ator. Ele queria ser escritor e escrevia constanteMente.

Se eu encontrasse o jovem Simon hoje, o acharia barulhento, hiperativo, exibido e cheio de opiniões, embora não fosse muito inteligente. Eu talvez ficasse surpreso com o fato de ele ler muito. E talvez ficasse surpreso que ele fosse uma pessoa muito generosa. O meu eu de dezesseis anos ficaria chocado ao descobrir que me tornei ator. Ele queria ser escritor e escrevia constantemente. Mas, quando saí da escola, passei a frequentar muito o teatro e escrevi uma carta para Laurence Olivier. Ele me escreveu de volta e perguntou – por eu gostar tanto do teatro – por que eu não procurava um emprego lá. Então segui seu conselho e fui trabalhar na bilheteria do Old Vic, até que no final das contas passei a estudar artes dramáticas.

Realmente me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse ido com *Amadeus* quando a produção se mudou para a Broadway. Paul Scofield, que interpretou o Salieri do meu Mozart,⁷⁴ não quis ir, então eu também não quis, mas teria adorado estar lá. Aquilo talvez pudesse ter mudado minha vida, porque foi o maior sucesso da década. Quando comecei a atuar, esperava ser um ator clássico e interpretar todos os grandes papéis de Shakespeare. Não cheguei nem perto disso, mas já fiz tantas outras coisas: dirigi, escrevi e atuei em sitcoms e filmes. Fiz excelentes participações especiais em filmes como *Amadeus* e *Uma Janela Para o Amor*. Mas eu teria adorado ter feito mais filmes e ter interpretado papéis mais importantes.

Minha mãe sempre me mantinha estimulado mentalmente, e eu a agradeço por isso, porque jamais me senti entediado. Não penso que eu tenha em mim a crença de que me fosse permitido ser feliz – não consigo relaxar e me divertir, porque eu sempre quero trabalhar. Se eu tivesse que escolher entre ser feliz e ter minha mente ocupada, sempre

escolheria estar ocupado.

Tenho um imenso orgulho de *Quatro Casamentos e um Funeral*. Era o pico da epidemia de AIDS, e foi maravilhoso interpretar um homem gay que não estava morrendo de AIDS. Aquele filme possivelmente mudou a ideia de muitas pessoas sobre a homossexualidade. Foi escrito com muita inteligência. Algumas pessoas podem sequer ter notado que John Hannah e eu éramos amantes até o funeral. O filme surgiu como um estouro e era tão agradável, inteligente, bem-humorado e festivo que não penso que qualquer coisa parecida tenha sido feita antes. Hugh Grant diz no filme: “Nunca percebemos que já tínhamos um casamento perfeito em nossas vidas”, e ele estava se referindo, é claro, a nós. Nós éramos a grande história de amor.

Wilko Johnson

Músico

6 de julho de 2015

Eu tinha um diário quando era adolescente. É uma tortura ler aquilo agora – eu parecia muito tenso com relação às coisas que estavam acontecendo. Adoraria entrar numa máquina do tempo, chegar perto desse cara e dar um tapão na sua nuca. “Seu completo idiota! Você não faz ideia. Nada disso importa”. Mas então, às vezes, você encontra essa minúscula alusão a alguma coisa que um dia vai ter um significado, como um disco que você comprou.

Eu odiava o colégio. Nossa, detestava aquilo tudo. A escola é um troço terrível, não é? Lá está você sendo comandado por gente medíocre que usa remendos de couro nos cotovelos do casaco – na verdade, você está sendo oprimido. Sempre há essas celebridades que falam a respeito dos professores que mudaram suas vidas. Fico intrigado. Não consigo pensar num único professor por quem eu sinta qualquer outra coisa que não seja desprezo.

Eu sabia muito pouco sobre música, mas quando fiz quinze anos gostava de tocar guitarra e de sair com as garotas. Quando comecei a aprender a tocar guitarra, passei a descobrir a música. Eu ouvia os Rolling Stones e pensava: “Nossa”. Depois eu procurei quem os influenciava. Foi aí que descobri o blues norte-americano. Nunca tive qualquer ambição de me tornar um *rock star*. Era só diversão. Jamais teria acreditado que ia passar décadas vivendo um sonho no mundo do rock’n’roll.

Todo mundo deve ter se perguntado isto: “Qual seria minha reação se um médico me dissesse que eu iria morrer?”. Quando me contaram em 2013 que eu tinha um câncer terminal sem chance de operar, a forma como aquilo se abateu sobre mim foi ficar imediatamente calmo. Decidi me posicionar contra acreditar em qualquer falsa esperança ou buscar uma cura milagrosa. Embora esse tumor – que chegou a três quilos e meio, o tamanho de um bebê – estivesse crescendo dentro de mim, eu ainda me sentia saudável. Não estava perdendo peso ou sentindo qualquer tipo de dor, então não queria desperdiçar o pouco tempo que me restava.

Depois do diagnóstico, passei um ano inteiro acreditando que minha vida estava no fim. Ingressei neste estranho e intenso estado de consciência. Tudo era muito interessante – eu via tudo de um modo

diferente. Meus pensamentos eram muito intensos, eu tinha insights tão claros sobre a vida que mal conseguia colocar em palavras. Eu acreditava completamente que ia morrer e aceitei isso de modo resolutivo. E comecei a me sentir vivo.

Um pouco depois de completar um ano do meu diagnóstico, conheci esse cirurgião importante que me disse que poderia me operar. Eu tinha sido mal diagnosticado. Lembro esse cara impressionante, sentado ao lado da minha cama, me contando o que esta cirurgia séria e complexa envolvia, e eu só ficava olhando para ele e pensando: “Este cara está me dizendo que pode me curar de verdade? Depois de eu passar um ano aceitando que não havia cura? Isso é só mais uma das coisas malucas que vai me acontecer neste ano?”. Antes de eu sequer me dar conta de onde eu estava, acordei num hospital. Dias depois, o cirurgião veio me ver na enfermaria para dizer que ele tinha os resultados dos exames laboratoriais e que eles tinham “tirado tudo”. Eu estava com meu irmão e nós começamos a bater palmas!

Se eu pudesse voltar atrás ao momento do meu diagnóstico de doente terminal e sussurrar no meu ouvido que eu na verdade iria viver, será que eu faria isso? Não, acho que não faria. Durante aquele ano, muitas coisas incríveis aconteceram. Minha turnê de despedida, a gravação de um álbum – tudo estava tomado de emoção. As pessoas vinham até mim na rua e apertavam a minha mão. Lembro um show em Kyoto, estava totalmente lotado. Ah, cara, no final desta canção, “Bye Bye Johnny”, olhei para a plateia e vi um mar de rostos com lágrimas nos olhos, olhando para mim e cantando “Bye-bye”. Não fiquei triste. Achei incrível sentir tanto carinho. Voltei para casa com uma sacola cheia de cartas dessas pessoas que realmente se importavam comigo, escritas num inglês com erros de gramática, o que as tornava ainda mais comoventes. Nada disso teria acontecido se eu não estivesse encarando a morte. Houve momentos no palco em que tudo era tão intenso que eu pensava: “Quer saber? Quase que vale a pena ter que passar por isso”.

Agora estou caindo de paraquedas na terra dos vivos. Por um tempo, eu realmente tive medo de dizer em voz alta que o câncer tinha sido extirpado, que eu estou curado. Mas agora eu posso dizer. Quando lembro daquele ano, é quase como um sonho se esvanecendo. E agora que voltei a ser como todo mundo, morro de medo de ir ao médico e ele me dizer que tenho câncer. Eu não penso: “Ah, não importa, já passei por isso antes. Vou apenas encarar o momento de uma rotina conhecida”. Todos os velhos medos voltaram, e eu sei que estou ficando melhor de verdade agora porque o sofrimento se abateu sobre mim de novo. Voltei a ser o velho eu, com aquele olhar negativo sobre as coisas.

Depois do diagnóstico, passei um ano inteiro acreditando que Minha vida estava no fim.

Se eu pudesse voltar atrás e reviver um momento da minha vida, eu iria para os anos 1970. A vida era boa para mim naquela época. Eu tinha tudo o que sempre quis: dinheiro, sexo, drogas e rock'n'roll. A Dr. Feelgood estava indo muito bem. Eu tinha minha pequena família. Sempre estava com a minha filmadora e tenho horas e horas de filmagens caseiras. Quando eu assisto, vejo minha esposa Irene – não fico triste, ela está lá, e isso é ótimo. Então eu vejo meu filho, um bebê aprendendo a caminhar no jardim atrás de casa e, ah, céus, aquilo parte meu coração. Você tem filhos e você os ama tanto. O que se pode amar mais do que uma criança de três anos? Mas o tempo está sempre tirando seus filhos de você. Aquele garotinho de três anos, você nunca mais vai vê-lo novamente...

Nunca me preocupei em arrumar uma namorada, porque eu já estava casado e feliz quando tinha dezenove anos. E assim permaneci. Eu e a minha senhora, nós ficamos juntos até que ela morreu dez anos atrás de câncer, e eu, bem, cara... Eu ainda a amo. E ainda sinto muita saudade dela. Eu a vi pela primeira vez no clube da juventude de Canvey Island, quando eu tinha dezesseis anos. Ainda consigo vê-la lá no salão. Depois, a minha banda tocou na festa dos formandos da escola e eu dancei com ela, e a amiga dela me disse que o nome da garota com quem eu tinha dançado era Irene. Foi a primeira vez que ouvi o nome dela. Algumas semanas mais tarde, eu a acompanhei até a casa dela e a beijei junto ao portão. Fui às nuvens. Só pensei... Uau! E lembro quando ela morreu, quando fui vê-la no necrotério. Estava deitada sobre uma mesa. Por Deus, cara, Jesus... ela parecia uma santa. E eu a beijei. E ela estava fria. Eu me lembro do último beijo e eu me lembro do primeiro beijo, e existiram quarenta lindos anos entre um e o outro.

THE BIG ISSUE

Este livro faz parte do projeto The Big Issue e os valores de direitos autorais arrecadados com ele revertem para essa causa social. The Big Issue foi lançado em 1991 por John Bird e Gordon Roddick. O objetivo era claro e simples: oferecer às pessoas mais vulneráveis na sociedade – os moradores de rua, os marginalizados, os carentes, aqueles que já estão nas ruas ou correndo o risco de perder suas casas – uma oportunidade de ganhar uma renda legítima. Eles trabalhariam para construir o próprio futuro. Tratava-se de uma mão estendida, não de abrir a mão. Os meios para esse futuro partiam de uma revista justa, tenaz, desafiadora, engajada e apaixonada que seria editada pela equipe do *The Big Issue*, para depois ser comprada pela metade do preço de capa por aqueles que necessitavam e vendida nas ruas. A diferença entre os valores de compra e venda era a fonte de renda dessas pessoas. Nossa identidade e os meios de trabalhar permaneceram dentro do nosso núcleo por quase trinta anos. A revista, produzida por uma equipe de jornalistas profissionais, mantém uma agenda contestadora. Damos voz àqueles que são ignorados pela mídia tradicional ou que não têm uma plataforma. Não falamos em nome dos excluídos, convidamos para que eles falem por si mesmos. Assim, desafiamos quem está no poder para fazer alguma coisa a respeito. O conteúdo é o segredo. É engraçado, bem longe de ultrapassado, vai direto ao ponto e informa, sendo capaz de acionar grandes nomes e convencê-los a revelar coisas que simplesmente não fariam para outras publicações. Eles, como leitores, confiam em *The Big Issue*. O ato de vender nas ruas foi revolucionário. Começando em Londres, mais de 210 milhões de cópias de *The Big Issue* já foram vendidas na Grã-Bretanha. Isso possibilitou aos vendedores ganhar mais de 115 milhões de libras, dinheiro que de outra forma teria vindo de práticas ilegais ou de esmolas. Cerca de noventa e dois mil homens e mulheres saíram da pobreza vendendo *The Big Issue*. Ela inspirou uma rede global. Hoje, há cerca de cem revistas semelhantes nas ruas no mundo inteiro, incluindo *Big Issues* na Austrália, Japão, Coreia do Sul, Taiwan e África do Sul. Atualmente, na Grã-Bretanha, *The Big Issue* também concentra uma filial de investimento social chamada Big Issue Invest, assim como uma loja. *The Big Issue* desafia o que não está certo. Nós tomamos uma posição pelo que está.

Paul McNamee, editor de *The Big Issue* no Reino Unido.

- 1 Na famosa Batalha dos Sexos, em 1973.
- 2 Na época da publicação da edição brasileira deste livro, eles completam quarenta e quatro anos de casamento.
- 3 Mary J. Blige cresceu no Bronx nos anos 1970.
- 4 Philip Glass entrou na universidade com quinze anos, em 1952, graças a um sistema de avanço na faculdade.
- 5 Matemática e filosofia.
- 6 Philip Glass ganhou uma bolsa para estudar com a renomada compositora e professora de composição Nadia Boulanger.
- 7 Incluindo anúncios para a televisão e vinhetas para *Vila Sésamo*.
- 8 Jerry Twain e Sharon Morrison morreram num acidente de carro em Ontário, em 1987.
- 9 O produtor de rock Mutt Lang, que produziu e escreveu em colaboração o segundo álbum de Shania, que se tornou seu grande sucesso.
- 10 Em 1995.
- 11 20 milhões de cópias vendidas no mundo todo.
- 12 Herzog explorou os vulcões ativos da Coreia do Norte para seu documentário *Visita ao Inferno*, de 2016.
- 13 Consequência de um acidente enquanto praticava esportes aos doze anos.
- 14 Em 1987, ela se tornou a primeira parlamentar negra em Westminster.
- 15 Em 1974, depois de investir num esquema fraudulento.
- 16 Em *Muito Barulho Por Nada*.
- 17 O bispo anglicano da Inglaterra conhecido pela luta contra o *apartheid* e pela campanha “Prayer for Africa”.
- 18 Um personagem gaúcho do poema épico de mesmo nome escrito pelo argentino José Hernández.
- 19 Uma queda que deixou os médicos preocupados porque ele poderia ficar paralisado.
- 20 Uma série para crianças na ITV.
- 21 Entwistle.
- 22 Townshend.
- 23 Keith.
- 24 A primeira esposa de Roger Daltrey.
- 25 Nome anterior do The Who .
- 26 Rapper e produtor filipino-americano Allan Pineda Lindo, mais conhecido como apl.de.ap.
- 27 Rapper do NWA que lançou seu próprio selo de gravadora, o Ruthless Records, em 1986.
- 28 will.i.am mora em Los Angeles e é jurado do *The Voice* no Reino Unido.
- 29 O restaurante de Jamie sem fins lucrativos que oferece treinamento para jovens em

situação de risco que desejam se tornar *chefs*.

30 O serviço britânico de segurança.

31 Nick Robinson, cartunista, marido de Mary Robinson.

32 Lendário roteirista, diretor e protagonista de *O Melhor do Show* e *Isto é Spinal Tap*.

33 O renomado colégio interno independente em Rugby, Warwickshire.

34 Seu pai adotou o nome Rushdie em homenagem ao filósofo Ibn Rushd.

35 Os *Versos Satânicos* foram banidos em vários países e, em 1989, o Aiatolá iraniano lançou uma *fatwa*, decreto religioso, ordenando os muçulmanos a matarem Rushdie por causa da blasfêmia de seu livro. Isso deu origem a um período de ameaças, tentativas de assassinato e atentados a bomba em livrarias.

36 O livro de memórias da quarta esposa de Rushdie, Padma Lakshmi, intitulado *Love, Loss and What We Ate (Amor, Perda e o Que Comíamos)*.

37 Lendário diretor dos filmes *Se* e *Um Homem de Sorte*, ambos estrelados por Malcolm McDowell.

38 Em *Laranja Mecânica*.

39 James Earl Jones ganhou um prêmio Tony por seu papel na Broadway como o boxeador Jack Jefferson e foi indicado ao Oscar pelo filme de 1970.

40 DeVitto e sua esposa, a atriz Rhea Perlman, se separaram em 2017, depois desta entrevista.

41 O ator Dennis Lawson.

42 Geezer Butler, baixista do Black Sabbath.

43 Tony Iommi e Bill Ward, guitarrista e baterista do Black Sabbath.

44 *Kisses on the Bottom* (2012, Hear Music), à época da publicação da edição original.

45 Mick Jagger, vocalista dos Rolling Stones.

46 À época da publicação da edição brasileira deste livro, foi anunciada uma cinebiografia da cantora, com a atriz Lucy Boynton no papel principal.

47 Sir Roger Moore morreu em 23 de maio de 2017.

48 Poema de T. S. Eliot cujo título no Brasil é *A Terra Devastada*.

49 Romancista Martin Amis.

50 Jornalista e escritor Christopher Hitchens.

51 Em 1987, o álbum de estreia do Guns N' Roses, *Appetite for Destruction*, vendeu 1,5 milhão de cópias nos Estados Unidos.

52 Slash deixou a banda em 1996.

53 A autobiografia de Slash se chama *Smack, Crack, Groupies and Firearms – No meio da cara, crack, groupies e armas de fogo*.

54 Andersson já fez doações para o Partido da Iniciativa Feminista da Suécia.

55 George foi usuário eventual de cocaína e de heroína no final dos anos 1980.

56 Em 2009, Boy George ficou preso durante quatro meses por manter um garoto de

programa em cárcere privado em seu apartamento.

57 Músico e produtor musical.

58 Um dos membros fundadores do Fleetwood Mac, sofreu durante longos períodos com doenças mentais que o levaram a sair da banda em 1970.

59 Green dizia que a música, escrita depois de um sonho induzido por drogas, tem a ver com dinheiro, representado pelo demônio.

60 Roger Bannister faleceu em março de 2018, aos 88 anos.

61 Do poema *Daddy*, de Sylvia Plath: “Você permanece diante do quadro-negro, papai, Na imagem que tenho de você”.

62 Malcom McLaren.

63 A banda Public Image Ltd., banda pós-punk e projeto musical mais experimental de Lydon.

64 Ronnie e Ian fizeram parte do Small Faces e do Faces como baixista e tecladista, respectivamente.

65 Rachel Hunter se separou de Rod Stewart em 1999, depois de nove anos juntos.

66 A terceira mulher eleita presidente na história da universidade.

67 Muitos tomaram a obra como um ataque ao feminismo dos anos 1960.

68 50 Cent, nome artístico de Curtis Jackson, começou a traficar drogas com 12 anos.

69 A mãe de 50 Cent, traficante de cocaína, foi assassinada quando ele tinha oito anos.

70 50 Cent levou nove tiros à queima-roupa em 2000.

71 Eminem contratou 50 Cent para a Shady Records em 2002.

72 O álbum estreou como número um na lista da Billboard em 2003, vendendo mais de 870 mil cópias na primeira semana. No total, vendeu cerca de 13 milhões de cópias.

73 Amanda Palmer, artista americana.

74 Na produção de 1979 do National Theatre.



HÁBITO DA CONQUISTA

PARE DE DESEJAR.
COMECE A FAZER
e ASSUMA O CONTROLE
DE SUA VIDA

BERNARD ROTH

Belas Letras

Dê férias para as suposições e para as decisões automáticas e aprenda a enxergar por outro ângulo e ressignificar os problemas com um dos professores da *d.school*, de Stanford, uma das escolas mais inovadoras do mundo (com mais alunos interessados do que vagas disponíveis).

Bernard Roth explora as ideias do *design thinking*, geralmente utilizado para buscar inovação dentro das empresas, para ensinar como aplicá-lo na transformação pessoal e no empoderamento. Neste livro, você encontrará histórias, conselhos e exercícios desenvolvidos para ajudá-lo a controlar as próprias intenções e criar hábitos para tornar a vida melhor. A conquista é como um músculo, uma vez que você aprende a exercitá-lo, atinge seus objetivos. E é mais simples do que parece.

No final do livro, é possível compreender:

- Por que *tentar* não é bom o suficiente e como isso é muito diferente de *agir* e *fazer*;
- Por que desculpas, até as legítimas, são autodestrutíveis;
- Como transformar a autoimagem naquela de agente e de conquistador, e por que isso é importante;
- Como mudanças sutis de linguagem podem resolver dilemas existenciais e também impedir ações;
- Como desenvolver resiliência reforçando o que você faz (a sua ação) em vez de o que você conquista, de modo a facilmente se recuperar de contratempos momentâneos;
- Como treinar para ignorar distrações que impedem você de alcançar seus objetivos;
- Como estar aberto para aprender com a própria experiência e com a dos outros.

[Clique aqui para comprar](#)

Paolo Hewitt



VOANDO ALTO AS AVENTURAS DO OASIS

Bela Letra

Sempre nessas. Sempre. Os dois. Noel e Liam, Liam e Noel. Os irmãos Gallagher. Será que um dia isso vai parar? Essa briga por controle. Provavelmente não. Provavelmente nunca. Mas basta que a música comece para ouvirmos Noel e Liam em perfeita harmonia. Uma

combinação única dos versos carregados de significado das composições de Noel e da voz cheia de potência e personalidade de Liam, mistura que levou o Oasis a um sucesso estrondoso. Entre 1994 e 1996, o escritor Paolo Hewitt passou grande parte de seu tempo na estrada com a banda e voltou para casa com muitas histórias de bastidores sobre os talentosos irmãos Gallagher, desde a infância em Manchester até 1997, período descrito no livro.

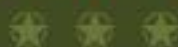
As turnês, os shows memoráveis, as declarações polêmicas, o trabalho por trás das composições e, é claro, as brigas, são narrados em uma escrita envolvente, como se fosse um romance. Tudo isso nos faz compreender um pouco essas duas personalidades tão diferentes, que encontraram na música uma maneira de unir polos tão opostos e assim escrever o nome do Oasis na história do rock. *Because we need each other / We believe in one another...*

[Clique aqui para comprar](#)

NEIL SINCLAIR

O livro de
treinamento
de príncipes
William e Kate
Catherine

PAI DE ELITE



TREINAMENTO BÁSICO

O BÁSICO

BOBEEVIA ÀS PRÓPRIAS 24 HORAS
PREPARE-SE E PLANEJE PARA EVITAR UM
DESEMPENHO PATERNAL INSATISFATÓRIO
MANUTENHA O MORAL ALTO
ALIMENTE, VISTA, TRANSPORTE
E ENTRETENHA A TROPA

Bolton & Co.

Pai de elite

Sinclair, Neil

9788581744292

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

CONTEÚDO EXCLUSIVO PARA E-BOOK: ENTREVISTA COM O AUTOR O livro de cabeceira do príncipe William sobre paternidade A vida seria mais fácil se tudo viesse com um manual de treinamento básico, não seria? Qualquer soldado vai confirmar que a melhor arma do seu arsenal é o conhecimento. Nos primeiros segundos após o nascimento do seu novo recruta, você vai saber exatamente o que sentir. Amor, medo, confusão, deslumbramento, e tudo isso logo na primeira hora. Pai de elite pretende ajudar a preparar a base para a chegada do mais novo membro da sua tropa, quando, mais do que nunca, você precisará agir.

[Compre agora e leia](#)

Tito Gusmão

papo de grana

Faça o dinheiro
trabalhar para você.

Beleza Letra

Papo de grana

Gusmão, Tito

9788581744629

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

APRENDA A VIVER SEM SER ESCRAVO DO DINHEIRO "Dinheiro não surge do nada. Você quer? Vai ter que conquistar." Foi a resposta que Tito Gusmão recebeu do pai quando ainda era um menino e queria saber por que não tinha um cartão que seria abastecido automaticamente, o que também é conhecido como mesada. A resposta pavimentou o caminho para uma relação de respeito com o dinheiro desde cedo, e que determinou também a escolha profissional. Tito foi um dos sócios da XP Investimentos e depois fundou a Warren, uma fintech (empresa de tecnologia do segmento financeiro) para desmistificar o mercado financeiro e auxiliar pessoas de todas as idades a investir bem. Em Papo de Grana, Tito mostra como ter uma relação melhor com o dinheiro, como fugir das roubadas (que são muitas) na hora de investir e fazer as escolhas certas para conquistar a independência financeira. Não porque dinheiro tem que ser a coisa mais importante do mundo, mas justamente porque ele é a última coisa com que você deveria se preocupar. Entenda por que seu dinheiro veio do seu tempo Gaste menos do que você ganha Separe uma grana mensal para investir Livre-se das roubadas Construa objetivos de investimento Gaste com consciência Faça o dinheiro trabalhar para você Conquiste o Dia do F*da-se [Compre agora e leia](#)

LUCIANO BRAGA

O PODER DO TEMPO LIVRE

DESCUBRA SEU POTENCIAL, CRIE
PROJETOS PARALELOS E TORNE
SUA VIDA MAIS INCRÍVEL

Beleza Legal

O poder do tempo livre

Braga, Luciano

9788581743899

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Você quer mudar sua vida, mas não tem tempo. Bobagem. Todo mundo tem tempo. Confie em mim. A ideia deste livro é que você encontre tempo onde acha que ele não existe. Que você descubra o que realmente gosta de fazer, para criar um projeto paralelo ou aperfeiçoar o que você já faz. Este livro não é simplesmente para ser lido. É para ser usado. Então faça bom uso dele. Comece agora mesmo a se dedicar àquilo que você ama. Isso vai fazer uma grande diferença na sua felicidade. Escolha viver uma vida incrível. Ela é muito curta para não ser.

[Compre agora e leia](#)

333

DANIEL LARUSSO GABRIEL GOMES LUCIANO BRAGA

**PÁGINAS
PARA
TIRAR SEU
PROJETO
DO PAPEL**

Belo Letra

333 páginas para tirar seu projeto do papel

Larusso, Daniel

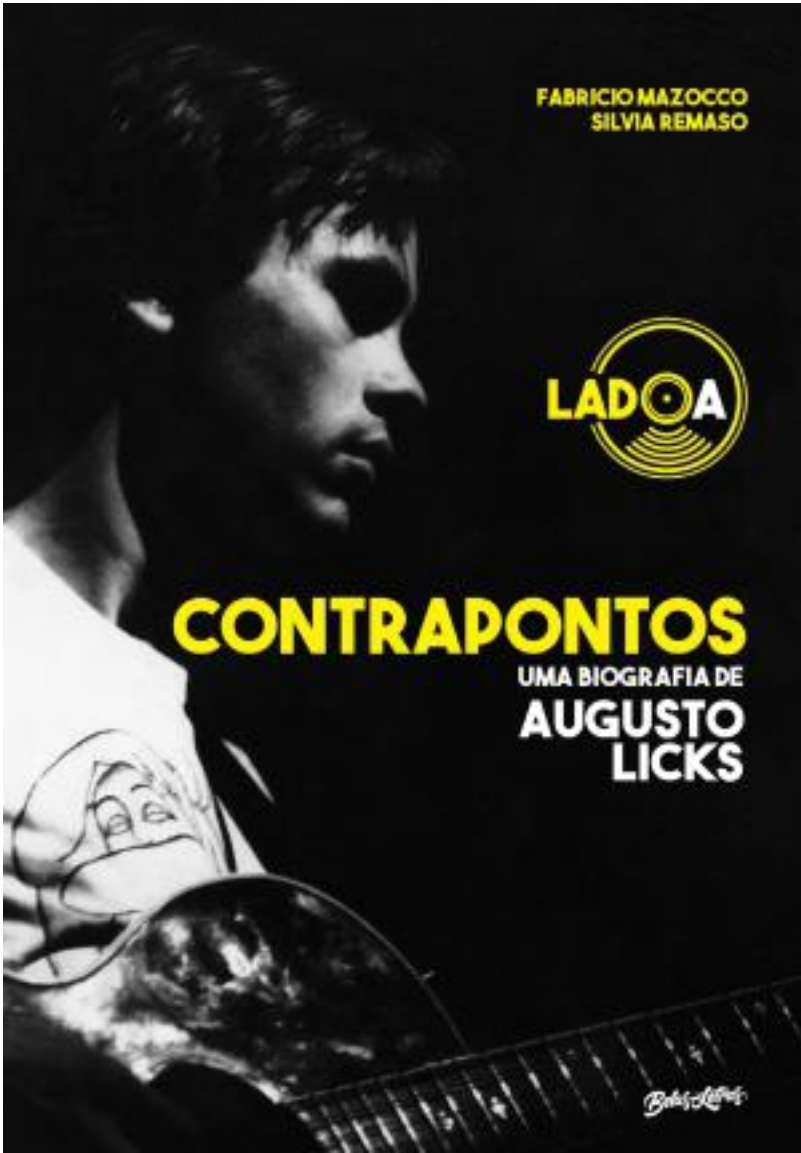
9788581744568

333 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este não é um livro para você ler. É um livro para você fazer. Você pode imprimir e colocar a mão na massa. "Sério... Este é o melhor pedaço de papel que eu já vi pra ajudar as pessoas a tirar ideias do papel". Murilo Gun **Um livro que te diz o que fazer para você fazer o que quiser.** Você só descobre de verdade quem é uma pessoa depois que conhece os projetos que ela colocou na rua. Por isso este não é um livro para você ler; é um livro para você fazer. Nas páginas escuras, ele te diz como fazer. Nas páginas brancas, você faz se quiser. Aqui você escreve, rabisca, desenha, pergunta, medita, cria, escuta... Da união das mentes e corações dos empreendedores Gab Gomes, Larusso e Luciano Braga nasceu 333 páginas para tirar seu projeto do papel, um livro que te mostra como planejar e dar vida ao seu projeto, um pouco a cada dia, por meio de provocações, questionamentos e desafios. Deixe para trás aquela sensação de "por onde eu começo".

[Compre agora e leia](#)

A black and white profile photograph of a man, likely the subject of the biography, Augustus Licks. He is looking down and to the right, playing an electric guitar. The lighting is dramatic, with strong highlights on his face and the guitar's body, while the background is dark. The guitar's body features a graphic of a face.

FABRICIO MAZOCCH
SILVIA REMASO



CONTRAPONOTOS

UMA BIOGRAFIA DE
**AUGUSTO
LICKS**

Bohemia Licks

Contrapontos

Mazocco, Fabricio

9788581744780

137 páginas

[Compre agora e leia](#)

CONTINUE LENDO ESTA HISTÓRIA NO E-BOOK DO LADO B *Os mistérios de um guitarrista finalmente revelados* No final do ano de 1993 uma das principais bandas brasileiras – Engenheiros do Hawaii – perdeu seu guitarrista, por motivos que nunca foram devidamente esclarecidos. Desde então, ele manteve silêncio sobre sua saída e afastou-se da mídia, recusando-se a dar entrevistas. Fãs usavam redes sociais para tentar descobrir "Por onde anda Augusto Licks?". Voltaria à cena somente em 2008, com o workshop existencial *Do Quarto Para o Mundo*. Em *Contrapontos*, finalmente esclarecem-se fatos desconhecidos sobre esse músico que quase não falava em entrevistas nem fazia coreografias, apenas concentrava-se em produzir sons, muitos sons. Os jornalistas Fabricio Mazocco e Silvia Remaso garimpam a infância, a juventude, os tempos de jornalista, a vida nos Estados Unidos e, é claro, os bastidores do trio GLM, incluindo a construção das músicas, as dinâmicas de palco, as gravações, as muitas viagens, até o impacto da separação e suas consequências. **Este é o Lado A do livro, escrito pela jornalista Silvia Remaso, que conta a história de Augusto Licks desde sua juventude até suas primeiras vivências musicais. O Lado B, escrito por Fabricio Mazocco, conta a história a partir da entrada de Licks na banda Engenheiros do Hawaii e sua saída em 1993, além de curiosidades sobre o músico em seu período pós-banda. Você pode continuar lendo a história no e-book do Lado B.**

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

Créditos

Folha de rosto

Sumário

Prefacio

Uma nota sobre a edição brasileira

Lord John Bird

Capítulo 1 – Ambição

Billie Jean King

Alice Cooper

James Blunt

Melanie C

Sir Mo Farah

Sir Tom Jones

Claudia Raia

Capítulo 2 – Criatividade

Mary J. Blige

Ozswald Boateng

Philip Glass

Shania Twain

Werner Herzog

Tiago Mattos

Capítulo 3 – Autoconfiança

Andrea Bocelli

Diane Abbott

Imelda Staunton

Lord Jeffrey Archer

John Lithgow

Ana Botafogo

Capítulo 4 – Inspiração

Arcebispo Desmond Tutu

Sir Michael Palin

Tim Peake

Viggo Mortensen

Marcelo Gleiser

Capítulo 5 – Família

Chelsea Clinton

Bear Grylls

David Cameron

David Tennant

Marcos Piangers

Capítulo 6 – Amizade

Dionne Warwick

Roger Daltrey

will.i.am

Capítulo 7 – Tenacidade

Olivia Newton-John

Jamie Oliver

Dame Stella Rimington

Mary Robinson

Maria da Penha

Capítulo 8 – Coragem

Jane Lynch

Harriet Harman

Sir Max Hastings

Sir Ranulph Fiennes

Sir Salman Rushdie

Elza Soares

Capítulo 9 – Destino

Malcolm McDowell

James Earl Jones

Buzz Aldrin

Danny DeVito

Ewan McGregor

Ozzy Osbourne

Sir Paul McCartney

João Barone

Capítulo 10 – Envelhecimento

Geoffrey Rush

Chrissie Hynde

Marianne Faithfull

Margaret Atwood

Sir Roger Moore

Capítulo 11 – Retrospecto

Ian McEwan

Slash

Benny Andersson

Boy George

Meat Loaf

Mick Fleetwood

Miriam Margolyes

Lúcia Helena Galvão

Capítulo 12 – Realização

Sir Roger Bannister

Colm Tóibín

Dominic West

Harry Shearer
John Lydon
Paul Giamatti
Sir Rod Stewart
Geraldo Rufino

Capítulo 13 – Amor
Arianna Huffington
E.L. James
50 Cent
John Cleese
Neil Gaiman
Olivia Colman
Simon Callow
Wilko Johnson
The Big Issue